



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO

**DAS RIBEIRAS DO JAGUARIBE À CAPITAL: a concretização do *genius loci*
nas casas rurais sertanejas**

Recife
2018

ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO

**DAS RIBEIRAS DO JAGUARIBE À CAPITAL: a concretização do *genius loci*
nas casas rurais sertanejas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Urbano.

Área de concentração: Projeto do Edifício e da Cidade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Jesus Britto Leite.

Recife

2018

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira, CRB-4/2223

P654d Pinheiro, Ana Paula Sales Camurça
Das ribeiras do Jaguaribe à capital: a concretização do *genius loci* nas
casas rurais sertanejas / Ana Paula Sales Camurça Pinheiro. – Recife,
2018.
211f.: il.

Orientadora: Maria de Jesus Britto Leite.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento
Urbano, 2018.

Inclui referências.

1. *Genius Loci*. 2. Lugar. 3. Sertão. 4. Casas Rurais. I. Leite, Maria de
Jesus Britto (Orientadora). II. Título.

711.4 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2019-01)

ANA PAULA SALES CAMURÇA PINHEIRO

**DAS RIBEIRAS DO JAGUARIBE À CAPITAL: a concretização do *genius loci*
nas casas rurais sertanejas**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Urbano.

Aprovada em: 14/09/2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria de Jesus Brito Leite (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Lúcia Leitão Santos (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Julieta Maria Vasconcelos Leite (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. Alfredo de Oliveira Moraes (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Cláudia Sales de Alcântara (Examinadora Externa)
UNICATÓLICA Quixadá

Dedico este trabalho aos sertanejos que ainda profetizam, no nascer *d'uma* criança, que seu *fí* vai ser “dotô”.

AGRADECIMENTOS

Na ciência, costumamos dizer que é preciso subir em ombros de gigantes. Na vida não é diferente. A vitória que se concretiza na apresentação desta tese é fruto das escolhas e dos sacrifícios de gerações anteriores. Desta forma, neste trabalho, se concretiza a saída da minha mãe (ainda moça) do sertão para estudar na capital. Se concretiza o seu esforço e sacrifício de se manter neste mundo desconhecido, trabalhando de dia e estudando de noite, para *melhorar de vida*. Se concretizam seus sacrifícios como mãe divorciada e os seus esforços para transmitir, a mim e à minha irmã, a importância do estudo e do trabalho. Se concretiza a escolha das suas prioridades financeiras, na qual a escola sempre apareceu como mais importante. O caminho anterior trilhado por ela na sua própria vida foi, mais do que qualquer coisa, o que me possibilitou desenvolver esta tese. Obrigada, mãe. Por tudo.

É preciso agradecer também àquela que é minha desde meu nascimento, e com quem compartilho as coisas da vida e também da psicologia e da fenomenologia. Obrigada, Kel!

E àquele com quem me encontrei no meio da estrada da vida, e desde então trilha comigo todos os caminhos de mãos dadas, inclusive os percorridos para esta tese, e com quem tenho uma certa *simbiose estrutural*. Obrigada, mô!

E àquela que também trilhou o sertão, e que foi tão compreensiva no momento da reta final, deixando a mamãe estudar: obrigada, minha picôta!

E àquela que me chama de presente, sem saber que presente maravilhoso também ela é para mim. Que me acompanha, ao longo do trabalho, *na angústia e na euforia, na dúvida e na certeza*. Obrigada, Juju!

E ainda, àqueles com quem compartilhei este trabalho ao longo do seu tempo, de quem recebi maravilhosas contribuições que sem dúvida foram determinantes para este resultado final: Obrigada Professoras Lúcia Leitão, Julieta Vasconcelos, e Cláudia Alcântara, e Professores Luis Amorim, Clewton Nascimento e Alfredo Moraes.

Quando eu vim do sertão, seu môço, do meu Bodocó, a malota era um saco e o cadeado era um nó. Só trazia a coragem e a cara, viajando num pau-de-arara, eu penei, mas aqui cheguei.

(MORAES, Guio de; GONZAGA, Luiz. Pau de Arara. In: GONZAGA, Luiz. **Os Grandes Sucessos de Luiz Gonzaga**. São Paulo: RCA Victor, 1968. Vol. 1. Faixa 5.)

RESUMO

A pesquisa tem origem na suspeita de que as casas promovidas pelas políticas públicas para as zonas rurais são culturalmente inadequadas, e que, nas casas rurais sertanejas, o modo de vida do sertanejo está refletido na forma como a casa se relaciona com a paisagem. Assim, a pesquisa foca a relação entre a casa e a paisagem, tendo como referência a teoria de Norberg-Schulz acerca da arquitetura como concretização do espaço existencial e do *genius loci*, e da paisagem como realidade concreta. Questionando como as casas rurais sertanejas se distinguem das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, adota como hipótese que enquanto lugar, as casas sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem, caracterizada pela concretização do *genius loci* do Sertão, baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem. Objetiva diferenciar as casas rurais sertanejas das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno e identificando a manifestação do *genius loci* do sertão nas primeiras, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar. Para tanto, foram realizadas duas etapas. A primeira, diferenciou as casas sertanejas das promovidas pelas políticas públicas. Foi realizada ao longo do Rio São Francisco e fundamentada na teoria da arquitetura como concretização do espaço existencial, investigando o modo como a casa, enquanto lugar, se relaciona topologicamente com os demais elementos do espaço (lugares, caminhos e domínios), a partir das características e qualidades da sua forma (volumes, limites, orientações, aberturas e localizações). A segunda, identificou a manifestação do *genius loci* do sertão nas casas sertanejas. Foi realizada ao longo do Rio Jaguaribe e fundamentada na teoria da arquitetura como concretização do *genius loci*, investigando a compreensão do sertanejo sobre a natureza do sertão, por meio da música e da xilogravura sertanejas, consideradas como obras de arte que concretizam a situação de vida, para depois caracterizar a estrutura do lugar, por meio da investigação do seu espaço e do seu caráter. Dentre as conclusões, encontramos que as casas sertanejas desenvolvem uma relação de equilíbrio com o entorno que é reflexo da tensão cotidiana do sertanejo, da incerteza de *ser* sertanejo ou retirante, devido às incertezas e instabilidades do *tempo*.

Palavras-chave: Genius Loci. Lugar. Sertão. Casas Rurais.

ABSTRACT

The research is rooted in the suspicion that public policy houses for rural areas are culturally inadequate, and that in rural country houses, the way of life of the sertanejo is reflected in the way the house relates to the landscape. Thus, the research focuses on the relationship between home and landscape, with reference to Norberg-Schulz's theory of architecture as concretization of existential space and genius loci, and landscape as concrete reality. Questioning how sertanejas rural houses are distinguished from the housing promoted by the public policies for the countryside, adopts as hypothesis that as a place, the sertanejas houses are distinguished by the relation that establish with the landscape, characterized by the concretion of the genius loci of the Sertão, based on the understanding that the sertanejo has of the nature and manifested in a structural symbiosis between the houses and the landscape. It aims to differentiate sertanejo rural houses from the housing promoted by public policies for the countryside, characterizing the way they relate to the environment and identifying the manifestation of the genius loci of the sertão in the former, considering the sertanejo's understanding of nature, and investigating the structure of the place. To do so, two steps were performed. The first one differentiated sertanejas houses from those promoted by public policies. It was carried out along the São Francisco River and based on the theory of architecture as concretization of the existential space, investigating how the house, as a place, relates topologically with the other elements of space (places, paths and domains), from the characteristics and qualities of its form (volumes, boundaries, orientations, openings and locations). The second, identified the manifestation of the genius loci of the sertão in the country houses. It was carried out along the Jaguaribe River and based on the theory of architecture as concretization of the genius loci, investigating the sertanejo 's understanding of the nature of the sertão, through music and woodcut sertanejas, considered as works of art that concretized the life situation, to later characterize the structure of the place, through the investigation of its space and its character. Among the conclusions, we find that the country houses develop a balance relation with the environment that is a reflection of the sertanejo's daily tension, the uncertainty of being sertanejo or retirante, due to the uncertainties and instabilities of the time.

Keywords: Genius Loci. Place. Backwood. Rural Houses.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Planta embrionária de três cômodos.....	27
Figura 2 - Planta embrionária de quatro cômodos.	27
Figura 3 - Planta embrionária de dois cômodos.....	27
Figura 4 - Casa padrão do INCRA/SR-02 (Ceará).	28
Figura 5 - Esquema conceitual da teoria de Norberg-Schulz.	30
Figura 6 - Correntes de povoamento do Sertão de Dentro e do Sertão de Fora.....	35
Figura 7 - Caminhos das Boiadas.	35
Figura 8 - Plano Voisin para Paris (1925).	46
Figura 9 - Vila Contemporânea para Três Milhões de Pessoas (1922).	46
Figura 10 - Os caminhos de investigação do Trecho 1 da Expedição Casas dos Sertões.....	72
Figura 11 - Trajeto percorrido no primeiro dia da Expedição Casas dos Sertões.	74
Figura 12 - Ausência de casas na paisagem. Petrópolis – RJ.	75
Figura 13 - Paisagem: vegetação nativa.	75
Figura 14 - Paisagem: campos abertos pelo homem.	75
Figura 15 - Paisagem: floresta de eucalipto.	75
Figura 16 - Santuário Bom Jesus do Matosinhos. Congonhas - MG.....	75
Figura 17 - Trajeto percorrido no segundo dia da Expedição Casas dos Sertões.....	76
Figura 18 - Joaquim Felício (MG): exemplares do conjunto arquitetônico.	76
Figura 19 - Monte Azul (MG): Praça Coronel Silva.	77
Figura 20 - Monte Azul (MG): Igreja Matriz Nossa Senhora das Graças.	77
Figura 21 - Paisagem: a caatinga se aproximando.	77
Figura 22 - Paisagem: a mata atlântica se distanciando.	77
Figura 23 - Casa isolada.	78
Figura 24 - Casa agrupada com equipamento produtivo.	78
Figura 25 - Casa agrupada com equipamento comunitário.....	78
Figura 26 - Casa agrupada com outras casas.....	78
Figura 27 - Monte Azul (MG): Exemplares do conjunto arquitetônico da Praça Coronel Jonatas.	79
Figura 28 - Trajeto percorrido no terceiro dia da Expedição Casas dos Sertões.	79
Figura 29 - Urandi (BA): Casa com cisterna de placas.	80
Figura 30 - Urandi (BA): Transporte de pás de hélices de cataventos.	80
Figura 31 - Parque eólico no sudoeste da Bahia: canteiro de obras.	80
Figura 32 - Parque eólico no sudoeste da Bahia: os cata-ventos na paisagem.....	80
Figura 33 - Paisagem: ressecamento gradativo da vegetação.	81
Figura 34 - Paisagem: as serras como pano de fundo.....	81

Figura 35 - Casa autopromovida.....	81
Figura 36 - Conjunto habitacional.....	81
Figura 37 - Assentamento de reforma agrária.....	82
Figura 38 - Acampamento de movimento social.	82
Figura 39 - Casas mais recentes agrupadas com antigas.	82
Figura 40 - Paratinga (BA): As poucas águas do Rio São Francisco.....	83
Figura 41 - Paratinga (BA): Bancos de areia no Rio São Francisco.....	83
Figura 42 – Paratinga (BA): Exemplos do conjunto arquitetônico do século XIX. ..	83
Figura 43 - Paratinga (BA): Igreja Matriz de Santo Antônio.	84
Figura 44 - Paisagem: As primeiras carnaúbas vistas ao longo da expedição.	84
Figura 45 - Ibotirama (BA): O Rio São Francisco.....	85
Figura 46 - Ibotirama (BA): Exemplos do conjunto arquitetônico da Praça Mãe Josina.....	85
Figura 47 - Ibotirama (BA): Exemplos do conjunto arquitetônico da praça Ives de Oliveira.	85
Figura 48 - Trajeto percorrido no quarto dia de expedição.....	86
Figura 49 - Barra (BA): Catedral de São Francisco das Chagas.....	87
Figura 50 - Barra (BA): Prefeitura Municipal.....	87
Figura 51 - Barra (BA): Mercado Municipal.	87
Figura 52 - Barra (BA): Chalé Irineu Simões.....	87
Figura 53 - Barra (BA): Herança colonial.	87
Figura 54 - Barra (BA): Herança neoclássica.....	87
Figura 55 - Barra (BA): Exemplos de casas de Torrinha.....	88
Figura 56 - Barra (BA): O Rio São Francisco em Torrinha.....	88
Figura 57 - Barra (BA): Vistas da Fazenda Torrinha.	89
Figura 58 - Barra (BA): Conjunto de cômodos no pátio coberto da Fazenda Torrinha.	89
Figura 59 - Barra (BA): Provável antiga senzala da Fazenda Torrinha.	89
Figura 60 - Barra (BA): Modificação da estrutura interna da Fazenda Torrinha.....	90
Figura 61 - Barra (BA): Piso quebrado da Fazenda Torrinha.....	90
Figura 62 - Barra (BA): Reboco precário da Fazenda Torrinha.....	90
Figura 63 - Barra (BA): Travessia do Rio São Francisco.	90
Figura 64 - Barra (BA): Encontro do Rio Grande com o Velho Chico.....	90
Figura 65 - A paisagem entre Barra e Xique-Xique (BA).....	91
Figura 66 - Trajeto do quinto dia de expedição.	94
Figura 67 - Vila Ventura (BA): Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	95
Figura 68 - Vila Ventura (BA): Interior Capela de N. S. da Conceição.	95

Figura 69 - Vila Ventura (BA): Ausência de torres sineiras na Capela de N. S. da Conceição.	95
Figura 70 - Vila Ventura (BA): Acabamento interno da Capela de N. S. da Conceição.	95
Figura 71 - Vila Ventura (BA): Piso e altar da Capela de N. S. da Conceição.	95
Figura 72 - Vila do Ventura (BA): Antiga Praça Dias Coelho.	96
Figura 73 - Vila do Ventura (BA): Exemplos de casas com feições coloniais.	97
Figura 74 - Vila do Ventura (BA): Exemplos de casas com feições neoclássicas.	97
Figura 75 - Vila do Ventura (BA): Canjicado de pedra.	97
Figura 76 - Vila do Ventura (BA): Sistema misto de pedra e adobe.	97
Figura 77 - A paisagem entre Vila Ventura e Juazeiro (BA).	98
Figura 78 – Juazeiro (BA): Amostras do acervo do Museu Regional do São Francisco.	99
Figura 79 – Juazeiro (BA): Detalhes do palacete que abriga o Museu Regional do São Francisco.	99
Figura 80 - Petrolina (BA): Museu do Sertão.	100
Figura 81 - Petrolina (BA): Amostra do acervo do Museu do Sertão.	100
Figura 82 - Trajeto do sétimo dia de expedição.	101
Figura 83 - Caboclo (PE): Memorial do Pai Chico.	102
Figura 84 - Caboclo (PE): Amostra do acervo do Memorial do Pai Chico.	103
Figura 85 - Caboclo (PE): Tipologia predominante nas casas.	103
Figura 86 - Caboclo (PE): Capela de Bom Jesus do Bonfim.	104
Figura 87 - Caboclo (PE): Largo da Capela de Bom Jesus do Bonfim.	104
Figura 88 - Caboclo (PE): Vista da Serra Grande.	104
Figura 89 - Caboclo (PE): Tamarineiro sesquicentenário.	104
Figura 90 - Caboclo (PE): Casas do largo, restauradas com cores contemporâneas.	105
Figura 91 - Caboclo (PE): Casarão da Família Cavalcanti Ramos.	105
Figura 92 - A paisagem ao longo do trajeto Juazeiro (BA) – Exu (PE).	106
Figura 93 - Exu (PE): Placa indicativa do local onde nasceu Luiz Gonzaga.	107
Figura 94 - Exu (PE): Casa grande da Fazenda Caiçara.	108
Figura 95 - Exu (PE): Casa grande da Fazenda Caiçara. Detalhe da empena.	108
Figura 96 - Exu (PE): Fachada principal da Fazenda Caiçara.	109
Figura 97 - Exu (PE): Cruzeiro da Fazenda Caiçara.	109
Figura 98 - Exu (PE): Casas no terreno da Fazenda Caiçara.	109
Figura 99 - Exu (PE): Núcleo central da Fazenda Araripe – Igreja de São João Batista.	110
Figura 100 - Exu (PE): Núcleo central da Fazenda Araripe – Casarão do Barão de Exu.	110

Figura 101 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Tipologia predominante das casas do entorno do núcleo central.	111
Figura 102 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Casa de Januário mais antiga.	112
Figura 103 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Casa de Januário mais recente, presente de Luiz Gonzaga.	112
Figura 104 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Volumetria da última casa de Luiz Gonzaga.....	113
Figura 105 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Alpendre da última casa de Luiz Gonzaga.....	113
Figura 106 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Corredores da última casa de Luiz Gonzaga.....	113
Figura 107 - Trajeto do oitavo dia de expedição.	114
Figura 108 - Chapada Araripe (CE): Paisagem.....	114
Figura 109 - Chapada Araripe (CE): Geoparque Araripe – Geossítio da Ponte de Pedra.....	115
Figura 110 - Nova Olinda (CE): Espedito Celeiro e seu ateliê.....	116
Figura 111 - Nova Olinda (CE): Foto antiga da Casa Grande da Fazenda Tapera, quando estava em ruínas.	117
Figura 112 - Nova Olinda (CE): Volumetria da Casa Grande da antiga Fazenda Tapera.....	118
Figura 113 – Nova Olinda (CE): Estrutura interna da Casa Grande da antiga Fazenda Tapera.	118
Figura 114 - Crato (CE): Exemplos do conjunto arquitetônico da Praça da Sé....	118
Figura 115 - Crato (CE): Praça da Sé.	119
Figura 116 - Crato (CE): Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha.	119
Figura 117 - Trajeto do nono dia de expedição.	119
Figura 118 - Barbalha (CE): Amostra do conjunto arquitetônico.	120
Figura 119 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	122
Figura 120 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Espaço interno da Capela de Nossa Senhora da Conceição.....	122
Figura 121 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Casa de morador que guarda a entrada da fazenda.	122
Figura 122 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Casa grande da fazenda....	123
Figura 123 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Empena da casa grande. ...	124
Figura 124 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Complexo de serviço da casa grande.	124
Figura 125 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Açude.....	124
Figura 126 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Estábulo.....	124
Figura 127 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Máquinas do antigo engenho.	124

Figura 128 - Acampamentos.	127
Figura 129 - Assentamentos: Casa agrupada.	134
Figura 130 - Assentamentos: Casa isolada.	134
Figura 131 - Assentamentos: Casa afastada.	135
Figura 132 - Assentamentos: Casa recuada.	135
Figura 133 - Assentamentos: Casa orientada para a via.	135
Figura 134 - Assentamentos: Casa orientada para o terreno.	135
Figura 135 - Assentamentos: Casa com cerca.	136
Figura 136 - Assentamentos: Casa com limites ausentes.	136
Figura 137 - Assentamentos: Casa com 1 porta com janelas.	137
Figura 138 - Assentamentos: Casa protegida.	137
Figura 139 - Assentamentos: Casa exposta.	138
Figura 140 - Assentamentos: Casa Escondida.	138
Figura 141 - Assentamentos: Espaços de transição ausentes.	139
Figura 142 - Assentamentos: Espaços de transição em 1 ou 2 fachadas.	139
Figura 143 - Assentamentos: Espaços de transição em 3 ou 4 fachadas.	139
Figura 144 - Assentamentos: Volume predominante cubo.	141
Figura 145 - Assentamentos: Volume predominante paralelepípedo de base quadrada.	141
Figura 146 - Assentamentos: Volume predominante paralelepípedo de base retangular.	141
Figura 147 – Conjuntos Habitacionais: Casa agrupada.	143
Figura 148 – Conjuntos Habitacionais: Alinhado.	143
Figura 149 – Conjuntos Habitacionais: Recuado.	144
Figura 150 – Conjuntos Habitacionais: Afastado.	144
Figura 151 – Conjuntos Habitacionais: Para a via.	144
Figura 152 – Conjuntos Habitacionais: Limites ausentes.	145
Figura 153 – Conjuntos Habitacionais: Casas com 1 porta com janelas.	146
Figura 154 – Conjuntos Habitacionais: Casas expostas.	146
Figura 155 – Conjuntos Habitacionais: Espaços de transição ausentes.	147
Figura 156 – Conjuntos Habitacionais: Forma predominante cubo.	148
Figura 157 – Casas autopromovidas: casa isolada.	150
Figura 158 – Casas autopromovidas: casa agrupada.	150
Figura 159 – Casas autopromovidas: casa geminada.	150
Figura 160 – Casas autopromovidas: afastada.	152
Figura 161 – Casas autopromovidas: recuada.	152
Figura 162 – Casas autopromovidas: alinhada.	152

Figura 163 – Casas autopromovidas: orientada para a via.	153
Figura 164 – Casas autopromovidas: orientada para o terreno.	153
Figura 165 – Casas autopromovidas: orientada para outras casas.	153
Figura 166 – Casa autopromovida com cerca.	155
Figura 167 – Casa autopromovida com limite ausente.	155
Figura 168 – Casa autopromovida com muro.	155
Figura 169 – Casa autopromovida 1 porta com janelas	156
Figura 170 – Casa autopromovida mais de uma porta.	156
Figura 171 – Casa autopromovida uma porta.	156
Figura 172 – Casa autopromovida protegida.	156
Figura 173 – Casa autopromovida exposta.	157
Figura 174 – Casa autopromovida escondida.	157
Figura 175 – Casa autopromovida com espaços de transição ausentes.	158
Figura 176 – Casa autopromovida com espaços de transição em 1 ou 2 fachadas.	158
Figura 177 – Casa autopromovida com espaços de transição em 3 ou 4 fachadas.	158
Figura 178 – Casa autopromovida: paralelepípedo de base retangular.	159
Figura 179 – Casa autopromovida: cubo.	159
Figura 180 – Casa autopromovida: paralelepípedo de base quadrada.	159
Figura 181 - Os caminhos de investigação do Trecho 2 da Expedição Casas dos Sertões.	168
Figura 182 - A penúria e a fartura.	170
Figura 183 - A leitura da natureza.	171
Figura 184 - O proveito da estação da chuva.	172
Figura 185 - A tensão entre a permanência e a partida.	173
Figura 186 - O modo como o sertanejo está na terra.	174
Figura 187 - Os significados do sol e da chuva, representados na xilogravura.	175
Figura 188 - A luz divina.	176
Figura 189 - Os animais humanizados.	177
Figura 190 - A presença dos animais e das plantas nos rituais da vida.	177
Figura 191 - A preferência de permanecer na terra.	178
Figura 192 - A disciplina da labuta.	180
Figura 193 - Os limites do território cearense na paisagem.	181
Figura 194 - A extensão infinita do sertão.	182
Figura 195 - A Terra dos Monólitos.	182
Figura 196 - O encontro da terra com o céu.	183
Figura 197 - A extensão infinita na estação da chuva.	183

Figura 198 - Os destaques na paisagem da estação da chuva.....	184
Figura 199 - A presença da água como rio.	184
Figura 200 - A presença da água como lagoa.....	185
Figura 201 - O céu misericordioso.	185
Figura 202 - A extensão infinita na estação da seca.....	186
Figura 203 - Os destaques na paisagem da estação da seca.....	187
Figura 204 - Os vestígios da presença da água na estação da seca.....	187
Figura 205 - O início da presença das casas na paisagem: mudanças na textura do solo.....	189
Figura 206 - As bordas dos domínios da casa: cercas.....	190
Figura 207 - As aberturas nas cercas.	190
Figura 208 - Os terreiros.	191
Figura 209 - A volumetria da casa.....	192
Figura 210 - O limite superior: telhado.	193
Figura 211 - Como a casa está na terra.....	194
Figura 212 - Limites laterais e aberturas da casa.....	195
Figura 213 - Escala gradativa da sensação de estar dentro e/ou fora, a partir do interior da casa.....	195
Figura 214 - A concretização do caminho natural da água na casa.....	200

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Relação entre as fases, a hipótese e os objetivos da pesquisa.	33
Quadro 2 - As fases da pesquisa e os recortes espaciais.....	36
Quadro 3 - As fases da pesquisa e as categorias de análise.....	38
Quadro 4 - Síntese das partes da tese.....	41
Quadro 5 - Síntese da categorização da relação topológica de proximidade.	63
Quadro 6 - Síntese da categorização da relação topológica de clausura.	64
Quadro 7 - Síntese da categorização da relação topológica de concentração.	65
Quadro 8 - Classes de moradias por agente promotor.	66
Quadro 9 - Estrutura metodológica da Expedição Casas dos Sertões.....	69
Quadro 10 – Expedição Casas dos Sertões - Roteiro do Trecho 1.....	73
Quadro 11 – Xique-Xique (BA): O “absurdo urbano” do “paredão” que separa a cidade da lagoa.	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Relação com os outros edifícios.	128
Gráfico 2 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Relação com a via.	128
Gráfico 3 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Orientação.	129
Gráfico 4 - Acampamentos: Grau de Clausura - Limites.	130
Gráfico 5 - Acampamentos: Grau de Clausura - Aberturas.	130
Gráfico 6 - Acampamentos: Grau de Clausura – Relação com a Vegetação.	131
Gráfico 7 - Acampamentos: Grau de Clausura – Espaços de transição.	131
Gráfico 8 - Acampamentos: Grau de Concentração – Forma predominante.	133
Gráfico 9 - Assentamentos: Grau de Proximidade - Relação com outros edifícios.	134
Gráfico 10 - Assentamentos: Grau de Proximidade - Relação com a via.	135
Gráfico 11 - Assentamentos: Grau de Proximidade - Orientação.	135
Gráfico 12 - Assentamentos: Grau de Clausura - Limites.	136
Gráfico 13 - Assentamentos: Grau de Clausura – Aberturas.	137
Gráfico 14 - Assentamentos: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.	137
Gráfico 15 - Assentamentos: Grau de Clausura – Espaços de transição.	139
Gráfico 16 - Assentamentos: Grau de Concentração – Forma predominante.	141
Gráfico 17 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Relação com outros edifícios.	143
Gráfico 18 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Relação com a via.	143
Gráfico 19 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Orientação.	144
Gráfico 20 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Limites.	145
Gráfico 21 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Aberturas.	146
Gráfico 22 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.	146
Gráfico 23 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Espaços de Transição.	147
Gráfico 24 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Concentração – Forma predominante.	148
Gráfico 25 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Relação com os outros edifícios.	150
Gráfico 26 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Relação com a via.	152
Gráfico 27 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Orientação.	153
Gráfico 28 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Limites.	155
Gráfico 29 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Aberturas.	156

Gráfico 30 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.	156
Gráfico 31 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Espaços de transição...	158
Gráfico 32 – Casas Autopromovidas: Grau de Concentração – Forma predominante.	159

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	As primeiras motivações	22
1.2	O ponto de partida	29
1.3	O modo de fazer: Expedição Casas dos Sertões	32
2	FUNDAMENTOS	43
2.1	Uma maturação: da cultura ao espaço existencial ao <i>Genius Loci</i>	43
2.2	Arquitetura como concretização do <i>Genius Loci</i>	54
2.3	Do método ao objeto de estudo.....	60
3	AS CASAS RURAIS DOS SERTÕES DE DENTRO	71
3.1	Fazendo as malas.....	71
3.2	Pé na estrada.....	74
3.2.1	<i>Primeiro dia: Niterói (RJ) – Sete Lagoas (MG)</i>	74
3.2.2	<i>Segundo dia: Sete Lagoas (MG) – Monte Azul (MG)</i>	76
3.2.3	<i>Terceiro dia: Monte Azul (MG) – Ibotirama (BA)</i>	78
3.2.4	<i>Quarto dia: Ibotirama (BA) – Irecê (BA)</i>	86
3.2.5	<i>Quinto Dia: Irecê (BA) – Juazeiro (BA)</i>	94
3.2.6	<i>Sexto dia: Juazeiro e Petrolina</i>	98
3.2.7	<i>Sétimo dia: Juazeiro (BA) – Exu (BA)</i>	101
3.2.8	<i>Oitavo dia: Exu (BA) – Crato (CE)</i>	107
3.2.9	<i>Nono dia: Crato (CE) – Lavras da Mangabeira (CE)</i>	119
3.2.10	<i>Décimo dia: Lavras da Mangabeira (CE) – Fortaleza (CE)</i>	125
3.3	Panorama das casas rurais dos Sertões de Dentro	126
3.3.1	<i>Acampamentos</i>	126
3.3.2	<i>Assentamentos</i>	133
3.3.3	<i>Conjuntos habitacionais</i>	142
3.3.4	<i>Autopromovidas</i>	149
3.4	Convergências e divergências entre as classes	161
4	O SERTÃO HABITADO	166
4.1	Os procedimentos	166
4.2	O Ambiente e o Homem.....	169
4.2	A Paisagem e a Arquitetura.....	181
4.3	O Sertão nas Casas.....	196

5 NOVOS OLHARES E NOVAS QUESTÕES.....	203
REFERÊNCIAS.....	208



A inspiração vem de onde?

Pergunta para mim alguém, respondo talvez de longe: de avião, barco ou bonde, vem com meu bem de Belém... vem com você neste trem!

Das entrelinhas de um livro, da morte de um ser vivo, das veias de um coração, vem de um gesto preciso, vem de um amor vem do riso, vem por alguma razão... vem pelo sim pelo não!

Vem pelo mar gaivota, vem pelos bichos da mata, vem lá do céu vem do chão, vem da medida exata, vem dentro da tua carta, vem do Azerbaijão... Vem pela transpiração!

A inspiração vem de onde? De onde?

A inspiração vem de onde? De onde?

Vem da tristeza, alegria, do canto da cotovia, vem do luar do sertão, vem de uma noite fria, vem olha só quem diria, vem pelo raio e trovão... no beijo desta paixão!

A inspiração vem de onde? De onde?

A inspiração vem de onde? De onde?

(Ney Matogrosso & Pedro Luís e a Parede. Transpiração. In: Vagabundo. Universal Music. 2006)

1 INTRODUÇÃO¹

Afinal, a inspiração vem de onde? Ao longo de toda a música, essa pergunta é respondida: não é de um lugar, de alguém, ou de uma coisa específica, mas das experiências ao longo da vida. Com esta tese, não é diferente. Ela tanto foi inspirada como é o resultado de diversas experiências, empíricas e teóricas, vivenciadas não apenas durante o lastro de tempo do seu desenvolvimento, mas também daquelas anteriores mesmo, inclusive, da pretensão de se fazer uma tese. Isto significa que todas as suas partes, desde as definições do ponto de partida – como a delimitação do objeto de estudo, os recortes espaço-temporais, os objetivos e o método – até as conclusões, são construções baseadas nestas experiências e, portanto, foram sendo modificadas, aprimoradas e ajustadas ao longo do tempo.

Enquanto construções, a compreensão destas partes só é possível por meio do conhecimento do percurso que possibilitou a definição de cada uma delas. Assim, esta introdução se inicia com um breve relato das experiências mais significativas deste percurso, que foram as bases para a delimitação do objeto de estudo, para a construção da hipótese, para o delineamento dos objetivos e para a escolha do método. Tais coisas, por sua vez, são apresentadas em seguida.

1.1 As primeiras motivações

O interesse pelo tema das moradias rurais foi despertado ainda na graduação, motivado pela ausência, nas discussões acadêmicas, das questões relacionadas às moradias do campo, ainda que neste período houvesse, como ainda hoje, um fervoroso debate acerca da habitação de interesse social. Naquele momento, me incomodava o padrão de casa adotado pelas políticas habitacionais para as zonas rurais. Me parecia que se tratava da mesma casa urbana, e comecei a me questionar acerca da sua adequação para o contexto do campo. Ou seja, eu suspeitava que a casa feita pela política pública nada tinha a ver com o modo como as pessoas moram no campo.

¹ Todas as citações de obras em língua estrangeira foram traduzidas pela autora.

Fundamentada na compreensão de que “o espaço é o protagonista da arquitetura”², imaginei, naquele momento, que essa discrepância estava relacionada com a **estrutura espacial interna** da casa. Ou seja, suspeitava que o modo de vida dos sertanejos estivesse impresso no modo como os ambientes internos da casa estão organizados e inter-relacionados. Assim, quando da elaboração do Projeto de Graduação³, houve um esforço para tentar compreender, na visão das famílias, o que desagrada das casas promovidas pelas políticas públicas. Nesta experiência, pude perceber uma série de indícios acerca da inadequação das moradias produzidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para os assentamentos rurais no Ceará. Eram queixas dos moradores com relação ora ao desenho da casa, ora aos seus aspectos técnicos, conforme extraído do trabalho citado:

Nas entrevistas realizadas com os moradores, foram apontadas algumas deficiências da casa: **o programa não atende** às necessidades de um trabalhador rural; a casa **é pequena**, não atendeu às necessidades da família; a população não se sente segura nas casas de tijolos cerâmicos devido ao surgimento de rachaduras na maioria das casas visitadas; o fato das casas serem **iguais** desagrada alguns moradores. Os entrevistados chegaram a sugerir **melhorias** para as habitações, tais como **aumento do pé-direito** e **inserção do alpendre** no projeto básico para “diminuir a quentura”.⁴

Um fato que causou surpresa foi o tipo de comparação que os entrevistados estabeleceram entre a casa de barro e a casa de tijolos cerâmicos, quando solicitados. Segundo os mesmos, a primeira é mais segura “porque não cai d’uma vez”, “mais fria” e “mais barata”, enquanto que a segunda é “mais bonita”. Alguns chegaram a afirmar que “se for bem feita, a casa de barro é melhor que a de tijolo”. Tais afirmações demonstram a superioridade da casa de barro no que diz respeito à conforto, segurança e viabilidade, enquanto que a de alvenaria convencional se sobrepõe pela estética⁵.

Na percepção das pessoas, **a casa deveria ser diferente tanto por conta do modo de vida** (“trabalhadores rurais”), **como por causa do clima** (“quentura”), **e da própria segurança** (“não cai d’uma vez”), e tais diferenças estavam relacionadas com a **insuficiente definição dos espaços** (“não satisfaz”), com o **sub dimensionamento** (“é pequena”), e com o **material** do qual a casa é feita (“rachaduras”). Curioso notar que, no caso do material, apesar dos problemas

² ZEVI, Bruno. **Saber Ver Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 18.

³ CAMURÇA, Ana Paula Sales Andrade. **Vivência Sustentável na Caatinga: Habitação Rural para o Assentamento Oiticica**. Fortaleza: UFC, 2009. Trabalho Final de Graduação.

⁴ Ibid., p. 57.

⁵ Ibid., loc. cit.

apontados e inclusive da sensação de insegurança, o que é considerado inadequado acaba sendo conformadamente aceito, porque “é mais bonito”.

Essas constatações reforçaram aquela ideia de que a casa rural se caracteriza por uma organização espacial interna própria e, na tentativa de compreender melhor o problema, uma profunda revisão de literatura⁶ acerca das moradias rurais brasileiras resultou nas seguintes conclusões:

- a) Comparado com o tema da moradia no contexto urbano, a literatura existente acerca das moradias rurais é bastante **escassa**;
- b) Nessa escassez, a maioria dos estudos foi produzida até a década de 1970, quando, no Brasil, a população urbana ultrapassa a rural. Até aquela década, prevalecem as abordagens sociológicas, que investigam a casa como elemento característico da cultura, que identifica povos, regiões e tempos.⁷ Depois deste período, se inicia um *hiato* na produção científica brasileira acerca das nossas moradias rurais⁸, e somente a partir da década de 90 a temática é retomada. Mas agora, não se trata de investigar a casa como elemento característico da cultura. Os estudos possuem um forte caráter propositivo, se voltando para a elaboração de projetos, recomendações e diretrizes para as moradias dos assentamentos de reforma agrária, que começam a ser implementados nesta mesma década.⁹ Isto resulta numa **compreensão desatualizada** das moradias rurais brasileiras.

⁶ Cf: PINHEIRO, Ana Paula Sales Camurça. **Moradias Rurais Brasileiras: o tipo como design**. In: *Modo de Olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais*. Fortaleza: UFC, 2011. pp. 32-40. Disponível em: <https://www.casasdossertoes.com/biblioteca>.

⁷ Cf.: BAPTISTA FILHO, Olavo. **A fazenda de café em São Paulo**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1952. (Documentário da vida rural, 2); CALDEIRA, Clóvis. **Fazendas de cacau na Bahia**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1954. (Documentário da vida rural, 7); COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. **Tipos de habitação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978; FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. São Paulo: José Olímpio, 1951, e HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Estudos sobre o Nordeste, 7).

⁸ Com raras exceções, como é o caso de Carlos Lemos, que continua seus estudos sobre a casa brasileira, nos quais se incluem as casas rurais. Cf. LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 226p. (Debates94); Id, **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/USP, 1979. 158p.; Id., **História da casa brasileira**. Repensando a história. São Paulo: Contexto, 1996.

⁹ Cf.: FERREIRA, Thiago Lopes. **Planejamento espacial em um assentamento rural**. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC,

- c) Além disso, as abordagens se caracterizam pela **compreensão fragmentada**, visto que, em cada estudo, o objeto “casa” é delimitado em apenas um de seus aspectos – a forma, a técnica construtiva, a organização espacial.

Deste **quadro teórico escasso, desatualizado e fragmentado**, resultou a intenção, na Dissertação de Mestrado¹⁰, de desenvolver o que chamei de “arranjo metodológico”, composto por técnicas de pesquisa de diversas áreas de conhecimento (arquitetura, ciências sociais e psicologia, principalmente), que permitisse a investigação dos diversos aspectos¹¹ das casas rurais contemporâneas. Esse arranjo foi aplicado em uma comunidade rural no interior do Ceará, e resultou numa compreensão profunda, não somente da casa em si, mas também do seu processo construtivo, do modo como a família a viabiliza e a elabora, ao longo da vida.

Dentre as conclusões resultantes desta pesquisa, foram percebidas constatações semelhantes àquelas do primeiro estudo. Mais uma vez, foram apontadas tanto **insatisfações relacionadas com a definição e o dimensionamento dos espaços**, como as mesmas **queixas com relação às casas de alvenaria**:

Do tamanho das casa que eu vejo que eles faz, [...] Num cabe, Ana Paula, eu com a minha família. Só se for morar só nós, sem nada dentro. Mas com as minhas coisas num tem condição. (Dona Maria, sobre as casas feitas pela FUNASA para substituição das casas de taipa).¹²

2004b; ADEODATO, Marise Tissyana Parente Carneiro; LIMA, Marcondes Araújo. **Comunidade rural sustentável no sertão nordestino**. Caso: Barra do Bento-CE. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC, 2004; CRUZ, Andrea Borges de Souza; AMIM, Rodrigo Rosa; FERREIRA, Thiago Lopes; CECCHETTI, Mariana. **Estudos para implantação de assentamentos rurais sustentáveis**: Alvorada do Gurguéia e Canto do Buriti – Piauí. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC, 2004; COLETTI, Mariana Nogueira Barbosa Franco; REZENDE, Taully Mayara Tonatto; YUBA, Andrea Naguissa; MILANI, Ana Paula da Silva. **Adequação do projeto de habitação rural ao perfil de seus moradores em assentamentos de ocupação recente**. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 13, 2010, Canela. Anais... Canela: ANTAC, 2010; BORGES, Amadja Henrique; MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de Medeiros; CERQUEIRA, Maria Cândida Texeira de. **Redesenhando com o MST o habitat da Reforma Agrária**. In: Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social, 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: [s.n], 2010.

¹⁰ PINHEIRO, 2011.

¹¹ Cf: PINHEIRO, Ana Paula Sales Camurça. **Dimensões da Moradia**. In: *Modo de Olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais*. Fortaleza: UFC, 2011. pp. 41-49. Disponível em: <https://www.casasdossertoes.com/biblioteca>.

¹² Ibid., p. 138. Nome Fictício.

Aquelas casas de vila que a prefeitura faz, ave maria... Num tem lugar nem pro cabra botar... encostar uma cangalha num dá! (Seu João, sobre as casas feitas nas vilas agrícolas).¹³

...toda vida eu pensei que se eu fosse levantar uma casa *pra* mim eu queria de taipa, né? Que é uma casa fresca, é uma casa segura, aí eu achei que toda vida eu disse: 'Se for levantar uma casa *pra* mim, eu quero de taipa.' Uma casa dessa daqui, *num* canto, o quente e frio se torna um canto fresco, de noite se torna mais quente que uma casa de tijolo. Casa de tijolo se ela *num* for bem rebocada, ave maria... (Seu Firmino).¹⁴

Eu mesmo, quando pensava em fazer uma casa... houve um tremor de terra aqui numa época, em 82, e eu pensava: 'Rapaz, quando eu for fazer uma casa *pra* mim eu vou fazer de taipa.' Que é mais seguro, né? Na realidade é mais seguro. Mas *num* depende só da gente, né? Tem a família... Aí o pessoal acha que uma casa de taipa é coisa feia mas... eu mesmo achava mais seguro taipa. Eu morei numa casa de tijolo *duma* tia minha, rachou todinha naquele tremor de terra, eu fiquei morrendo de medo. (Seu José)¹⁵

Também foi possível perceber que tais insatisfações, agora mais relacionadas com o tamanho dos cômodos do que com a quantidade destes ou com a área total, encontra coerência no fato de que as casas autopromovidas são construídas por meio de um processo contínuo, ao longo da vida, de modo que **as famílias preferem iniciar a casa com poucos, mas grandes cômodos, do que construir a casa completa com cômodos pequenos:**

...a própria população, ao empreender a construção da moradia com escassos recursos, prefere construir uma casa com poucos cômodos de tamanhos satisfatórios, do que muitos cômodos de tamanhos reduzidos. Isto porque, em seu modo de fazer, a autopromoção da moradia não corresponde a um processo temporalmente definido, com início, meio e fim, mas a um acontecimento constante na vida das famílias, chegando a fazer parte do seu cotidiano. As casas são realizadas a cada dia [...]. Assim, a feição das moradias é mais mutante, dinâmica, do que a uma estrutura rígida, engessada ao longo do tempo.¹⁶

Além destas constatações, também pude identificar que, nesse processo cotidiano, as casas eram **iniciadas a partir de duas tipologias básicas** (Figura 1 e Figura 2) e uma outra, usada em raros casos, e que corresponde a uma derivação de uma das duas tipologias básicas (Figura 3). Essas tipologias que originam as casas foram chamadas de “embriões”:

¹³ Nome fictício. PINHEIRO, 2011. p. 138.

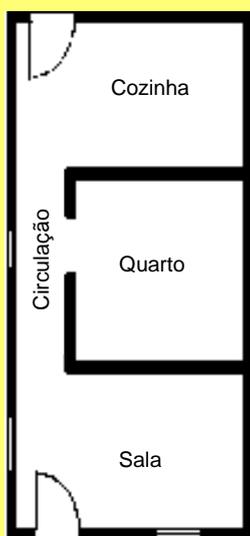
¹⁴ Ibid., p. 130.

¹⁵ Ibid., loc. cit.

¹⁶ Ibid, pp. 138-139.

No momento inicial deste processo evolutivo, geralmente são construídos três ou quatro cômodos, sendo estes um ou dois quartos, sala e cozinha interna. Em raros casos o banheiro é construído no momento inicial e, na sua ausência, a família fica utilizando o banheiro da casa de algum parente próximo. [...]. Ainda que menos frequentes, ocorrem ainda situações em que são construídos inicialmente apenas dois cômodos, [...]. Este caso corresponde a um fracionamento do tipo de construção inicial de quatro cômodos, e é adotado nos casos de extrema limitação de recursos. Na ausência dos quartos, a sala serve de dormitório para toda a família.¹⁷

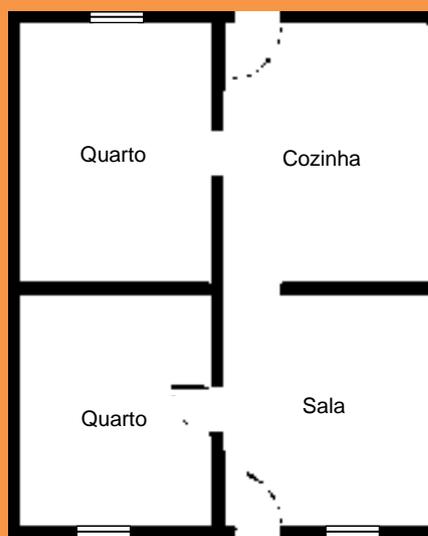
Figura 1 - Planta embrionária de três cômodos.



Os cômodos são, construídos de forma consecutiva, geralmente sala, quarto, cozinha, com o primeiro e o último cômodo interligados por uma circulação do tipo corredor.

Fonte: Pinheiro, 2011.

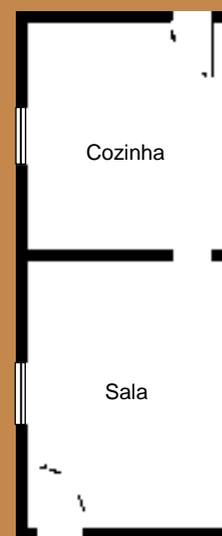
Figura 2 - Planta embrionária de quatro cômodos.



Os cômodos são dispostos em uma planta quadrada, localizando em uma lateral os quartos e, em outra, a sala e a cozinha.

Fonte: Pinheiro, 2011.

Figura 3 - Planta embrionária de dois cômodos.



Corresponde a uma derivação da planta de quatro cômodos, realizada como exceção, nos casos de extrema falta de recursos.

Fonte: Pinheiro, 2011.

Se por um lado, essas constatações indicam a coerência daquele incômodo inicial, de que as casas promovidas pelas políticas públicas para o campo de fato não satisfazem os anseios das famílias rurais, seja por conta das **lógicas distintas** – a política concebe a casa como produto acabado, enquanto as famílias a constroem ao longo da vida –, seja pelos **padrões materiais e dimensionais divergentes**, por outro, **enfraquecem a suspeita de que as divergências estejam relacionadas com a organização espacial interna**. Afinal, o que é o desenho da planta embrionária de

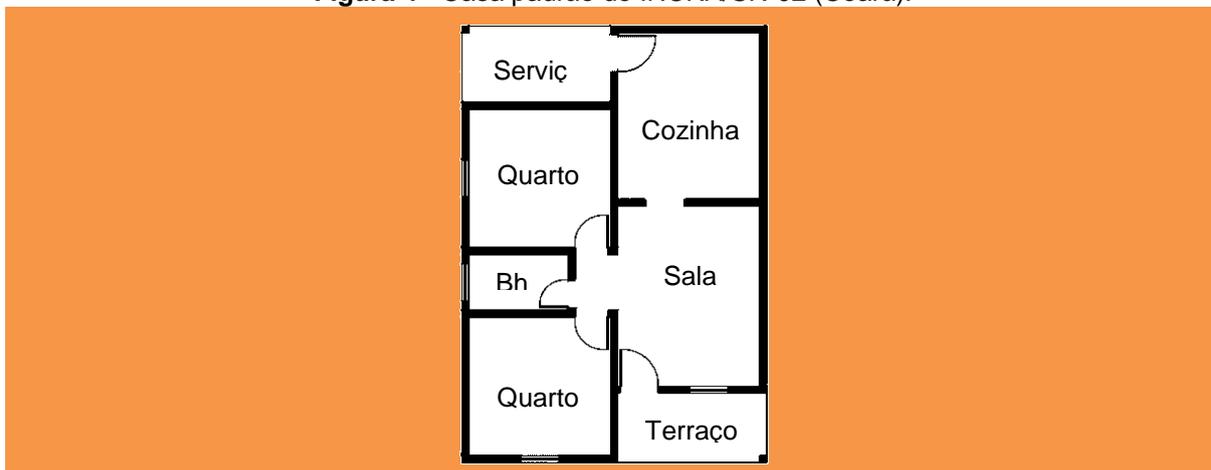
¹⁷ PINHEIRO, 2011. p. 139.

três cômodos (Figura 1), senão o esquema da casa colonial urbana descrito por Nestor Goulart?

...as plantas, deixadas ao gosto dos proprietários, apresentavam sempre uma surpreendente monotonia. As salas da frente e as lojas aproveitavam as aberturas sobre a rua, ficando as aberturas dos fundos para a iluminação dos cômodos de permanência das mulheres e dos locais de trabalho. Entre estas partes com iluminação natural, situavam-se as alcovas, destinadas à permanência noturna e onde dificilmente penetrava a luz do dia. A circulação realizava-se sobretudo em um corredor longitudinal que, em geral, conduzia da porta da rua aos fundos. Esse corredor apoiava-se a uma das paredes laterais, ou fixava-se no centro da planta, nos exemplos maiores.¹⁸

E o que seria, por sua vez, a planta embrionária de quatro cômodos (Figura 2), se não uma redução do desenho adotado pelas políticas públicas (Figura 4)?

Figura 4 - Casa padrão do INCRA/SR-02 (Ceará).



Fonte: Cedido pela Superintendência Regional do INCRA no Ceará (SR-02).

Mas se as casas autopromovidas ou reproduzem o padrão espacial interno tradicional da casa colonial brasileira, ou possuem uma correspondência programática com àquelas produzidas pelas políticas públicas, então qual o motivo do incômodo com relação à essas últimas, no contexto rural? Ora, se a resposta não está do lado de dentro da casa, então deve estar do lado de fora. Neste momento, muda-se a suspeita: o modo de vida dos sertanejos não está impresso na organização espacial interna, mas na relação que a casa estabelece com o ambiente no qual está inserida.

¹⁸ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 24.

Essa nova compreensão motivou, no doutorado, o desejo de investigar as casas enquanto expressão cultural, imaginando que esta expressão está refletida no modo como a casa se relaciona com o ambiente no qual está inserida. Mas além disso, me questionava se o fato das casas serem produzidas ao longo da vida, fazendo com que sua feição seja mais *mutante, dinâmica, do que uma estrutura rígida, engessada ao longo do tempo*, não resulta numa diversidade sem critérios, na qual não fosse possível identificar algo comum, uma *essência*. E é neste ponto, a partir destas inquietações, que esta tese se origina.

1.2 O ponto de partida

Dos percursos anteriores, resulta que a tese se volta para o estudo das casas rurais sertanejas, e se origina na suspeita de que a qualidade distintiva de tais casas está no modo como se relacionam não somente com seu entorno imediato, mas com a totalidade do ambiente circundante. O suporte teórico¹⁹ para tal investigação foi encontrado na obra de Norberg-Schulz, para quem *o propósito da arquitetura é ajudar o homem a habitar*, ou seja, a experimentar o ambiente como significativo, e que para atingir tal propósito, *a arquitetura concretiza o Genius Loci [ou espírito] do lugar*. Disso resulta que as casas são vistas como **lugar**, entendido como o espaço habitado pelo homem, e que a **questão central** desta tese é: ***Como se distinguem as casas rurais sertanejas das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, enquanto lugar?***

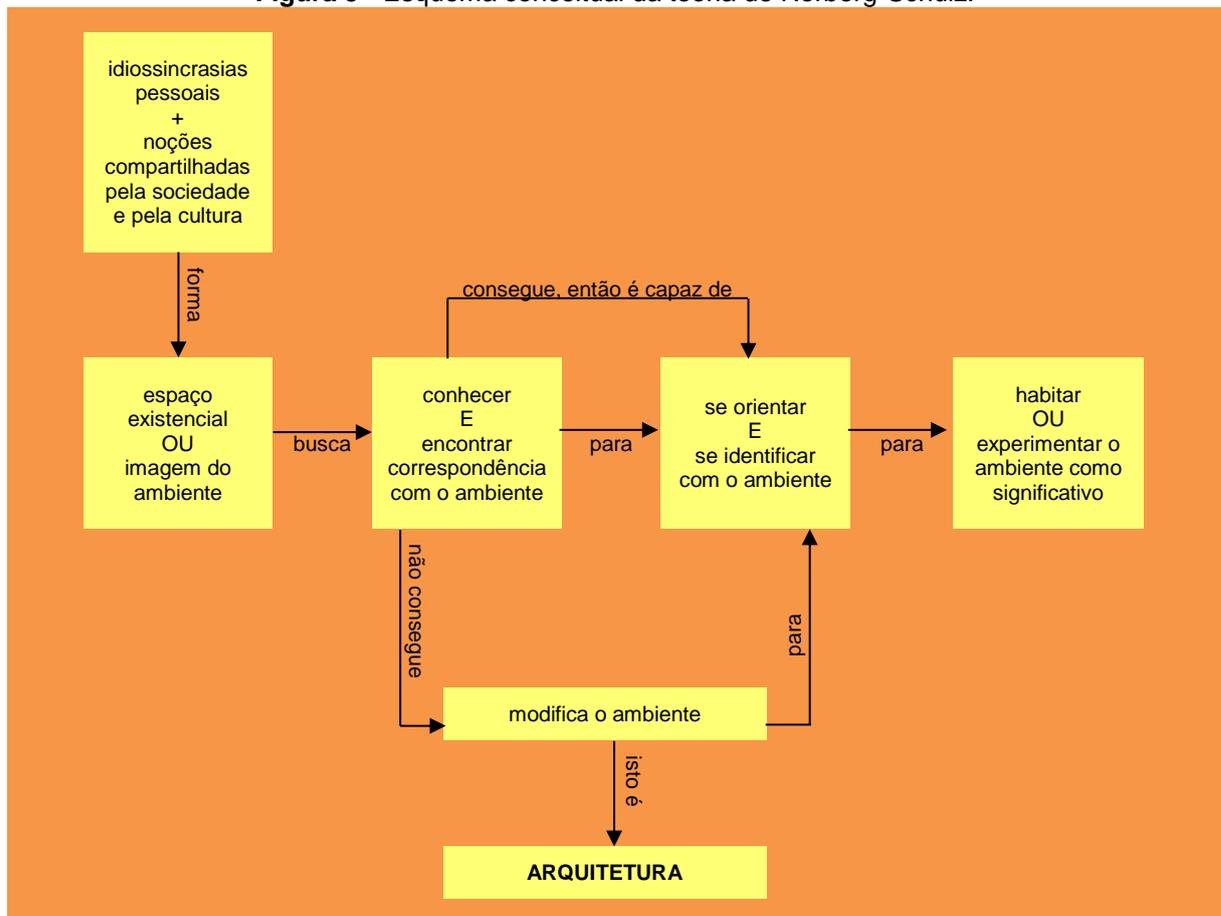
Baseado em Norberg-Schulz²⁰, pode-se afirmar que enxergar as casas enquanto lugar significa pressupor que o homem *habita*. Para habitar, o homem tem que estar apto para se orientar e se identificar intimamente com o ambiente, de modo a experimentá-lo como significativo. Se orientar e se identificar, por sua vez, pressupõe que o homem compreende intimamente o seu ambiente de vida, e encontra nele correspondências com o seu próprio espaço existencial, ou seja, com a imagem que

¹⁹ A discussão do percurso teórico que resultou na adoção da teoria de Norberg-Schulz como fundamento para esta tese se encontra no Capítulo 2 deste documento.

²⁰ O que se apresenta nesta introdução é uma síntese da teoria desenvolvida por Norberg-Schulz em três obras particulares: *Intentions in Architecture* (1965), *Existence, Space and Architecture* (1971), e *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture* (1980). A teoria é discutida de forma mais aprofundada no Capítulo 2 deste documento.

o homem tem do ambiente, sendo esta imagem formada tanto pelas noções coletivas (que são compartilhadas através da sociedade e da cultura), como por algumas idiossincrasias pessoais. Quando o ambiente dado não satisfaz o seu espaço existencial, o homem empreende modificações no seu ambiente, com o intuito de fazê-lo corresponder à sua estrutura existencial. Disso resulta que *a arquitetura é a concretização do espaço existencial do homem*. Colocando esta teoria num esquema, resulta o desenho apresentado na Figura 5.

Figura 5 - Esquema conceitual da teoria de Norberg-Schulz.



Fonte: Elaborado pela autora.

Isto significa que o homem não apenas recebe passivamente um ambiente dado, mas também imprime nele uma resposta, habitando-o. Dessa resposta, também participam tanto as idiossincrasias pessoais como as noções coletivas compartilhadas, de modo que nela se manifesta a própria estrutura do espaço existencial. A orientação e a identificação, por sua vez, são duas necessidades existenciais fundamentais. Como o homem se orienta pelos objetos e se identifica com as qualidades, a estrutura do espaço existencial é composta por dois aspectos complementares: o espaço e o caráter, que estão respectivamente relacionados com

aquelas necessidades. Deste modo, *encontrar uma correspondência entre o ambiente e o espaço existencial*, significa que suas estruturas possuem uma similaridade estrutural, e quando isto não ocorre, o homem modifica o ambiente para que tal similaridade possa estar presente. Deste modo, não somente a estrutura existencial do homem se manifesta na sua resposta ao ambiente, como também a própria estrutura do ambiente, ou seja, seu espaço e *caráter*, a atmosfera geral que é determinada pelas qualidades ambientais concretas. Deste modo, a arquitetura concretiza não somente o *espaço existencial do homem*, como também essa atmosfera geral, o *espírito do lugar*.

Desta síntese, resulta a **hipótese** desta tese: ***Enquanto lugar, as casas rurais sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem, caracterizada pela concretização do Genius Loci do Sertão, sendo tal concretização baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem.***

Como resultado desta hipótese, a tese tem como **objetivo geral** ***diferenciar as casas rurais sertanejas das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno e identificando a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar.***

Para o alcance deste, foram delineados os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Caracterizar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno;
- b) Diferenciar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno;
- c) Identificar a compreensão do sertanejo sobre a natureza do Sertão, por meio da música, da poesia e da xilogravura sertanejas, consideradas como obra de arte que concretiza a situação de vida;
- d) Caracterizar a estrutura do lugar por meio da investigação do seu espaço e do seu caráter;

- e) Identificar a manifestação do *Genius Loci* do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses.

Destas coisas, surgiu a necessidade (e o desejo) de mergulhar *no mundo*, percorrer os sertões, *ir às coisas*, observar e experimentar as casas, os ambientes e as paisagens, para responder aos objetivos aqui delineados. Para tanto, foi desenhada uma estrutura metodológica para a pesquisa de campo, que reúne a definição dos tempos, dos espaços, das escalas e categorias de análise da pesquisa. Por seu caráter empírico, experimental e andarilho, a pesquisa de campo foi carinhosamente batizada de *Expedição Casas dos Sertões*²¹, que apresentamos a seguir.

1.3 O modo de fazer²²: Expedição Casas dos Sertões

Considerando a complexidade da hipótese e do objetivo geral, a pesquisa foi organizada em duas fases. A primeira, suspeita que *enquanto lugar, as casas rurais sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem*, e objetiva *diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno*, enquanto a segunda etapa suspeita que a relação que as casas sertanejas estabelecem com a paisagem é *caracterizada pela concretização do *Genius Loci* do Sertão, sendo tal concretização baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem*, e busca identificar *a manifestação do *Genius Loci* do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar*. Como consequência, a primeira fase da pesquisa buscou responder aos dois primeiros objetivos específicos, enquanto a segunda se voltou para a resposta dos três últimos (Quadro 1).

²¹ A Expedição Casas dos Sertões nasce no seio desta tese, mas ganha corpo próprio ao longo do tempo, transbordando os espaços delimitados neste estudo e se transformando num projeto de família e num modo de vida. As realizações da Expedição se encontram disponíveis em www.casasdossertoes.com.

²² A estrutura metodológica da pesquisa está detalhada na seção 2.3 deste documento, após a discussão dos fundamentos teóricos da pesquisa. Nesta introdução, o que se apresenta é uma síntese dos procedimentos, com o intuito de clarificar o modo como a pesquisa foi organizada.

Esta organização da pesquisa em fases foi tomada como base para as demais definições dos procedimentos metodológicos, tendo sido definidas as categorias e escalas de análise e os recortes espaciais para cada uma, considerando os objetivos específicos a serem respondidos. A primeira fase foi tomada como mais genérica e investigada num contexto mais amplo, com o intuito de diferenciar as casas sertanejas daquelas promovidas pelas políticas públicas a partir de um universo mais abrangente. A segunda fase foi tomada como mais específica, como um aprofundamento da compreensão obtida na primeira fase, e daí poder ser realizada num recorte espacial mais restrito.

Quadro 1 - Relação entre as fases, a hipótese e os objetivos da pesquisa.

	HIPÓTESE	OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
FASE 1	<i>Enquanto lugar, as casas rurais sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem...</i>	<i>Diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno...</i>	A. Caracterizar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno.
			B. Diferenciar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno.
FASE 2	<i>caracterizada pela concretização do Genius Loci do Sertão, sendo tal concretização baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem.</i>	<i>...e identificando a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar.</i>	C. Identificar a compreensão do sertanejo sobre a natureza do Sertão, por meio da música, da poesia e da xilogravura sertanejas, consideradas como obra de arte que concretiza a situação de vida.
			D. Caracterizar a estrutura do lugar por meio da investigação do seu espaço e do seu caráter.
			E. Identificar a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses.

Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito aos tempos investigados, foram consideradas as duas intenções presentes no objetivo geral: investigar a relação das casas com a paisagem, e identificar a manifestação do *genius loci* do Sertão nas casas. No primeiro caso, dado o tempo presente da pesquisa, e ainda, a intenção de mergulhar nos sertões, indo às coisas, é certo (e óbvio) que a paisagem investigada é a contemporânea, ou seja, a paisagem sertaneja do tempo presente, tal qual nos aparece nos dias de hoje. Nesta paisagem contemporânea, estão presentes as casas dos diversos tempos, desde a *origem* até os dias de hoje. No segundo caso, a concretização do *genius loci* é, como se diz no objetivo geral, o que caracteriza a relação das casas dos diversos tempos com a paisagem contemporânea investigada. Por tais coisas, não foi definido um recorte de tempo para a investigação, nem para a primeira, nem para a segunda fase, com o intuito de abranger a paisagem contemporânea com a diversidade de

moradias que apresenta, inclusive no que diz respeito aos tempos das construções. Assim, em termos de tempo, a pesquisa propõe um panorama das casas sertanejas, considerando a paisagem contemporânea, tal qual ela nos aparece nos dias de hoje – corresponde, assim, ao que existe.

Se o estudo se volta para *o que* existe no tempo presente, o recorte espacial teve que ser definido de forma a garantir que a investigação da relação das casas com a paisagem abrangesse as casas dos diversos tempos, desde as primeiras até as dos dias de hoje. Por conta disso, a delimitação dos recortes espaciais tomou como referência o processo de ocupação do interior nordestino (no qual se insere o do Ceará), no contexto da interiorização do gado, a partir de meados do século XVII, tomado como o momento quando surgem as primeiras casas sertanejas nordestinas e cearenses. Devemos tratar dessas coisas com mais detalhes.

1.3.1 Os recortes espaciais

Considerando o processo de ocupação do interior nordestino, como forma de contemplar as casas originárias dos séculos XVII e XVIII, a delimitação dos recortes espaciais adotou como referência os caminhos descritos por Capistrano de Abreu²³, no que diz respeito às correntes do *sertão de dentro* e do *sertão de fora*, bem como o levantamento das *estradas das boiadas* realizado por Clóvis Jucá²⁴.

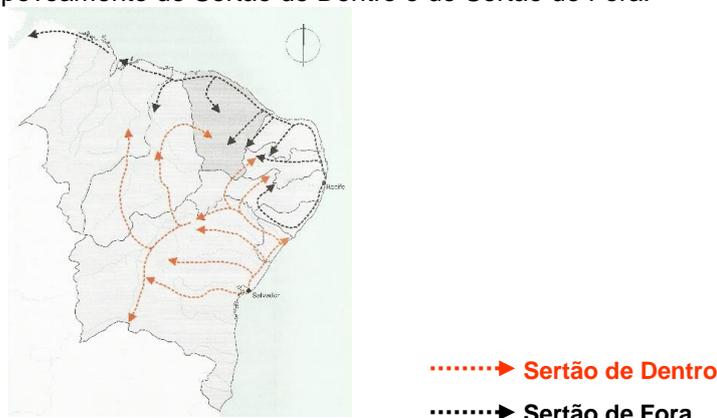
O primeiro nos aponta que, no espaço nordestino, a corrente do **Sertão de Dentro** (Figura 6) teve uma maior importância no processo de ocupação do sertão do Nordeste, seja por ter alcançado maior interiorização, seja pela maior intensidade de fluxos. Essa corrente partiu da Bahia e teve como principal referência o Rio São Francisco, por meio do qual alcançou outros, como o Acaraú, o Parnaíba e o Itapicuru, permitindo o alcance do Oeste de Pernambuco, do Sul do Ceará, do Piauí e do Maranhão. Por conta desta importância, os caminhos do *Sertão de Dentro* foram

²³ ABREU, Capistrano. ABREU, João Capistrano. **Capítulos de História Colonial: 1500-1800**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, INL, 1976.

²⁴ JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **Primórdios da Urbanização no Ceará**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil: UFC, 2012.

tomados como referência para a primeira fase da pesquisa, permitindo obter um panorama contemporâneo das casas rurais ao longo do São Francisco.

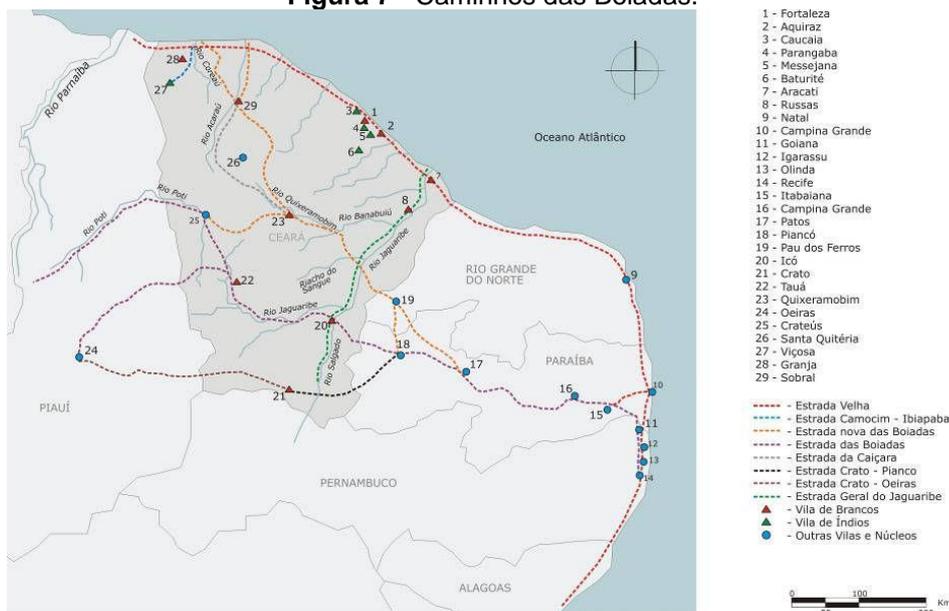
Figura 6 - Correntes de povoamento do Sertão de Dentro e do Sertão de Fora.



Fonte: JUCÁ NETO, 2000.

O segundo nos indica que, no espaço cearense, o caminho mais importante foi a Estrada Geral do Jaguaribe (Figura 7), que comunicava o sertão com o litoral, escoando a produção sertaneja pelo porto de Aracati, e por onde penetravam as mercadorias vindas de outras capitânicas e da metrópole. Este caminho do Jaguaribe se apresenta ainda como ponto de confluência entre as correntes do sertão de dentro e do sertão de fora. Por tais fatos, o Rio Jaguaribe foi adotado como referência para a segunda fase da pesquisa, atravessando o Estado no sentido Norte – Sul.

Figura 7 - Caminhos das Boiadas.



Fonte: JUCÁ NETO, 2012.

Destas definições, resulta o Quadro 2 abaixo.

Quadro 2 - As fases da pesquisa e os recortes espaciais.

Fase	Objetiva	Caminho de referência
1	<i>Diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno...</i>	Sertão de Dentro – Rio São Francisco
2	<i>Identificar a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar.</i>	Estrada Geral do Jaguaribe – Rio Jaguaribe

Fonte: produzido pela autora.

Tendo definido os espaços de investigação da pesquisa, devemos detalhar agora as categorias de análise a serem investigadas em cada fase, com o intuito de responder os objetivos específicos correspondentes.

1.3.2 Categorias de análise

A definição das categorias de análise para cada fase da pesquisa considerou o modo como a própria teoria de referência está organizada nas obras de Norberg-Schulz. O autor desenvolve a teoria em três obras distintas: *Intentions in Architecture*²⁵, cuja contribuição consiste na discussão conceitual; *Existence, Space and Architecture*²⁶, na qual inicia o desenvolvimento da teoria propriamente dita e, conseqüentemente, do método de análise da arquitetura como uma dimensão da existência humana, e *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*²⁷, na qual aprofunda a compreensão da arquitetura como uma dimensão da existência humana e, conseqüentemente, a própria teoria e o método.

Como já se disse anteriormente, a teoria está baseada na premissa de que “o propósito da arquitetura é ajudar o homem a habitar”²⁸, e que o homem habita quando está apto a se orientar intimamente e se identifica com o ambiente²⁹. Assim, orientação e identificação são tratadas como as duas necessidades fundamentais do homem com relação ao espaço. Tais coisas são abordadas por Norberg-Schulz desde *Intentions in Architecture*³⁰, ou seja, desde o primeiro momento em que se volta para a

²⁵ NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intentions in Architecture**. Cambridge: MIT, 1965.

²⁶ NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existence, Space & Architecture**. New York: Praeger Publishers, 1971.

²⁷ NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

²⁸ Ibid., passim.

²⁹ Ibid., p. 05.

³⁰ NORBERG-SCHULZ, 1965.

necessidade de uma teoria arquitetônica *coerente*. Quando inicia o desenvolvimento do método, em *Existence, Space and Architecture*³¹, a teoria por ele ali desenvolvida não dá conta das duas necessidades de orientação e identificação, mas apenas da primeira, e daí que seu método de análise da arquitetura (ou seja, os conceitos e as categorias que propõe) se baseiam apenas nesta necessidade de orientação. Além disso, a teoria aqui toma emprestado os métodos das ciências naturais, e daí serem propostos procedimentos de categorização e classificação. No entanto, na obra seguinte, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*,³² como explícito no próprio título, Norberg-Schulz se aproxima dos métodos da fenomenologia como caminho para a obtenção de uma compreensão menos categórica e mais *essencial*. Dessa síntese, da fenomenologia com a sua teoria já iniciada, aprofunda a sua própria compreensão e o método proposto, agora dando conta também da necessidade de identificação.

Do conhecimento de tais fatos resulta que o método proposto por Norberg-Schulz em *Existence, Space and Architecture*³³ foi tomado como referência para a realização da primeira fase, considerada mais abrangente, enquanto que o método proposto em *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*³⁴ fundamentou a realização da segunda fase, mas específica. Isto se justifica pelo fato de que, no primeiro momento, a intenção é *diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno*, e neste processo de diferenciação uma certa categorização se faz necessária para o estabelecimento de comparações entre os diferentes grupos de moradias investigados. Num segundo momento, a intenção é *identificar a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar*, de modo que aqui nos voltamos para uma compreensão da *essência* da casa sertaneja, ou seja, para aquilo que faz de uma casa sertaneja, uma casa sertaneja, que na nossa hipótese é a própria concretização

³¹ Id., 1971.

³² Id., 1980, p.

³³ Id., 1971.

³⁴ Id., 1980.

do *genius loci* do sertão. Além disso, tais decisões fazem com que a nossa compreensão das casas sertanejas seja construída através do mesmo percurso teórico trilhado por Norberg-Schulz na construção da sua teoria, passando de uma visão mais abrangente para outra mais profunda. O ponto de intersecção entre as duas fases é a visão da casa como lugar, que corresponde também ao ponto de intersecção entre as duas obras de Norberg-Schulz adotadas como referência para cada fase. De tais coisas, resulta o Quadro 3.

Quadro 3 - As fases da pesquisa e as categorias de análise.

	Objetiva	Adotando como referência	Investigando	Por meio das relações	Através do estudo
FASE 1	<i>Diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno...</i>	<i>Existence, Space and Architecture</i>	A relação da casa com os demais elementos do espaço (lugares, caminhos, domínios)	Proximidade Clausura Concentração	Da forma (volumes, limites, orientações, aberturas, localizações)
FASE 2	<i>Identificar a manifestação do Genius Loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar.</i>	<i>Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture</i>	A similaridade estrutural entre a casa e a paisagem	Proximidade Clausura Concentração Continuidade Ruptura Sucessão	Do espaço (lugares, caminhos e domínios) Do caráter (limites, aberturas, densidades, texturas, orientações, localizações)

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a definição das categorias de análise, foi realizado o detalhamento de cada fase da pesquisa, organizando-as em etapas, de modo que cada etapa respondesse a um objetivo específico e gerasse, como produto, uma parte da tese, conforme segue.

1.3.3 As etapas da pesquisa

Conforme explicitado anteriormente, a primeira fase da pesquisa busca responder aos dois primeiros objetivos específicos. Assim, esta fase foi organizada em duas etapas. Na **etapa 1.1**, para *caracterizar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam*

com o *entorno*, foi realizada a pesquisa de campo referente ao primeiro trecho da Expedição Casas dos Sertões, que tomou como referência o Rio São Francisco. Ao longo do caminho, foi feito o registro das casas através de fotografias e mapeamentos, e do diário de viagem através de vídeos, áudios e anotações. O tratamento dos dados desta fase consistiu na catalogação das moradias investigadas em pranchas para o estabelecimento da caracterização da relação com o entorno, considerando a intensidade das relações topológicas categorizadas. Esta etapa gerou como produto a seção 3.3 *Panorama das casas rurais dos Sertões de Dentro*.

A **etapa 1.2** buscou *diferenciar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno*, e para tanto, foi realizada a triangulação dos dados obtidos e analisados na etapa anterior, de modo comparativo, entre as diferentes classes de moradias. Esta etapa gerou a seção 3.4 *Convergências e divergências entre as classes*, parte do capítulo 3 da tese, concluindo a primeira fase da pesquisa.

A segunda fase, por sua vez, foi organizada em três etapas. A **etapa 2.1** buscou *identificar a compreensão do sertanejo sobre a natureza do Sertão*, utilizando como fontes as músicas gravadas por Luiz Gonzaga e a xilogravura de J. Borges, por serem artistas de referência sertaneja nas suas linguagens e por levarem, através das suas artes, a imagem do sertão para além das suas bordas. Além disso, se a arte de J. Borges é toda autoral, toda sua, refletindo sua visão particular sobre o universo sertanejo coletivo, Luiz Gonzaga registra em seus discos poemas dos mais diversos poetas sertanejos, como Catulo da Paixão Cearense, Zé Dantas, Humberto Teixeira e Patativa do Assaré. Representa, assim, uma visão coletiva sobre o universo sertanejo, imortalizada na sanfona do Rei do Baião. As músicas e as xilogravuras foram consideradas como *obras de arte que concretizam a situação de vida* e, como tais, manifestam a imagem que o sertanejo tem do sertão. Assim, a compreensão que o homem tem da natureza foi identificada a partir da *imagem* do sertanejo sobre o sertão, concretizada em tais obras. Estes procedimentos resultaram na seção 4.2 *O Ambiente e o Homem*, que é parte do capítulo 4 desta tese.

A **etapa 2.2** buscou caracterizar a estrutura do lugar por meio da investigação do seu *espaço* e do seu *caráter*, realizando o segundo trecho da Expedição Casas dos Sertões, que tomou o Rio Jaguaribe como referência, com o intuito de investigar

as casas de hoje nos caminhos de outrora. Do mesmo modo que na etapa anterior, ao longo do trajeto foi feito o registro das casas por meio de fotografias e mapeamentos, e do diário de campo em vídeos, áudios e anotações. Em seguida, o material produzido pela pesquisa de campo foi organizado em pranchas, de modo que as fotografias pudessem ser vistas de forma simultânea, para permitir a leitura conjunta da paisagem e das casas. A leitura possibilitou perceber a simbiose estrutural entre as casas e a paisagem, e resultou na seção *4.3 A paisagem e a casa*.

Finalmente, a **etapa 2.3** buscou *identificar a manifestação do **Genius Loci** do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses*, realizando a triangulação dos dados das duas etapas anteriores, buscando não somente compreender as simbioses entre as estruturas da paisagem e da casa, mas também o reflexo do próprio *ser sertanejo* na casa, resultando na seção *4.4 O Sertão nas Casas*, parte do Capítulo 4 desta tese.

A síntese da relação entre as partes da pesquisa é apresentada no Quadro 4, na página seguinte. Tendo explicitado sucintamente as linhas gerais que nortearam esta investigação, convém tratarmos dos fundamentos de forma mais aprofundada.

Quadro 4 - Síntese das partes da tese.

Objetivos Específicos	FASES	Etapas / Procedimentos	Partes da Tese
Questão Central Como se distinguem as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, enquanto lugar?			
Hipótese Enquanto lugar, as casas rurais dos sertões cearenses se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem do sertão, caracterizada pela <i>concretização do Genius Loci do Sertão</i> , sendo tal concretização baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem.			
Objetivo Geral Diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno e identificando a manifestação do <i>Genius Loci do Sertão</i> nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a <i>compreensão</i> que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do <i>lugar</i> .			
A: Caracterizar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno	1. PANORAMA DAS CASAS DOS SERTÕES DE DENTRO	ETAPA 1.1 Expedição Casas dos Sertões – Trecho 1: Caminhos do São Francisco. Coleta de dados: Mapeamentos, fotografias, croquis, etc. Tratamento dos dados: catalogação do material produzido em pranchas que permitam o estabelecimento de quadros comparativos. Análise dos dados: relações com o entorno.	CAPÍTULO 3: O PANORAMA DAS CASAS RURAIS DOS SERTÕES DE DENTRO 3.1 As classes de casas e o entorno imediato
B: Diferenciar o modo como as casas rurais dos sertões cearenses e as moradias promovidas pelas políticas públicas se relacionam com o entorno		ETAPA 1.2 Triangulação dos dados Análise comparativa	CAPÍTULO 3: O PANORAMA DAS CASAS RURAIS DOS SERTÕES DE DENTRO 3.2 Convergências e divergências entre as classes
A: Identificar a compreensão do sertanejo sobre a natureza do Sertão , por meio da música, da poesia e da xilogravura sertanejas, consideradas como <i>obra de arte que concretiza a situação de vida</i> .	2. PANORAMA DAS CASAS DA ESTRADA GERAL DO JAGUARIBE	ETAPA 2.1 Levantamento de músicas, poesias e xilogravuras sertanejas nordestinas Seleção de músicas, poesias e xilogravuras que manifestem o ambiente e/ou a relação do homem com o ambiente Leitura da relação do homem com o ambiente nas músicas, poesias e xilogravuras selecionadas.	CAPÍTULO 4: O SERTÃO HABITADO 4.1 O ambiente e o homem
B: Caracterizar a estrutura do lugar por meio da investigação do seu <i>espaço</i> e do seu <i>caráter</i>		ETAPA 2.2 Pesquisa de campo: Das Ribeiras do Jaguaribe à Capital Coleta de dados: fotografias, anotações, etc. Tratamento dos dados: catalogação do material produzido em pranchas que permitam a análise da casa e da paisagem Análise dos dados: simbiose estrutural	CAPÍTULO 4: O SERTÃO HABITADO 4.2 A paisagem e a casa
C: Identificar a manifestação do <i>Genius Loci</i> do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses.		ETAPA 2.3 Triangulação dos dados Conclusão Revisão do processo de pesquisa Elaboração dos materiais de divulgação	CAPÍTULO 4: O SERTÃO HABITADO 4.3 O Sertão nas casas

FONTE: Elaborado pela autora.



2 FUNDAMENTOS

No capítulo anterior, dissemos que o que motivou a realização da pesquisa foi a suspeita de que o modo de vida dos sertanejos se reflete na relação que a casa estabelece com o entorno, e daí o desejo de investigar as casas enquanto expressão cultural. No entanto, quando apresentamos, também no capítulo anterior, o modo como a pesquisa foi estruturada, o conceito que aparece na questão, na hipótese e nos objetivos não é o de *cultura*, mas o de *genius loci*. Como isso se justifica? Dito de outro modo, como o conceito de *genius loci* satisfaz o desejo de investigar as casas enquanto expressão cultural?

Para esclarecer esta questão, este capítulo apresenta a *maturação teórica*, o percurso conceitual que conduziu a pesquisa da visão da casa como expressão cultural à visão da casa como arquitetura que concretiza o *genius loci*. Em seguida, nos aprofundamos na totalidade da teoria com seu conjunto de conceitos, para posteriormente apresentar a adequação do método ao objeto de estudo e às intenções da pesquisa, explicitando, de forma detalhada, como cada fase da pesquisa foi realizada.

2.1 Uma maturação: da cultura ao espaço existencial ao Genius Loci

Falando em termos de fundamentação teórica, aquela intenção de investigar as casas como expressão cultural, motivada pela percepção de que as casas promovidas pelas políticas são culturalmente inadequadas, nos leva de imediato a questionar qual o entendimento de “adequação cultural” deve ser tomado para o caso da questão da moradia. Em outras palavras, *o que seria uma moradia culturalmente adequada?*

Os documentos oficiais da Organização das Nações Unidas³⁵, que é quem tem, poderíamos dizer, a “tutela” do direito à moradia digna no qual se insere essa

³⁵ UNITED NATIONS. Committee on Economic, Social and Cultural Rights. **General Comment N° 04: The Right To Adequate Housing (Art. 11, Para. 1)**. Geneva, 1991. O próprio documento pontua que “Ainda que exista uma ampla variedade de instrumentos internacionais que abordam os diferentes aspectos do direito à moradia adequada, o parágrafo 1 do artigo 11 do Pacto é a mais ampla, e talvez a mais importante de todas as disposições pertinentes”. (p. 1).

necessidade de “adequação cultural”³⁶, nos diz que “a expressão da identidade cultural e a diversidade da moradia”³⁷ devem ser adequadamente permitidas pela “maneira em que se constrói a moradia e os materiais de construção utilizados”³⁸. Ou seja, o que se chama de “identidade cultural” e “diversidade” são noções que estão relacionadas apenas com o *fazer* e com os aspectos materiais da casa.

Ao contrapor esta noção institucional com a teoria arquitetônica, e partindo da noção mais elementar, percebemos que tais coisas são *firmitas*, apenas uma das três dimensões da arquitetura, de acordo com a tríade vitruviana³⁹. No entanto, considerar como verdade que a identidade cultural se expressa apenas como *firmitas*, seria acreditar que o uso dos espaços e a linguagem arquitetônica não sofrem variações culturais. Isso nos mostra que seria um erro considerar essa noção institucional como ponto de partida para a investigação, já que estaríamos correndo o risco de reduzir a casa, enquanto objeto arquitetônico, a apenas uma das suas dimensões. A tríade vitruviana tampouco pode ser tomada como ponto de partida. Ainda que *firmitas*, *utilitas* e *venustas* estejam presentes em qualquer noção de arquitetura desde então, se tratam de conceitos abrangentes cujos significados mudam ao longo do tempo, fazendo com que, na história da arquitetura, as dimensões se revezem em termos de importância.

Por conta disso, um caminho mais frutífero é buscar a compreensão da arquitetura a partir de ideias mais próximas dos nossos dias. Desde que Bruno Zevi declarou que o fato de abrigar o homem é o que distingue a arquitetura das outras artes, e que, por conta disso, o espaço é a essência da arquitetura, já que é nele que o homem vive e realiza as suas atividades⁴⁰, um certo consenso tem se formado na teoria arquitetônica nesse sentido. Neste consenso, o espaço aparece como conceito chave da arquitetura, e para a sua compreensão devemos passar antes pela

³⁶ Não somente por isso, mas também pelo fato do Brasil ser signatário de tal Organização, considerou-se apropriado verificar como a adequação cultural da moradia está definida a nível institucional, nas esferas oficiais que, teoricamente, deveriam ser seguidas ou, pelo menos, tomadas como base pelas políticas habitacionais brasileiras.

³⁷ UNITED NATIONS, 1991, loc. cit.

³⁸ Ibid., loc. cit.

³⁹ POLIÃO, Marco Vitruvius. **Da Arquitetura**. São Paulo: Hucitec; Fundação para Pesquisa Ambiental, 1999.

⁴⁰ ZEVI, 2009.

compreensão da relação do homem com o espaço. Este paradigma – do espaço como *protagonista* da arquitetura porque é nele que o homem está inserido – está relacionado com a dimensão *utilitas* da tríade vitruviana. Mas e as outras dimensões?

Frederico de Holanda afirma que tanto a materialidade da arquitetura como a sua plasticidade são meios para alcançar a qualidade espacial desejada.⁴¹ Ou seja, não somente os elementos em si – as superfícies, os volumes, os planos, etc. – como as suas qualidades – opacidade, transparência, etc. – e o modo como estão organizados – adicionados, subtraídos, interpenetrados – são ferramentas para proporcionar ao espaço as características necessárias para satisfazer as necessidades humanas. *Utilitas* surge, assim, como o grande objetivo a ser alcançado pela arquitetura, enquanto que *venustas* e *firmitas* são meios para o alcance da primeira. Mas se isto é verdade, qual a diferença entre esta noção e àquela dos modernistas, de que *a forma segue a função*?

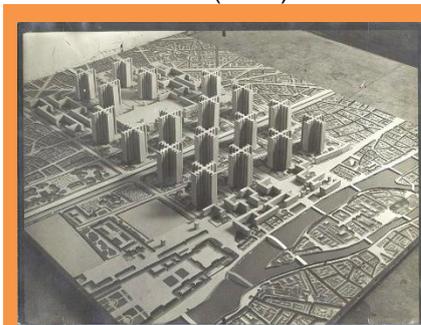
Como se disse anteriormente, as dimensões da tríade vitruviana são conceitos abrangentes que mudam de significado ao longo do tempo. Deste modo, a diferença reside na compreensão do que vem a ser aquelas necessidades humanas. Para os modernistas, o homem é um homem-tipo, com necessidades-tipo satisfeitas por edifícios-tipo. Para alcançar o conceito de homem universal, toda e qualquer subjetividade e particularidade individual teve que ser deixada de lado. Assim, as necessidades humanas foram categorizadas e reduzidas àquelas mais elementares, considerando o homem como um indivíduo de uma sociedade industrial e capitalista.⁴² No espaço interno da casa, isso se reflete na setorização dos ambientes íntimo, social e de serviços (ainda praticada nos dias de hoje), enquanto que na escala urbana se expressa nas zonas de habitar, trabalhar, circular e recrear. Mas se o homem é o mesmo em qualquer parte do mundo, as necessidades universais podem ser satisfeitas também por espaços universais. Ou seja, a arquitetura – em todas as suas escalas – pode ser a mesma para qualquer lugar. Talvez a expressão máxima desta visão do espaço universal seja a proposta de Le Corbusier para Paris, no *Plano Voisin*

⁴¹ HOLANDA, Frederico de. **10 Mandamentos da Arquitetura**. Brasília: FRBH, 2013.

⁴² CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades : uma antologia . [São Paulo, SP]: Perspectiva, 1965. 350p. (Estudos ; 67 Coleção Estudos ; 67)

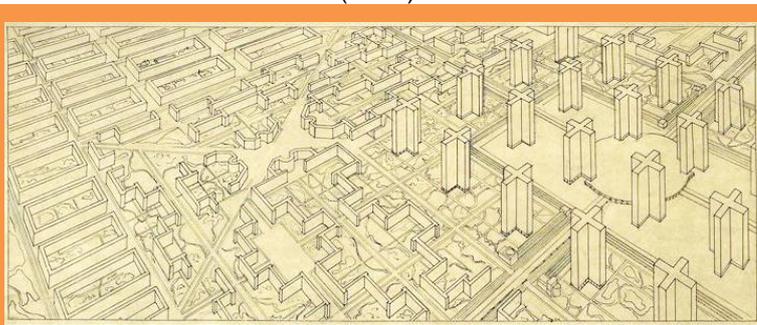
(Figura 8). O plano não somente é uma repetição aprofundada da *Vila Contemporânea Para Três Milhões de Pessoas* (Figura 9), desenvolvida anteriormente por ele, como pode ser descrito como uma grande plataforma de desenho racionalista e geométrico, que deveria sobrepor a malha medieval, espontânea e orgânica da Paris da época (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**). Isto significa que não somente as subjetividades e particularidades do indivíduo tiveram que ser deixadas de lado, como também as particulares características do lugar (naturais, históricas, culturais ou sociais) tiveram que ser desconsideradas. Tais coisas, que o modernismo deixou de fora, foram os motes para as críticas ao movimento, que culminou na fragmentação das abordagens arquitetônicas no pós-modernismo, no qual cada corrente está focada em um dos aspectos negligenciados. Como consequência, as próprias investigações no campo da arquitetura se fragmentaram, fazendo com que os estudos se voltem para aspectos específicos do objeto arquitetônico, resultando numa totalidade perdida.⁴³

Figura 8 - Plano Voisin para Paris (1925).



Fonte: Fundação Le Corbusier.
Disponível em
www.foundationlecorbusier.fr

Figura 9 - Vila Contemporânea para Três Milhões de Pessoas (1922).



Fonte: Fundação Le Corbusier. Disponível em
www.foundationlecorbusier.fr

Diante deste quadro diverso e fragmentado, que abordagem pode interessar àquela intenção investigativa? Num primeiro momento, a intenção de investigar **a casa como expressão cultural** nos levou aos trabalhos de Amos Rapoport, que desenvolve a tese de que a *forma* da casa se deve muito mais aos *aspectos culturais* do que a quaisquer outros. Em sua obra *House, Form and Culture*, Rapoport⁴⁴ parte

⁴³ Já apontamos que esse quadro de fragmentação das abordagens arquitetônicas foi discutido em *Modo de Olhar: Metodologia para o estudo de moradias rurais*. (PINHEIRO, 2011).

⁴⁴ RAPOPORT, Amos. **House, Forme and Culture**. New Jersey: Prentice-hall, 1969.

da crítica à tradição da teoria histórica arquitetônica, que se volta prioritariamente para o estudo dos monumentos e do que poderíamos chamar de “arquitetura erudita”, para justificar a sua intenção de investigar a arquitetura vernacular (ou folk, ou popular), uma vez que esta desempenha uma maior participação no ambiente humano edificado do que as primeiras, que por sua vez, “representam uma parte pequena e frequentemente insignificante da atividade construtora de qualquer época”.⁴⁵ De todos os aspectos que poderiam ser estudados a respeito da arquitetura vernacular, lhe interessa particularmente investigar a relação entre a forma da casa e “o contexto em que se insere, a cultura e o modo de vida que protege”⁴⁶, pretendendo identificar, dentre as “forças” que atuam sobre a forma da casa, quais podem ser consideradas como “primárias” e quais podem ser consideradas como “secundárias ou modificantes”.⁴⁷

Para alcançar tal compreensão, Rapoport⁴⁸ inicia analisando as diversas teorias sobre os fatores que influenciam ou mesmo determinam a forma da casa, principalmente aquelas relacionadas com o que chamou de aspectos físicos (o clima, os materiais e a tecnologia, a localização) e sociais (a economia, a defesa, a religião). Ao longo desta análise, o autor aponta uma série de críticas ao caráter determinista das teorias e demonstra, através de exemplos, que não se pode afirmar que a forma (ou o tipo) da casa seja determinada exclusivamente por um fator específico.

Ao final da análise, Rapoport chega à conclusão de que alguns fatores – como o climático e os materiais e tecnologias empregadas – são relevantes no estudo da arquitetura vernacular, e chegam mesmo a imprimir algumas modificações na forma, mas não são os únicos responsáveis pela definição desta. Defende tal ideia por meio do argumento de que mesmo em uma situação extrema de hostilidade climática para a vida humana, ou mesmo nos casos de profunda escassez de materiais ou de pouco desenvolvimento da técnica, inúmeras soluções poderiam ser adotadas para vencer

⁴⁵ RAPOPORT, 1969, p. 1.

⁴⁶ Ibid., loc. cit.

⁴⁷ Ibid., p. 17.

⁴⁸ Ibid.

tais obstáculos, e que a escolha de tais soluções, ou seja, a decisão de se adotar uma e não outra, é tomada com base em outras “forças” de caráter sociocultural:

As soluções ou adaptações feitas nem sempre ocorrem simplesmente porque são possíveis. A configuração física fornece as possibilidades entre as quais as escolhas são feitas por meio dos tabus, costumes e formas tradicionais de cultura. Mesmo quando as possibilidades físicas são inúmeras, as opções reais podem ser severamente limitadas pela matriz cultural; esta limitação pode ser o aspecto mais típico das moradias e assentamentos de uma cultura.⁴⁹

Desta conclusão, Rapoport formula a hipótese de que a forma da casa não é simplesmente o resultado de forças físicas ou de qualquer fator causal único, mas é consequência de todo um conjunto de fatores socioculturais visto em seus termos mais amplos. A forma é, por sua vez, modificada pelas condições climáticas (o ambiente físico que torna algumas coisas impossíveis e possibilita outras) e pelos métodos de construção, materiais disponíveis e tecnologia. Assim, passa a chamar os fatores socioculturais de forças primárias e os outros dois de forças secundárias ou modificadoras.

Dado certo clima, a disponibilidade de certos materiais, e as limitações e capacidades de um determinado nível de tecnologia, o que finalmente decide a forma de uma habitação, e molda os espaços e suas relações, é a visão que as pessoas têm da **vida ideal**. [...] A casa, a aldeia, e a cidade expressam o fato de que as sociedades compartilham certas metas geralmente aceitas e valores de vida. As formas de construções primitivas e vernáculas são menos o resultado de desejos individuais do que dos objetivos e desejos do grupo unificado para um ambiente ideal. Portanto, elas têm valores simbólicos, uma vez que os símbolos servem uma cultura, fazendo concretas suas ideias e sentimentos.⁵⁰

A partir desta afirmação, Rapoport nos indica que a casa é expressão cultural porque todas as questões a ela relacionadas, tais como a localização, a orientação, o programa, os materiais, as técnicas e os processos construtivos, a articulação dos espaços, a forma, as soluções com relação ao clima e à privacidade, a relação que estabelece com o entorno, etc., são definidas por meio de decisões e escolhas feitas com base numa *visão de vida ideal*. Ora, o termo *vida* abrange todos os aspectos referentes à própria existência humana – o comportamento, o conhecimento, os valores, etc., enquanto que uma noção do que seja *ideal* só pode ser construída de

⁴⁹ RAPOPORT, 1969. p. 47.

⁵⁰ Ibid., loc. cit., grifo nosso.

forma coletiva, na relação do indivíduo com o grupo ao qual pertence, uma vez que uma noção individual que seja oposta à noção coletiva certamente acarretaria numa relação desarmônica entre o indivíduo e o grupo, trazendo prejuízo ao sentimento de pertencimento do primeiro com relação ao segundo. Daí percebemos como tal sentimento de *pertencer* a determinada coletividade se faz de extrema importância, e que esse pertencimento se realiza por meio das noções compartilhadas, de modo que podemos dizer que aqueles aspectos da existência inseridos no termo *vida* devem ser acrescidos do termo *ideal* – o comportamento ideal, os valores ideais, o conhecimento ideal, etc. A casa resulta, então, como a expressão da própria *visão de vida ideal*.

Neste ponto, nos parece que a tese de Rapoport, da mesma forma que as teorias por ele criticadas, se caracteriza por um caráter fortemente determinista, agora dos aspectos culturais, na definição da forma da casa. Se, por um lado, parece certo que a casa se origina sob uma influência cultural, por outro, a casa é, neste universo coletivo, um *templo* particular, na qual certamente estarão inseridos os caprichos e anseios dos seus habitantes, de acordo com as suas personalidades específicas. Não considerar este ponto seria incorrer no mesmo engano modernista, de que o homem não possui particularidades nem subjetividades, e conseqüentemente a arquitetura não apresenta nenhuma variação. Além disso, se os aspectos que estão relacionados com o ambiente são tomados como secundários, tal teoria não pode ser tomada como referência para esta pesquisa, cujo objetivo maior é justamente a investigação da relação da casa com o ambiente no qual está inserida.

Na continuidade da busca por um método condizente com as intenções desta pesquisa, encontramos em Norberg-Schulz o desenvolvimento de uma visão mais abrangente tanto do homem como da arquitetura, e uma preocupação particular em recuperar aquela totalidade perdida. Norberg-Schulz não se volta diretamente para a compreensão da casa como expressão cultural, mas para o estudo da arquitetura como ambiente humano, sendo a cultura apenas uma das dimensões do homem. Se preocupa com a falta de uma teoria (e conseqüentemente, de um método) coerente para o estudo da arquitetura na sua totalidade, o que acarreta na utilização de abordagens diversas – como a semiologia, a teoria da forma arquitetônica, os estudos em percepção arquitetônica ou mesmo aqueles fundamentados nas leis da geometria

tridimensional – que se apoiam em conceitos imprecisos⁵¹. Desta forma, intenta preencher a lacuna teórica, desenvolvendo tanto os conceitos como o método para o tratamento do espaço como dimensão da existência humana, o que, em sua opinião, fornece “uma chave simples e útil para a totalidade arquitetônica”.⁵²

Em sua vasta produção bibliográfica, três obras se destacam pela preocupação em desenvolver uma teoria arquitetônica coerente: *Intentions in Architecture*⁵³, *Existence, Space and Architecture*⁵⁴ e *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*⁵⁵. A primeira entende arquitetura como ambiente humano, e se preocupa com o problema da compreensão de como o ambiente (e conseqüentemente, a arquitetura) influencia as pessoas:

O ambiente influencia os seres humanos, e isto implica que o propósito da arquitetura transcende a definição dada pelo funcionalismo primitivo. Atualmente, no entanto, nós sabemos muito pouco sobre como esta influência trabalha, e o novo ponto de vista está, portanto, sujeito à discordâncias e mal-entendidos.⁵⁶

Buscando tal compreensão, a obra discute a percepção, a simbolização e o significado para introduzir a visão da “obra de arte como concretização da situação de vida”,⁵⁷ e intenta compreender a arquitetura (enquanto arte que concretiza a vida) em termos arquitetônicos concretos, discutindo a dimensão funcional como parte de um sistema abrangente. Nesta obra, a análise da arte e da arquitetura se fundamenta em métodos das ciências naturais, tendo isto se modificado nos trabalhos posteriores.

Em *Existence, Space and Architecture*, aquela concepção da obra de arte como concretização da situação de vida é aprofundada. Nesta obra, a *orientação* aparece como necessidade fundamental da existência humana, e toma o *espaço* como conceito chave para a compreensão do ambiente de vida do homem. Como “o homem

⁵¹ Tais abordagens se originam daquelas críticas ao movimento moderno, no contexto do pós-modernismo, e se concentram, cada uma, em um aspecto específico do objeto arquitetônico, resultando na perda compreensão da totalidade. Cf: MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

⁵² NORBERG-SCHULZ, 1971. p. 07.

⁵³ Id., 1965.

⁵⁴ Id., 1971.

⁵⁵ Id., 1980.

⁵⁶ Id., 1965. p. 17.

⁵⁷ Ibid., p. 73.

se orienta por objetos”,⁵⁸ o espaço aqui diz respeito à organização tridimensional dos objetos de orientação humana, ou seja, ao modo como as *coisas* que o homem usa para se orientar estão organizadas por meio de relações espaciais.

A maioria das ações humanas compreende um aspecto espacial, no sentido de que os objetos da orientação são distribuídos de acordo com certa relação, como dentro e fora, longe e perto, separado e junto, e contínuo e descontínuo. O espaço, portanto, não é uma categorial particular de orientação, mas um aspecto de qualquer orientação. Para ser capaz de realizar suas intenções, o homem tem que entender as relações espaciais e unificá-las em uma concepção de espaço.⁵⁹

Sendo o espaço *um aspecto de qualquer orientação*, e sendo a *orientação* uma necessidade fundamental da existência humana, Norberg-Schulz trata o problema do **espaço como uma dimensão da existência do homem**⁶⁰ e introduz o conceito de *espaço existencial* como sendo “a imagem do homem sobre seu ambiente, isto é, um sistema estável das relações tridimensionais entre objetos significativos”.⁶¹ Esta *imagem* (ou esquema espacial mais estável) é formada por “elementos que tem certa invariância, tais como estruturas elementares universais (arquétipos) e estruturas socialmente ou culturalmente condicionadas e, é claro, algumas idiosincrasias pessoais”.⁶² Deste modo, o conceito de espaço existencial faz o homem pertencer a uma totalidade social e cultural, abrangendo tanto os aspectos culturais desta coletividade como as particularidades do indivíduo. E no que diz respeito à arquitetura?

Ainda em *Existence, Space and Architecture*, Norberg-Schulz chama atenção para o fato de que o homem não apenas se orienta num espaço *dado*, mas também *cria* espaços, não somente para satisfazer a sua orientação em termos práticos, mas também para trazer *significado e ordem*, para “expressar a estrutura do seu mundo”.⁶³ Disso, retoma a concepção da **obra de arte como concretização da situação de vida**, para desenvolver a visão da **arquitetura como “espaço expressivo que**

⁵⁸ Id., 1980, passim.

⁵⁹ NORBERG-SCHULZ, 1971. p. 07.

⁶⁰ Ibid., loc. cit.

⁶¹ Ibid. p. 11.

⁶² Ibid., loc. cit.

⁶³ Ibid., loc. cit

concretiza o espaço existencial do homem”.⁶⁴ A arquitetura, entendida nestes termos, deve ser investigada a partir da leitura da *estrutura do espaço*, ou seja, a investigação daquele modo como as *coisas* que o homem usa para se orientar estão organizadas por meio de relações espaciais. Tais *coisas* são os *elementos do espaço* (área/domínio; centro/lugar; direção/caminho), que podem ser lidos em diversos níveis ou escalas espaciais (região, paisagem, assentamento, edifício). As relações espaciais, por sua vez, correspondem às relações topológicas (proximidade, clausura, concentração, continuidade) por meio das quais os elementos estão inter-relacionados. Deste modo, *ler a estrutura espacial* significa investigar, nos diversos níveis espaciais, o modo como os elementos do espaço estão topologicamente inter-relacionados.⁶⁵ Este foi o método adotado para a realização da primeira fase da *Expedição Casas dos Sertões*.

Finalmente, em *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, percebemos não somente a continuidade, como o aprofundamento do método iniciado na obra anterior. Se antes, a *orientação* foi tomada como necessidade fundamental da existência humana, agora é acrescentada uma outra: a *identificação*. Quando tais necessidades são satisfeitas, o homem encontra sua base existencial, habita o mundo, e o espaço se converte em lugar.

O homem habita quando ele consegue orientar a si mesmo intimamente e identifica a si mesmo com o ambiente, ou, em resumo, quando ele experimenta o ambiente como significativo. Habitação, portanto, implica que o espaço onde a vida ocorre são lugares, no verdadeiro sentido da palavra.⁶⁶

Assim, nesta obra o *lugar* é tomado como conceito chave, entendido como a totalidade da relação homem-ambiente. Nesta relação, o homem se orienta por objetos e se identifica com qualidades, e imprime, ele mesmo, uma resposta no ambiente *dado*, por meio da habitação. Como consequência de tais coisas, o conceito de espaço existencial é aqui dividido nos termos complementares *espaço* e *caráter*. O espaço, do mesmo modo que na obra anterior, está relacionado com a orientação e corresponde ao modo como os elementos do espaço se encontram topologicamente

⁶⁴ Ibid., loc. cit.

⁶⁵ NORBERG-SCHULZ, 1971. passim.

⁶⁶ Id., 1980. p. 05.

inter-relacionados, enquanto o caráter está relacionado com a identificação e corresponde às qualidades dos elementos, remetendo à substância material destes. Juntos, *espaço* e *caráter* compõem a *estrutura do lugar*, que passa agora a ser o foco da investigação. Enquanto espaço habitado, o lugar é constituído tanto pelos *lugares naturais* como pelos criados pelo homem. Em termos concretos, significa que o lugar corresponde à síntese ***paisagem + assentamento***.

Além disso, aquela resposta que o homem dá ao ambiente por meio da habitação, combinada com a totalidade do ambiente dado entendida em termos de *espaço* e *caráter*, constitui o *Genius Loci* ou espírito do lugar. O *Genius Loci* é "...a realidade concreta que o homem tem que enfrentar e entrar em acordo na sua vida cotidiana"⁶⁷ para habitar. *Enfrentar* pressupõe conhecer e se orientar, enquanto que *entrar em acordo* pressupõe se identificar, de modo que o ***Genius Loci é a síntese espaço + caráter da síntese paisagem + casa***, e essa combinação particular do espaço com a qualidade ambiental do ambiente com a casa, determina a qualidade característica e distintiva, o espírito, o caráter, a atmosfera geral do lugar.

No que diz respeito à arquitetura, ela ainda é aqui entendida como a concretização do espaço existencial. Mas nesta obra, Norberg-Schulz enfatiza, em diversos momentos, que o *propósito* da arquitetura é *ajudar o homem a habitar*, ou seja, *transformar um local em lugar*. Para isto acontecer, aquela realidade concreta tem que ser enfrentada e acordada, de modo que "a arquitetura vem a ser quando um ambiente total é feito visível". Isto significa *concretizar o Genius Loci*, e se realiza "por meio das construções que reúnem as propriedades do lugar e as trazem para perto do homem".

Por todas essas coisas, esta obra avança profundamente na compreensão do espaço como dimensão da existência humana, quando comparada com a anterior. Não somente são inseridas as *qualidades* por meio do conceito de caráter, como a análise se volta agora para a compreensão das sínteses homem-ambiente e paisagem-assentamento, por meio do *Espírito do Lugar*. Tais coisas fundamentaram a segunda fase da Expedição Casas dos Sertões e a própria hipótese da pesquisa,

⁶⁷ NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 05.

de que *enquanto lugar, as casas rurais sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem, caracterizada pela concretização do Genius Loci do Sertão, sendo tal concretização baseada na compreensão que o sertanejo tem da natureza e manifestada numa simbiose estrutural entre as casas e a paisagem.* Devemos, portanto, olhar para esta teoria de modo mais aprofundado.

2.2 Arquitetura como concretização do *Genius Loci*

O homem não existe no mundo de forma estática. Para realizar a vida, o homem se movimenta: muda as posições do corpo, se desloca no espaço, manipula objetos, interage com pessoas e se relaciona com as coisas. Para se movimentar, o homem precisa **se orientar** no espaço, e isso faz da orientação uma necessidade humana fundamental. A orientação humana acontece em termos de objetos. Isto significa que, para conseguir se orientar, o homem precisa conhecer o ambiente que o circunda, e este conhecimento se dá através da compreensão do modo como as coisas estão espacialmente inter-relacionadas. Significa, portanto, que o ambiente, para servir à orientação humana, deve possuir uma certa ordem e permanência:

O interesse do homem no espaço tem raízes existenciais. Ele decorre de uma necessidade de compreender as relações vitais em seu ambiente, em trazer significado e ordem em um mundo de eventos e ações. Basicamente, o homem se orienta pelos objetos, ou seja, ele adapta fisiologicamente e tecnologicamente as coisas físicas, interage com outras pessoas e compreende as realidades abstratas, ou significados, que são transmitidos através de várias linguagens criadas para o propósito da comunicação.⁶⁸

No entanto, a capacidade de se orientar não nasce pronta com o indivíduo. Ao contrário, é desenvolvida ao longo do próprio desenvolvimento humano, o que significa que o homem tem que *aprender* a se orientar. A capacidade de se orientar faz com que o homem não esteja “perdido”, dando-lhe uma sensação de **segurança**. O aprendizado, por sua vez, ocorre por meio das experiências, que podem se dar de muitas formas distintas: pelas ações pragmáticas da vida cotidiana, pela percepção, pelo conhecimento científico, etc. Ou seja, o homem *conhece* o espaço através das experiências, e a cada nova experiência o espaço se torna para ele mais familiar.

⁶⁸ NORBERG-SCHULZ, 1971. p. 09.

Assim, a capacidade de orientação só é possível através do desenvolvimento de uma concepção espacial.

Mas o homem não existe no mundo de modo puramente racional e pragmático. Possui **sentimentos, anseios, desejos** que fazem parte da sua essência, e formam nele a necessidade mais fundamental: a de experimentar a sua existência como significativa,⁶⁹ de modo que a sua relação com o ambiente se dá por meio de processos tanto cognitivos quanto afetivos.⁷⁰ Além disso, também não se encontra sozinho no mundo. Desde o nascimento, é parte de um grupo que lhe comunica tanto o que espera dele, como o que ele mesmo pode esperar de si. Tais **expectativas**, que se referem às condutas esperadas, consideradas como adequadas às diversas situações de vida, correspondem às *noções* adotadas e compartilhadas pela coletividade da qual faz parte. Isto significa dizer que o homem é parte de uma **cultura** que tanto condiciona a sua percepção e representação, como lhe fornece possibilidades de escolhas dentro do que é considerado como culturalmente aceito.

O que chamamos cultura é uma **ordem** comum. Para que a cultura possa ser comum, deve ser ensinada e aprendida. Portanto, depende de sistemas de símbolos comuns, ou melhor dito, se corresponde com esses sistemas de símbolos e seus efeitos no comportamento. Participar em uma cultura significa saber utilizar seus símbolos comuns. A cultura integra a personalidade isolada dando-lhe um sentimento de segurança em um mundo ordenado e embasado em relações significativas.⁷¹

Tais coisas nos dizem que o homem precisa não apenas se orientar no espaço, mas também **se identificar** tanto com o ambiente que o circunda, como com a coletividade da qual faz parte, e através da identificação, o homem desenvolve a sensação de **pertencimento**,⁷² se sente “em casa” e “em grupo”. Deste modo, a sensação de pertencimento contribui para a sensação de segurança e vice-versa, sendo também desenvolvida por meio das experiências, mas depende, em grande medida, do que o indivíduo considera como satisfatório, a partir das noções compartilhadas coletivamente e das suas próprias particularidades individuais.

⁶⁹ NORBERG-SCHULZ, 1980, P. 23.

⁷⁰ Id., 1971. p. 09.

⁷¹ NORBERG-SCHULZ, 1980. p. 52.

⁷² NORBERG-SCHULZ, 1980, passim.

A orientação e a identificação são, portanto, duas necessidades elementares da existência espacial do homem. Elas permitem respectivamente, que o homem saiba *onde* e *como* está no mundo. Quando estas funções psicológicas estão plenamente desenvolvidas, o ambiente se torna significativo, e o espaço se transforma em **lugar**:

Podemos dizer, no geral, que uma das necessidades fundamentais do homem é a de experimentar significados no ambiente que o circunda. Quando isto se verifica, o espaço se converte em um conjunto de lugares.⁷³

Já dissemos que o lugar, enquanto espaço habitado, corresponde à totalidade da relação homem-ambiente, e que nessa relação o homem recebe um ambiente *dado* e imprime nele uma resposta por meio da habitação. Devemos dizer que disso resulta a afirmação de que “o lugar é um espaço com caráter distinto”, ou seja, com uma qualidade particular, e esta qualidade é resultante da habitação do homem no espaço, sendo formada pelas qualidades do ambiente *dado* e da resposta fornecida pelo homem.

O que, então, nós entendemos da palavra “lugar”? Obviamente nós entendermos algo mais do que uma localização abstrata. Nós entendemos uma totalidade feita de coisas concretas que têm substância material, forma, textura e cor. Juntas, essas coisas determinam o “caráter do ambiente” que é a essência do lugar. Em geral, um lugar é dado como um caráter ou “atmosfera”. O lugar é, portanto, um fenômeno “total”, qualitativo, que nós não podemos reduzir a nenhuma de suas propriedades, como as relações espaciais, sem perder sua natureza concreta de vista.⁷⁴

Mais acima, a experiência do ambiente significativo surge como necessidade existencial humana fundamental. Isso significa que, na sua relação com o ambiente, o homem deseja não somente se sentir seguro e protegido, mas necessita *pertencer* a um lugar. Quando estas necessidades são satisfeitas na sua plenitude, o homem alcança um ponto de apoio, uma base verdadeiramente existencial: o homem **habita** o mundo.

Habitar significa que o homem precisa conhecer intimamente o ambiente e se identificar com ele como parte sua, e precisa se orientar nesse ambiente e escolher sua localização no mundo, *se situar*, para que possa *ser*.⁷⁵ Antes de tudo, para ser capaz de realizar tais coisas, o homem precisa desenvolver uma *imagem do ambiente*, ou seja, “um sistema estável das relações

⁷³ NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitetura Occidental**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999. p. 223.

⁷⁴ NORBERG-SCHULZ, 1980. pp. 07-08.

⁷⁵ Ibid., p. 05.

tridimensionais entre objetos significativos”⁷⁶. Deste modo, a imagem que o homem tem do seu ambiente está relacionada com a *estrutura espacial*, e corresponde ao *espaço existencial* do homem: “Nós temos definido o espaço existencial como um sistema relativamente estável do esquema perceptivo, ou ‘imagem’ do ambiente”⁷⁷.

O espaço existencial é formado “...por elementos que tem certa invariância, como estruturas elementares universais (arquétipos) e estruturas socialmente ou culturalmente condicionadas, além de algumas idiosincrasias pessoais”⁷⁸. Deste modo, o espaço existencial faz o homem pertencer a uma totalidade social e cultural, ao mesmo tempo em que apresenta particularidades individuais. A partir disso, Norberg-Schulz estabelece uma diferenciação entre **espaços existenciais privados e espaços existenciais públicos**. Os primeiros se constituem mediante as **relações entre o indivíduo e seu entorno**, enquanto que os últimos estão constituídos pelas **propriedades que aparecem de forma mais estável e com maior frequência em um grande número de espaços existenciais privados, e são como uma tradição cultural**, experimentando um processo relativamente lento de desenvolvimento e transformação.⁷⁹

Participar na sociedade significa que o espaço existencial privado tem propriedades em comum com o espaço existencial público. Por isso o indivíduo pode “usar” o entorno de modo significativo.⁸⁰

Além disso, a participação das *estruturas socialmente ou culturalmente condicionadas* na constituição da imagem do ambiente implica que, em certa medida, existe uma *expectativa sobre a conduta esperada* do espaço, ou seja, sobre *como a estrutura do espaço deve ser*. Deste modo, a *imagem do ambiente* não diz respeito somente ao reconhecimento do ambiente *dado*, mas também à ideia de uma *estrutura espacial esperada*, e quando a estrutura do ambiente *dado* não corresponde à imagem que o homem tem do seu ambiente, (ou seja, não corresponde à estrutura do seu espaço existencial), o homem cria espaços, modifica seu entorno, corrige

⁷⁶ Id., 1971.

⁷⁷ NORBERG-SCHULZ, 1971.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ NORBERG-SCHULZ, 1999, p. 225. Grifo nosso.

⁸⁰ Ibid., loc. cit.

aspectos do ambiente em busca dessa correspondência, para conseguir experimentar seu ambiente como *significativo*.

Desde os tempos remotos, o homem tem não apenas atuado no espaço, percebido o espaço, existido no espaço e refletido sobre o espaço, mas ele tem também criado espaço para expressar a estrutura do seu mundo como uma verdadeira *imago-mundi*.⁸¹

Essa criação do espaço pelo homem é tratada, por Norberg-Schulz, como **arquitetura**. Para ele, independentemente de ser realizada por profissionais especializados ou não, a criação do espaço pelo homem está sobretudo relacionada com a *expressão da imagem que o homem tem do seu ambiente*:

Em certo sentido, qualquer homem que escolhe um lugar em seu ambiente para se assentar e viver, é um criador de espaço expressivo. Ele faz seu ambiente significativo assimilando-o para seus propósitos ao mesmo tempo em que se acomoda às condições ofertadas. [...] O espaço arquitetônico certamente tem que ser adaptado para as necessidades da ação orgânica assim como facilitar a orientação através da percepção. Ele pode também “ilustrar” certas teorias cognitivas do espaço, como quando construído em um sistema de coordenadas cartesianas com materiais concretos. **Mas sobretudo tudo isto está relacionado com o esquema espacial do mundo público e individual do homem.** Obviamente os esquemas do homem são criados através da interação com espaços arquitetônicos existentes, e quando estes não o satisfazem, ou seja, quando a sua imagem se torna confusa ou muito instável, ele terá que mudar o espaço arquitetônico. O espaço arquitetônico, portanto, pode ser definido como a concretização do espaço existencial do homem.⁸²

Disso resulta a afirmação de que *a arquitetura concretiza o espaço existencial*. Mas o que significa concretizar?

Na língua portuguesa, o termo *concretizar* significa “tornar concreto, real ou viável”, enquanto *concreto* corresponde ao “que existe em forma material”.⁸³ Tal significado encontra correspondência com o modo como Norberg-Schulz utiliza o termo em suas obras: “‘Concretizar’ aqui significa fazer o universal ‘visível’ como uma situação concreta, local”.⁸⁴ Podemos compreender melhor quando nos damos conta de que o espaço existencial é formado por diversos aspectos abstratos – noções,

⁸¹ NORBERG-SCHULZ, 1971. p. 11. Grifo nosso.

⁸² Ibid., pp. 11-12.

⁸³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010. Verbetes *Concretizar* e *Concreto*.

⁸⁴ NORBERG-SCHULZ, 1980. p. 10.

ideias e valores coletivos e individuais, de modo que dizer que a arquitetura concretiza o espaço existencial significa que tais *aspectos* são *traduzidos* em coisas concretas, com matéria e forma, e através desse processo o homem *dá significado* ao ambiente que o circunda: “O homem habita quando ele está apto a concretizar o mundo em construções e coisas”.⁸⁵

Mas devemos também lembrar que a arquitetura, enquanto espaço expressivo, ocorre quando o ambiente dado não corresponde ao espaço existencial do homem. Isto significa que, primordialmente, a concretização ocorre na relação do homem com o ambiente que o circunda. Também significa que as modificações são empreendidas com o intuito de alcançar a correspondência entre o ambiente *dado* e o espaço existencial, ou seja, podemos dizer que existe uma certa *intenção* de *corrigir* os aspectos do ambiente que não são satisfatórios, de modo que a *coisa* materializada *manifesta* as características do ambiente dado:

...o homem ‘recebe’ o ambiente e faz com que ele se concentre em edifícios e coisas. Assim, as coisas ‘explicam’ o ambiente e fazem seu caráter manifesto. Assim, as próprias coisas se tornam significativas.⁸⁶

Deste modo, na relação que as casas estabelecem com o ambiente, desenvolvida a partir daquela concretização, a casa se converte em *lugar* e o homem *habita* o mundo, experimentando o ambiente como significativo. Assim, o próprio ambiente – *habitado* – se converte em lugar, de modo que a análise da relação entre casa e ambiente deve considerá-los como tais.

Os lugares formam uma série gradual, na qual os diversos ‘graus’ são chamados por Norberg-Schulz de *níveis ambientais*. Os níveis mais elevados são mais abrangentes, e correspondem aos lugares naturais que contém os artificiais, que se encontram nos níveis mais baixos.⁸⁷ Dos diversos níveis tratados por Norberg-Schulz, dois particularmente nos interessam: a *paisagem*, que corresponde no nosso estudo ao que temos chamado até aqui de ‘ambiente’, e o *edifício*, que corresponde às casas.

⁸⁵ NORBERG-SCHULZ, 1980. p. 23.

⁸⁶ Ibid., p. 16.

⁸⁷ Ibid., p. 10.

Sendo assim, consideramos a **paisagem como o lugar natural** que contém **as casas enquanto lugares artificiais**, e o nosso intuito é **investigar a relação entre elas**.

Desde o começo dos tempos, o homem tem reconhecido que criar um lugar significa expressar a essência do ser. O lugar artificial onde ele vive não é uma mera ferramenta prática, ou o resultado de acontecimentos arbitrários, mas foi estruturado e incorpora significados. **Estes significados e estruturas são reflexos da compreensão do homem do ambiente natural e de sua situação existencial no geral.** Assim, um estudo dos lugares artificiais deve ter bases naturais: deve tomar a relação com o ambiente natural como ponto de partida.⁸⁸

De que modo tais coisas se refletem nesta tese? Primeiramente, que o *ambiente natural* tomado como ponto de partida é o Sertão. Em segundo lugar, que os significados incorporados pela casa e a sua própria estrutura são reflexos da compreensão que o sertanejo tem do Sertão, e da sua própria situação existencial. Isto significa que tanto o sertanejo como o Sertão se manifestam na casa, estão *concretizadas* nela. Tal concretização se realiza por meio dos processos de visualização, complementação e simbolização. Assim, o que dissemos antes a respeito de uma intenção de *corrigir* certos aspectos do ambiente dado, deve ser compreendido agora nesses termos:

Primeiramente, o homem quer fazer a estrutura natural mais precisa. Ou seja, ele quer *visualizar* sua *compreensão* do natural, *expressando* a base (ponto de apoio) existencial que ele adquiriu. Para alcançar isto, ele *constrói* o que ele tem visto. [...] Em segundo lugar, o homem tem que complementar a situação dada, adicionando o que está em falta. Finalmente, ele tem que simbolizar a sua compreensão da natureza, incluindo ele mesmo.⁸⁹

De que modo então a relação casa-paisagem, enquanto lugares, deve ser investigada em cada fase da pesquisa? Para responder esta pergunta, convém apresentar como o método foi adequado ao objeto e às intenções desta tese.

2.3 Do método ao objeto de estudo

Já explicitamos que intentamos realizar uma investigação arquitetônica da casa enquanto lugar, como concretização do *espaço existencial*, e como concretização do *genius loci*. Ora, mas afinal, o que a casa concretiza? Ora um, ora outro?

⁸⁸ NORBERG-SCHULZ, 1980. p. 50.

⁸⁹ Ibid., p. 17.

É preciso compreender que estas duas visões são complementares, e que juntas garantem a totalidade da compreensão do objeto arquitetônico. Quando a casa é vista como concretização do espaço existencial, estamos relacionando o indivíduo ao objeto arquitetônico. Significa que o homem, o ser, o habitante, no que é, na sua essência, é tornado material, visível, concreto, na arquitetura que elabora como resposta ao ambiente com o qual se depara na sua vida cotidiana. Já quando vemos a casa como concretização do *genius loci*, do espírito do lugar, estamos relacionando o ambiente com o objeto arquitetônico, ou seja, aqui é o ambiente que é feito visível na casa, e daí a afirmação de que casa e ambiente possuem uma similaridade estrutural. Tal relação é realizada pelo homem, pela sua compreensão do ambiente e pela resposta que elabora a partir desta compreensão, de modo que o homem é aqui o intermédio ambiente – objeto arquitetônico. Daí que aquela totalidade à qual nos referimos anteriormente diz respeito a esta (quase) santíssima trindade: **indivíduo – ambiente – casa**. Isto significa que na casa está concretizado não somente o espírito do lugar, como o próprio ser que a habita. Essas duas visões não são distintas, o que muda é o foco da análise: num caso, indivíduo-casa, no outro, ambiente-casa, e daí que as duas possibilidades de foco de abordagem estejam presentes no objetivo geral da pesquisa: *Diferenciar as casas rurais dos sertões cearenses das moradias promovidas pelas políticas públicas para o campo, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno e identificando a manifestação do genius loci do Sertão nas casas rurais dos sertões cearenses, considerando a compreensão que o sertanejo tem da natureza, e investigando a estrutura do lugar.*

Na primeira parte, que corresponde à **primeira fase da pesquisa**, o objetivo aponta para um estudo comparativo entre dois grupos de objetos diferentes – as casas sertanejas e as promovidas pelas políticas públicas – que são assim classificadas porque são criadas por diferentes agentes promotores (os sertanejos / as políticas). Daí o foco desta fase ser a arquitetura como concretização do espaço existencial, ideia central que fundamenta o método proposto por Norberg-Schulz em *Existence, Space and Architecture*⁹⁰, tomada como referência para a esta fase da pesquisa.

⁹⁰ NORBERG-SCHULZ, 1971.

Com base nesta obra, a análise da casa como lugar deve considerar a sua relação com os demais elementos do espaço – caminhos, regiões e outros lugares – com o intuito de perceber **o que a casa quer ser com relação ao seu entorno**. A *casa enquanto centro ou lugar* pode servir como local de ação, meta e ponto de referência e, para desempenhar tais papéis, ela é antes de tudo um fechamento que se comunica com seu entorno, devendo ter um limite ou borda bem definido que delimita um interior que se contrasta do exterior. Isto leva à investigação da **forma da casa, suas massas, seus limites, suas aberturas e superfícies**, além da sua orientação, com quais direções se comunica, por meio de quais caminhos, considerando as relações topológicas de **concentração, clausura e proximidade**.

Pelo caráter comparativo desta fase, as relações topológicas foram categorizadas de acordo com o grau de intensidade que apresentam. Isto significou identificar os edifícios com maior, médio e menor graus de proximidade, clausura e concentração, com o intuito de estabelecer comparações entre as moradias, a partir das relações topológicas. Para tanto, foram selecionados os aspectos da forma e do espaço que pudessem ser interpretados como reflexos de cada uma das relações topológicas analisadas. Por exemplo, para determinar o grau de proximidade de uma edificação, que aspectos deveriam ser observados. Feito isto, foram identificados os padrões de acontecimentos de cada aspecto vinculado às relações topológicas, e atribuídos, a cada padrão, um grau maior ou menor de intensidade.

Os diferentes graus das relações topológicas foram identificados por meio de um esquema de cores,, no qual a mais clara corresponde à maior disposição da casa para se relacionar com o entorno, com outros elementos e com a paisagem. Por exemplo, uma casa com grau máximo de proximidade está mais disposta a se relacionar com o exterior do que a que tem um grau mínimo de proximidade, enquanto que uma casa com maior grau de clausura se comunica menos com seu entorno do que uma casa com menor grau de clausura. Já com relação ao grau de concentração a relação se dá de forma similar ao grau de clausura: o grau máximo de concentração remete à percepção de que a casa está voltada para si, se relacionando menos com o entorno do que uma casa com grau mínimo de concentração. Ou seja, em termos de “disposição para se relacionar com o entorno”, a *proximidade* é inversamente proporcional à *clausura* e à *concentração*. Assim, para a proximidade, o maior grau recebeu a cor mais clara, e o menor grau a cor mais escura, enquanto que para a

concentração e clausura acontece o inverso: o maior grau obteve a cor mais escura, e o menor grau, a cor mais clara. Os quadros 5, 6 e 7 sintetizam os resultados deste procedimento, como forma de clarificar a categorização das relações e a sua atribuição com relação à disponibilidade da casa para se relacionar com o entorno, com os elementos e com a paisagem.

Quadro 5 - Síntese da categorização da relação topológica de proximidade.

01	GRAU DE PROXIMIDADE diz respeito à relação da casa com outros lugares/elementos		
	MÁXIMO	MÉDIO	MÍNIMO
COM RELAÇÃO A OUTROS LUGARES (EDIFÍCIOS)	<p>GEMINADA</p> <p>Possui pelo menos uma superfície-limite compartilhada com outra edificação. O entorno imediato é compartilhado pelas edificações que se encontram unidas. As edificações geminadas estabelecem proximidade máxima entre si, e suas identidades individuais são diluídas na identidade do conjunto edificado, devido à unidade volumétrica e à continuidade de fachadas. Remete ao estabelecimento de relações frequentes e cotidianas. Formam séries ou fileiras, com forte caráter de continuidade ou sucessão.</p>	<p>AGRUPADA</p> <p>Possui proximidade com outra(s) edificação(ões) sem compartilhar superfícies-limites. Têm controle individual sobre o entorno imediato. As edificações agrupadas estabelecem uma proximidade de grau médio entre si e configuram uma localidade ou povoado. Compartilham certos padrões formais e/ou construtivos mas mantêm a identidade individual dentro do grupo. Formam cachos e remetem ao estabelecimento de relações com graus de frequência e intimidade menores do que no caso das geminadas.</p>	<p>ISOLADA</p> <p>Não possui proximidade com outras edificações, dominando um entorno mais extenso do que no caso das agrupadas. Ao invés de se aproximar, se afasta das demais edificações e, por isso, não configura uma ocupação coletiva, mas sim pontual. Estabelece relações mais raras com os demais lugares, uma vez que, a partir dela, caminhos mais longos devem ser percorridos para acessar outros lugares. Transmite a ideia de autossuficiência, dado o isolamento, e se destaca como massa concentrada na paisagem.</p>
COM RELAÇÃO AOS CAMINHOS (VIA PRINCIPAL)	<p>ALINHADA</p> <p>No alinhamento, junto à via. O espaço de transição entre a via e a casa é mínimo. Se comunica diretamente com o caminho que leva para outros lugares, o que remete a uma necessidade de deslocamento frequente e de facilidade de acesso, atuando intensamente como ponto de partida e meta. Está mais exposta a um público mais amplo do que as demais.</p>	<p>RECUADA</p> <p>Possui um recuo entre a via e a casa, que se caracteriza como espaço de transição entre estes dois níveis espaciais. O recuo se configura como uma continuidade espacial da via pela ausência de obstáculos, possibilitando a continuidade do percurso, ainda que as características materiais de um e de outro sejam diferentes. A mudança de direção do caminho para acessar a casa é mínima, e esta é acessada de forma direta através de um terreiro (recuo). Não demonstra a intenção de se afastar do que acontece no caminho, mas está menos exposta do que a alinhada.</p>	<p>AFASTADA</p> <p>Possui obstáculos entre a casa e a via, de modo que o acesso à primeira se dá pela mudança de direção e caminho, configurando uma ruptura espacial entre a via e a casa. Os obstáculos podem se dar pela presença de vegetação ou pela diferença de nível entre a casa e a via (um barranco, uma vala, etc.), existindo assim não um espaço de transição como no caso da recuada, mas uma entrada específica para se dirigir à casa, sendo necessário percorrer caminhos "secundários". Encontra-se separada da via, demonstrando a intenção de se afastar do que nela acontece.</p>
ORIENTAÇÃO DA FACHADA PRINCIPAL	<p>PARA A VIA PRINCIPAL</p> <p>A casa que se orienta para a via principal está aberta a uma escala maior de relacionamentos do que as demais, uma vez que a referência que a casa faz aos caminhos demonstra uma maior disposição de se relacionar com lugares que são por ele acessados. Quando os caminhos se mostram importantes, servindo de referência para a orientação da casa, remete à ideia de que os lugares para os quais ele nos leva também tem a sua importância. Assim, a casa se relaciona com uma região mais abrangente do que nos demais casos.</p>	<p>PARA OUTROS EDIFÍCIOS</p> <p>A casa orientada para outros edifícios que se encontram no seu entorno remete a uma relação em nível mais local. Se a casa deixa de se orientar para os caminhos para se orientar para outros edifícios, é o nível local mais importante do que os lugares além dos caminhos.</p>	<p>PARA O TERRENO</p> <p>A casa orientada para o seu próprio entorno, quando neste não se apresentam caminhos nem outros edifícios, nos remete à relação da casa consigo mesma. É o que acontece sob seu domínio que necessita de uma comunicação mais imediata e direta, ficando as regiões para além dos seus limites em segundo plano.</p>

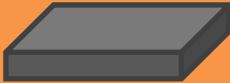
Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 6 - Síntese da categorização da relação topológica de clausura.

02	GRAU DE CLAUSURA diz respeito ao grau de comunicação da casa com o entorno		
	MÁXIMO	MÉDIO	MÍNIMO
LIMITES DO TERRENO	<p>MURO</p> <p>Define o entorno de domínio da casa e promove uma ruptura espacial intensa, pois se configura como um obstáculo ao percurso. O entorno definido por muro pode ser considerado já como espaço interno, com acesso por um (ou mais) ponto específico do limite. O muro também não permite a continuidade visual, elevando o grau de privacidade dos habitantes da casa, mesmo quando se está fora do edifício – mas dentro do muro. Remete à intenção de isolamento, com maior grau de clausura ou fechamento.</p>	<p>CERCA</p> <p>A cerca também define o entorno de domínio da casa e serve de obstáculo ao percurso, mas a sua transparência permite a continuidade visual entre o que está dentro e fora, diminuindo o grau de privacidade dos habitantes da casa, ao mesmo tempo em que aumenta o controle visual que estes têm do entorno, para além dos limites do terreno. O+ entorno definido pela cerca se configura como um espaço de transição entre o totalmente fora e o totalmente dentro, apresentando grau médio de clausura ou fechamento.</p>	<p>AUSENTE</p> <p>A ausência de limites do entorno imediato da casa indica a indefinição da porção do entorno que a casa domina. Para além das suas paredes, a casa se mistura com a paisagem, sendo a própria edificação o único limite entre "dentro" e "fora". Neste caso, em relação aos limites do terreno, a casa se apresenta com menor grau de fechamento.</p>
ABERTURAS NA FACHADA PRINCIPAL	<p>1 PORTA SEM JANELAS</p> <p>A presença de apenas uma porta na fachada principal, nos remete a percepção de que aquela abertura única tem a função apenas de entrar e sair. Não convida a uma permanência nas suas proximidades, nem possibilita a visão de dentro para quem está fora, vice-versa. A fachada principal está, neste caso, mais fechada, uma vez que se encontra mais protegida em termos visuais.</p>	<p>1 PORTA COM JANELAS</p> <p>A casa que possui apenas uma porta junto com janelas permite tanto o acesso como uma maior comunicação entre o interior e o exterior do que no caso anterior. Ainda assim, possui um grau de fechamento intermediário, uma vez que o entrar e o sair devem acontecer em um ponto específico, ou seja, existe apenas uma possibilidade de acesso, possibilitando um maior controle sobre esses movimentos.</p>	<p>MAIS DE 1 PORTA</p> <p>A casa com mais de uma porta na fachada principal, fornece mais possibilidade ao movimento de entrar e sair, dissolvendo o limite do edifício. Quanto maior o número de portas, mais a fachada principal se caracteriza como uma superfície vazada. Vista de fora, a casa com mais de uma porta remete a um convite para adentrar em seus espaços. Se mostra aberta, mesmo quando com as portas fechadas.</p>
RELAÇÃO COM A VEGETAÇÃO	<p>ESCONDIDA</p> <p>Na casa escondida, o obstáculo visual é máximo pela presença de grande massa caracterizada por vegetação de grande porte que oculta a casa na paisagem. A casa escondida nos remete ao desejo de não ser vista com facilidade ou, em outras palavras, de passar despercebida pelos transeuntes ocasionais. A vegetação define um espaço de extensão da casa, uma vez que suas sombras certamente são aproveitadas para a realização de atividades diversas no exterior do edifício.</p>	<p>PROTEGIDA</p> <p>Na casa protegida, o obstáculo visual é intermediário pela presença de massa vegetativa caracterizada por arbustos ou poucas árvores, que protegem visualmente determinados espaços do seu entorno ou elementos da edificação. A vegetação define uma porção do entorno que possui uma relação mais íntima com a casa do que o restante, mas não se caracteriza como uma extensão desta pela escassez ou mesmo ausência de sombras. Os transeuntes não deixam de ver a casa, mas têm dela uma visão parcial, uma vez que a vegetação configura obstáculos visuais.</p>	<p>EXPOSTA</p> <p>Na casa exposta, o obstáculo visual é mínimo, ou porque a vegetação que existe não se configura como obstáculo visual, ou porque está ausente, fazendo com que a casa se encontre totalmente visível aos transeuntes. Não há diferenciação do entorno imediato pela vegetação, sendo suas paredes externas o limite entre dentro e fora.</p>
ESPAÇOS DE TRANSIÇÃO VARANDA, ALPENDRE, COBERTA.	<p>AUSENTE</p> <p>Uma casa sem espaços de transição possui um grau máximo de clausura, uma vez que nela não há meio termo: ou se está dentro, ou se está fora de casa. Suas paredes externas são o único limite entre essas duas experiências, e se tratam de limites rígidos e inflexíveis, que só podem ser ultrapassados pelas portas. Assim, os acontecimentos externos não participam dos internos, e vice-versa.</p>	<p>PRESENTE EM 1 OU 2 FACHADAS</p> <p>A presença de espaços de transição em uma ou duas fachadas, por sua vez, tem a tensão entre dentro e fora diminuída, mas em um nível intermediário. Nestes casos, os espaços de transição acabam indicando direções ou mesmo porções do entorno imediato com as quais a casa estabelece uma relação mais frequente, ou mesmo um maior domínio, controle e vigilância sobre as atividades e os acontecimentos ali ocorridos, ao mesmo tempo em que permanece fechada para aquelas direções e porções do entorno onde não há a presença destes espaços.</p>	<p>PRESENTE EM 3 OU 4 FACHADAS</p> <p>Já quando os espaços de transição estão presentes em 3 ou quatro fachadas, se diminui a tensão entre dentro e fora, ao mesmo tempo em que se ampliam as direções e porções do entorno imediato com as quais a casa estabelece relações e domínios mais próximos.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 7 - Síntese da categorização da relação topológica de concentração.

03	GRAU DE CONCENTRAÇÃO diz respeito ao caráter de massa e ao isolamento com relação ao entorno		
	MÁXIMO	MÉDIO	MÍNIMO
VOLUME PREDOMINANTE	 <p>Por possuir suas dimensões de altura, largura e profundidade iguais, a forma do cubo apresenta o grau máximo de concentração, pois nos remete mais a um ponto do que a uma direção horizontal ou vertical. Remete ao local escolhido para a implantação da casa, uma massa bem definida e concentrada na paisagem. Se considerarmos a região de influência da casa em seu entorno imediato, podemos dizer que tal região é circular e que a casa se configura como seu centro.</p>	 <p>O prisma de base quadrada, mas cuja altura é inferior aos lados da base, possui um grau intermediário de concentração. Diferente do cubo, não nos remete ao ponto, mas a uma horizontalidade por conta da diferença dimensional entre altura e largura/profundidade. A casa com esta forma ainda possui uma região de influência circular, mas "se espalha" pelo terreno, remetendo a uma massa central menos densa.</p>	 <p>Possui um grau de concentração mínimo. Nos remete a uma linearidade em determinada direção horizontal, e assim a sua região de influência é elíptica, na qual a casa se configura não como um centro, mas como um eixo.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da categorização das relações topológicas, a classificação das moradias por agente promotor pareceu essencial para a visão direcionada ao objeto de estudo na primeira fase da pesquisa: da casa (arquitetura) como concretização do espaço existencial. Isto é certo, na medida em que aquele que concretiza é o mesmo que habita. Mas isso nem sempre ocorre, e nos cabe então perguntar: quem concretiza a casa, e de quem é o espaço existencial que deveria estar concretizado na moradia? A resposta à última questão é certa: de quem a habita. Mas, como dito, nem sempre a casa é construída por seus habitantes, e isto só ocorre nos casos das moradias autopromovidas. Em quaisquer outros não. Na relação arquiteto-cliente, por exemplo, o que ocorre é um intermédio, uma síntese, um acordo, entre os espaços existenciais desses dois agentes. E mesmo considerando que o primeiro possua uma capacidade profunda de apreender, captar e interpretar o espaço existencial do segundo e traduzi-lo em arquitetura, ainda podemos dizer que a arquitetura, neste caso, concretiza apenas em certa medida o espaço existencial de quem a habita. Em outros processos, como a promoção de casas por meio de políticas públicas, nos quais historicamente os habitantes não tem nenhuma participação nas definições acerca da casa, e muito pelo contrário, estas se tratam, na maioria dos casos, de modelos reproduzidos nas mais diversas regiões do país, podemos dizer que, na verdade, a arquitetura concretiza a visão de mundo daquele que a faz, 'daquele' sendo entendido aqui como um técnico, um grupo de profissionais, uma empresa ou uma instituição.

Bom, mas nós poderíamos nos questionar: se o espaço existencial possui tanto uma dimensão pública (valores comuns, noções compartilhadas) como privada

(idiosincrasias pessoais), então em qualquer caso essa 'noção compartilhada' não estaria concretizada na casa? Bem, o próprio Norberg-Schulz nos fala que "as coisas e os edifícios participam das situações sociais"⁹¹ e que "Ao definir a função do edifício [em outras palavras, o que o edifício quer ser], temos que ter isto em conta, e fazer um balanço dos fatores sociais que devem intervir na concretização arquitetônica."⁹² Por conta disso, é que nos diz que "o objetivo social de um edifício pode ser a expressão de um 'status', um papel, um grupo, uma coletividade ou uma instituição; e um conjunto de edifícios pode representar o sistema social como uma totalidade"⁹³. Deste modo, não levar em conta os agentes produtores certamente resultaria numa divergência, para não dizer um engano, nas conclusões resultantes, visto que estaríamos buscando similaridades e disparidades entre casas que concretizam os espaços existenciais dos seus habitantes, e aquelas que concretizam os espaços existenciais de outros. Assim, a classificação das casas por agente produtor permitiu primeiramente a caracterização de cada classe para, posteriormente, estabelecer a análise comparativa entre elas. As classes resultantes estão descritas no Quadro 8.

Quadro 8 - Classes de moradias por agente promotor.

<p>Casas autopromovidas: São aquelas viabilizadas, em todas as suas esferas, por quem a habita. Como dito acima, podemos considerar, a priori, que enquanto arquitetura, são tais moradias que de fato concretizam o espaço existencial dos seus habitantes.</p>
<p>Conjuntos habitacionais: Promovidos pelas políticas públicas habitacionais que, historicamente, estão vinculadas ao enfrentamento da questão da moradia nas zonas urbanas. Apenas recentemente a política habitacional brasileira passou a abranger o problema da moradia nas zonas rurais, notadamente através do Programa Minha Casa Minha Vida Rural, mas sem desenvolver nenhum esforço de compreensão das diferenças entre o problema da moradia na cidade e no campo. No que diz respeito à casa propriamente dita, a diferenciação foi sintetizada na exigência de que os projetos devem estar <i>culturalmente adequados</i> aos modos de vida, sem fazer nenhuma menção do que seja uma 'moradia culturalmente adequada'. Aliás, quando comparamos as tipologias mínimas recomendadas para a cidade e para o campo, no âmbito do mesmo programa, verificamos que não existe nenhuma diferença substancial entre uma e outra. Este é, precisamente, o fato que se encontra na motivação original da pesquisa, e dele podemos deduzir que os padrões urbanos estejam sendo reproduzidos nas zonas rurais. Utilizando o linguajar metodológico adotado nesta investigação, ousamos dizer que, em se tratando da política habitacional para o campo, a arquitetura está concretizando o espaço existencial urbano no campo.</p>
<p>Assentamentos rurais: Promovidos, como os anteriores, por meio de políticas públicas, mas aqui no âmbito da reforma agrária. As moradias dos assentamentos rurais não são objeto de uma política específica, mas um componente de uma política mais ampla que tem, como área de atuação, o mundo rural. Daí se supõe que as casas aqui estejam mais condizentes com o modo de vida rural, mas ainda assim não concretizam o espaço existencial de quem as habita, já que se trata de um modelo a ser reproduzido para todos os casos.</p>
<p>Acampamentos de movimentos sociais: Como no primeiro caso, são autopromovidos, mas diverge daquele pela situação social vivenciada. A casa, neste caso, o barraco, é levantado por necessidades emergenciais e com a finalidade de ser temporário. A necessidade maior aqui não é morar, fazer desta moradia um lar, mas resistir, permanecer ocupando, se defender. Daí consideramos que não podemos igualá-las primeiras, feitas para a vida toda e, portanto, para acolher todas as mudanças do ciclo familiar.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

⁹¹ NORBERG-SCHULZ, 1965, p. 118.

⁹² Ibid., loc. cit.

⁹³ Ibid., loc. cit.

Já a segunda parte do objetivo geral, que corresponde à **segunda fase da pesquisa**, nos diz que a manifestação do *genius loci* nas casas é o que caracteriza a relação que as casas sertanejas estabelecem com a paisagem, que, por sua vez, é o que diferencia as casas sertanejas das demais. Ou seja, nos diz que o que faz de uma casa sertaneja, uma casa sertaneja, é o fato de nela estar visível e materializado o sertanejo e o sertão, de modo que a concretização do *genius loci* do sertão é o que lhe confere a sua essência. Daí o foco desta fase ser a arquitetura como concretização do *genius loci*, ideia central que fundamenta o método proposto por Norberg-Schulz em *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*⁹⁴, tomada como referência para a segunda fase da pesquisa.

Se a concretização é realizada com o intuito de alcançar uma correspondência entre o ambiente e a estrutura do espaço existencial, então a investigação tem um caráter estrutural. Isto significa considerar que os lugares são totalidades concretas, que possuem uma estrutura que pode ser lida e analisada. Ao mesmo tempo, a busca da correspondência estrutural se faz pela necessidade fundamental do homem de *habitar*, ou seja, de experimentar o ambiente como significativo, de conseguir se orientar intimamente e identificar a si mesmo com o ambiente. Como já dissemos, tais necessidades (orientação e identificação) estão relacionadas com dois aspectos elementares das estruturas dos lugares: o *espaço* e o *caráter*.

Nós temos usado a palavra 'habitar' para indicar a relação total homem-ambiente. [...] Quando o homem habita, ele está simultaneamente **localizado no espaço** e **exposto a um certo caráter ambiental**. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas de 'orientação' e 'identificação'. Para alcançar uma posição existencial, o homem deve ser hábil para orientar a si mesmo; ele tem que saber *onde* ele está. Mas ele também tem que identificar ele mesmo com o ambiente, ou seja, ele tem que saber *como* ele está em determinado lugar.⁹⁵

Na investigação da estrutura do lugar, a leitura do **espaço** busca compreender o modo como os elementos espaciais, identificados como área/domínio, centro/lugar e direções/caminhos, estão inter-relacionados por meio das relações topológicas de clausura, concentração e proximidade. A qualidade distintiva da paisagem é a *extensão*, e a sua leitura espacial deve buscar compreender *como se estende*. A casa,

⁹⁴ NORBERG-SCHULZ, 1980.

⁹⁵ Ibid., p. 19.

por sua vez, se distingue essencialmente como *espaço interior*, de modo que a sua leitura espacial deve buscar compreender *como se fecha*.

Já a leitura do carácter compreende dois aspectos: a *atmosfera geral* e a forma e a substância concreta dos elementos definidores do espaço⁹⁶:

Qualquer presença real está intimamente ligada com um carácter. A fenomenologia do carácter deve incluir a investigação do carácter manifesto, assim como uma investigação dos seus determinantes concretos.⁹⁷

Os dois aspectos do carácter estão inter-relacionados: da atmosfera geral participam as condições material e formal do lugar, daí que o ponto de partida para a leitura do carácter é a identificação de *como* são os limites que definem o lugar. Como a natureza essencial do limite é a definição de um interior que se diferencia do exterior, o *como* dos limites manifesta uma relação particular entre *dentro-fora*. Na paisagem, “quando o homem habita, o mundo se torna dentro”⁹⁸ sendo este mundo habitado limitado abaixo pelo solo, e acima pelo céu, o que significa identificar *como* é a terra e o céu. Nas casas, os limites são as superfícies envoltórias da construção, ou seja, o piso, as paredes e o teto, significando identificar *como o edifício fica no chão, e como se eleva ao céu*. Todas essas leituras do espaço e do carácter, no entanto, devem ser realizadas simultaneamente, buscando a compreensão da totalidade do lugar.

Já o aspecto mais geral do carácter, a *atmosfera geral compreensível* ou *carácter manifesto*, corresponde à qualidade ambiental concreta do lugar, ou seja, do espaço habitado, da totalidade paisagem + assentamento. Isso implica que, nesta qualidade, estão presentes os aspectos naturais e artificiais do ambiente. No caso deste estudo, os aspectos naturais são o *ambiente dado*, o Sertão, a *realidade concreta que o homem tem que enfrentar e entrar em acordo na sua vida cotidiana, o Genius Loci*. Já os aspectos artificiais são as modificações realizadas pelo homem no ambiente, com base na compreensão que ele tem da *natureza do Sertão*, com o intuito de *habitar*, são as casas – a arquitetura que concretiza o *Genius Loci*. Isto significa que as casas

⁹⁶ NORBERG-SCHULZ, 1980. p. 14.

⁹⁷ Ibid., loc. cit.

⁹⁸ Ibid., p. 10.

concretizam o *Genius Loci* do sertão, e fazem o ambiente total visível, e isto se manifesta pela simbiose entre as estruturas do lugar *casa* e do lugar *sertão*.

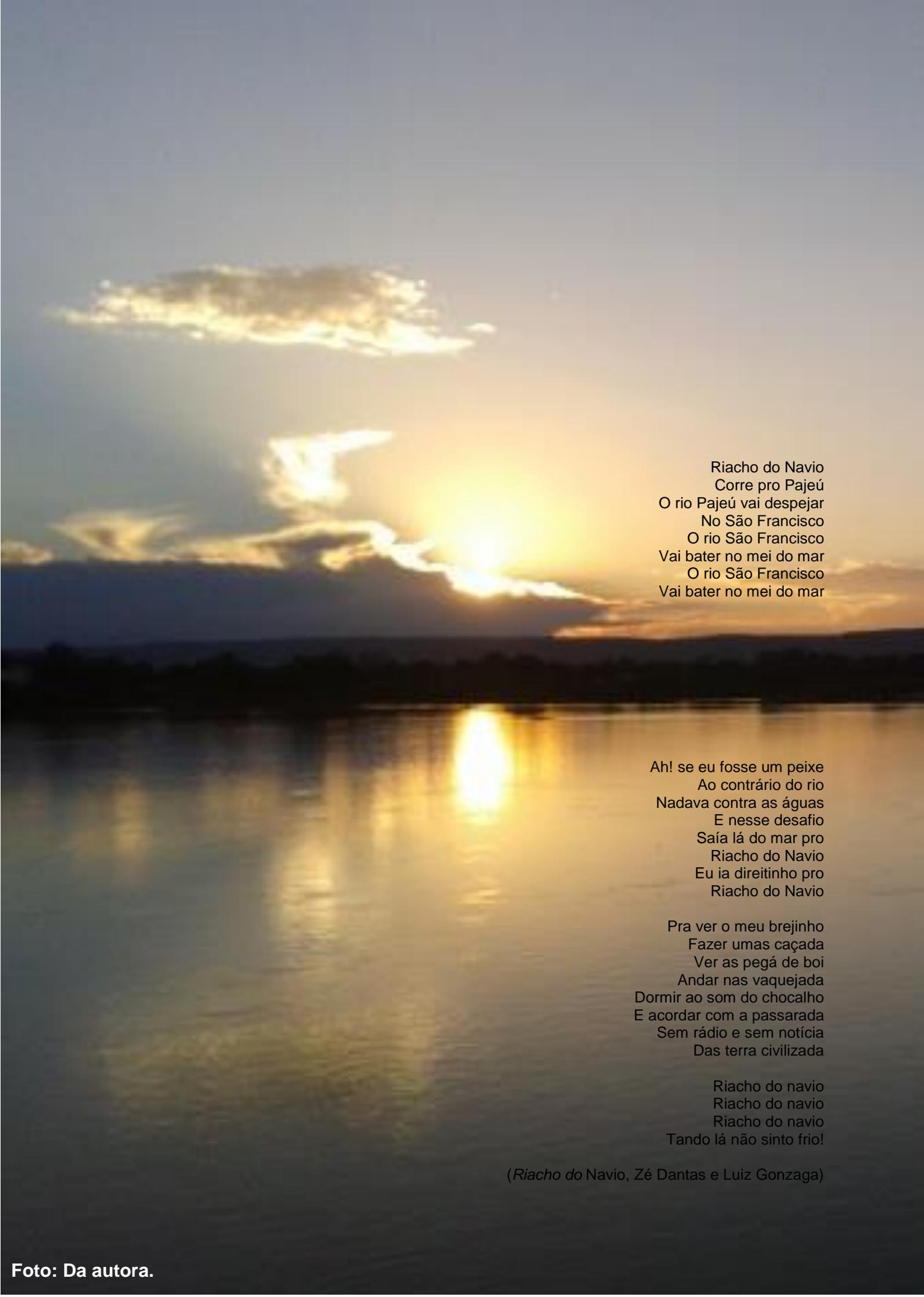
A definição do *modo de fazer* a primeira e a segunda fase da pesquisa, em conjunto com os recortes temporais e as categorias de análise apresentados na introdução desta tese, resulta no desenho da estrutura metodológica da Expedição Casas dos Sertões, sintetizada no Quadro 9.

Quadro 9 - Estrutura metodológica da Expedição Casas dos Sertões.

	Visão / Referência	Espaço	Investigando	Por meio das relações	Através do estudo
FASE 1	<i>Arquitetura como concretização do espaço existencial – Existence, Space and Architecture</i>	<i>Trecho 1: Sertão de Dentro / Rio São Francisco</i>	A relação da casa com os demais elementos do espaço (lugares, caminhos, domínios)	Proximidade Clausura Concentração	Da forma (volumes, limites, orientações, aberturas, localizações)
FASE 2	<i>Arquitetura como concretização do genius loci – Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture</i>	<i>Trecho 2: Estrada Geral do Jaguaribe / Rio Jaguaribe</i>	A similaridade estrutural entre a casa e a paisagem	Proximidade Clausura Concentração Continuidade Ruptura Sucessão	Do espaço (lugares, caminhos e domínios) Do caráter (limites, aberturas, densidades, texturas, orientações, localizações)

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da estrutura metodológica aqui desenhada, iniciamos os preparativos para a realização da primeira jornada, conforme apresentamos a seguir.



Riacho do Navio
Corre pro Pajeú
O rio Pajeú vai despejar
No São Francisco
O rio São Francisco
Vai bater no mei do mar
O rio São Francisco
Vai bater no mei do mar

Ah! se eu fosse um peixe
Ao contrário do rio
Nadava contra as águas
E nesse desafio
Saía lá do mar pro
Riacho do Navio
Eu ia direitinho pro
Riacho do Navio

Pra ver o meu brejinho
Fazer umas caçada
Ver as pegá de boi
Andar nas vaquejada
Dormir ao som do chocalho
E acordar com a passarada
Sem rádio e sem notícia
Das terra civilizada

Riacho do navio
Riacho do navio
Riacho do navio
Tando lá não sinto frio!

(*Riacho do Navio*, Zé Dantas e Luiz Gonzaga)

3 AS CASAS RURAIS DOS SERTÕES DE DENTRO

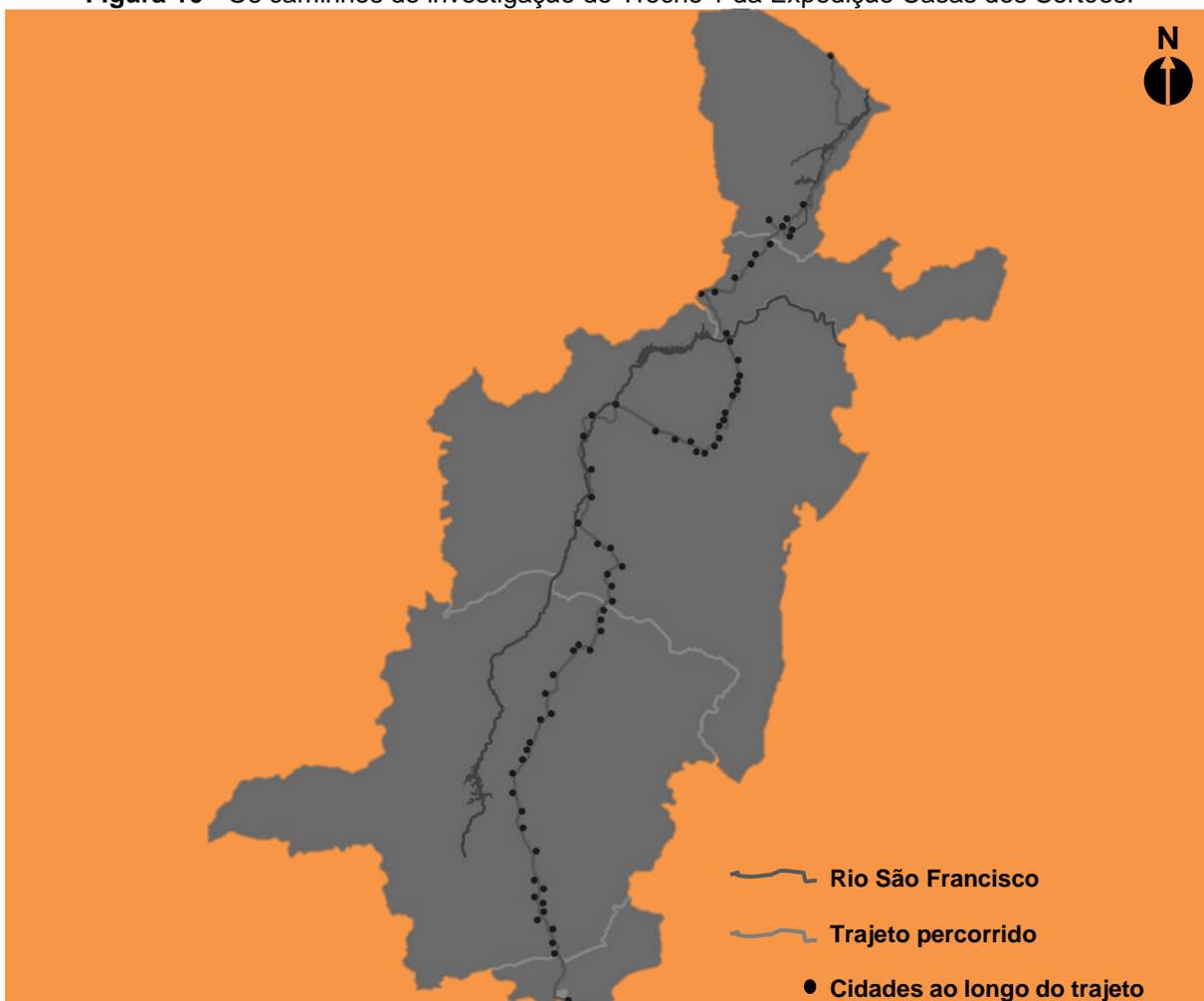
Este capítulo objetiva apresentar a primeira experiência da Expedição Casas dos Sertões, realizada ao longo do Rio São Francisco, com o intuito de diferenciar as casas sertanejas das promovidas pelas políticas públicas, caracterizando o modo como ambas se relacionam com o entorno. Esta experiência constou de 4 partes: o planejamento da primeira jornada, que consistiu na tomada das decisões finais para a pesquisa de campo; a expedição propriamente dita, neste caso, referente ao Trecho 1 – Sertões de Dentro; o tratamento e a análise dos dados coletados e dos materiais produzidos na pesquisa de campo; finalmente, a elaboração das conclusões a partir da análise realizada. Essa estrutura da experiência serviu de referência para a organização deste capítulo, cujas subseções correspondem a cada uma destas partes, conforme segue.

3.1 Fazendo as malas

O planejamento da primeira jornada se iniciou com a definição da rota a ser traçada. Tomando, como ponto de partida, o caminho de referência definido para o Trecho 1, este caminho passou por adequações, considerando o ponto de origem (Niterói-RJ) e de destino (Fortaleza – CE), e questões logísticas, tais como a situação das estradas, a segurança e o tempo de percurso. Posteriormente, foi feita uma análise das cidades e localidades ao longo do caminho, com o intuito de identificar os lugares que mais poderiam contribuir com a pesquisa, tendo como critérios o processo de origem do lugar, a relevância arquitetônica e cultural. Para realizar esta análise, optou-se por buscar fontes “de dentro” desses lugares, evitando que “olhares estrangeiros” guiassem as definições e escolhas. Parecia importante que o próprio lugar ou pessoas dali dissessem que, entre seus orgulhos, possuem fatos, histórias, edifícios e/ou registros de interesse para a pesquisa. Assim, tal análise foi realizada em meio virtual, se utilizando de buscas e contatos através dos sites oficiais de governos locais, dos institutos de patrimônio artístico e cultural, de turismo e de cultura, bem como de blogs de radialistas e historiadores locais. Para cada município analisado foi criada uma ficha contendo as informações mais importantes – breve histórico da origem do município, pontos de interesse para a pesquisa, possíveis instituições e/ou pessoas a serem visitadas e/ou entrevistadas, e contatos de hospedagens no local. Através da comparação das fichas, foi possível definir os locais

de pouso ao longo do trajeto, bem como aqueles pontos mais interessantes, cuja passagem deveria ser mais demorada. Além disso, o catálogo das fichas serviu de guia ao longo do caminho sobre os locais de passagem. Ao final, o primeiro trecho da Expedição Casas dos Sertões, definido para a Etapa 1 da pesquisa, resultou no seguinte desenho (Figura 10).

Figura 10 - Os caminhos de investigação do Trecho 1 da Expedição Casas dos Sertões.



Fonte: Produzido pela autora.

Após o desenho do trajeto, foi realizado o planejamento do roteiro em termos de distâncias e tempos, resultando no Quadro 10, apresentado na página seguinte.

Com o roteiro planejado, foram tomadas as providências logísticas da expedição: revisão do carro, obtenção dos equipamentos necessários, tais como máquina fotográfica, GPS, bloco de notas, trena, mapa rodoviário, etc., e produção do material de suporte, como o catálogo das fichas das cidades e as pranchas para levantamentos arquitetônicos. Com tudo pronto, se iniciou a primeira experiência da Expedição Casas dos Sertões, apresentada a seguir.

Quadro 10 – Expedição Casas dos Sertões - Roteiro do Trecho 1.

dia	07:00	07:30	08:00	08:30	09:00	09:30	10:00	10:30	11:00	11:30	12:00	12:30	13:00	13:30	14:00	14:30	15:00	16:00	16:30	17:00	17:30	18:00	18:30	19:00	19:30	KM / DIA	KM ACUMUL
1	NITERÓI - SETE LAGOAS - 512KM																									512,00	
2	SETE LAGOAS - MG	SETE LAGOAS - MONTES CLAROS - 358KM										MONTES CLAROS - PORTERINHA - 171 KM		PORTERINHA - MONTE AZUL - 75,8 KM	MONTE AZUL - MG										605,80		
3	MONTE AZUL - MG	MONTE AZUL - BOM JESUS DA LAPA - 275 KM										BOM JESUS DA LAPA - BA	B. J. DA LAPA - PARATINGA - 75 KM	PARATINGA - BA										416,00			
4	IBOTIRAMA - BA	IBOTIRAMA - BARRA - 161 KM										BARRA - TORRINHA - 73 KM	TORRINHA - BA	BARRA - XIQUE - 87 KM										506,00			
5	IRECÊ - BA	IRECÊ - VILA VENTURA - 120 KM										VILA VENTURA - SENHOR DO BONFIM - 221 KM	S. BONFIM - BA	SENHOR DO BONFIM - JUAZEIRO - 126 KM										467,00			
6	JUAZEIRO - BA		JUAZEIRO - PETROLINA										PETROLINA - PE										-				
7	JUAZEIRO - BA	JUAZEIRO - CABOCCLO - 131KM										POVOADO DE CABOCCLO (AFFRÂNIO) - PE										346,00					
8	EXU - PE																									2.852,80	
9	CRATO - CE	CRATO - BARBALHA - 20KM										BARBALHA - LAVRAS - 106 KM	EXU - NOVA OLINDA - 82 KM	NOVA OLINDA - CE	N. OLINDA - CRATO - 40 KM										122,00		
10	LAVRAS - CE	LAVRAS DA MANGABEIRA - FORTALEZA - 440 KM										LAVRAS DA MANGABEIRA - CE										126,00					
												FORTALEZA - CE										440,00					

Locais de pouso em MG

Locais de pouso na BA

Locais de pouso em PE

Locais de pouso no CE

Em trânsito

Fonte: Produzido pela autora.

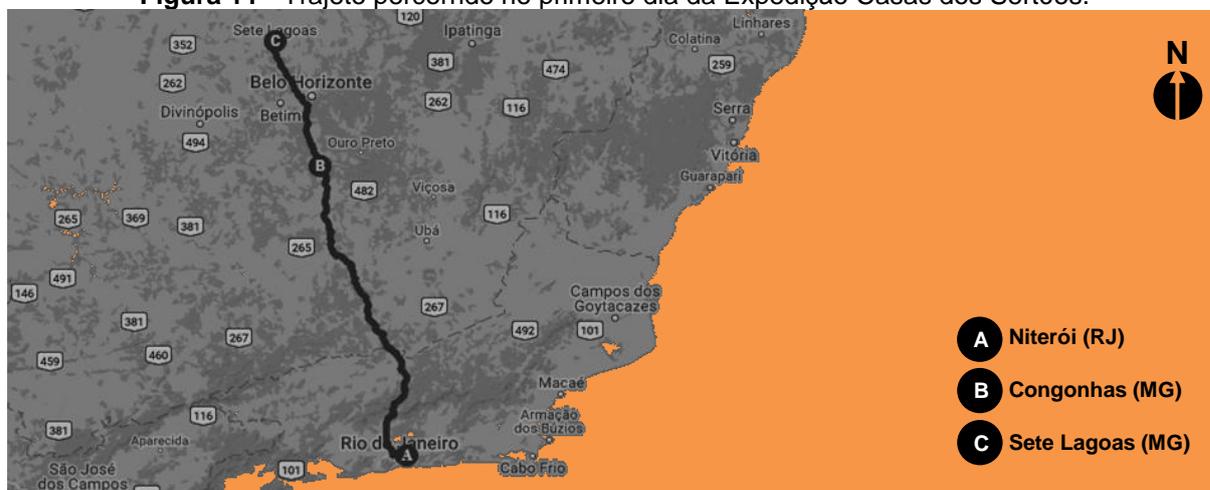
3.2 Pé na estrada

O primeiro trecho da Expedição Casas dos Sertões foi feito em família, pela autora desta tese, seu esposo Rodrigo, Arquiteto e Urbanista e Especialista em Conservação do Patrimônio, e a filha do casal, Mirela, que na época era um bebezinho de 2 meses na barriga da mãe. Segue agora um relato dessa experiência, escrito em forma de diário de campo, com linguagem simples e informal, com o intuito de apresentar não somente as coisas que fizemos, mas as impressões – ou experiências – que fomos vivenciando ao longo do caminho. O relato está subdividido em tópicos, cada um referente a um dia de viagem.

3.2.1 Primeiro dia: Niterói (RJ) – Sete Lagoas (MG)

Partimos de Niterói (RJ) no dia 25 de janeiro de 2014, tendo como meta o município de Sete Lagoas (MG), através da BR-040 (Figura 11). Por se tratar de uma via de alta velocidade que entrecorta as regiões serranas do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, não se percebeu a presença de moradias isoladas, mas apenas a paisagem verde e montanhosa, cortada pelo cinza do concreto e o preto do asfalto. Fazia sol, com céu azul vivo e a presença de poucas nuvens (Figura 12). A paisagem se diversificava em regiões distintas, por vezes caracterizada pela vegetação intocada e nativa (Figura 13), por vezes pelos campos abertos pelo homem, para pasto e agricultura (Figura 14). Em alguns momentos, florestas de eucalipto (Figura 15) indicavam ser este um tipo de exploração econômica bastante comum na região.

Figura 11 - Trajeto percorrido no primeiro dia da Expedição Casas dos Sertões.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 12 - Ausência de casas na paisagem. Petrópolis – RJ.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 13 - Paisagem:
vegetação nativa.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 14 - Paisagem:
campos abertos pelo homem.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 15 - Paisagem: floresta
de eucalipto.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Neste primeiro dia, percorremos 512 km e fizemos já um primeiro desvio no trajeto planejado, pois não resistimos a tentação de visitar o Santuário do Bom Jesus do Matosinhos em Congonhas (MG) (Figura 16), quando avistamos a placa indicativa. Chegamos à Sete Lagoas já no entardecer. As noites, ao longo de todo trajeto, eram destinadas aos preparativos do dia seguinte: fazer backup dos arquivos de fotos e vídeos, carregar câmera fotográfica e celulares, providenciar água e comida, fazer anotações referente ao dia.

Figura 16 - Santuário Bom Jesus do Matosinhos. Congonhas - MG.



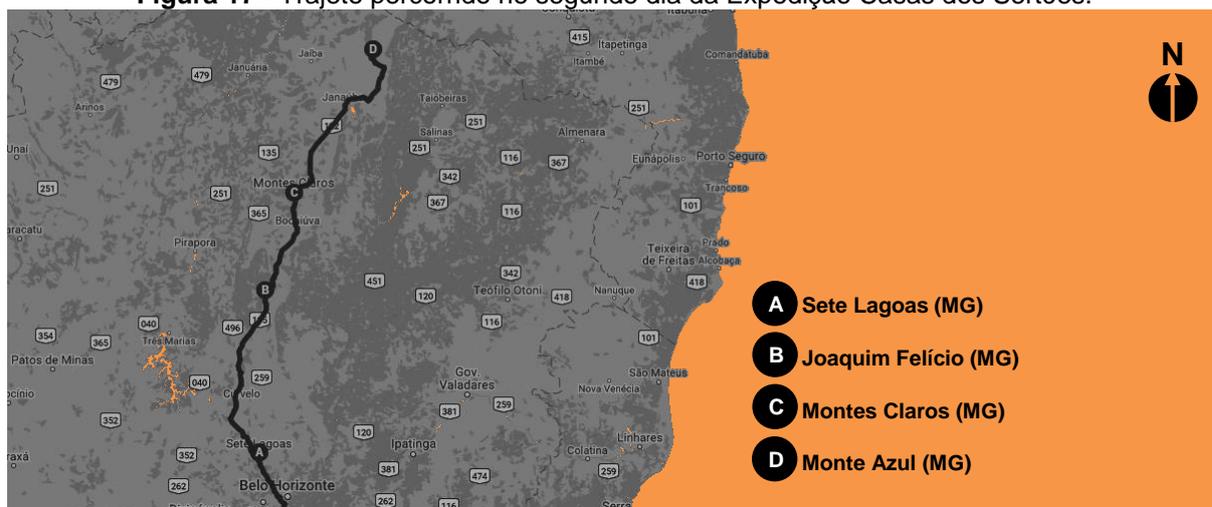
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

3.2.2 Segundo dia: Sete Lagoas (MG) – Monte Azul (MG)

No dia seguinte, partimos de Sete Lagoas (MG) em direção à Monte Azul (MG), via BR-135 e seguindo pela BR-122 a partir de Montes Claros (MG) (Figura 17). Neste dia também fizemos um desvio do trajeto planejado: o calor “de rachar” nos fez seguir na direção indicada por uma placa, que dizia “cachoeiras”. Estávamos em Joaquim Felício (MG), e apesar de não termos conseguido encontrar as benditas cachoeiras, este desvio nos causou uma agradável surpresa. O pequeno município, de apenas 4.300 habitantes⁹⁹, possui uma série de edificações do início do século XIX (

Figura 18). Se encontram dispersas na cidade, misturadas às outras modificadas com ares mais “modernos”. Mas a cada aparecimento, as semelhanças com as casas dos sertões de infância nos faziam sentir perto de casa.

Figura 17 - Trajeto percorrido no segundo dia da Expedição Casas dos Sertões.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 18 - Joaquim Felício (MG): exemplares do conjunto arquitetônico.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

⁹⁹ Segundo o Censo Demográfico de 2010, pelo IBGE.

De Joaquim Felício, seguimos para Montes Claros, onde fizemos um pouso para o almoço. Ali tínhamos a intenção de visitar o Museu Regional do Norte de Minas que, entre outras coisas, guarda a história do processo de ocupação da região. No entanto, por conta do grande porte da cidade, do trânsito intenso e da falta de sinalização, passamos um bom par de horas desorientados na cidade, e decidimos continuar o trajeto em direção à Monte Azul, completando 605 km percorridos neste segundo dia. Lá chegamos ao entardecer, a tempo de conhecer a Praça Coronel Silva (Figura 19), onde está localizada a Igreja Matriz Nossa Senhora das Graças (Figura 20).

Figura 19 - Monte Azul (MG): Praça Coronel Silva.



Figura 20 - Monte Azul (MG): Igreja Matriz Nossa Senhora das Graças.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao longo do trajeto deste segundo dia, a paisagem continuou montanhosa, mas a vegetação já se mostrou diferente: árvores não tão altas como no dia anterior, de troncos retorcidos, remeteram à lembrança da vegetação da caatinga (Figura 21), se distanciando das características da mata atlântica (Figura 22). De fato, rumando em direção ao Norte, nos sentimos já percorrendo os sertões dos quais temos lembrança.

Figura 21 - Paisagem: a caatinga se aproximando.



Figura 22 - Paisagem: a mata atlântica se distanciando.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Também foi possível perceber a presença de casas ao longo da via. Por vezes, surgiam isoladas (Figura 23), outras agrupadas com edificações produtivas, como estábulos, galpões e comércio (Figura 24). Em alguns casos, também pudemos perceber a casa junto a um equipamento comunitário, como escola ou mesmo igreja (Figura 25). Quando nos aproximávamos das cidades e ao sair delas, surgiam, nas zonas de transição, agrupamentos de poucas casas, mas ainda distantes do núcleo urbano (Figura 26).

Figura 23 - Casa isolada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 24 - Casa agrupada com equipamento produtivo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 25 - Casa agrupada com equipamento comunitário.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 26 - Casa agrupada com outras casas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

3.2.3 Terceiro dia: Monte Azul (MG) – Ibotirama (BA)

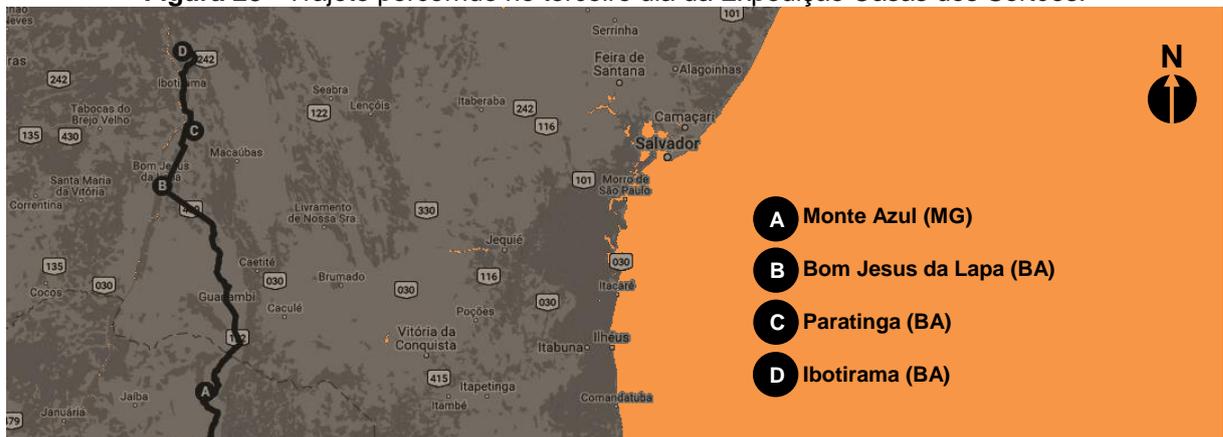
No terceiro dia aproveitamos o sol do início da manhã para registrar o conjunto arquitetônico da Praça Coronel Jonatas, ainda em Monte Azul (Figura 27). Em seguida, partimos em direção à Ibotirama, já na Bahia, pela BR-122 até Guanambi, quando pegamos as rodovias BA-573, BR-430 e BA-160 (Figura 28). Neste dia, não houve desvio da trajetória planejada, e o trajeto foi percorrido de forma mais lenta do que nos dias anteriores, por conta das péssimas condições das estradas.

Figura 27 - Monte Azul (MG): Exemplos do conjunto arquitetônico da Praça Coronel Jonatas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 28 - Trajeto percorrido no terceiro dia da Expedição Casas dos Sertões.



Fonte: Produzido pela autora.

Ao entrarmos na Bahia, pela cidade de Urandi, pudemos experimentar três novos aparecimentos: os açudes, próximos da via; as cisternas de placas nas casas (Figura 29); e um intenso fluxo de caminhões carregando pás de hélices de cataventos (Figura 30), indicando que naquela região, ou próximo dela, estaria havendo um grande investimento em energia eólica.

Figura 29 - Urandi (BA): Casa com cisterna de placas.



Figura 30 - Urandi (BA): Transporte de pás de hélices de cataventos.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

De fato, no trecho entre Urandi (BA) e Pindaí (BA), vimos um canteiro para a construção de usinas eólicas, com grande quantidade de caminhões e equipamentos armazenados (Figura 31). Ao chegarmos em Guanambi (BA), nos deparamos com uma usina já instalada, com os cata-ventos sobre as montanhas, dominando a paisagem do local (Figura 32).

Figura 31 - Parque eólico no sudoeste da Bahia: canteiro de obras.



Figura 32 - Parque eólico no sudoeste da Bahia: os cata-ventos na paisagem.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao longo do trajeto deste terceiro dia, pudemos perceber o ressecamento gradativo da vegetação (Figura 33). Continuava tudo verde, mas a cor foi desbotando

à medida em que os quilômetros foram sendo percorridos. O caminho estava mais plano, e percebíamos as serras sempre como pano de fundo da paisagem (Figura 34).

Figura 33 - Paisagem: ressecamento gradativo da vegetação.



Figura 34 - Paisagem: as serras como pano de fundo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

As casas apareceram na mesma variação de implantação que no dia anterior: isoladas, agrupadas umas às outras, ou a equipamentos comunitários ou produtivos. Mas percebemos também outra variação a ser considerada no momento da análise, que se relaciona com “quem fez”. Vimos casas grandes e também simples autopromovidas (Figura 35), que são as que de fato podemos considerar como sendo aquelas que concretizam o espaço existencial dos seus habitantes, mas também vimos conjuntos habitacionais tipicamente urbanos nas zonas rurais (Figura 36), promovidos por meio das políticas habitacionais, e assentamentos agrícolas promovidos por meio da política de reforma agrária (Figura 37). Além destes, também vimos acampamentos de movimentos sociais (Figura 38), autopromovidos como os primeiros casos, mas desenhados não a partir do anseio de morar, mas da necessidade de lutar, resistir, sobreviver, se defender, e daí uma lógica espacial completamente distinta dos demais casos.

Figura 35 - Casa autopromovida.



Figura 36 - Conjunto habitacional.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 37 - Assentamento de reforma agrária.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 38 - Acampamento de movimento social.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Dois pousos foram feitos neste dia: o primeiro, em Bom Jesus da Lapa (BA), apenas para almoço, e o segundo em Paratinga. No trecho entre essas duas cidades, outra curiosidade nos saltou aos olhos: cada casa estava agrupada com outra, nitidamente mais antiga e em desuso (Figura 39). Como se uma segunda casa tivesse sido construída para substituir a primeira, mas esta permaneceu erguida, ao lado da mais nova. Lembrei da política de substituição de casas de taipa promovida pela Fundação Nacional de Saúde, como forma de combater a doença de chagas. Nesta política, casas de alvenaria são construídas no mesmo terreno da família, e quando ficam prontas, as de taipa são demolidas. No entanto, é bastante comum as famílias manterem as casas de taipa erguidas, por relações simbólicas, sentimentais, ou mesmo funcionais, utilizando-as como anexo da casa nova¹⁰⁰. Talvez esse seja o caso do quadro que presenciamos nesse trecho.

Figura 39 - Casas mais recentes agrupadas com antigas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em Paratinga, vimos o Velho Chico pela primeira vez na Expedição. Estava o tempo todo ali do lado, ao longo do trajeto, mas somente em Paratinga conseguimos chegar na beira do rio. Tal vista nos trouxe uma mistura de sensações: estávamos felizes, por termos conseguido chegar até ele, mas um pouco decepcionados, pois o

¹⁰⁰ Isto foi percebido quando da realização da Dissertação de Mestrado (PINHEIRO, 2011).

Velho Chico parecia triste. Suas águas ali eram poucas (Figura 40), paradas, com muitos bancos de areia à mostra (Figura 41). Não haviam barcos nem pessoas por perto, como se dele ninguém se aproveitasse. Para nós, um momento de contemplação e silêncio. Mas ao chegarmos no centro da cidade, esse descontentamento foi substituído por um enorme sentimento de satisfação. Paratinga guardou para nós edificações do século XIX bem conservadas (Figura 42), de uma arquitetura rica que pouco se vê pelos sertões.

Figura 40 - Paratinga (BA): As poucas águas do Rio São Francisco.



Figura 41 - Paratinga (BA): Bancos de areia no Rio São Francisco.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 42 – Paratinga (BA): Exemplos do conjunto arquitetônico do século XIX.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Já a Igreja Matriz de Santo Antônio (

Figura 43), construção datada de 1718, também bastante conservada, guarda as características mais próprias da arquitetura colonial sertaneja: robusta, de ornamentos singelos, forro de tabuado de madeira, duas grossas torres sineiras que conferem a imponência da edificação. Internamente, nas paredes laterais, dois púlpitos pintados de azul com decoração dourada, marcam o centro longitudinal da única nave. Pela arquitetura vista foi que, da decepção inicial, saímos dali felizes, realizados, em direção à Ibotirama, nossa meta do dia.

Figura 43 - Paratinga (BA): Igreja Matriz de Santo Antônio.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Entre Paratinga (BA) e Ibotirama (BA), o sentimento de realização foi só crescendo. As carnaúbas surgindo na paisagem (Figura 44) nos fizeram perceber que tínhamos visto a caatinga surgir da mata atlântica, gradativamente. Era também um sinal da proximidade com o rio, já que as carnaúbas gostam mesmo é de solo úmido.

Figura 44 - Paisagem: As primeiras carnaúbas vistas ao longo da expedição.

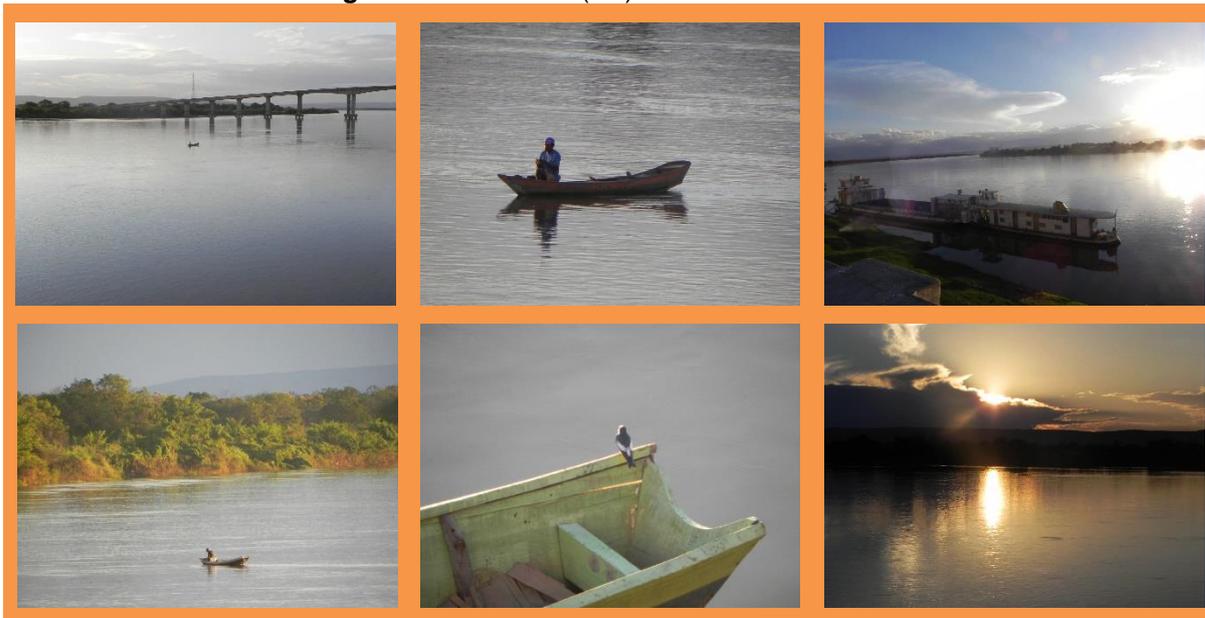


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao chegar em Ibotirama, a felicidade transbordou de vez. O Velho Chico caudaloso, correndo, sendo caminho para as canoas e os vapores, as pessoas o

contemplando ao pôr do sol (Figura 45). “Velho Chico! Agora sim, eu estou reconhecendo você”. Lembro que foi meu pensamento naquele instante. Além do sol se pondo no São Francisco, fizemos registro do pequeno conjunto arquitetônico que ladeia a Praça Mãe Josina (Figura 46), na beira do rio, e na Praça Ives de Oliveira (Figura 47), onde está o Santuário Nossa Senhora da Guia.

Figura 45 - Ibotirama (BA): O Rio São Francisco.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 46 - Ibotirama (BA): Exemplares do conjunto arquitetônico da Praça Mãe Josina.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 47 - Ibotirama (BA): Exemplares do conjunto arquitetônico da praça Ives de Oliveira.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 49 - Barra (BA): Catedral de São Francisco das Chagas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 50 - Barra (BA): Prefeitura Municipal.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 51 - Barra (BA): Mercado Municipal.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 52 - Barra (BA): Chalé Irineu Simões.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 53 - Barra (BA): Herança colonial.



Figura 54 - Barra (BA): Herança neoclássica.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Depois de fazer o registro fotográfico arquitetônico, visitamos a Casa de Cultura Avelino Freitas, que guarda a história do processo de ocupação do lugar e a origem do município, com um acervo bastante rico, de documentos, fotografias e objetos. Lá, recebemos indicações de como chegar à casa grande da Fazenda Torrinha, construída em 1874.

A Fazenda Torrinha fica numa localidade de mesmo nome que, no passado, era uma grande propriedade de terra com a criação de gado como principal atividade econômica, utilizando mão de obra escrava e assalariada. Hoje, Torrinha é uma comunidade quilombola, reconhecida por decreto federal em 2009, cujos beneficiários são os descendentes dos antigos escravos da fazenda. A casa-grande, antes ícone do poder dos senhores, é hoje a sede da Associação dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais Quilombolas da Comunidade de Torrinha, sendo portanto um grande símbolo de conquista da comunidade.

Ao chegar em Torrinha, nos deparamos com casas simples, bastante rústicas, de lotes pequenos ou mesmo geminadas, a maioria construídas com taipa ou adobe (Figura 55). As casas ladeiam a única via da localidade, que vai encontrar o Rio São Francisco mais na frente (Figura 56), onde as lavadeiras, de saias amarradas nas pernas, trouxas e bacias de alumínio na cabeça, agitavam os panos nas águas, batiam com eles por vezes na superfície líquida, outras nas pedras. Dali se avista o conjunto da Fazenda Torrinha: no alto, dominando a paisagem, a casa grande imponente, como que vigiando tudo ao redor, tudo de todas aquelas terras sob seu comando. Ao seu lado, um conjunto de pequenas casas geminadas, enfileiradas, com fachada única onde se revezam portas e janelas, que viemos a saber depois, serem de antigos trabalhadores livres da fazenda (Figura 57).

Figura 55 - Barra (BA): Exemplos de casas de Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 56 - Barra (BA): O Rio São Francisco em Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 57 - Barra (BA): Vistas da Fazenda Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ali fomos recebidos pelo presidente da associação de moradores de Torrinha, que abriu as portas da casa grande, nos contou sobre ela, permitiu nossos levantamentos e fotografias. Aos fundos da casa, visíveis somente aos que nela entram e próximos aos ambientes de serviço – cozinha, depósitos e pátio coberto – encontramos um conjunto de cômodos (Figura 58), enfileirados como as casas dos trabalhadores, mas agora apenas cômodos, que apresentam hoje banheiros que outrora não existiam. A sua localização no conjunto da casa grande e a disposição espacial nos leva a crer se tratar de antigas senzalas, talvez dos escravos domésticos (Figura 59).

Figura 58 - Barra (BA): Conjunto de cômodos no pátio coberto da Fazenda Torrinha.

Figura 59 - Barra (BA): Provável antiga senzala da Fazenda Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O estado da casa grande é preocupante. Já passou por reformas que modificaram parte da sua estrutura interna (Figura 60), e não vem recebendo a manutenção adequada. Percebemos pisos quebrados (Figura 61) e rebocos caindo (Figura 62), mas ainda assim é intensamente utilizada pela população local.

Figura 60 - Barra (BA):
Modificação da estrutura
interna da Fazenda Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 61 - Barra (BA): Piso
quebrado da Fazenda
Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 62 - Barra (BA):
Reboco precário da Fazenda
Torrinha.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao sair de Torrinha, continuamos voltando no caminho em direção à Igarité, em busca de uma outra casa grande, da Fazenda Boqueirão, seguindo indicações obtidas também na Casa de Cultura em Barra. No entanto, apesar das informações colhidas ao longo do caminho, não conseguimos localizar a edificação e, dado o avançado da hora, resolvemos retornar para Barra, onde fizemos a travessia do São Francisco em uma balsa (Figura 63), de onde pudemos apreciar o encontro do Rio Grande com o Velho Chico (Figura 64).

Figura 63 - Barra (BA): Travessia do Rio São Francisco.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 64 - Barra (BA): Encontro do Rio Grande com o Velho Chico.

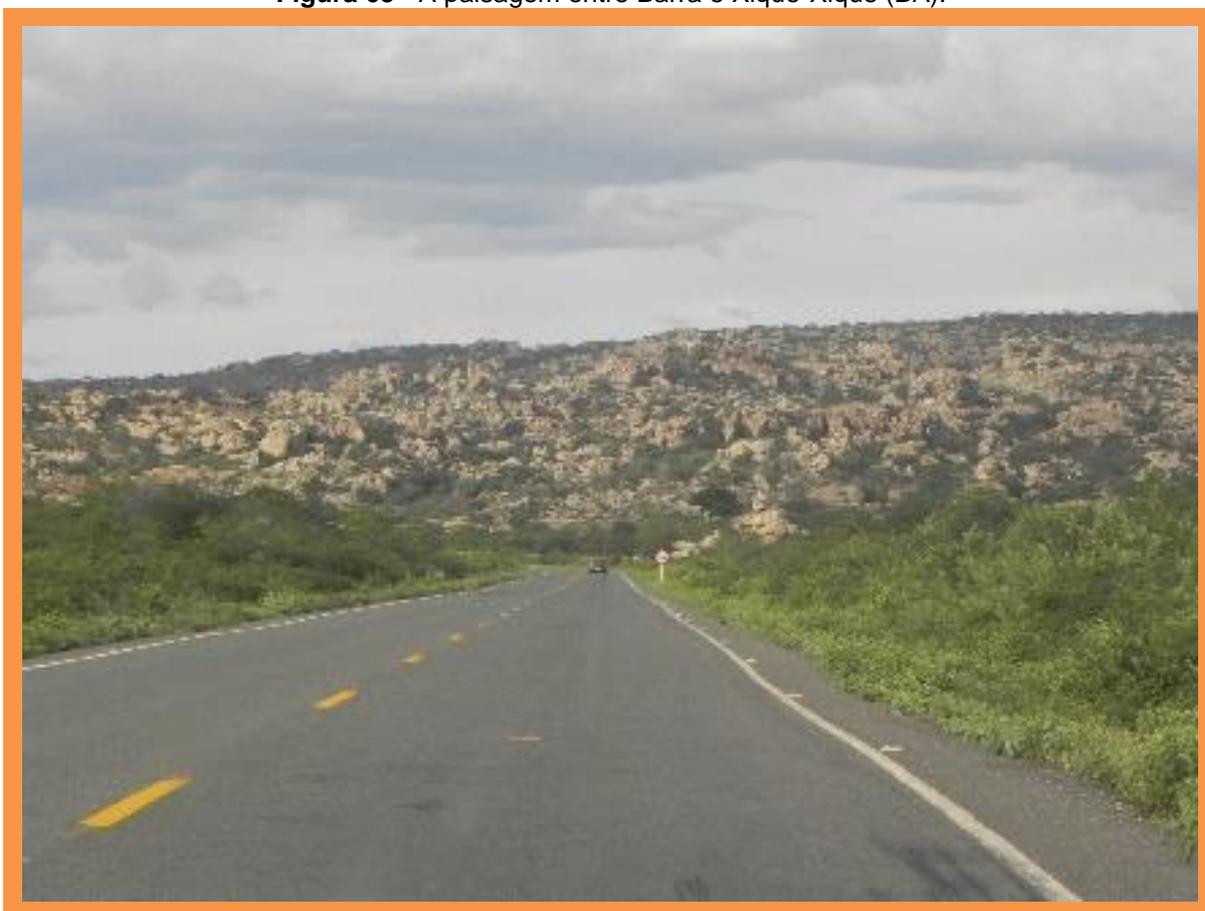


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Após a travessia, seguimos viagem em direção à Xique-Xique (BA). Esse trecho, entre Barra e Xique-Xique, parece, à primeira vista, um tanto inóspito. Sem edificações, quase nenhum fluxo de veículos, nenhum andarilho pelo caminho. Alguém poderia dizer: “não há nada ali”. Mas sabemos, empiricamente, e até

instintivamente, por carregar o sertão, hereditariamente, dentro de nós, que ali tem tudo! A caatinga cada vez mais presente, com seus tons de ocre e cinza. A presença de palmas e mandacarus que sustentam homens e bichos nos períodos de seca. A mata branca, de madeira com tantos proveitos, povoada de pequenos bichos, tejos, tatus, lagartos, cobras, insetos, pássaros. O Rio São Francisco ali do lado, fazendo daquele chão, vermelho e pedregoso, um solo fértil, bom para alimentos e para construções. À primeira vista, parece tudo morto de seco. Na verdade, está tudo vivo (Figura 65).

Figura 65 - A paisagem entre Barra e Xique-Xique (BA).



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em Xique-Xique, a nossa experiência foi um tanto decepcionante. Tínhamos a intenção e grande expectativa de visitar a Fazenda Pedras, primeira da região, datada de 1683. No entanto, ao chegarmos na cidade, fomos inundados por uma impressão de que alguém estava maltratando aquele lugar. Como se as gestões locais simplesmente tivessem deixado de se preocupar com as pessoas e com a cidade. As ruas esburacadas, por vezes sem pavimento, o esgoto a céu aberto, as ruas

apinhadas de gente, carros, animais e carroças, a falta de sinalização, semáforos quebrados... uma confusão.

A insatisfação aumentou quando, ao procurar a beira do rio, nos deparamos com algo simplesmente inadmissível em termos de desenho urbano: a presença de um grande muro, construído para conter as enchentes que a cidade enfrentava, separa a cidade do rio, de modo que este sumiu da paisagem urbana. E mais, ao pé do muro, uma série de casas e comércios que consolidam a negação do rio pela cidade. Tamanha angústia nos apossou neste momento, que nem sequer registramos tais fatos através das fotografias. Mas reproduzimos, no Quadro 11 na página seguinte, algumas imagens obtidas através da ferramenta *street view* do aplicativo Google Maps[®], como forma não somente de demonstrar a causa da nossa insatisfação naquele momento, mas também de demonstrar melhor o absurdo urbano com o qual nos deparamos.

Quadro 11 – Xique-Xique (BA): O “absurdo urbano” do “paredão” que separa a cidade da lagoa.

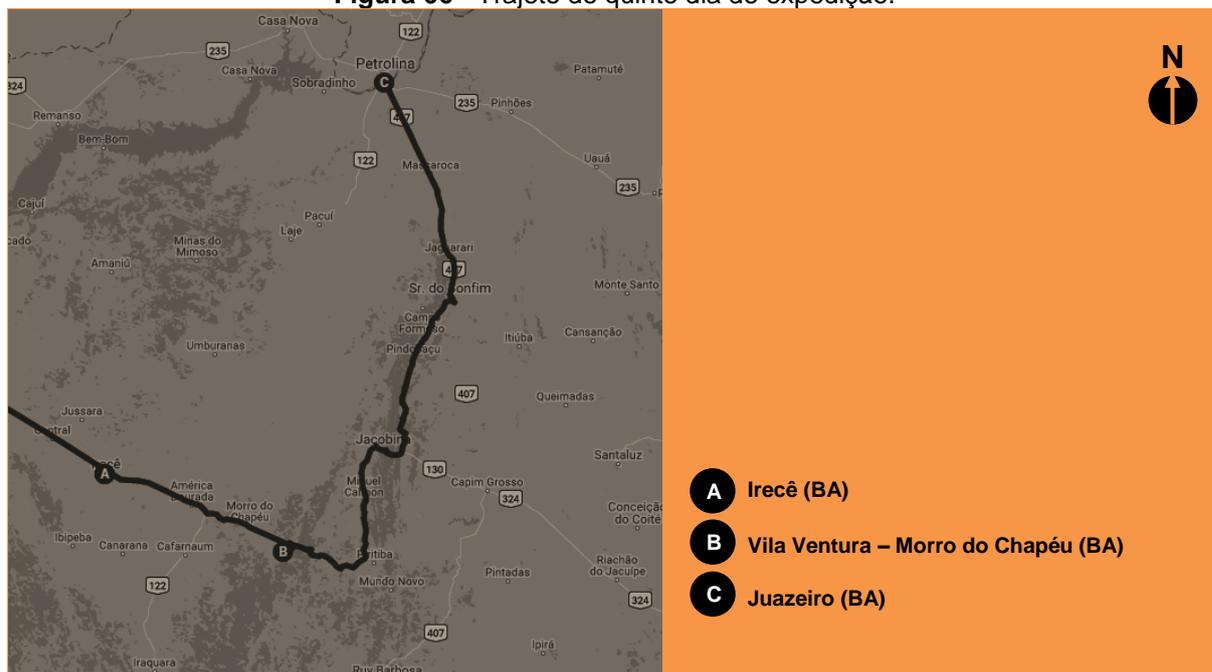


Fonte: Produzido pela autora, a partir de imagens do Google© Street View.

3.2.5 Quinto Dia: Irecê (BA) – Juazeiro (BA)

No quinto dia de viagem, partimos de Irecê tendo como meta Juazeiro da Bahia, via BA-052. Passamos por uma série de localidades, como Ipanema, Soares, América Dourada, onde tivemos que parar, em plena estrada, para a passagem de uma boiada, subimos o Morro do Chapéu e nos dirigimos para Vila do Ventura, nosso pouso ao longo deste dia (Figura 66).

Figura 66 - Trajeto do quinto dia de expedição.



Fonte: Produzido pela autora.

Vila do Ventura é, no nosso roteiro, um caso à parte. Sua história está vinculada não ao ciclo do gado, mas à descoberta dos diamantes na década de 1850, quando se tornou o principal produtor do Morro do Chapéu. Em seu auge, Vila do Ventura possuía cerca de 15.000 habitantes e uma série de equipamentos públicos e culturais, como delegacia de polícia, teatro, biblioteca, escola estadual e agência dos correios. A partir da década de 1930, a queda do preço do diamante negro no mercado internacional e uma forte seca afugentou grande parte da sua população, contribuindo para a sua decadência. Hoje, a Vila do Ventura é parte de uma grande propriedade de terra e ficou conhecida como “vila fantasma”, pois apenas cinco famílias permanecem no local. Desses poucos moradores, foi o Seu Zinho quem nos recebeu, contando as coisas acima, e também sobre os tempos de glória, e dos dias de hoje. As casas ainda existentes, permanecem a maior parte do tempo fechadas, já que os proprietários (descendentes dos antigos) não se interessam pelo local.

Ainda é possível contemplar, na Vila do Ventura, a Capela de Nossa Senhora da Conceição (Figura 67), em ótimas condições de conservação devido ao zelo dos moradores do local. Com arquitetura muito singela, modesta: nave única, sem forro (Figura 68), com o sino encrustado no plano da fachada principal pela ausência de torre (Figura 69), paredes caiadas, portas de madeira pintadas em azul (Figura 70), chão de tijolos e um altar onde se encontram o oratório das épocas antigas (Figura 71), pintado com o azul das esquadrias e dourado, e uma mesa de madeira atual, cuidadosamente coberta com uma toalha de renda. Apesar do espaço amplo das grandes catedrais do mundo, e da profusão de ornamentos das nossas igrejas barrocas, que nos remetem uma sensação de pequenez e deslumbramento pela beleza, esta pequena capela nos acolhe e nos conforta. Na sua simplicidade, nos transmite a sensação de paz e serenidade, nos faz (re)lembrar o significado da manjedoura, nos fortalecendo para seguir adiante.

Figura 67 - Vila Ventura (BA): Capela de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 68 - Vila Ventura (BA): Interior Capela de N. S. da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 69 - Vila Ventura (BA): Ausência de torres sineiras na Capela de N. S. da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 70 - Vila Ventura (BA): Acabamento interno da Capela de N. S. da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 71 - Vila Ventura (BA): Piso e altar da Capela de N. S. da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

À frente da capela, o espaço aberto da antiga Praça Dias Coelho (Figura 72), antes ladeado por casas. Ali também está o cruzeiro da capela, indicando o domínio desta sobre o espaço aberto. Assim como a capela, a arquitetura das casas é bastante simples, com mais feições coloniais do que neoclássicas – os beirais aparentes, as portas e janelas de madeira, os muxarabis protegendo e arejando os interiores. Mas em alguns poucos casos testemunhamos a presença das platibandas de ornamentos mais elaborados, as janelas de guilhotina em caixilhos de vidro, os arcos como motivo estético (Figura 73 e Figura 74). Parte das casas estão bem conservadas, enquanto as ruínas nos permitem observar as técnicas construtivas utilizadas: predominantemente a pedra, usada através da técnica do canjicado (Figura 75), às vezes em sistema misto com tijolos de adobe (Figura 76).

Figura 72 - Vila do Ventura (BA): Antiga Praça Dias Coelho.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 73 - Vila do Ventura (BA): Exemplares de casas com feições coloniais.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 74 - Vila do Ventura (BA): Exemplares de casas com feições neoclássicas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 75 - Vila do Ventura (BA): Canjicado de pedra.

Figura 76 - Vila do Ventura (BA): Sistema misto de pedra e adobe.



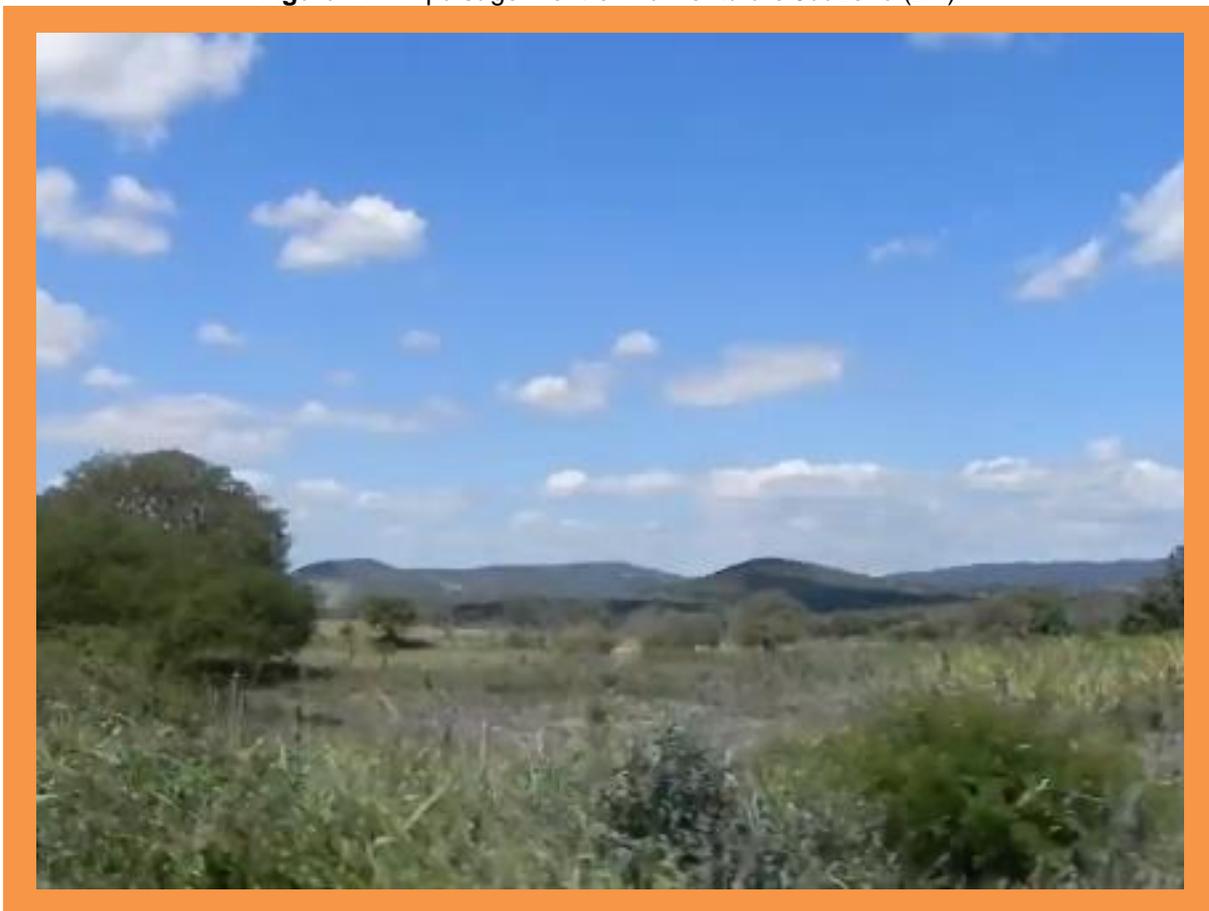
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao sair de Vila Ventura, retornamos à BA-052 e cruzamos o Morro do Chapéu, em direção à Juazeiro. Do mesmo modo que na região serrana do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, que percorremos no primeiro dia, nesse trecho entre Vila Ventura e Juazeiro (Figura 77) não percebemos casas isoladas ao longo da via, apenas os núcleos urbanos dos distritos pelos quais passamos. Mais uma vez, a paisagem

marcada pelas montanhas ao fundo, e a vegetação cortada pela estrada, nos acompanhou ao longo desse trecho. Chegamos à Juazeiro (BA) já de noite, em busca de um local para a nossa dormida.

Figura 77 - A paisagem entre Vila Ventura e Juazeiro (BA).



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

3.2.6 Sexto dia: Juazeiro e Petrolina

No sexto dia de expedição, nós não pegamos a estrada. Tanto em Juazeiro como em Petrolina haviam instituições a serem visitadas, e isso combinou com uma necessidade física de descanso dos nossos corpos. Assim, começamos o dia em Juazeiro (BA), visitando o Museu Regional do São Francisco. Com um acervo de cerca de 5.000 peças, o museu guarda a história da navegação do rio, dos marcos de engenharia na sua história, da cultura popular, das crenças e dos costumes dos ribeirinhos (Figura 78). Está abrigado em um palacete neoclássico da década de 1920 (Figura 79), construído para servir de moradia urbana a um fazendeiro vindo de Ouricuri (PE).

Figura 78 – Juazeiro (BA): Amostras do acervo do Museu Regional do São Francisco.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 79 – Juazeiro (BA): Detalhes do palacete que abriga o Museu Regional do São Francisco.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Após a visita ao Museu Regional do São Francisco, atravessamos o rio de balsa, em direção à Petrolina. Ali, fomos ao Museu do Sertão que, diferente do Museu Regional do São Francisco, funciona em uma edificação própria, construída para lhe

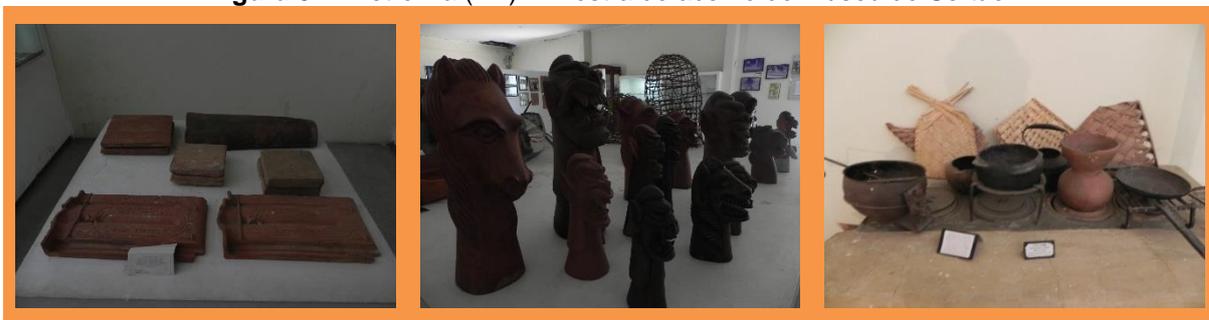
atender. O Museu do Sertão (Figura 80) possui cerca de 3.000 peças no seu acervo, dentre as quais estão presentes materiais arqueológicos, móveis de casas sertanejas, artesanato e fotografias (Figura 81). Ali se fala das plantas e dos animais, da cultura, dos costumes, das fés, das casas, das cidades, dos cangaços e das personalidades.

Figura 80 - Petrolina (BA): Museu do Sertão.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 81 - Petrolina (BA): Amostra do acervo do Museu do Sertão.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Tanto em Juazeiro como em Petrolina, visitar os acervos tão diversificados dos museus, que representam aspectos tão particulares dos sertões, nos fez perceber quão superficial é relacioná-los à imagem de pobreza e miséria, como só de seca

fosse feita a sua história. Aliás, o próprio modo como compreendemos as secas, se mostra um tanto equivocada: vemos como uma tragédia ambiental que acontece de tempos em tempos, e que quando surge assola a população que vive nos lugares “atingidos”. Ora, a seca é inerente ao lugar, ao ambiente. Ela não “atinge”, ela ocorre ali! Se o homem um dia resolveu contornar tal hostilidade para conviver com ela, teve que desenvolver técnicas e saberes para que a vida ali fosse possível, adaptar costumes e práticas cotidianas, aprimorar todo um modo de vida, e se basear no conhecimento do ambiente, para permanecer em tal “hostilidade”. Os sertanejos, em tempos de seca chamados flagelados, são mais adaptados e, portanto, mais resistentes do que àqueles que os apontam como coitados. “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”¹⁰¹.

Após a visita ao Museu do Sertão, retornamos à Juazeiro, onde pudemos apreciar o fim de tarde à beira do São Francisco, antes de encerrar o dia.

3.2.7 Sétimo dia: Juazeiro (BA) – Exu (BA)

No sétimo dia de expedição, partimos de Juazeiro (BA) pela BR-407, com destino à Afrânio (PE), onde pegamos a PE-635 para chegar ao povoado de Caboclo, nosso primeiro pouso. De lá, seguimos pela mesma estrada em direção à Dormentes, onde paramos para almoçar. Em seguida, pegamos a BR-122 em direção à Exu, onde encerramos o dia, tendo percorrido 371 km (Figura 82).

Figura 82 - Trajeto do sétimo dia de expedição.



Fonte: Produzido pela autora.

¹⁰¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. p. 51.

O Povoado de Caboclo, hoje localizado no Município de Afrânio (PE), se originou da Fazenda Caboclo, que pertencia aos domínios da Casa da Torre de Garcia D'Ávila, do litoral, de onde partiu uma das principais correntes exploratórias do Sertão de Dentro. Foi um dos primeiros núcleos de povoamento da região e fazia parte, no final do século XVII, da “Travessia Velha”, servindo de local de pouso para os tropeiros que vinham do Piauí e do Ceará em direção às feiras do Pernambuco e da Bahia. No entanto, no início do século XIX, quando a estrada de ferro Petrolina – Teresina foi construída a cerca de 9 km do povoado, a rota dos tropeiros foi desviada, seguindo o trem, até a Fazenda Inveja, onde hoje está a sede do município de Afrânio. Desde então, o Povoado de Caboclo não passou por grandes mudanças e acabou conservando suas características originais. É hoje considerado um importante registro arquitetônico do século XVIII, tendo recebido ações de restauro e educação patrimonial por parte do Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC).

Caboclo fica praticamente às margens da PE-635. A entrada ao povoado é marcada pela presença do Memorial Pai Chico (Figura 83), criado como uma das ações de educação patrimonial. Seu acervo é composto predominantemente por objetos de uso cotidiano, a maioria dos séculos XVIII e XIX, que foram doados pelas diversas famílias da região (Figura 84). O edifício foi construído para abrigar o memorial, tem a planta em formato de ferradura, com um pátio central descoberto.

Figura 83 - Caboclo (PE): Memorial do Pai Chico.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 84 - Caboclo (PE): Amostra do acervo do Memorial do Pai Chico.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Do memorial, seguimos pela via de acesso ao centro do povoado, ladeada por casas simples, geminadas, a maioria porta e janela (Figura 85). Suas fachadas conformam uma superfície contínua ao longo da via. As casas se diferenciam pela cor, e a partir dela percebemos que algumas são mais estreitas, e outras mais largas.

Figura 85 - Caboclo (PE): Tipologia predominante nas casas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O núcleo urbano central de Caboclo é marcado pela presença da Capela de Bom Jesus do Bonfim (Figura 86), datada de 1895. Bastante simples, mas de proporções imponentes, possui dois elementos que fazem referência às torres sineiras, mas estas estão ausentes. O sino, encrustado num frontão de contornos arredondados, avisa a chegada do padre, chamando os fiéis para ritos e celebrações.

Figura 86 - Caboclo (PE): Capela de Bom Jesus do Bonfim.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O Largo da Igreja (Figura 87) não se desenvolve em sua frente como de costume, mas ao lado. Por conta das grandes dimensões do seu espaço aberto, faz a igreja, de dimensões imponentes, ficar pequena. Dali se avista a Serra Grande que divide o Pernambuco do Piauí (Figura 88). O Largo, hoje pavimentado com pedra, era antes de terra batida, local onde se instalavam os viajantes que ali faziam pouso, amarrando os animais nos troncos das árvores e se aproveitando das sombras delas. Destas, apenas uma sobrevive no local: um tamarineiro sesquicentenário, que convive com outras árvores mais novas (Figura 89).

Figura 87 - Caboclo (PE):Largo da Capela de Bom Jesus do Bonfim.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 88 - Caboclo (PE): Vista da Serra Grande.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

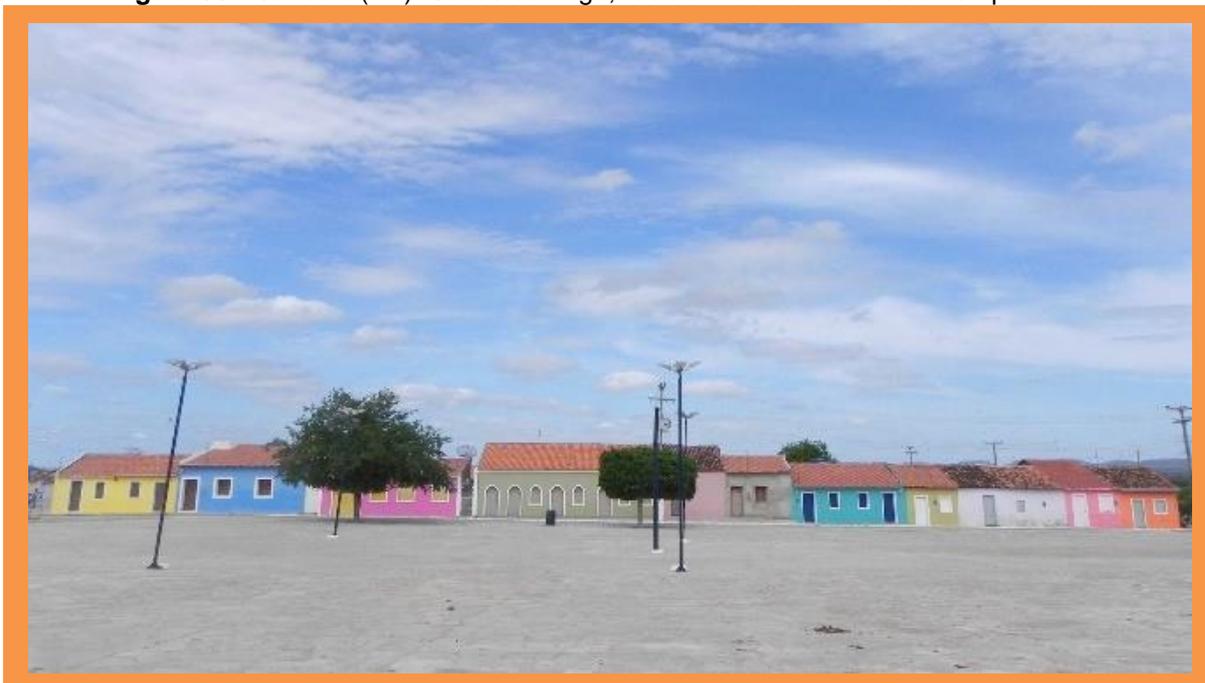
Figura 89 - Caboclo (PE): Tamarineiro sesquicentenário.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O espaço aberto do Largo é configurado por um casario semelhante ao percebido pelas ruas do povoado, mas aqui, foco das ações de conservação e restauro, as casas apresentam cores contemporâneas (Figura 90). Dentre estas, um casarão se destaca das demais, não somente pela maior quantidade de portas, mas principalmente por estar isolada, sem dividir parede nem telhado com nenhuma outra (Figura 91). Não à toa, se trata da casa grande da família Cavalcanti Ramos, herdeiros da Fazenda Caboclo, da qual se originou o povoado.

Figura 90 - Caboclo (PE): Casas do largo, restauradas com cores contemporâneas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 91 - Caboclo (PE): Casarão da Família Cavalcanti Ramos.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ao sair de Caboclo, pegamos novamente a PE-635 em direção à Dormentes (PE). Lá, tínhamos a intenção de visitar o Museu Casa da Roça, ponto de leitura, cultura e memória, que fica na zona rural e que conta com o apoio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) e do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). No entanto, quando lá chegamos, o museu estava fechado, e não havia nenhuma pessoa, casa ou comércio próximo, onde pudéssemos obter informações a respeito do seu funcionamento. Assim, seguimos em direção à sede do município de Dormentes, onde almoçamos.

Ao longo do sétimo dia, a paisagem se tornou para nós mais familiar: a caatinga mais presente, de árvores secas e tortuosas, formando uma grande mancha cinza onde se destacam juazeiros, palmas e os mandacarus. O solo de um vermelho intenso, possivelmente argiloso, dada a presença de águas ocre empoçadas, que na seca servem de lambedouros para os bichos. Pequenas casas simples, de barro, vermelhas como o chão, sozinhas, pontuando a paisagem aqui e ali. Bodes soltos, sozinhos, como conhecedores dos caminhos, cruzando a estrada em busca de moitas ainda com folhas verdes. Outros bichos, já mortos de sede, fome ou atropelamento, também se fizeram (de corpos) presentes (Figura 92).

Figura 92 - A paisagem ao longo do trajeto Juazeiro (BA) – Exu (PE).



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Depois de Dormentes, seguimos viagem em direção à Exu (PE), que apresenta uma série de atrativos para a pesquisa. Por ser a “terra de Luiz Gonzaga”, as

edificações relacionadas à sua vida se encontram conservadas, incluindo a casa onde nasceu, e a Fazenda Araripe, onde cresceu. Tínhamos a intenção de visitar tais coisas ainda neste sétimo dia, mas tivemos um contratempo no meio do caminho: Em Ouricuri (PE), um dos pneus do carro furou e acabamos gastando algumas horas para resolver este problema. Depois de tudo pronto continuamos a viagem para Exu, onde chegamos já de noite. Decidimos que visitaríamos as edificações no dia seguinte, antes de partir para o Crato (CE).

3.2.8 Oitavo dia: Exu (BA) – Crato (CE)

Assim, iniciamos o oitavo dia da expedição visitando a casa grande da Fazenda Caiçara, construída na primeira metade do século XVIII. A casa é conhecida por ser o local de nascimento de Bárbara de Alencar, e é hoje um memorial em sua homenagem, mas este se encontrava fechado no momento da nossa visita. Nos seus arredores também nasceu Luiz Gonzaga, em uma casa que hoje não mais existe, mas apenas uma placa indicativa do lugar (Figura 93).

Figura 93 - Exu (PE): Placa indicativa do local onde nasceu Luiz Gonzaga.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A casa grande da Fazenda Caiçara (Figura 94) tem porte semelhante ao da casa grande da Família Cavalcanti Ramos, em Caboclo, vista anteriormente. Construída em tijolos cerâmicos maciços, tem as duas paredes das empenas de pedra e possui uma volumetria bastante simples, com telhado de duas águas, com eira e beira, e caimento para a frente e o fundo do edifício (Figura 95). Na fachada principal, as aberturas se organizam com tipo “duas moradas”, sem nenhuma diferença de tratamento entre as janelas e a porta principal (Figura 96). Ao redor da casa, uma grande área pavimentada com tijolos maciços, o mesmo usado nas paredes. À frente, um cruzeiro indica a associação de outrora entre a igreja e a casa grande (Figura 97). Atualmente, no entorno da casa vemos apenas outras duas, dentro das mesmas cercas, que nos comunicam a relação íntima com a primeira (Figura 98). De resto, a estrada de terra cortando a vegetação da caatinga, que antigamente estava ladeada de outras casas, formando uma vila.

Figura 94 - Exu (PE): Casa grande da Fazenda Caiçara.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 95 - Exu (PE): Casa grande da Fazenda Caiçara. Detalhe da empena.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 96 - Exu (PE): Fachada principal da Fazenda Caiçara.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 97 - Exu (PE): Cruzeiro da Fazenda Caiçara.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 98 - Exu (PE): Casas no terreno da Fazenda Caiçara.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Depois da Fazenda Caiçara, visitamos a Fazenda Araripe, hoje um povoado, a apenas 800m de distância da primeira. A fazenda foi fundada no século XIX pelo Barão de Exu, Guálter Martiniano de Alencar Araripe, sobrinho de Bárbara de Alencar. Além de estar relacionada com aspectos da história política da região e do país, a Fazenda Araripe também é marcada pela infância e adolescência do Rei do Baião, que de lá fugiu em busca da sua carreira, e para lá retornou, já famoso, 16 anos depois. Tão significativa esta relação, que o lugar aparece em diversas de suas músicas. Deste modo, as edificações que ali estão presentes são testemunhos, ora da história política, ora da vida de Luiz Gonzaga.

O núcleo central da Fazenda Araripe é marcado pela presença da Igreja de São João Batista (Figura 99), construída em 1868 pelo Barão de Exu, como pagamento de uma promessa. Como outras igrejas visitadas ao longo da expedição, esta também é bastante simples e de dimensões imponentes. Sem torres, com frontão de volutas singelas, nave única, teto sem forro que deixa aparente a esmerada estrutura de tesouras ritmadas. As imagens dos santos, dizem os descendentes do Barão que ainda moram no lugar, vieram da França. À frente da Igreja, um amplo espaço aberto, sem pavimentação, é cortado por um caminho de tijolos que conduz as pessoas à entrada da Igreja. Ali são realizados os festejos e as celebrações, que reúnem todas as pessoas do lugar. Algumas casas ao redor deste espaço o conformam, mas sem a rigidez contínua como no caso do Largo da Igreja do Senhor do Bonfim de Caboclo. Aqui, as casas estão espaçadas umas das outras, desalinhadas, como uma borda pontilhada ao redor do espaço aberto.

Figura 99 - Exu (PE): Núcleo central da Fazenda Araripe – Igreja de São João Batista.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Das casas do núcleo central, se destaca o Casarão do Barão de Exu (Figura 100), com pé direito mais alto que as demais e colada a outras do tipo porta e janela, destinadas aos trabalhadores mais vinculados à casa grande. Estas últimas são as únicas casas simples neste núcleo central.

Figura 100 - Exu (PE): Núcleo central da Fazenda Araripe – Casarão do Barão de Exu.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fora do núcleo central, as casas são mais simples, antes dos antigos moradores da fazenda, hoje dos trabalhadores das famílias descendentes do Barão de Exu, que permanecem no local. São casas geminadas, de fachada contínua, marcada pelo ritmo das portas e janelas, com telhados de duas águas, às vezes contínuo, outras interrompido pela maior altura de outra casa (Figura 101).

Figura 101 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Tipologia predominante das casas do entorno do núcleo central.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Com algumas diferenças destas, as duas casas de Januário, pai de Luiz Gonzaga, são cuidadas com zelo pela população: a mais antiga, de onde Gonzagão partiu e para a qual retornou sanfoneiro, possui as mesmas características formais que as outras, mas está isolada, afastada de outras edificações (Figura 102); a segunda, mais recente, foi presente do sanfoneiro para o pai, e se assemelha aos casarões do núcleo central, com alpendres generosos (Figura 103).

Figura 102 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Casa de Januário mais antiga.



Figura 103 - Exu (PE): Fazenda Araripe – Casa de Januário mais recente, presente de Luiz Gonzaga.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Dois aspectos chamaram nossa atenção quando observamos as casas da Fazenda Araripe. O primeiro é que o jogo de alturas do telhado, reflexo da diferença do pé direito das edificações, comunica uma hierarquia entre estas: as mais altas são consideradas mais importantes, de acordo com o que signifique “mais importante” no sistema social local. No núcleo central, isso é percebido pela maior altura da casa do Barão de Exu, dono de tudo aquilo, para as demais, dos familiares sob sua tutela. Nas casas mais simples, a mais alta possui um tratamento diferenciado da fachada, com ornamentos ecléticos, e aberturas somente de portas, característico das edificações comerciais da época. O segundo aspecto se relaciona com a segunda casa de Januário, construída por seu filho, que nos aponta que a partir de uma maior disponibilidade de recursos, a imagem ideal que orienta a construção da casa é a da casa grande, em forma e espaço. Seria então a casa grande a imagem do espaço existencial daqueles moradores das casas mais simples? Neste ponto, este questionamento nos serve apenas para reflexão, devendo ser abordado de forma mais aprofundada na seção 3.4 deste capítulo, onde discutimos a análise das casas dos sertões de dentro.

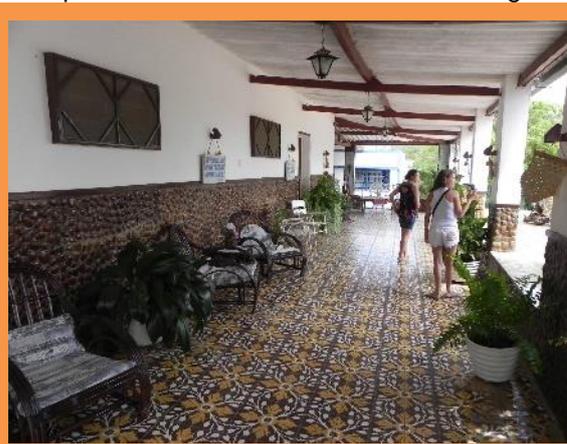
Saindo da Fazenda Araripe, fomos conhecer o Parque Asa Branca, onde se encontra o museu com o acervo de Luiz Gonzaga, o memorial em sua homenagem e de D. Helena, e a sua última casa, que particularmente nos interessa. Na casa, percebemos a mesma situação observada na Fazenda Araripe: uma aproximação da forma e do espaço das casas grandes, seja pelo pé direito bastante alto como a casa do Barão de Exu, seja pela volumetria (Figura 104) similar à das casas grandes de

Caboclo e da Fazenda Caiçara, seja pelos alpendres amplos (Figura 105) como nos caseiros do núcleo central da Fazenda Araripe. Internamente, cômodos amplos acessados por corredores comunicam o cuidado do resguardo dos quartos e das dependências de serviço (Figura 106).

Figura 104 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Volumetria da última casa de Luiz Gonzaga.



Figura 105 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Alpendre da última casa de Luiz Gonzaga.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 106 - Exu (PE): Parque Asa Branca – Corredores da última casa de Luiz Gonzaga.

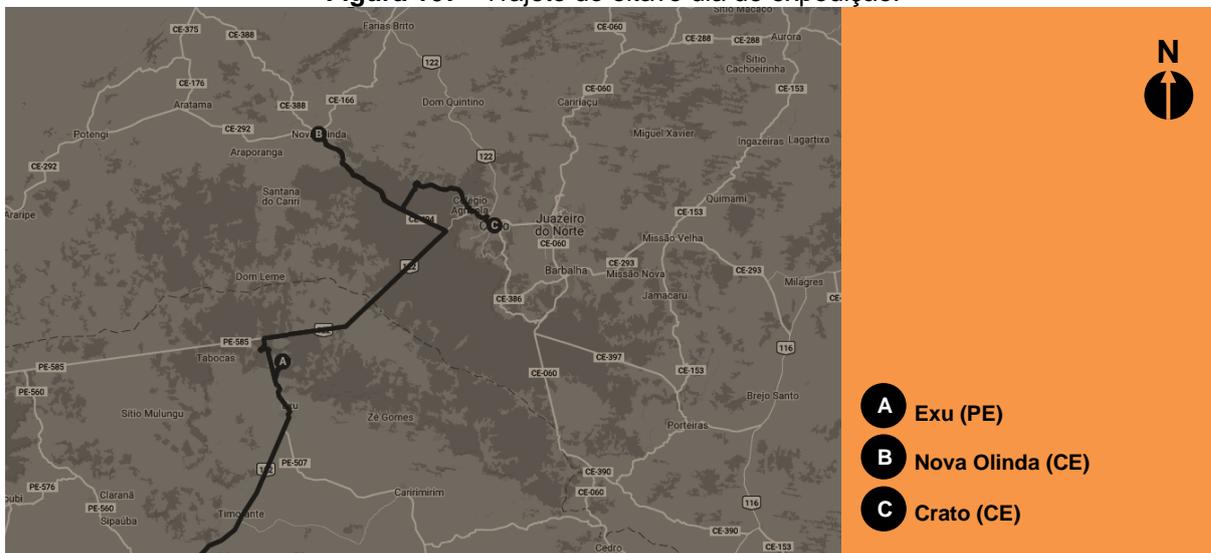


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Levamos a manhã e mais uma parte da tarde visitando esses lugares em Exu, de onde saímos já depois do almoço. Pegamos a BR-122 e subimos a Chapada do Araripe, adentrando no Ceará. Na Chapada, pegamos a CE-494 em direção à Nova Olinda para visitar o ateliê do Mestre Espedito Celeiro, que carrega uma tradição de gerações do trabalho com o couro, e para conhecer o Memorial do Homem Kariri, que funciona na primeira casa da Fazenda Tapera, que deu origem à hoje cidade de Nova

Olinda. De lá, retornamos pela mesma estrada, e depois seguimos pela CE-292, em direção ao Crato (Figura 107).

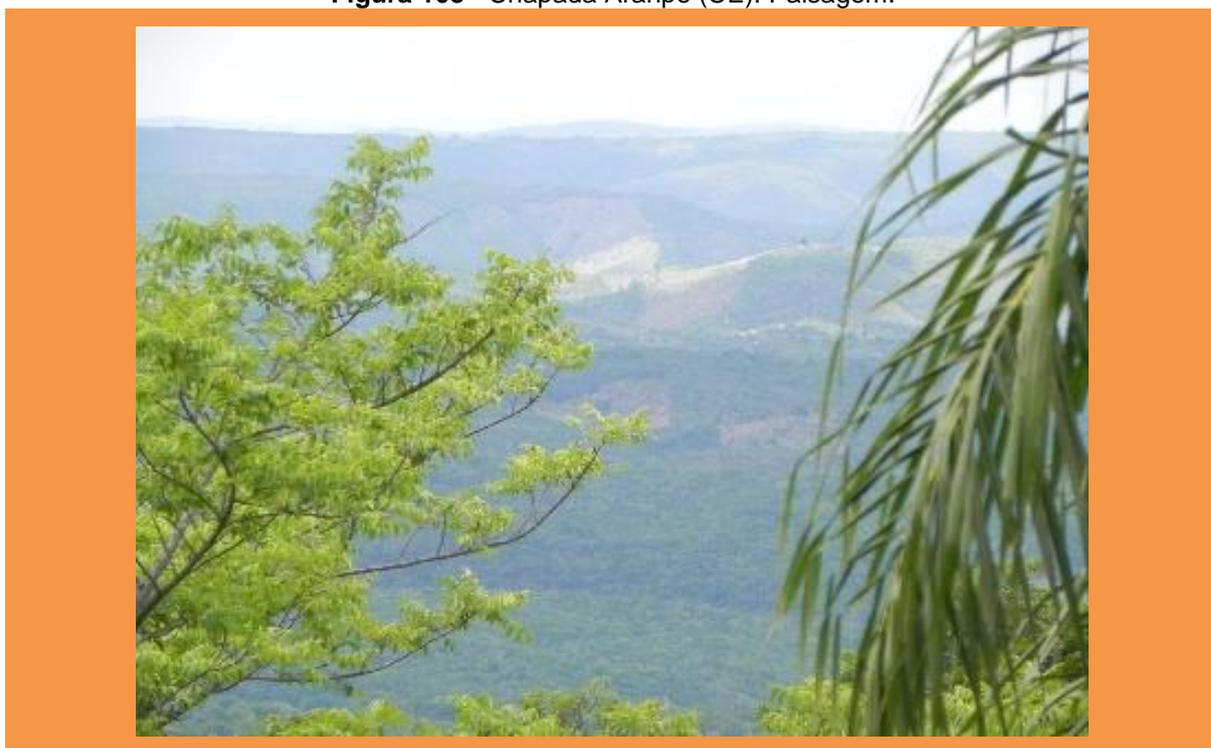
Figura 107 - Trajeto do oitavo dia de expedição.



Fonte: Produzido pela autora.

Quando subimos a Chapada do Araripe, nos deparamos com uma paisagem totalmente diferente daquela que vinha nos acompanhando desde Barra (BA): a vegetação de verde vivo que, em suas brechas, descortinava os abismos e o horizonte, com vista ampla da paisagem, do alto (Figura 108).

Figura 108 - Chapada Araripe (CE): Paisagem.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Ainda na Chapada, atravessamos o Geoparque Araripe, onde visitamos o Geossítio da Ponte de Pedra (Figura 109). É uma formação rochosa natural que lembra uma ponte, pois vence o vão de um riacho. Acredita-se que a ponte tenha servido de trilha para as populações antigas, tanto para os índios como para os antigos vaqueiros que colonizaram a região.

Figura 109 - Chapada Araripe (CE): Geoparque Araripe – Geossítio da Ponte de Pedra.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A cidade de Nova Olinda (CE) se origina da Fazenda Tapera que, no final do século XVII, era ponto de passagem da Estrada das Boiadas que ligava o Cariri ao Sertão dos Inhamuns. Ao chegar na cidade, nos guiamos as placas indicativas para visitar o ateliê do Mestre Espedito Celeiro (Figura 110), onde pudemos ouvir a história da sua vida e de seus antecedentes no trabalho com o couro e apreciar as etapas de confecção dos seus produtos. Na ocasião, nos informou que em breve seria inaugurado o Museu do Couro, num casarão ao lado do seu ateliê. De fato, hoje o Museu do Ciclo do Couro é uma das atrações do Geoparque Araripe, e se volta para a história do ciclo do gado e do couro no Cariri.

Figura 110 - Nova Olinda (CE): Espedito Celeiro e seu ateliê.



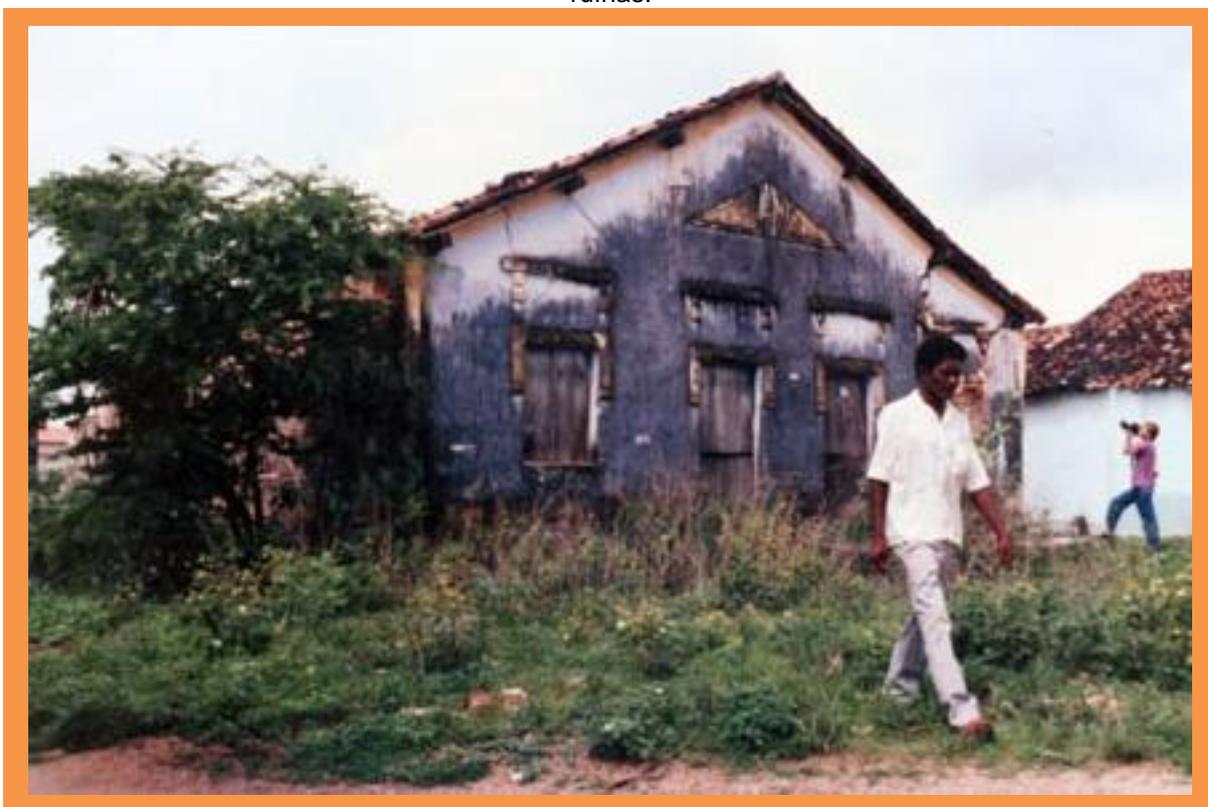
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em seguida, fomos visitar o Memorial do Homem do Kariri, que funciona na antiga casa grande da Fazenda Tapera, a primeira da região, que passou por um processo de restauro em 1992, justamente para abrigar o memorial. Neste processo, materiais e artefatos da casa antiga foram colhidos e, juntamente com fotografias da época (Figura 111), compõem o acervo do memorial. A estas peças, se juntam artefatos de cunho mitológico e arqueológico, materiais líticos, cerâmicos e registros rupestres, além de quadros e mapas antropológicos que contam acerca das tribos indígenas que viviam na região, com seus mitos e lendas.

O Memorial do Homem do Kariri é um dos laboratórios de produção da Organização Não-Governamental Fundação Casa Grande, que tem como missão a formação educacional de crianças e jovens em gestão cultural, por meio dos programas de memória, comunicação, artes e turismo. No memorial, em particular, se realiza a formação de recepcionistas mirins, com aulas de arqueologia, conservação

do patrimônio, mitologia e museologia. De fato, fomos recepcionados por Yara¹⁰², de 9 anos de idade, que nos mostrou todas as salas, falou dos objetos expostos, contou coisas sobre a casa. Uma graça! Além do registro fotográfico, fizemos um rápido levantamento da casa. Por se encontrar hoje inserida no núcleo urbano de Nova Olinda (CE), não nos convém realizar a análise desta casa na primeira escala, já que é enganoso verificar, na sua situação de hoje, as relações que desenvolve com o entorno. Mas podemos olhar para dentro, realizar sua análise na segunda escala, tentando compreender a sua estruturação espacial interna.

Figura 111 - Nova Olinda (CE): Foto antiga da Casa Grande da Fazenda Tapera, quando estava em ruínas.



Fonte: fundaçãocasagrande.org.br.

A casa grande da antiga Fazenda Tapera apresenta algumas diferenças volumétricas com relação às demais casas grandes observadas: a proporção entre largura, altura e profundidade remete mais à forma de cubo, do que a de um paralelepípedo, como as outras; o telhado, apesar de ser de duas águas como as demais, agora tem caimentos para os lados, e não no sentido frente-fundo como antes

¹⁰² Nome fictício.

observado. O pé direito se assemelha às outras, se apresentando bastante elevado (Figura 112). Internamente, a ausência de forro deixa perceber as paredes à meia altura, com espigões que alcançam as linhas do telhado, dispensando o uso de tesouras (Figura 113).

Figura 112 - Nova Olinda (CE): Volumetria da Casa Grande da antiga Fazenda Tapera.



Figura 113 – Nova Olinda (CE): Estrutura interna da Casa Grande da antiga Fazenda Tapera.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Após a visita ao Memorial do Homem do Kariri, seguimos em direção ao Crato, onde chegamos no fim da tarde. Ali, fizemos o registro fotográfico do conjunto arquitetônico (Figura 114) da Praça da Sé (Figura 115), onde está localizada a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha (Figura 116). Em seguida, tentamos visitar o Museu Histórico do Crato, mas soubemos, por meio do vigilante, único funcionário no local, que o museu já estava há cinco anos sem funcionamento. Então entramos em contato com o velho amigo do tempo da faculdade, Vitor Batista, com raízes no Crato e morando lá, que nos recebeu em sua casa para que ali pudéssemos pernoitar.

Figura 114 - Crato (CE): Exemplos do conjunto arquitetônico da Praça da Sé.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 115 - Crato (CE): Praça da Sé.



Figura 116 - Crato (CE): Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha.

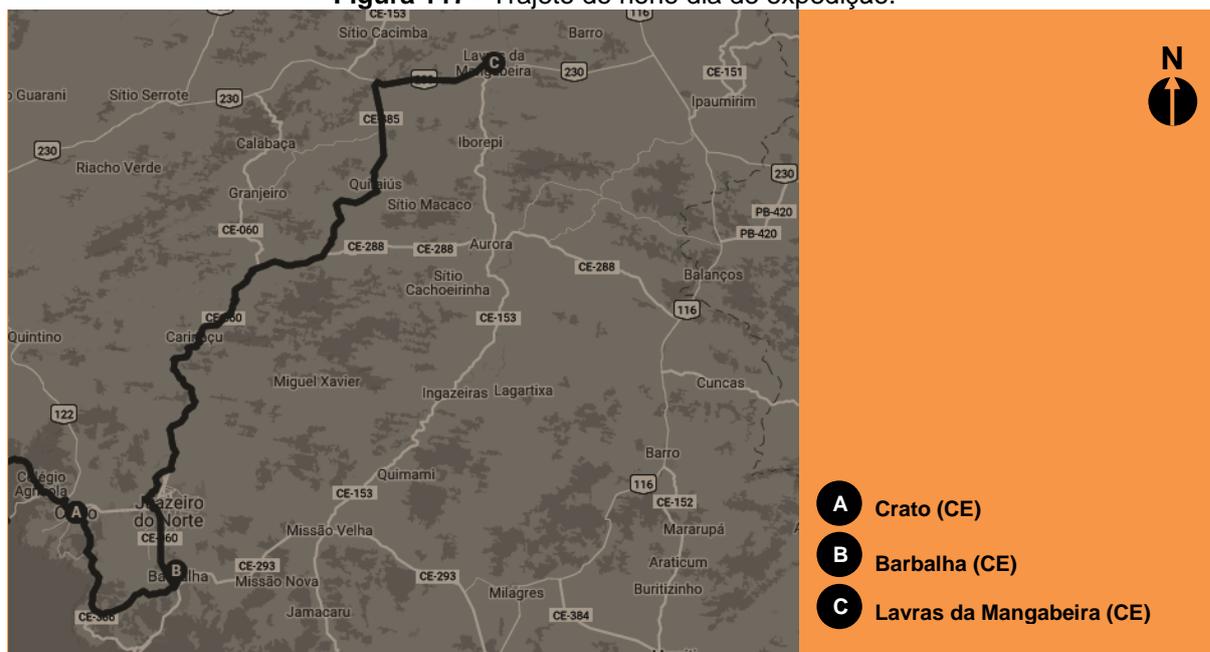


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

3.2.9 Nono dia: Crato (CE) – Lavras da Mangabeira (CE)

Após o café maravilhoso, caseiro, sertanejo, preparado carinhosamente pela Dona Tânia, mãe do Vitor, que incluía cuscuz, tapioca, leite quentinho, queijo coalho fresco e, é claro, café coado, partimos do Crato em direção à Barbalha (CE), via CE-293. Ali fizemos uma parada, para registrar o belíssimo conjunto arquitetônico do centro histórico, e de lá seguimos para Lavras da Mangabeira (CE), pela CE-060 (Figura 117).

Figura 117 - Trajeto do nono dia de expedição.



Fonte: Produzido pela autora.

Barbalha (CE) é daquelas cidades que guarda, espontaneamente, um conjunto arquitetônico bastante preservado. Em torno da Capela de Santo Antônio, construída em 1778 em terras particulares, surgiu um pequeno povoado que cresce pela crença da existência de ouro na região. Antes habitado pelos índios Kariris, o lugar passou a receber famílias portuguesas, desencadeando um processo de colonização e conseqüentemente, de doação de sesmarias. Desse crescimento urbano se origina a cidade, cujos sobrados, casarões e solares se encontram preservados e em uso, seja como moradia, seja por instituições públicas e particulares.

O casario de Barbalha está presente em mais de vinte ruas do centro histórico da cidade. Se destaca pela diversidade: são casas térreas e sobrados, com beirais ou platibandas, caiadas ou azulejadas, coloniais, neoclássicas, ecléticas, art decós (Figura 118). Aqui, mais uma vez, a altura da casa destaca a importância da edificação. Mas a isso se soma tanto a quantidade de pavimentos como o número de aberturas na fachada principal, traduzida numa composição de portas e janelas, estas às vezes com gradis, balcões ou balaustradas, sempre emolduradas segundo o estilo da edificação. A maioria são casas geminadas, e apesar da superfície contínua, não nos dão a impressão de uma fachada única, dado o tratamento ornamental diferenciado que cada casa recebe, e a coexistência de casas térreas e sobrados em uma mesma quadra. A superfície contínua, no entanto, garante a conformação das ruas a partir das casas. Em algumas delas, a proporção entre a altura das edificações e a largura da rua faz com que esta se configure como rua corredor.

Figura 118 - Barbalha (CE): Amostra do conjunto arquitetônico.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Saímos de Barbalha (CE) em direção à Lavras da Mangabeira (CE), onde paramos para almoço. Ali mesmo, num restaurante de beira de estrada, o senhor da mesa ao lado, que parecia conhecer todos ali, puxa conversa, pergunta de onde estamos vindo e indo para onde. Uma espécie de vigilância social, que significava a pergunta “o quê que vocês estão fazendo aqui?”, mas com nenhum tom ameaçador. Pelo contrário, de forma muito cordial e amistosa. Falamos da pesquisa, da saga desde Niterói, do nosso destino final. Espontaneamente, nos fala da casa da D. Fideralina, uma fazenda antiga, no Sítio Tatu, ainda em uso, com capela em ruínas. Nos diz como chegar lá, e um nome para procurar no local. Disse que se a chave da casa estivesse lá, podíamos pedir para entrar. Era um amigo da família de D. Fideralina.

Assim fizemos. Terminamos o almoço e saímos em busca da tal fazenda, através de uma estrada de terra. Depois soubemos, através de conversas com os moradores da fazenda, que a Dona Fideralina era uma grande proprietária de terras, que recebeu por herança. A matriarca era conhecida na região como mulher destemida, que enfrentava e combatia, com as mesmas armas, as pelejas com os seus adversários. Se tornou uma grande expressão política da região, tendo conquistado o poder político supremo em Lavras da Mangabeira. Hoje é tida pela população local como símbolo do mandonismo e do coronelismo. O Sítio Tatu, onde assentou sua casa, era expressão desse poder: um latifúndio gerenciado pela casa grande, que controlava o funcionamento de todas as suas partes: a moral e a ordem com a Capela de Nossa Senhora da Conceição, a produção de cana com o engenho, a mão de obra escrava, com a senzala e o pelourinho.

A primeira coisa que se avistou ao chegar, e que indicou que era aquele o lugar que buscávamos, foi a Capela de Nossa Senhora da Conceição. Numa elevação do solo, repousa sobre o patamar alcançado através de uma pequena escadaria de tijolos maciços. A fachada principal, lisa, sem ornamentos, recebe um tratamento escalonado nas diagonais da empena. Tem apenas uma porta, de duas folhas, sobre a qual se encontra o sino, marca o eixo de simetria da composição, reforçada pelas três cruces que ocupam as extremidades e o centro da fachada (Figura 119). Internamente, a nave única é seguida por um espaço mais fechado, destinado aos preparativos das celebrações. O altar, também simétrico, com arcos de formas ogivais e arremates pontiagudos, verticais, remetendo ao neogótico. As paredes laterais

recebem um revestimento de azulejos a meia altura, e possui alguns nichos que eram destinados às imagens sacras (Figura 120).

Figura 119 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Fachada principal da Capela de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 120 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Espaço interno da Capela de Nossa Senhora da Conceição.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

À frente da capela, cruzando a estrada, encontra-se a entrada para a fazenda, controlada pela vigilância de uma casa de morador, que se encontra na porção frontal do terreno. Casa simples, com telhado de duas águas com caimento para as laterais, duas portas e janela, remete à ideia de que a casa divide o espaço com uma área de armazenagem (Figura 121).

Figura 121 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Casa de morador que guarda a entrada da fazenda.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A casa grande é mais afastada da entrada e tem amplo espaço aberto à frente, o que permite o controle visual do seu entorno. Neste espaço aberto, encontra-se encravado um cruzeiro que, como na Fazenda Caiçara em Exu (PE), demonstra a relação íntima entre a Igreja e a casa grande. É também uma casa simples no que diz respeito aos aspectos estéticos, mas de amplas dimensões. Não tem ornamentos e apenas uma pequena varanda na frente, que nem abarca completamente a fachada principal. Abriga apenas uma porta, ladeada por duas janelas, uma de cada lado, dando a entender ser aquela uma parte importante da casa (Figura 122).

Figura 122 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Casa grande da fazenda.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O telhado de duas águas cai para a frente e o fundo da casa, deixando as empenas laterais à mostra e sem beirais (Figura 123). Nos fundos, a zona de serviço apresenta, pelo lado de fora, uma complexidade espacial que provavelmente se

estende ao seu interior.¹⁰³ São espaços fechados, semiabertos e abertos, numa sequência transitória entre o fora e o dentro, alguns adicionados posteriormente à construção original (Figura 124).

Figura 123 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Empena da casa grande.



Figura 124 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Complexo de serviço da casa grande.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Essa zona de serviço se volta para um açude que, segundo os moradores, sempre foi o grande orgulho da Dona Fideralina, mas que hoje se encontra quase totalmente seco, servindo apenas de lambedouro para os gados magros que por ali se encontram (Figura 125). No entorno da casa grande, é possível encontrar ainda um estábulo (Figura 126), de construção mais recente, e algumas máquinas de um antigo engenho de cana (Figura 127).

Figura 125 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Açude.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 126 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Estábulo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 127 - Lavras da Mangabeira (CE): Sítio Tatu – Máquinas do antigo engenho.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

¹⁰³ Apesar de ter encontrado os trabalhadores da fazenda no local, estes não estavam de posse da chave da casa grande, de modo que não pudemos adentrar no interior do edifício.

Após a visita ao Sítio Tatu, retornamos no sentido Lavras da Mangabeira. Neste retorno, os nove dias de estrada começaram a se manifestar no corpo, na forma de enjôo de grávida de dois meses. Decidimos permanecer em Lavras e pernoitar ali, para que pudéssemos continuar a viagem no dia seguinte.

3.2.10 Décimo dia: Lavras da Mangabeira (CE) – Fortaleza (CE)

A noite de mal-estar havia sido bastante longa, e ao amanhecer, apesar de melhor, ainda não estava totalmente recuperada. Bastou entrar no carro para que o enjôo e a tontura voltassem. Considerando a minha condição física naquele momento e os cuidados exigidos, decidimos seguir direto para Fortaleza, sem paradas nem registros no caminho. Era já dia 03 de fevereiro de 2015. Foram dez dias de viagem, ao longo dos quais percorremos cerca de 3.500 km e pousamos em 22 localidades. Geramos cerca de 1.500 arquivos de fotos e vídeos, e realizamos 3 levantamentos arquitetônicos, sendo dois de casas grandes de fazendas do período do ciclo do gado, e uma de casa simples construída na década de 1980. As fotos e os vídeos foram catalogados por data e localidade em ordem de geração do arquivo, mantendo a sequência original dos aparecimentos ao longo do trajeto. Os levantamentos arquitetônicos, por sua vez, foram registrados em arquivos de autocad. Em seguida, foram realizados três backups de todos os arquivos gerados: um virtual (na nuvem), e dois em mídias externas (um pen drive, e um HD). Tomadas estas providências, os dados passaram por um tratamento com o intuito de deixá-los prontos para análise.

O procedimento de análise dos dados se iniciou com a tabulação das moradias, considerando a categorização das relações topológicas de acordo com o grau de disposição para se relacionar com o entorno e a classificação das moradias. As tabelas de dados foram montadas de modo a apresentar, para cada casa, uma imagem fotográfica representativa do edifício, os dados para cada um dos padrões de acontecimentos observados para as relações de proximidade, clausura e concentração, e a classe à qual aquela determinada moradia pertence. A catalogação dos arquivos de foto e vídeo por ordem de aparecimento permitiu que esta ordem fosse mantida na inserção dos dados.

Posteriormente, com a tabela alimentada com os dados pertinentes para cada moradia, as células foram coloridas de acordo com o grau de disposição para se

relacionar com o entorno. Isto tudo foi feito, de início, para o universo global da pesquisa. Em seguida, essa tabela universal foi fragmentada, gerando quatro outras, cada qual referente à uma classe de moradias.

Depois das tabelas prontas, sentiu-se a necessidade de clarificar o estado das coisas através de uma síntese da situação das moradias, ou mesmo de uma representação visual que permitisse uma visão mais clara de como as moradias se assemelham e se diferem de acordo com as relações topológicas. Por conta disso, para cada categoria das relações topológicas, foi criado um gráfico pizza, com o intuito de perceber os graus predominantes de proximidade, clausura e concentração tanto para o universo total como para cada classe de moradias. No caso das autopromovidas, dada a grande quantidade de casas observadas, isto também foi feito para cada estado percorrido na expedição, com o intuito de observar possíveis particularidades em diferentes espaços. Finalmente, após a conclusão dos gráficos, cada classe passou por uma análise própria, que posteriormente foi cruzada com as demais. As compreensões resultantes deste processo são apresentadas a seguir.

3.3 Panorama das casas rurais dos Sertões de Dentro

Conforme dito anteriormente, para cada classe de moradias foi realizada uma análise que, posteriormente, foi cruzada com as demais. Mas uma questão deve ser esclarecida de imediato: como, ao longo da expedição, as classes de moradias foram identificadas? Em outras palavras, como identificamos, ao observar uma casa na estrada, à qual classe de moradias ela pertence? Bom, isto foi possível aliando informações visuais presentes no próprio ambiente observado, com experiências anteriores, notadamente as vivências relacionadas ao trabalho de graduação, que abordou um assentamento de reforma agrária para o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, e ao desenvolvimento da dissertação de mestrado, que abordou a autopromoção de moradias no campo. Os indícios utilizados para cada caso são apresentados a seguir, juntamente com a compreensão proveniente da análise.

3.3.1 Acampamentos

Os acampamentos (Figura 128) foram facilmente identificados pelo caráter improvisado das construções – geralmente estruturas de madeira vedadas com lonas plásticas e cobertas com palha – que nos informam o caráter emergencial e temporário

das casas. Além disso, os acampamentos são identificados pela bandeira do movimento social que o originou. Muitas vezes, o tempo de permanência no acampamento ultrapassa a previsão do grupo, fazendo com que a bandeira sofra com o desgaste do tempo, não cumprindo mais a sua função de identificação do movimento social. No entanto, a presença de uma haste de madeira em cuja ponta tremula um pano – em qualquer estado – próximo a um agrupamento de barracos é suficiente para nos fazer supor que ali se trata de um acampamento de luta pela reforma agrária.

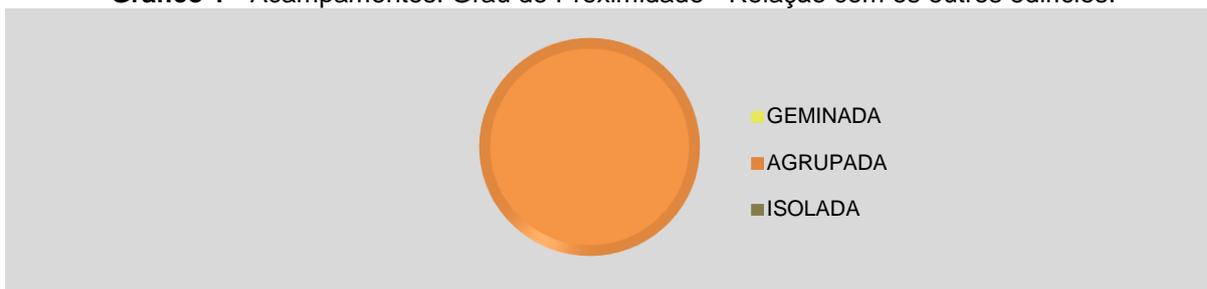
Figura 128 - Acampamentos.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

As casas dos acampamentos possuem um grau médio de proximidade entre si (Gráfico 1). Estão agrupadas e não compartilham superfícies limites, se configurando como individuais. No entanto, a distância entre elas é muito pequena, menor até que as suas próprias dimensões de altura, largura e profundidade. Por conta disso, não existe o domínio individual do entorno imediato: todo o espaço vazio entre as moradias é coletivo, compartilhado e cuidado pelas famílias que ali se encontram, e se caracterizam como caminhos, quando mais lineares, e lugares de encontro, discussão e atividades coletivas, quando conformado como um espaço mais amplo e aberto. Tais características conferem ao acampamento uma densidade pouco vista nos espaços rurais, fazendo com que o conjunto das moradias se configure como uma massa concentrada na paisagem.

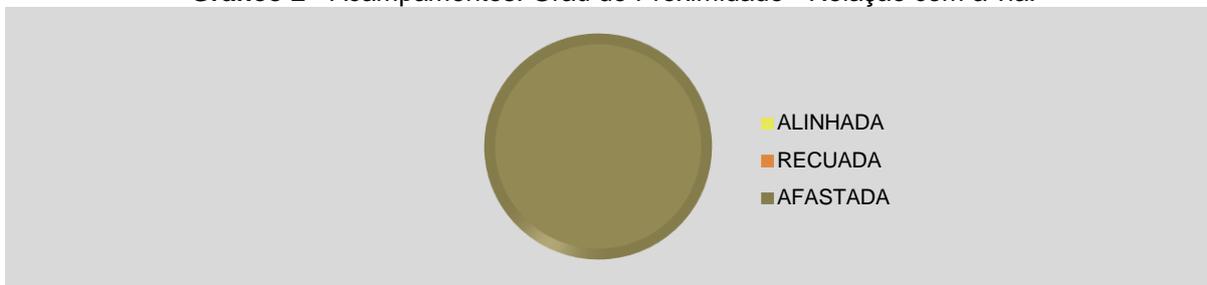
Gráfico 1 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Relação com os outros edifícios.



Fonte: Produzido pela autora.

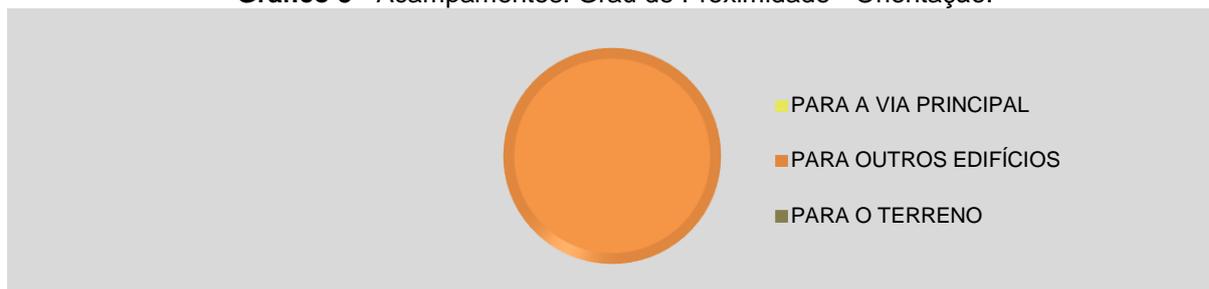
No que diz respeito à relação com a via (Gráfico 2), os acampamentos observados encontram-se sempre afastados desta. O espaço entre a via e o acampamento não recebe nenhum tipo de tratamento, de modo que possíveis vegetações existentes ou irregularidades na superfície do solo se constituem como obstáculos ao acesso, o que confere uma ruptura espacial entre esses dois elementos. O caminho para acesso aos acampamentos a partir da via são abertos apenas pela retirada da vegetação, sem receber nenhum tipo de pavimentação. Às vezes tão estreitos, que se duvida a possibilidade de passar carros por ali. Acabam se tornando quase imperceptíveis, como que camuflados na paisagem.

Gráfico 2 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Relação com a via.



Fonte: Produzido pela autora.

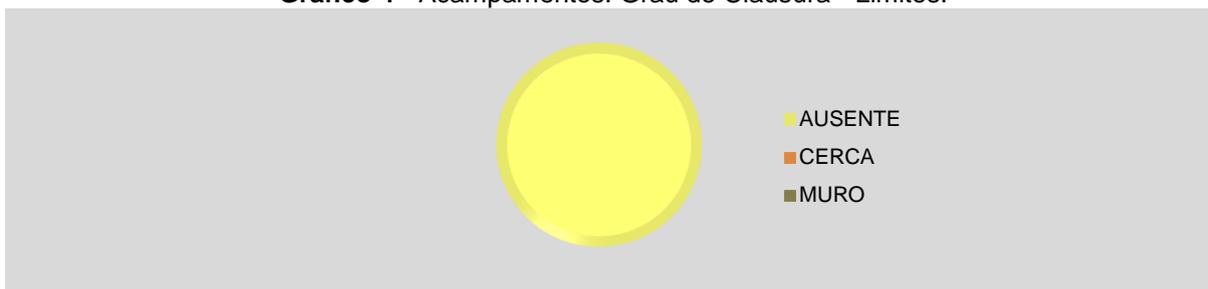
Pelo pouco espaço entre as casas e a conseqüente densidade, é quase homogênea a orientação das casas para outros edifícios (Gráfico 3), remetendo a uma relação em nível mais local. Talvez pela coesão do grupo, talvez pelo cuidado recíproco que a situação de luta e resistência exige, dificilmente se vê um barraco que esteja orientado para fora do espaço do acampamento, nos informando que as coisas que ali dentro acontecem são mais importantes do que aquelas que ocorrem mesmo em seu entorno imediato.

Gráfico 3 - Acampamentos: Grau de Proximidade - Orientação.

Fonte: Produzido pela autora.

Todas as características comentadas até agora, que se referem à relação de proximidade, nos mostram que esta varia em dois níveis. Quando olhamos para as casas em si, percebemos um elevado grau de proximidade entre estas - se voltam umas para as outras, compartilham o entorno imediato comum, estão próximas. Mas quando nos voltamos para o conjunto do acampamento, percebemos um baixo grau de proximidade, o que nos remete à ideia da necessidade de defesa: a densidade pela pouca distância entre as casas, o espaço cheio de obstáculos entre o acampamento e a via, o acesso quase camuflado que acaba intimidando quem pensa em por ali adentrar e a vigilância social garantida pela orientação das casas. Tais diferenças entre esses dois níveis nos mostram que o acampamento como um todo, mesmo seus espaços abertos, se configura como espaço interior, protegido, conhecido – um lugar onde tudo se aproxima, se relaciona, se comunica. O entorno, do acampamento, por outro lado, corresponde ao espaço exterior, ao mundo desconhecido, inseguro – uma região da qual se deve se proteger.

No que diz respeito à relação de clausura, nem os acampamentos, nem as suas casas possuem limites do terreno (Gráfico 4). Já dissemos que dada a densidade das casas, o entorno imediato destas se configura como o espaço livre do interior do acampamento que é compartilhado pelas famílias que ali se encontram. Deste modo, de fato deixa de fazer sentido a presença de um limite preciso neste caso. No que diz respeito ao acampamento como um todo, poderíamos pensar que a necessidade de defesa implicasse na presença de um limite preciso, como um muro ou mesmo uma cerca. No entanto, vimos que outras estratégias foram aplicadas no sentido de satisfazer a essa necessidade. O próprio espaço existente entre o acampamento e a via, por exemplo, se configura como um limite pela presença dos obstáculos.

Gráfico 4 - Acampamentos: Grau de Clausura - Limites.

Fonte: Produzido pela autora.

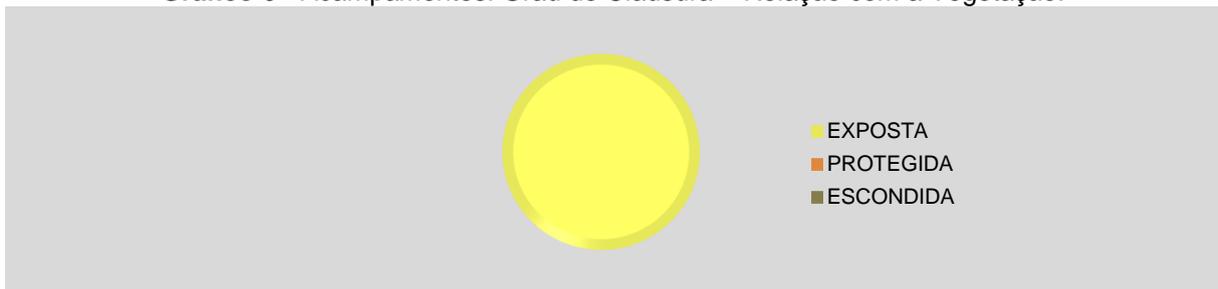
Com relação às aberturas na fachada principal (Gráfico 5), as casas se caracterizam pela presença de apenas uma porta. Aliás, dadas as características materiais das construções, esta é, na verdade, a única abertura presente. Isto nos remete à ideia de que esta porta tem a função apenas de passagem, do dentro para fora e do fora para dentro da casa, ao mesmo tempo em que a ausência de janelas aumenta o nível de privacidade no interior das moradias. O acampamento em si, como não tem limites bem definidos, também não tem portão, que seria o elemento filtrante de quem entra e sai do acampamento, garantindo o controle. No entanto, a quase camuflagem do caminho de acesso que acaba inibindo as pessoas a adentrarem ali acaba cumprindo esta função.

Gráfico 5 - Acampamentos: Grau de Clausura - Aberturas.

Fonte: Produzido pela autora.

Já falamos da relação do acampamento em seu conjunto com a vegetação, e de como esta se configura como um obstáculo entre a via e o acampamento. Esta relação se configura mais como uma proteção do que como um esconderijo. Internamente, ao contrário, não se percebe vegetação entre as moradias, de modo que elas se encontram totalmente expostas umas para as outras. Como isto é um padrão para as casas do acampamento, percebe-se aí que inexistente a necessidade de proteger ou mesmo esconder a casa com relação às demais (Gráfico 6).

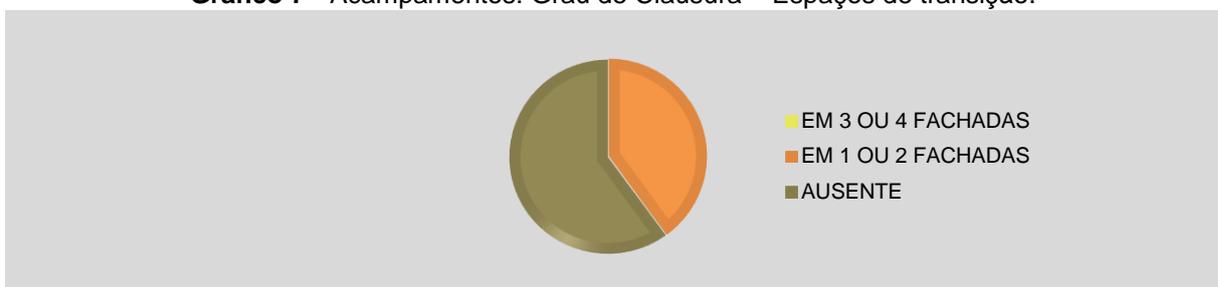
Gráfico 6 - Acampamentos: Grau de Clausura – Relação com a Vegetação.



Fonte: Produzido pela autora.

Com relação aos espaços de transição (Gráfico 7), percebemos que as casas apresentam uma variedade. Enquanto algumas não apresentam nenhum espaço de transição, outras possuem uma cobertura que se estende para o exterior, sempre sombreando a porta, e esta é a única variação. A cobertura possui as mesmas características materiais da casa: uma estrutura rústica de madeira onde se apoia ou se amarra a lona ou a palha. Mas diferente do que descrevemos na categorização das relações topológicas, este espaço não se configura como um elemento mediador da tensão entre dentro e fora, uma zona de transição a partir da qual se controla o entorno imediato e que é de domínio da família habitante daquela casa específica. Aqui, este espaço se funde com o espaço livre do acampamento, com os caminhos estreitos, e acaba se tornando lugar de reunião e encontro que acontecem mesmo sem a presença da família “dona” daquela cobertura. Disso deduzimos que, dada a ausência de vegetação entre as casas, tais cobertas são mais para fornecer sombra e proteger da chuva do que para qualquer outra coisa.

Gráfico 7 - Acampamentos: Grau de Clausura – Espaços de transição.

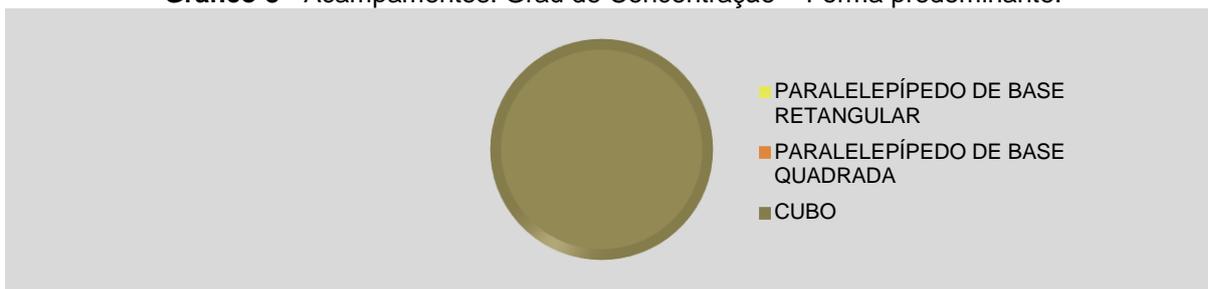


Fonte: Produzido pela autora.

Das características dos limites, da relação com a vegetação e dos espaços de transição, que se referem à relação de clausura, percebemos, assim como para a proximidade, a existência dos dois níveis de fechamento: um que se refere ao espaço interior, ou seja, ao modo como as casas se relacionam com as demais e com os espaços livres do acampamento, e outro referente ao espaço exterior, ou seja, ao

modo como o acampamento, em seu conjunto, se relaciona com o entorno, com o espaço exterior. No primeiro caso, percebemos que o grau de clausura é mínimo: não existem limites entre as casas, seus entornos imediatos são compartilhados com as demais, estão expostas umas às outras. Os espaços de transição, quando existem, não tem a função de controle e filtragem do acesso, mas se fundem ao espaço público, de domínio coletivo. Dada esta disposição para se relacionar com o entorno imediato – neste caso, o espaço do acampamento – é a presença de apenas uma abertura que garante a privacidade das unidades, e se não se pode conversar ou ver o exterior através de janelas, dadas as suas ausências, é porque tais coisas acontecem do lado de fora que, neste caso, ainda é dentro, já que o espaço do acampamento como um todo se configura como um entorno conhecido, um lugar. No segundo caso, a relação se inverte e percebemos um elevado grau de clausura: apesar da inexistência de um limite físico bem definido, o próprio espaço entre a via e o acampamento se configura como limite pela presença de obstáculos; o acampamento se encontra protegido pela vegetação presente no entorno, possui apenas um acesso, quase camuflado na paisagem, e não possuem espaços de transição que possa ser compartilhado entre os de dentro e os de fora – estas coisas são mantidas separadas.

No que diz respeito à relação de concentração (Gráfico 8), as casas possuem predominantemente a forma próxima a de um cubo, o que remete à concentração máxima. No entanto, mais uma vez, diferente do que descrevemos na categorização das relações topológicas, a casa não se configura como uma massa bem definida e concentrada na paisagem. Por conta da densidade, incomum nos espaços rurais, quase não se pode observar as unidades isoladamente, mas apenas o seu conjunto. Além disso, inexistente um entorno imediato de domínio da casa, já que este é o espaço compartilhado do acampamento. Este, no entanto, possui grau de concentração máxima, dada a sua configuração de massa bem definida na paisagem por conta da densidade das casas. Aqui, mais uma vez, o grau da relação topológica para o espaço interior difere daquele para o espaço exterior.

Gráfico 8 - Acampamentos: Grau de Concentração – Forma predominante.

Fonte: Produzido pela autora.

A partir dessas análises, percebemos que as relações topológicas apresentam variações nos espaços interno e externo: dentro temos, para as unidades de casas, um alto grau de proximidade e baixo grau de clausura e concentração, enquanto que fora, o acampamento em seu conjunto apresenta baixo grau de proximidade e alto grau de clausura e concentração. São relações exatamente inversas em termos de intensidade, o que reforça a definição dos espaços interno conhecido e externo misterioso. Também percebemos que, em diversos momentos, o modo como as coisas se apresentam ganham significados distintos daqueles que previmos nas descrições da categorização das relações topológicas. Em alguns casos, isto ocorre pela mescla de qualidades do que consideramos como sendo de diferentes graus, como por exemplo, as casas que são agrupadas porque não compartilham nenhuma superfície-limite, mas que compartilham o entorno imediato, como é próprio das casas geminadas. Em outros casos, a distinção dos significados é resultante da resignificação dos próprios elementos, como o caminho que cumpre a função de filtro das aberturas, e o espaço entre a via e o acampamento, que cumpre a função de limite. Essas coisas nos mostram que, de fato, os elementos e as relações topológicas estão inter-relacionadas e coexistentes, se sobrepõem e se complementam.

3.3.2 Assentamentos

Os assentamentos rurais, provenientes da política de reforma agrária, são facilmente reconhecidos pela presença de placas. Tanto o assentamento em si como cada casa individualmente possuem uma identificação desta forma. Além disso, as casas seguem um modelo padrão, que aos poucos vão sendo modificados por cada família assentada, o que nos permite perceber, mesmo entre um grupo de casas à primeira vista diferentes, um núcleo original comum.

As casas dos assentamentos são agrupadas (Figura 129), próximas umas às outras, a distâncias que permitem o acesso mútuo através de uma caminhada, ao mesmo tempo em que garantem a percepção da individualidade de cada uma na paisagem. Em alguns poucos casos (Gráfico 9) a distância entre as casas é maior, impossibilitando o trajeto a pé e fazendo com que elas se configurem como isoladas, ainda que parte do mesmo assentamento (Figura 130). Enquanto agrupadas, as casas não compartilham superfícies-limites da edificação, mas seus terrenos, seus entornos imediatos se encontram unidos, compartilhando pelo menos uma das linhas dos limites que o definem. Dada as distâncias entre elas, cada casa possui um domínio individualizado do seu entorno imediato e, para além deste, se encontram os espaços compartilhados do assentamento.

Gráfico 9 - Assentamentos:
Grau de Proximidade -
Relação com outros edifícios.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 129 - Assentamentos:
Casa agrupada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

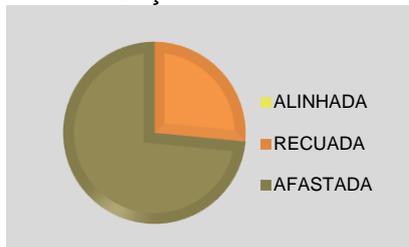
Figura 130 - Assentamentos:
Casa isolada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A maioria das casas dos assentamentos se encontram afastadas da via (Figura 131), com um espaço entre esses dois elementos, onde se encontram obstáculos como vegetação ou diferença de nível entre a pista e as casas – para cima ou para baixo. Por conta disso, só podem ser acessadas por caminhos secundários que implicam na mudança de direção. O caminho é geralmente de terra e possui dimensões compatíveis com as estradas para carros. Para quem passa, parece se tratar de caminhos públicos, que podem ser percorridos por qualquer pessoa. Em alguns casos (Gráfico 10), é possível observar casas apenas recuadas (Figura 132). Aqui não se configura um caminho específico para o acesso à moradia, mas apenas um espaço livre, de modo que para acessá-la, basta sair da pista em sua direção, e já se adentra no seu entorno imediato – uma espécie de terreiro entre a via e a casa.

Gráfico 10 - Assentamentos:
Grau de Proximidade -
Relação com a via.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 131 - Assentamentos:
Casa afastada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 132 - Assentamentos:
Casa recuada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em cada assentamento, as casas seguem um padrão de orientação (Gráfico 11) – ou se voltam para a via (Figura 133), ou para o próprio terreno (Figura 134). O tipo de orientação coincide com determinado padrão de relação com a via: as casas que se voltam para a via principal estão predominantemente afastadas, enquanto que as casas que se voltam para o próprio terreno se encontram apenas recuadas. Percebe-se aqui uma intenção de garantir um determinado grau de relação com a via: se está muito perto, não se volta para ela; se está mais longe, pode se posicionar de frente.

Gráfico 11 - Assentamentos:
Grau de Proximidade -
Orientação.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 133 - Assentamentos:
Casa orientada para a via.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 134 - Assentamentos:
Casa orientada para o terreno.



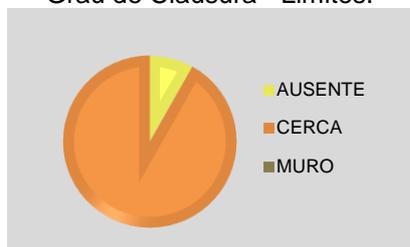
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Destas características, percebemos que as casas dos assentamentos possuem um grau intermediário de proximidade. Estão próximas umas das outras, mas cada uma guarda a sua individualidade, e se relacionam com a via e se orientam de modo a manter uma comunicação, ao mesmo tempo em que se protege de uma exposição mais intensa. Além disso, as distâncias entre as casas possibilitam a identidade da unidade, confere ao assentamento a configuração de um cacho pouco denso. Por conta disso, não se pode perceber o conjunto do assentamento na paisagem. O que se percebe são as casas, aqui e ali, em meio à massa de vegetação.

Os terrenos das casas estão predominantemente bem delimitados pelo uso de cercas que informam os limites da sua soberania sobre o espaço (Gráfico 12). A cerca

se caracteriza como uma estrutura linear, vazada, mais transparente do que opaca, que marca o dentro e o fora, uma zona de domínio particular tão facilmente percebida, que é também o limite da corrida do cachorro que vai latir para quem dali se aproxima, ainda que pudesse transpassá-la. Dada a continuidade visual, esse entorno imediato definido pela cerca acaba se configurando como espaço de transição, um filtro de acesso à casa propriamente dita. Um forasteiro desconhecido que vai ali pedir um copo com água, também grita e bate palmas a partir da cerca, e somente depois, com autorização, passa por ela. Em alguns casos, o copo é entregue através da cerca. Por outro lado, se essa continuidade visual diminui a privacidade da família com relação às atividades que acontecem fora da casa, mas dentro da cerca, também garante à ela um maior controle visual, para além dos limites do seu terreno. Em outras palavras, se enxerga mais de longe quem se aproxima (Figura 135). Em alguns poucos casos, inexistente qualquer limite específico que delimite o entorno imediato sob o domínio da casa, e estes coincidem com aquelas moradias que estão apenas recuadas em relação à via (Figura 136).

Gráfico 12 - Assentamentos:
Grau de Clausura - Limites.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 135 - Assentamentos:
Casa com cerca.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 136 - Assentamentos:
Casa com limites ausentes.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em todos os assentamentos visitados, as casas são padronizadas com relação às aberturas na fachada principal (Gráfico 13): sempre uma porta com janelas (Figura 137). Deste modo, enquanto o acesso ao interior da moradia se faz por um ponto específico, o que garante um maior controle, existe a possibilidade de maior comunicação – visual, auditiva, olfativa - com o entorno imediato através das janelas. A padronização é provavelmente devido à utilização de um modelo de construção de casa para assentamento, no âmbito da política de reforma agrária.

Gráfico 13 - Assentamentos: Grau de Clausura – Aberturas.



Fonte: Produzido pela autora.

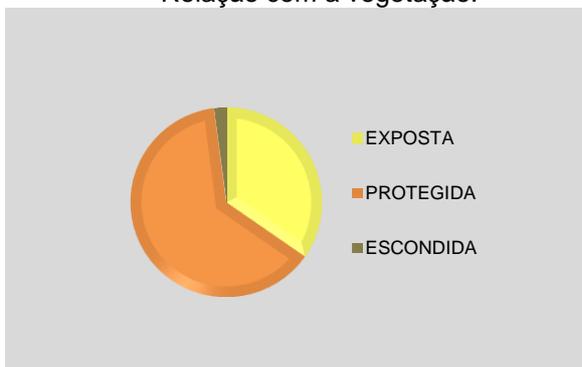
Figura 137 - Assentamentos: Casa com 1 porta com janelas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

No que diz respeito à relação da casa com a vegetação, encontramos uma variedade maior (Gráfico 14). Predominam os casos em que a vegetação protege uma parte específica da moradia (Figura 138), se situando geralmente à frente das aberturas da fachada principal, enquanto que o restante fica à mostra. Ou seja, se protege justamente aquelas partes em que o interior ficaria mais exposto (Figura 139). Em outros casos, a vegetação existente no entorno imediato não protege nenhuma porção da moradia, dado o pequeno porte. Raríssimas vezes ocorrem moradias que ficam totalmente escondidas pela vegetação (Figura 140). Esta variedade de relações não está diretamente relacionada com outros aspectos, ou seja, não existe um padrão entre o tipo de relação com a vegetação e qualquer outra categoria das relações topológicas. Neste caso, somos levados a pensar que a variedade aqui apresentada é uma idiosincrasia pessoal, fruto dos espaços existenciais privados, e são realizadas de acordo com as prioridades de cada família – se se quer mais privacidade, ou garantir melhor vigilância do entorno, por exemplo.

Gráfico 14 - Assentamentos: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 138 - Assentamentos: Casa protegida.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 139 - Assentamentos: Casa exposta.



Figura 140 - Assentamentos: Casa Escondida.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Os espaços de transição também se apresentam com alguma variedade (Gráfico 15). Predominam os ausentes (Figura 141), sendo também bastante relevante a quantidade de casas que os apresentam em uma ou duas fachadas (Figura 142), e raríssimos casos em que estão presentes em três ou quatro fachadas (Figura 143). No entanto, devemos ressaltar que este elemento é definido segundo o modelo de casa adotado para cada assentamento. Isto é fato quando identificamos um assentamento em que todas as casas apresentam o mesmo padrão de espaços de transição, em duas fachadas. Nos demais, que apresentam as variedades, os espaços de transição presentes são nitidamente modificações empreendidas na casa original, que não apresentava nenhum dos ditos espaços. No entanto, a relevância do número de casas nas quais foram empreendidas estas mudanças, nos leva a crer que se trata de uma noção compartilhada de que tais espaços são importantes para as moradias. Se ainda predominam aquelas em que tais espaços estão ausentes, deve ser por motivos outros, por certas incapacidades como por exemplo, a falta de recursos – sejam eles quais forem. Chamamos atenção para este fato porque, assim como para a vegetação, não se identificam padrões de relação entre o tipo de espaço de transição e as demais categorias de modo que a variedade ocorre de acordo com as particularidades de cada família. Poderíamos nos perguntar se tais particularidades não estão relacionadas com os espaços existenciais privados, ao invés de uma impossibilidade. Mas percebemos que naquele assentamento em que os espaços de transição estão presentes no próprio modelo das casas construídas, ou seja, desde o início, as casas não passaram por modificações neste sentido, como se já tivessem satisfeito as necessidades da família com relação a esses espaços. Além disso, em experiências anteriores, percebemos que a tendência geral é que, ao longo da vida, a

varanda e o alpendre surge na casa em algum momento, como uma das muitas transformações que tais moradias experimentam de forma gradativa.

Gráfico 15 - Assentamentos: Grau de Clausura – Espaços de transição.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 141 - Assentamentos: Espaços de transição ausentes.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 142 - Assentamentos: Espaços de transição em 1 ou 2 fachadas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 143 - Assentamentos: Espaços de transição em 3 ou 4 fachadas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

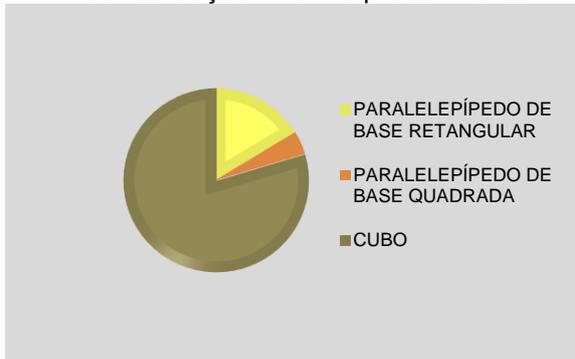
De tais coisas percebemos que, as casas de assentamentos apresentam um grau intermediário: as cercas predominam como limite, oferecendo um obstáculo ao movimento mas permitindo a continuidade visual, sonora e olfativa; a vegetação cumpre, na maioria das vezes, a função de proteger certas porções específicas da casa, mas permite que esta ainda seja vista; as aberturas do tipo porta e janelas determinam um ponto específico de acesso ao interior, mas permitem uma maior continuidade, visual, auditiva e olfativa de determinados pontos deste com o exterior; e os espaços de transição, que predominam como ausentes, tendem a se tornarem presentes ao longo do ciclo familiar. Também é importante chamar atenção para o fato de que, mesmo em se tratando de casas originadas a partir de um padrão, as categorias relacionadas com o grau de clausura variam mais do que aquelas relacionadas com o grau de proximidade. Isto nos diz que, se para a proximidade, conseguimos identificar padrões mesmo para as variações, é bem provável que o

modo como esta relação está presente seja o reflexo da visão de mundo coletiva, das noções compartilhadas, do espaço existencial coletivo, que resulta nesses acontecimentos mais ou menos estáveis. Por outro lado, se as categorias da relação de clausura variam mais e, ao mesmo tempo, se nem sempre é possível identificar um padrão para tais variações, possivelmente a noção coletiva para o fechamento não seja tão consolidada como a de proximidade, e daí que os modos como a relação de clausura se apresenta seja reflexo das noções individuais, das idiosincrasias pessoais, do espaço existencial privado. Mas estas coisas também nos dizem mais: se as casas originadas através de um padrão passam por uma série de modificações que, às vezes também se apresentam como padrão, e às vezes com variações, nos parece certo que aquele padrão original adotado não satisfaz nem mesmo o espaço existencial público dos grupos para os quais são destinadas.

As casas dos assentamentos possuem grau máximo de concentração (Gráfico 16), já que a grande maioria apresenta como volume predominante o cubo (Figura 144), o que nos leva a crer ser este o padrão original dos modelos de casas adotados para a construção em assentamentos. De fato, as poucas variações percebidas, seja do prisma de base quadrada (Figura 145), seja do prisma de base retangular (Figura 146), se devem nitidamente a modificações empreendidas pelas famílias sobre a casa original. Se por um lado, o grau de concentração máximo entra em contradição com os níveis intermediários de proximidade e clausura, por outro percebemos que esta contradição é pouco relevante e facilmente suportada pelas famílias, dada a pouca variação que apresentam. Mas também podemos ver esta questão de outro modo. Considerando as variações que são nitidamente frutos das modificações empreendidas pela família sobre a casa padrão, tais como a relação com a vegetação, os espaços de transição e o volume, percebemos que a primeira tem um maior grau de variação do que a segunda, que por sua vez apresenta maior variação do que a terceira. Essas coisas estão em ordem de facilidade de realização: eu mesma planto uma árvore, mas preciso de ajuda para construir uma cobertura, uma varanda, ou um alpendre. Ao mesmo tempo, construir um alpendre é mais simples e mais barato do que aumentar um quarto, ou ampliar a casa a ponto de modificar o seu volume. Ou seja, o homem, ao sentir a necessidade de empreender modificações no seu entorno para que este satisfaça o seu espaço existencial, realiza em caráter emergencial as soluções mais simples, enquanto as mais complexas aguardam o momento possível

de realização. Isto significa que, talvez, a pouca variedade do volume – e consequentemente, do grau de concentração – não signifique a sua irrelevância, mas apenas a incapacidade de transformá-lo de modo satisfatório.

Gráfico 16 - Assentamentos: Grau de Concentração – Forma predominante.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 144 - Assentamentos: Volume predominante cubo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 145 - Assentamentos: Volume predominante paralelepípedo de base quadrada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 146 - Assentamentos: Volume predominante paralelepípedo de base retangular.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A partir das casas dos assentamentos, percebemos como foi acertada a nossa decisão de analisar as moradias de acordo com o agente produtor. Percebemos que as moradias dos assentamentos, promovidas por meio da política de reforma agrária, apresentam homogeneidades devido à adoção de um modelo de casa. Algumas dessas homogeneidades se referem ao edifício em si, como o volume e as aberturas na fachada principal. Outras, dizem respeito à relação que o edifício estabelece com o entorno, como a relação com outros edifícios e a orientação. Também percebemos que as variações ou são devidas às modificações empreendidas pelas famílias sobre a casa padrão original, ou se referem à diferença de padrão entre um assentamento e outro. Por conta disso, nem sempre é possível encontrar correspondências entre as relações topológicas neste caso, já que o que poderíamos chamar de *espaço existencial da política* ou, em outras palavras, a visão de casa ideal desta, vai sendo sobreposta pelo espaço existencial dos habitantes, de forma gradativa. Devemos

ressaltar ainda que, por conta da baixa densidade dos assentamentos, este não se configura como um espaço interior bem delimitado, que se distingue do exterior. Nem tampouco parece uma massa bem definida na paisagem. O que se percebe são os terrenos cercados, juntos uns aos outros, em sucessão, com as casas dominando, cada qual, seu entorno imediato. No que diz respeito aos graus das relações topológicas, concluímos que as casas desenvolvem uma relação intermediária com o entorno: se aproxima e se fecha com a mesma intensidade. Apenas o grau de concentração é máximo. Mas se considerarmos que, com qualquer volume, a casa vai ser sempre uma massa bem definida na paisagem, dada a pouca densidade do assentamento, então a concentração sempre será elevada.

3.3.3 Conjuntos habitacionais

Os conjuntos habitacionais foram identificados, assim como os assentamentos, pela presença de placas. Neste caso, as placas da construção. Nos causou surpresa o fato de que, mesmo em conjuntos já consolidados, tais placas permanecem nos locais, o que nos indica o pouco cuidado com esses lugares: as pessoas são colocadas lá, e nem se retiram as placas das obras. A percepção imediata quando observamos os conjuntos é a da predominância da homogeneidade, tanto entre as casas em si, como entre os conjuntos. Mas convém analisarmos detalhadamente para verificarmos tais coisas mais de perto.

Em todos os casos observados, as casas dos conjuntos habitacionais são agrupadas (Gráfico 17). Mas estão tão próximas umas das outras, que o espaço entre elas não se configura como um entorno imediato de domínio particular, mas como espaço público do conjunto. Além disso, a proximidade entre as edificações confere uma densidade que neutraliza a identidade individual das casas: é o conjunto como um todo que se percebe na paisagem como massa bem definida. O agrupamento das casas não se caracteriza como uma sucessão, mas como um grupo de fato: são espaçadas regularmente, dispostas em fileiras, umas à frente de outras, como que formando um tabuleiro (Figura 147).

Gráfico 17 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Relação com outros edifícios.



Fonte: Produzido pela autora.

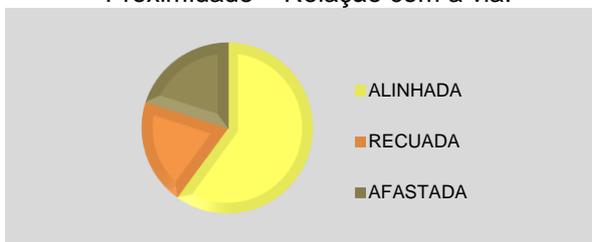
Figura 147 – Conjuntos Habitacionais: Casa agrupada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A maioria dos conjuntos se encontram alinhados em relação à via (Figura 148), de modo que não existe um espaço de transição entre esta e o conjunto: ao sair da via, já se entra no conjunto. No entanto, devido ao formato de tabuleiro, algumas casas se encontram nas margens da pista, enquanto outras mais recuadas. Isto confere diferentes qualidades de localização: as primeiras estão mais expostas e possuem acesso mais facilitado, e o inverso acontece para as últimas: estão mais protegidas por conta da presença de um espaço de transição entre elas e a via, que corresponde ao próprio espaço público do assentamento, mas estão mais longe do acesso ao transporte público, por exemplo, e caso exista. Encontramos casos em que o conjunto se encontra recuado (Figura 149) ou mesmo afastado (Figura 150) em relação à via, mas são casos muito raros, exceções (Gráfico 18). No entanto, a implantação das casas em formato de tabuleiro se mantém, independente da relação com a via, fazendo com que em todos os casos exista a diferença de qualidades das localizações.

Gráfico 18 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Relação com a via.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 148 – Conjuntos Habitacionais: Alinhado.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 149 – Conjuntos Habitacionais: Recuado. **Figura 150** – Conjuntos Habitacionais: Afastado.

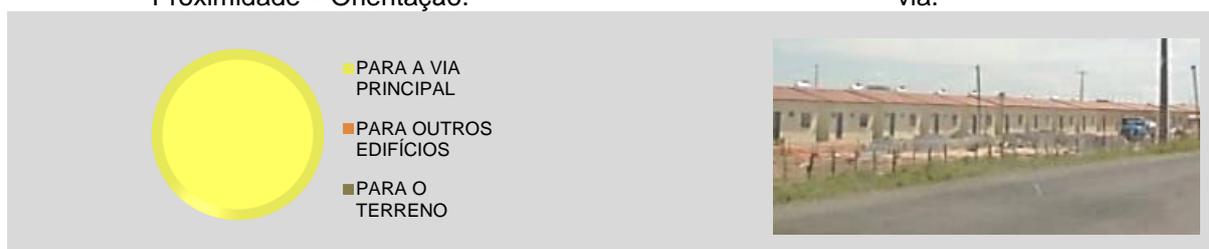


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

É homogênea a orientação das casas para a via, em todos os conjuntos (Gráfico 19). Por conta disso, poderíamos dizer que devido ao formato de tabuleiro, as casas que se encontram nas fileiras de trás estão orientadas para outros edifícios, já que outras casas se encontram à sua frente. No entanto, esta é uma leitura enganosa, visto que como a orientação não se altera, na verdade o que está à frente das casas posteriores são os fundos das casas da frente. Deste modo, não são os edifícios que servem de referência para a orientação das casas, mas sim a presença da via. Este padrão nos remete à ideia de que, mesmo estando inseridas em um grupo de casas que se encontram muito próximas umas das outras, os caminhos e lugares que se encontram para além do entorno imediato conhecido são mais importantes do que os edifícios do seu entorno imediato. Em outras palavras, as casas dão as costas para suas vizinhas e se voltam para o mundo (Figura 151).

Gráfico 19 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Proximidade – Orientação.

Figura 151 – Conjuntos Habitacionais: Para a via.



Fonte: Produzido pela autora.

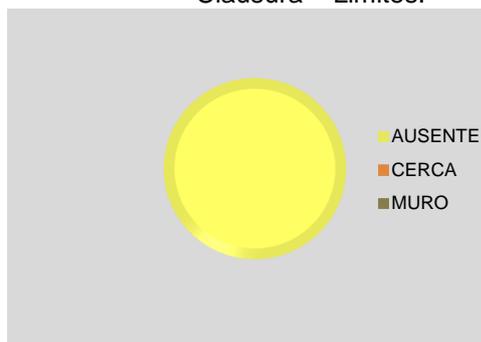
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Por tais coisas, e de acordo com a nossa categorização das relações topológicas, as casas dos conjuntos habitacionais possuem um elevado grau de proximidade: estão agrupadas e seus entornos imediatos não são de domínio particular, mas compartilhado com as outras casas; se encontram alinhadas à e orientadas para a via. No entanto, se observarmos a relação das casas entre si, poderíamos dizer que, mesmo estando fisicamente tão próximas, elas desempenham, na verdade, um baixo grau de proximidade, visto que o mundo exterior – a via, outros

lugares – é o que acaba servindo de referência para a implantação, tanto em termos de localização como de orientação.

Os conjuntos como um todo não possuem limites com relação ao entorno (Gráfico 20), e somente nos casos exceções em que se encontram afastados da via, existe um espaço de transição cuja presença de obstáculos pode se configurar como um limite. É totalmente aberto, sem nenhum tipo de filtro ou controle de quem o acessa (Figura 152). Talvez neste caso, o único mecanismo que pudesse cumprir esta função fosse o da vigilância social mútua, mas como as casas não se voltam umas para as outras, esse mecanismo acaba ficando prejudicado, nos levando a pensar que os espaços dos conjuntos sejam extremamente inseguros. Por conta disso, mesmo se configurando, na sua totalidade, como uma massa densa na paisagem formada pela proximidade física entre as casas, o espaço do conjunto assume o caráter de lugar, de espaço interior conhecido e protegido. O que existem na verdade são lugares diversos, porções do espaço total do conjunto que se conhece mais ou menos bem. Já as casas propriamente ditas, como não possuem um entorno imediato sob seu domínio particular, também não possuem limites do terreno. São as suas paredes externas que desempenham o papel de limite entre dentro e fora.

Gráfico 20 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Limites.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 152 – Conjuntos Habitacionais: Limites ausentes.

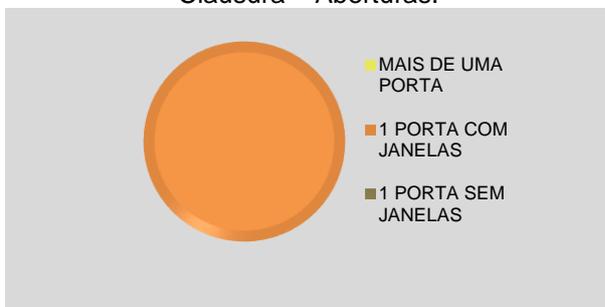


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

As aberturas na fachada principal são padronizadas, dada a adoção de um modelo de casa a ser construída (Gráfico 21). São sempre do tipo porta com janelas, estas sendo uma ou duas, no máximo (Figura 153). Tais aberturas permitem o acesso e uma maior comunicação – ou continuidade – visual, auditiva e olfativa entre o interior e o exterior. Mas devemos considerar que, dada a proximidade física e o padrão de orientação que faz com que, à parte a fileira da frente, as casas se voltem para os

fundos de outras, tal comunicação só acontece mesmo com o que já está muito perto da moradia – aquela pequena porção do espaço do conjunto que é bem conhecida.

Gráfico 21 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Aberturas.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 153 – Conjuntos Habitacionais: Casas com 1 porta com janelas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Outro padrão observado diz respeito à relação com a vegetação (Gráfico 22). No entorno imediato dos conjuntos, a vegetação está sempre retirada, podada, diminuída, como numa tentativa de deixar sempre o conjunto à mostra e bastante visível. Isto é percebido mesmo nas exceções dos que se encontram mais afastados da via, e se reproduz no espaço interno do conjunto, marcado pela total ausência de vegetação. Deste modo, as casas estão sempre expostas, mas nem sempre são vistas, já que umas dão as costas para outras (Figura 154).

Gráfico 22 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 154 – Conjuntos Habitacionais: Casas expostas.

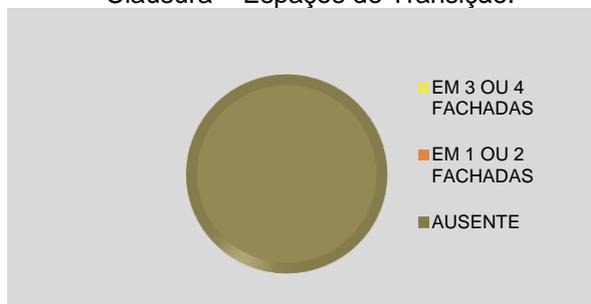


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em todos os conjuntos observados, as casas não apresentam nenhum tipo de espaço de transição (Gráfico 23 e Figura 155). Nem alpendre, nem varanda, nem coberta, e tanto a ausência de um entorno imediato sob seu domínio, como a pouca distância entre as casas, dificultam o empreendimento de modificações sobre o padrão original pelas famílias. Mesmo assim, em alguns casos, tais modificações são

realizadas, avançando sobre o espaço coletivo do conjunto, o que certamente deve ocasionar uma série de conflitos internos.

Gráfico 23 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Clausura – Espaços de Transição.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 155 – Conjuntos Habitacionais: Espaços de transição ausentes.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Destas análises, poderíamos dizer que as casas dos conjuntos habitacionais apresentam: um baixo grau de clausura por conta da ausência de limites do terreno, e por não estarem nem protegidas, nem escondidas pela vegetação, mas sim expostas; um grau intermediário de fechamento, pela presença de aberturas tanto de portas como janelas; e um elevado grau de fechamento, pela ausência de espaços de transição. Mas se considerarmos o modo como tais coisas acontecem, percebemos que a ausência dos limites do terreno não se deve à uma vontade de se abrir, mas à própria ausência do terreno, ou seja, a uma impossibilidade, e não a um desejo, enquanto que a exposição pela ausência de vegetação não garante a visualização das casas, já que umas dão as costas para as outras. Do mesmo modo, as portas e janelas garantem a comunicação apenas com uma porção muito pequena do espaço do conjunto, limitada pela disposição das demais casas. E os espaços de transição não somente estão ausentes, como são difíceis de serem realizados e, quando o são, provavelmente origina conflitos internos entre as famílias habitantes. Por todos esses fatores combinados, podemos afirmar que, na verdade, as moradias dos conjuntos habitacionais possuem um elevadíssimo grau de clausura, o que contradiz a ideia de grupo, que é como estão conformadas.

O volume predominante das moradias também se apresenta como um padrão e corresponde ao cubo, o que nos remete a um elevado grau de concentração (Gráfico 24). No entanto, por conta da densidade, as casas não se configuram como uma massa bem definida na paisagem – é o conjunto como um todo que assume esta feição. Como consequência, a identidade individual de cada casa acaba dissolvida na massa do conjunto, e isto é reforçado pela padronização dos diversos aspectos

discutidos mais acima (Figura 156). Também não possuem uma região de influência na qual a casa se configure como um ponto. Deste modo, podemos dizer que, na verdade, as casas apresentam um grau intermediário de concentração, talvez tendendo para o baixo.

Gráfico 24 – Conjuntos Habitacionais: Grau de Concentração – Forma predominante.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 156 – Conjuntos Habitacionais: Forma predominante cubo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A partir da análise das casas dos conjuntos habitacionais, percebemos uma extrema padronização – e conseqüentemente, uma homogeneidade – em relação a todos os seus aspectos. A implantação em forma de tabuleiro alinhado à via, sendo esta a referência para a orientação das casas, a ausência de limites, vegetação e espaços de transição, a regularidade das aberturas e dos volumes, parecem ser as características vistas como ideais pelas políticas habitacionais para os conjuntos nas zonas rurais. Não somente esta homogeneidade é intrigante, mas também a rigidez do desenho, que dificulta ou mesmo impossibilita que as famílias empreendam modificações no sentido de tornar significativo o seu entorno, o que garante a permanência desses padrões ao longo do tempo. Outra constatação nos pareceu igualmente inquietante: o modo como as relações topológicas estão presentes nos conjuntos habitacionais comunicam o desejo destes de desenvolver uma relação aberta com seu entorno, enquanto que em seus próprios espaços as relações nos comunicam um caráter mais fechado. Em outras palavras, o conjunto se abre para fora, mas está internamente fechado. Isto nos remete à ideia de que é o entorno do conjunto, o que está fora, que é considerado como conhecido, seguro, e por isso pode se abrir para o exterior, enquanto que o que está “dentro “ é desconhecido e inseguro, e daí uma necessidade maior de fechamento. Ou seja, o espaço do conjunto não se configura como um interior e, conseqüentemente, tampouco como lugar. Isto é contraditório em diversos sentidos, mas a contradição mais marcante se relaciona

com o fato das casas estarem não somente agrupadas, mas também muito próximas umas das outras, o que nos leva a imaginar que, *a priori*, deveriam estabelecer intensas relações entre si. Mas isto não ocorre, já que as contradições também se encontram presentes no próprio modo como as relações topológicas ali ocorrem: estão agrupadas e fisicamente muito próximas, mas se orientam para a via, e não para outras casas - se dão as costas. Estão expostas umas às outras e não possuem limites de terreno, mas também não são vistas e o terreno nem existe. Possuem aberturas que possibilitam uma maior continuidade visual com o entorno, mas essa continuidade é interrompida pela própria disposição das casas em tabuleiro. Os espaços de transição não somente estão ausentes como não podem ser realizados, e o volume remete à noção de uma massa concentrada, mas essa massa é diluída pela padronização e densidade do conjunto. É possível dizer inclusive que essa padronização é tão intensa, que nos permite sintetizar o caráter das relações topológicas dos conjuntos habitacionais em três palavras-chave: homogeneidade, rigidez e contradição.

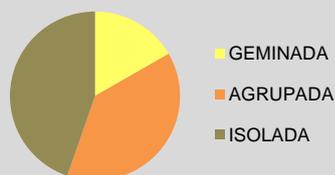
3.3.4 *Autopromovidas*

Consideramos como casas autopromovidas todas as demais que não foram identificadas como acampamento, assentamento ou conjunto habitacional. São mais diversas do que os casos anteriores, e as variedades se encontram em todas as categorias das relações topológicas. Por isso sua análise se torna mais complexa e extensa.

Analisando o universo das moradias autopromovidas observadas, predominam as casas isoladas e agrupadas, praticamente em mesma proporção, seguidas pelos poucos casos das geminadas (Gráfico 25). Em termos do edifício, as casas isoladas (Figura 157) estão sozinhas na paisagem e não guardam relação de proximidade com nenhuma outra moradia ou edificação que não esteja sob seu domínio. Dizemos isso porque, no entorno imediato dessas casas, pode ocorrer a presença de equipamentos utilitários, tais como estábulos, casas de farinha, engenhos, currais, etc. No entanto, tais coisas podem também ser consideradas como a própria casa, já que se encontram sob seu domínio e existem para a sua autossuficiência, necessária justamente pela condição de isolamento em que se encontra. Mas a presença destes equipamentos não é homogênea nas casas isoladas. Muitas das vezes, apenas as

casas em si são percebidas na paisagem, de modo que não se pode afirmar se tais coisas existem em porções mais escondidas do terreno, ou se inexistem. As casas agrupadas (Figura 158), por sua vez, são aquelas que estabelecem relações de proximidade com outras edificações que não estão sobre seu domínio. Tais edificações nos apareceram como outras moradias, um equipamento comunitário ou pontos comerciais. Todas as casas agrupadas observadas possuem um entorno imediato sob seu domínio, e a sua distância em relação às outras edificações são grandes o suficiente para garantirem a manutenção da sua identidade individual na paisagem, mas não tão grandes que não possam ser percorridas à pé. Assim, as casas agrupadas se configuram como pontos na paisagem. Já as casas geminadas (Figura 159) se encontram sempre em sucessão, com a fachada principal contínua, o que dificulta a percepção das casas individualmente. Ao invés disso, o que se percebe é o volume total das casas unidas pelos limites laterais. Possuem o entorno imediato compartilhado entre si, e é comum ver o movimento de pessoas nestes espaços, numa frequência maior do que nos demais casos.

Gráfico 25 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Relação com os outros edifícios.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 157 – Casas autopromovidas: casa isolada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 158 – Casas autopromovidas: casa agrupada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

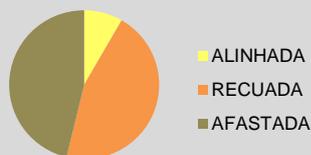
Figura 159 – Casas autopromovidas: casa geminada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

No que diz respeito à relação com os caminhos, predominam, na mesma proporção, as casas que se encontram ou afastadas, ou recuadas, enquanto que as casas que se encontram alinhadas à via representam uma pequena porção do universo total (Gráfico 26). As casas afastadas (Figura 160) apresentam uma ruptura espacial em relação à via, dada a distância que as separa. São percebidas ao longe, e na maioria das vezes estão isoladas, dominando sozinhas um extenso espaço. No entanto, percebemos situações de casas agrupadas com outras que se encontram afastadas da via. Neste caso, as moradias estão dentro do mesmo limite de terreno, e geralmente diferem em termos de tamanho e imponência: uma grande, com amplos espaços de transição, outra mais simples, com pequenos espaços de transição ou mesmo sem eles. Disso percebemos que a casa maior exerce o domínio do espaço e das coisas que ali acontecem, enquanto que a menor encontra-se sob o domínio da outra – está ali por sua causa. Falando num português mais claro, este é o quadro da herança da relação entre a casa-grande e a senzala, o sobrado e o mucambo, a suíte master e o ‘quartinho’, a casa do patrão e a dos empregados. Neste quadro, apenas uma das casas – a do patrão – concretiza o espaço existencial dos seus habitantes, enquanto que a(s) outra(s) não. Como já se disse, estas últimas encontram-se sob o domínio da primeira, de modo que é a visão de mundo ideal do patrão que está concretizada nas casas dos seus trabalhadores. Já as casas recuadas (Figura 161), se encontram ora agrupadas, ora geminadas com outras edificações. No primeiro caso, a moradia domina sozinha o recuo existente entre ela e a via, enquanto no segundo caso, o recuo é compartilhado entre as edificações geminadas. São nestes casos, das moradias recuadas, que encontramos a maior incidência dos pontos comerciais e dos equipamentos comunitários, por vezes isolados, por vezes agrupados e mesmo geminados com as moradias. Nestes casos, imaginamos que o recuo entre as edificações e a via passe a ser mais de domínio do comércio e/ou equipamento comunitário, do que das moradias, sendo usados como estacionamentos ou para realização de atividades a eles relacionadas – festas, celebrações, missas campais, etc. Finalmente, as casas alinhadas (Figura 162) aparecem mais geminadas às outras edificações. Deste modo, sempre compartilham o entorno imediato, com maior ou menor intensidade, dependendo do tipo de edificação à qual está unida.

Gráfico 26 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Relação com a via.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 160 – Casas autopromovidas: afastada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 161 – Casas autopromovidas: recuada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 162 – Casas autopromovidas: alinhada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Predominantemente, as moradias autopromovidas se orientam para a via (Gráfico 27 e Figura 163). Isto faz sentido para as casas isoladas, na medida em que não existem edificações no seu entorno que lhe sirvam de referência ou com as quais possam se relacionar. As agrupadas, por sua vez, porquê estão dispostas em série, e por conta da distância que as separa, a relação de uma edificação com outra não se faz através da porta ou da janela, como seria o caso se estivessem mais próximas, mas é preciso caminhar de uma para outra. Deste modo, se torna coerente a orientação das casas para a via, já que é através dos caminhos que se parte e se retorna. No caso das geminadas, isso é mais facilmente compreensível, tendo em vista tanto a proximidade da rua, como o entorno compartilhado entre as edificações. No entanto, percebemos também uma significativa porção de casas que se orientam para seu próprio terreno (Figura 164). São, na maioria das vezes, casas isoladas que possuem em seus terrenos equipamentos produtivos, ou casas agrupadas que se encontram dentro dos mesmos limites. Pouquíssimas casas se voltam umas para as outras (Figura 165), e quando isto ocorre, se tratam de casas agrupadas que se encontram afastadas da via.

Gráfico 27 – Casas Autopromovidas: Grau de Proximidade – Orientação.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 163 – Casas autopromovidas: orientada para a via.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 164 – Casas autopromovidas: orientada para o terreno.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 165 – Casas autopromovidas: orientada para outras casas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Analisando tais coisas, percebemos que tanto em termos de relação com outros lugares, como em termos de relação com os caminhos, as casas autopromovidas tendem a apresentar graus de proximidade que variam do médio ao baixo: estão predominantemente agrupadas ou isoladas umas em relação às outras, e recuadas e afastadas em relação à via. Isto nos remete à uma forte relação da casa com seu entorno imediato – aquele que se encontra sob seu domínio, ou particular, ou compartilhado – conferindo-lhe o caráter de espaço interior, conhecido e protegido – um lugar. Quando se trata daquelas moradias que apresentam o grau mais baixo de proximidade – as que se encontram isoladas e afastadas – tudo o que está para além deste entorno imediato já pode ser considerado como o mundo desconhecido e misterioso, do qual se deve se proteger. À medida em que o grau de proximidade aumenta – como no caso das moradias agrupadas e recuadas, por exemplo – somos levados a pensar que esse mundo conhecido vai se expandindo, abrangendo uma região mais ampla, que ultrapassa os limites do entorno imediato de domínio da casa. Também percebemos que as menores ocorrências, em termos de relações com os edifícios e com a via, estão sempre relacionadas com o grau máximo de proximidade – as casas geminadas e alinhadas. Por outro lado, quando analisamos a orientação

da fachada principal, percebemos que as casas se caracterizam pelo elevado grau de proximidade, por estarem orientadas para a via. Por todas estas coisas, somos levados a pensar que, em termos gerais, as casas autopromovidas tendem a apresentar um grau intermediário de proximidade, podendo oscilar para um pouco menos e um pouco mais.

As cercas predominam como limites do terreno, acompanhadas pelas casas com ausência de limites e, em raríssimos casos, a presença de muros (Gráfico 28). As cercas (Figura 166) estão presentes nas casas isoladas, e agrupadas – onde há um entorno imediato de domínio particular, que é por elas delimitado. No primeiro caso, as cercas separam o espaço interior conhecido do exterior desconhecido, enquanto que no segundo caso limitam o entorno imediato particular da região mais ou menos conhecida e compartilhada. Além disso, nas casas agrupadas, as cercas também servem de limite entre os entornos imediatos das diversas casas, definindo o espaço de uma e de outra, já que se encontram dispostas em série. As casas que não possuem limite de terreno (Figura 167) correspondem a aquelas cujos entornos imediatos não são de domínio individual, mas sim compartilhado. São todas as casas geminadas observadas, e ainda aquelas agrupadas com comércio ou com equipamento comunitário. Em alguns poucos casos, observamos a ausência de cercas em casas agrupadas. Isto ocorre quando esse agrupamento configura um povoado, às vezes originado de antigas fazendas, e que mantém suas características rurais, apesar de apresentar alguns elementos urbanos, como a Igreja e a sua praça. É o que ocorre, por exemplo, na Fazenda Araripe, em Exu. Nestes casos, as frentes das casas conformam o espaço público, e daí a ausência de cercas. Os fundos, no entanto, são tratados como quintais, e podem estar cercados ou murados. Aliás, à parte os quintais murados destas casas, ao longo de toda a expedição observamos apenas um caso de presença de muros (Figura 168). Era em uma casa isolada e afastada, correspondendo ao grau máximo de isolamento. Mas dada a particularidade do aparecimento, consideramos que se trata, neste caso, de uma idiossincrasia pessoal.

Gráfico 28 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Limites.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 166 – Casa autopromovida com cerca.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 167 – Casa autopromovida com limite ausente.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 168 – Casa autopromovida com muro.

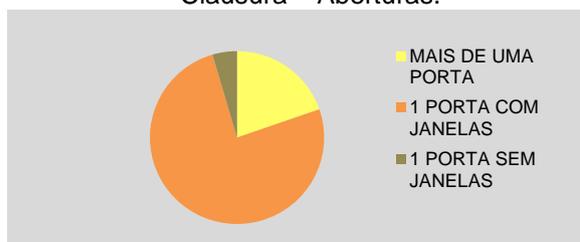


Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

No que diz respeito às aberturas presentes na fachada principal, predominam as casas com uma porta e janelas (Gráfico 29 e Figura 169), que corresponde ao grau intermediário de fechamento. Mas estas apresentam uma enorme variação, seja no número de janelas (de 1 a 6), seja pela localização da porta em meio às janelas. Disso percebemos que o próprio grau médio de clausura varia, às vezes se aproximando do mais alto, às vezes se aproximando do mais baixo. Neste último, encontramos uma pequena porção de casas com mais de uma porta (Figura 170). Estas se referem ou a grandes casas isoladas e recuadas, ou a algumas que se encontram agrupadas com comércio. Já as que só possuem uma porta, apresentando um alto grau de fechamento, se caracterizam como casas pequenas que apresentam baixo grau de proximidade: estão isoladas, recuadas ou afastadas, orientadas para o próprio terreno. Esta combinação do baixo grau de proximidade com o alto grau de clausura, nos remete à ideia do desejo de se afastar – ou se proteger – do entorno, por meio de todas as estratégias disponíveis. Mas, como dissemos, estes são os casos mais raros. O caso predominante, das casas com uma porta e janelas, ocorre em uma variedade

de situações – desde os mais altos graus de proximidade e clausura, até os mais baixos. No caso dos dois extremos, essa predominância das aberturas tende a abrandá-los. Raros são os casos em que as moradias apresentam apenas uma porta (Figura 171).

Gráfico 29 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Aberturas.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 169 – Casa autopromovida 1 porta com janelas



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 170 – Casa autopromovida mais de uma porta



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

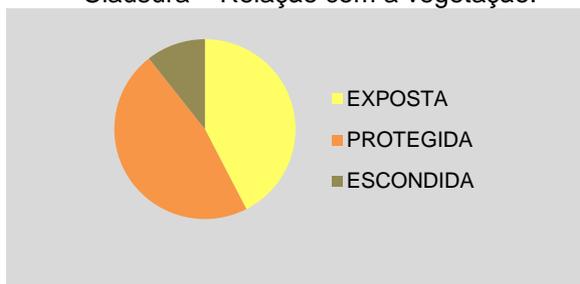
Figura 171 – Casa autopromovida uma porta.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em termos de relação com a vegetação (Gráfico 30), predominam as casas que são por ela protegidas (Figura 172), seguidas bem de perto pelas que se encontram expostas (Figura 173), ocorrendo ainda alguns casos daquelas que estão escondidas (Figura 174). Assim como no caso das aberturas, não se encontra correspondência entre a relação com a vegetação e as demais categorias topológicas. Mas uma similaridade nos salta aos olhos: é bastante comum a vegetação ser utilizada ou para proteger as esquadrias, ou para sombrear parte do entorno na porção da frente da casa, de modo que cumpre dupla função: fornecer privacidade e abrandar o clima.

Gráfico 30 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Relação com a vegetação.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 172 – Casa autopromovida protegida.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

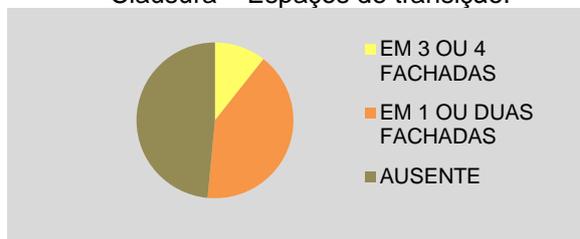
Figura 173 – Casa autopromovida exposta.**Figura 174** – Casa autopromovida escondida.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões. Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Já com relação aos espaços de transição (Gráfico 1), predominam as casas onde eles estão ausentes (Figura 175). Em seguida, em proporções próximas às predominantes, temos os espaços de transição que estão presentes em uma ou duas fachadas (Figura 176), e, em menor quantidade de casos, aqueles que se encontram em três ou quatro fachadas (Figura 177). Note-se que as ocorrências se encontram em ordem de crescimento – do nenhum para os quatro – o que nos remete ao que já discutimos anteriormente, sobre uma noção compartilhada a respeito da importância destes espaços para as moradias, e sobre a ausência destes por conta de uma incapacidade de realiza-los, o que não impede que em determinado momento possível eles sejam feitos. De fato, quando analisamos as casas sobre que não possuem espaço de transição estas se apresentam bastante simples, de pequenas dimensões, muitas vezes sem reboco nem pintura, com a alvenaria à mostra. Isto reforça o nosso pensamento de que a ausência de tais espaços se trata ou de uma incapacidade de realizá-los por uma escassez de recursos, ou por quê as casas ainda não estão terminadas, e talvez ainda surjam a coberta, a varanda ou o alpendre. Em outros casos, a ausência destes espaços se faz em casas que estão alinhadas em relação à via e em cujo terreiro entre a via e a casa há a presença de vegetação de grande porte. Neste caso, entendemos que tais espaços como imaginamos se encontram na forma desse terreiro sombreado na frente da casa, às vezes de domínio particular, às vezes compartilhado. No que diz respeito às casas cujos espaços de transição estão presentes em uma ou duas fachadas, em parte delas percebemos, mais uma vez, que tais espaços são fruto de modificações empreendidas sobre a casa construída anteriormente, consolidando o nosso pensamento a respeito de tais coisas. Então podemos afirmar que os espaços de transição são como uma meta a ser perseguida

e alcançada pela família, e podem ou não surgir na casa, ao longo da vida, de acordo com as possibilidades.

Gráfico 31 – Casas Autopromovidas: Grau de Clausura – Espaços de transição.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 175 – Casa autopromovida com espaços de transição ausentes.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 176 – Casa autopromovida com espaços de transição em 1 ou 2 fachadas.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 177 – Casa autopromovida com espaços de transição em 3 ou 4 fachadas.



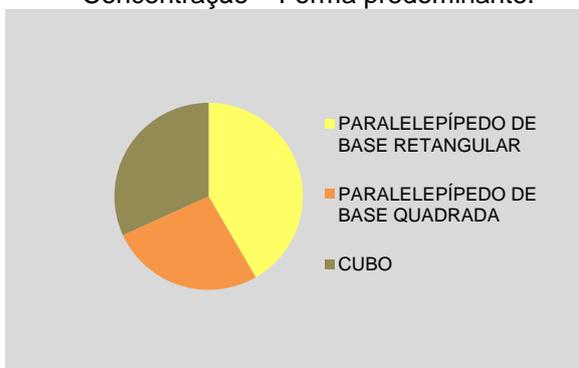
Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Destas análises, compreendemos que as casas autopromovidas apresentam um grau intermediário de clausura: predominam as cercas, estão na maioria protegidas pela vegetação, e possuem geralmente uma porta com janelas. Apenas os espaços de transição predominam com elevado grau de clausura dada a sua ausência, mas vimos que a tendência é que isto seja abrandado ao longo da vida. Considerando as variações, são os graus mínimos que estão mais presentes: a ausência de limites, as casas expostas e com mais de uma porta. Mais uma vez, são os espaços de transição que não acompanham essa tendência, já que o grau intermediário é que corresponde ao segundo predominante. A partir deste quadro, concluímos que o nível intermediário de clausura é característico das casas autopromovidas, podendo variar um pouco para baixo.

No que diz respeito ao grau de concentração, as três categorias em relação ao volume se encontram mais ou menos bem distribuídas no universo observado (Gráfico 32). Ainda assim, predominam as casas cujo volume predominante é o prisma de base retangular (Figura 178), seguidas por aquelas com volume cúbico (Figura 179) e, posteriormente, pelas que tem o volume de prisma de base quadrada (Figura 180).

Essa diversidade, ou boa distribuição, provavelmente se deve à maior autonomia das decisões não somente no momento da construção inicial, mas também posteriormente, quando se empreendem modificações sobre esta. Considerando que o volume predominante da casa, qualquer que seja ele, está intimamente relacionado com a sua estruturação espacial interna, podemos compreendê-los como momentos de desenvolvimento da casa ao longo de uma construção progressiva no tempo, na qual o volume cúbico seria o núcleo embrionário da moradia, a primeira construção, que evolui para o volume de base retangular pela construção de novos cômodos que se sucedem aos existentes nas extremidades da casa, que, por sua vez, se transforma no volume de base quadrada, pela duplicação rebatida do anterior, tendo como eixo longitudinal um dos lados de maior dimensão. Se isto é verdade, as casas passam do grau máximo de concentração para o extremo do grau mínimo e atingem, finalmente, o equilíbrio do grau intermediário, de modo que este pode ser considerado como a meta.

Gráfico 32 – Casas Autopromovidas: Grau de Concentração – Forma predominante.



Fonte: Produzido pela autora.

Figura 178 – Casa autopromovida: paralelepípedo de base retangular



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 179 – Casa autopromovida: cubo.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 180 – Casa autopromovida: paralelepípedo de base quadrada.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

De fato, quando observamos as casas com volume cúbico que, segundo nosso pensamento, seria o estágio inicial das construções, elas correspondem àquelas com menor número de aberturas na sua fachada principal – possuem, no máximo, duas janelas. No caso daquelas com volume de prisma com base retangular, percebemos por vezes mais aberturas na fachada principal, distribuídas de modo irregular, às vezes misturadas com relação ao material – esquadrias de madeira junto com outras de alumínio, na mesma fachada – ou mesmo com padrões e funções distintas – a presença de portões de garagem, por exemplo. Todas essas coisas nos comunicam os distintos tempos dos elementos das aberturas, nos permitindo afirmar que a casa “cresceu para os lados”. Em outros casos, quando o acréscimo se dá no sentido frente-fundo, percebemos, na maioria das vezes, a permanência das fachadas originais, demonstrando uma preferência pela reorganização do que o modernismo achou correto chamar de ‘zonas de serviço’.

Neste processo de evolução do volume cúbico para o prisma de base retangular, observamos que existe uma correspondência entre o sentido do crescimento da casa e o caimento das águas do telhado: estes sempre estão relacionados com os lados de maior dimensão da base do volume. Explicando melhor, se as águas do telhado têm caimento lateral, a casa cresce no sentido frente-fundo, prolongando as suas paredes laterais. Ao contrário, se os caimentos das águas são no sentido frente-fundo, as casas crescem para as laterais, prolongando as suas fachadas principal e posterior. Está claro que a lógica desta relação é evitar modificar a estrutura do telhado: quando a casa cresce, o telhado cresce junto, mas não tem seu desenho modificado.

No entanto, isto não é possível de ser evitado quando da transformação do prisma de base retangular no prisma de base quadrada pelo rebatimento. Neste caso, toda a coberta parece ser, inevitavelmente, redesenhada para se adequar ao novo formato da moradia. Por conta disso, as casas cujo volume é o prisma de base quadrada, não somente se caracterizam como maiores, como apresentam, muitas vezes, cobertas de quatro águas e alpendres nas quatro fachadas, de modo que acabam se tornando estruturas mais difíceis de serem modificadas, correspondendo assim, ao estágio final das modificações na casa.

Por essas coisas aqui analisadas, somos levados a pensar que, apesar da distribuição mais ou menos equilibrada das categorias referentes ao grau de

concentração, as casas autopromovidas tendem para o grau intermediário, para o volume do prisma de base quadrada, que corresponde ao estágio final das modificações pelas quais passa.

De tudo que foi analisado acerca das moradias autopromovidas, percebemos que existe uma variação em todas as categorias, de cada uma das relações topológicas analisadas. Na maioria delas, pelo menos dois modos como as categorias estão presentes na casa se apresentam em proporções muito próximas, e no caso do grau de concentração, os três modos se encontram bastante equilibrados. Isto nos mostra uma característica fundamental do universo das casas rurais autopromovidas: a diversidade. Também percebemos que, apesar dessa diversidade, as casas tendem a apresentar um grau intermediário para todas as relações topológicas analisadas. Tal fato, que se apresenta à primeira vista como uma contradição, nos diz na verdade que, naquela variedade, as categorias se combinam, se inter-relacionam, de modo a alcançar – ou garantir – os graus intermediários de proximidade, clausura e concentração. Por conta desta tendência, consideramos o grau intermediário como meta, algo que se deseja alcançar através de uma dura jornada, sendo esta correspondente a todo o ciclo de evolução e modificações pelos quais a casa passa. Ora, se o intermédio é a meta, o anseio é do estabelecimento de uma relação equilibrada com o entorno e com o mundo: a casa não está, ou não pretende estar nem tão próxima, nem tão distante; nem tão aberta, nem tão fechada; nem tão concentrada, nem tão dispersa – é (ou pretende ser) um intermédio.

3.4 Convergências e divergências entre as classes

Tendo analisado separada e detalhadamente cada classe de moradias, e tendo conseguido identificar – ou perceber – certas características que lhes definem, convém traçarmos os paralelos e as perpendicularidades entre elas, para que possamos compreender as convergências e divergências que as classes apresentam entre si.

Quando analisamos os acampamentos, que são autopromovidos, mas para uma situação distinta das moradias autopromovidas, dado o seu caráter emergencial e provisório, percebemos que estes se caracterizam pela definição precisa dos espaços interior e exterior, que é fruto da diferença de intensidade que as relações topológicas

apresentam nesses dois espaços: internamente, as casas estão intimamente relacionadas, enquanto que externamente, o acampamento evita se relacionar com o entorno, mesmo o mais imediato. Também percebemos que, no caso dos acampamentos, o modo como as relações topológicas estão presentes não necessariamente determinam o grau de cada uma delas. Os graus+ se devem mais à combinação de diversos fatores, que relacionados se intensificam ou se abrandam. Além disso, percebemos que não somente as diversas categorias se inter-relacionam, como as qualidades de uma podem se combinar com as de outra para corrigir certos aspectos indesejados na busca das qualidades satisfatórias, acarretando na ressignificação dos modos como as coisas se apresentam. Nos acampamentos, essas qualidades satisfatórias e ressignificações se concretizam no alto grau de proximidade e baixo grau de clausura e concentração entre as casas, e no baixo grau de proximidade e alto grau de clausura e concentração entre o acampamento e o entorno.

Já na análise dos assentamentos, percebemos que a adoção de um padrão de casa acarreta na homogeneidade de todas as categorias. Isto não é tão óbvio quanto parece, já que, considerando as possibilidades de rebatimento e rotação, um mesmo edifício-modelo poderia ser implantado de distintas maneiras, ter diversas orientações, tomar diferentes referências para a sua localização. Também percebemos que as variações ou são devidas às modificações empreendidas pelas famílias sobre a casa padrão original, ou se referem à diferença de padrão entre um assentamento e outro. Isto gera uma sobreposição das concretizações dos espaços existenciais das famílias nos da política pública, tornando ilegível a correspondência entre as relações topológicas nos casos variáveis, já que alguns padrões pré-determinados, como a orientação da casa e a sua implantação, são bastante rígidos, difíceis ou mesmo impossíveis de serem modificados, a não ser que se trate de uma transformação completa.

No caso dos conjuntos habitacionais, percebemos tanto as categorias extremamente homogêneas, com baixíssimos níveis de variação ou mesmo nenhum, como os desenhos dos conjuntos extremamente rígidos, a ponto de impedir que as famílias empreendam modificações mais substanciais nas moradias. A densidade das casas, aliada à ausência de um entorno de domínio particular, se mostraram na análise como os grandes entraves para a realização de um entorno significativo pelas famílias. Devemos ressaltar que tal densidade só é percebida no caso dos

acampamentos, nos quais tal situação, além de temporária, possui significado: satisfazer a necessidade de defesa que a situação de luta e resistência exige. Se compararmos com os assentamentos, que também são originados a partir da adoção de um modelo de casa, percebemos que as características destes últimos, mesmo que não sejam as ideais, são mais satisfatórias para as zonas rurais, já que pelo menos possibilitam que as famílias modifiquem seu ambiente com o intuito de torná-lo mais satisfatório à sua visão de mundo ideal, em outras palavras, de concretizar o seu espaço existencial. Também percebemos nos conjuntos habitacionais uma contradição: a grande proximidade física entre as casas e uma extrema falta de relação entre elas, ao mesmo tempo em que o conjunto como um todo se mostra disponível para uma relação mais íntima com o entorno. Essas coisas nos comunicam que as características do espaço interior – conhecido, protegido – são vistas nos espaços exteriores, cujas características – desconhecido, inseguro – são vivenciadas nos espaços internos. É exatamente o oposto do que ocorre no caso dos acampamentos: o interior como um lugar bem definido, e o exterior misterioso. Daí termos indicado as palavras-chaves que sintetizam o caráter das relações topológicas dos conjuntos habitacionais: homogeneidade, rigidez e contradição.

Finalmente, na análise das casas autopromovidas, percebemos justamente o inverso do que ocorre nos conjuntos habitacionais: a presença de uma variação em todas as categorias das relações topológicas analisadas que marca a característica fundamental do seu universo: a diversidade. Esta não resulta numa balbúrdia de diferentes graus das relações topológicas: todas tendem a buscar o equilíbrio dos níveis intermediários. Nesta busca, a mesma estratégia dos acampamentos é utilizada: a inter-relação entre as categorias e a mescla de suas qualidades. As variações dizem respeito justamente a esse processo, dada a infinidade das possibilidades de combinações das categorias e qualidades. Também percebemos que, diante da impossibilidade de realizar de uma vez só a moradia ideal, esta se torna meta a ser alcançada ao longo do tempo, por meio de modificações gradativas que aproxima cada vez mais as casas ao equilíbrio desejado.

As compreensões aqui apresentadas nos confirmam que **as casas rurais sertanejas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem**. Devemos agora nos aprofundar na compreensão desta relação.

O sabiá no sertão, quando canta me comove
Passa três meses cantando, e sem cantar passa nove
Porque tem a obrigação de só cantar quando chove¹

Chover, chover, valei-me Ciço o que posso fazer
Chover, chover, um terço pesado pra chuva descer
Chover, chover, até Maria deixou de moer
Chover, chover, Banzo Batista, bagaço e banguê

Chover, chover, Cego Aderaldo peleja pra ver
Chover, chover, já que meu olho cansou de chover
Chover, chover, até Maria deixou de moer
Chover, chover, Banzo Batista, bagaço e banguê

Meu povo não vá simbora pela Itapemirim
Pois mesmo perto do fim nosso sertão tem melhora
O céu tá calado agora, mas vai dar cada trovão
De escapulir torrão de paredão de tapera²

Choveu, choveu,
Lula Calixto virando Mateus
Choveu, choveu,
O bucho cheio de tudo que deu

Choveu, choveu,
Suor e canseira depois que comeu
Choveu, choveu,
Zabumba zunindo no colo de Deus
Choveu, choveu,
Inácio e Romano meu verso e o teu
Choveu, choveu,
Água dos olhos que a seca bebeu

Quando chove no sertão,
O sol deita e a água rola
O sapo vomita espuna
Onde o boi pisa, se atola
E a fartura esconde o saco
Que a fome pedia esmola²

Seu boiadeiro por aqui choveu
Seu boiadeiro por aqui choveu
Choveu que amarrotou
Foi tanta água que meu boi nadou³

*(Choveu ou Invocação para um Dia Líquido,
Cordel do Fogo Encantado).*

¹ Poema de Zé Bernardino

² Poema de João Paraibano

³ Toque para Boiadeiro

4 O SERTÃO HABITADO

Tendo finalizado a experiência da primeira fase da pesquisa, devemos agora apresentar a segunda experiência da Expedição Casas dos Sertões, realizada ao longo do Rio Jaguaribe, com o intuito de caracterizar a concretização do *genius loci* nas casas rurais dos sertões cearenses, a partir da compreensão do sertanejo sobre o sertão e investigando a estrutura da casa e da paisagem, enquanto lugares. Esta fase foi subdividida em duas atividades principais. A primeira, relacionada com a compreensão que o sertanejo tem do sertão, a partir da *leitura* das músicas de Luiz Gonzaga e das xilogravuras de J. Borges. A segunda, relacionada com a *leitura* da estrutura das casas e da paisagem, por meio da pesquisa de campo. Assim, a primeira seção deste capítulo apresenta os procedimentos realizados para essas duas atividades. Em seguida, se encontra a leitura da compreensão do sertanejo sobre o sertão. Posteriormente, é apresentada a leitura das estruturas das casas e da paisagem e, finalmente, as conclusões originadas a partir das compreensões obtidas nesta fase da pesquisa.

4.1 Os procedimentos

Conforme dito, aqui são apresentados os procedimentos referentes às duas atividades que compõem a segunda fase da pesquisa. Convém apresentá-los em partes.

4.1.1 A leitura da compreensão do sertanejo sobre o Sertão

Para realizar a leitura da compreensão do sertanejo sobre o sertão, foi considerado o que Norberg-Schulz nos fala a respeito da compreensão da natureza pelo homem:

Desde o começo dos tempos, o homem tem reconhecido que a natureza consiste de elementos inter-relacionados que expressam aspectos fundamentais do ser. A paisagem onde ele vive não é um mero fluxo de fenômeno. Ela tem estrutura e incorpora significados. Essas estruturas e significados deram origem às mitologias (cosmogonias e cosmologias) que têm formado as bases do habitar. A fenomenologia dos lugares naturais deveria tomar essas mitologias como seu ponto de partida. Ao fazer isso, nós

não devemos recontar a história, mas sim perguntar **quais categorias concretas do entendimento elas representam.**¹⁰⁴

Dos inúmeros modos possíveis de compreensão da natureza, Norberg-Schulz aponta os que considera, a partir da análise das mitologias, os mais fundamentais, que assumem pesos distintos nas diferentes culturas:

Coisa, ordem, caráter, luz e tempo são as categorias básicas da compreensão natural concreta. Enquanto coisa e ordem são espaciais (no sentido concreto qualitativo), o caráter e a luz se referem à atmosfera geral de um lugar. Nós podemos ainda pontuar que 'coisa' e 'caráter' (nos sentidos aqui usados) são dimensões da terra, enquanto 'ordem' e 'luz' são determinados pelo céu. O 'tempo', finalmente, é a dimensão de constância e mudança, e torna o espaço e o caráter partes de uma realidade viva, que a qualquer momento é dada como um lugar particular, como um *genius loci*. No geral, as categorias designam os *significados* que o homem abstraiu a partir do fluxo do fenômeno (forças).¹⁰⁵

A partir desta compreensão, a segunda fase da pesquisa se iniciou com a coleta das músicas de Luiz Gonzaga e das xilogravuras de J. Borges. Do conjunto das obras, foi realizada uma primeira seleção daquelas peças que expressavam aspectos da vida cotidiana do sertanejo e da sua relação com a natureza do Sertão. Em seguida, as peças pré-selecionadas passaram por outro filtro, buscando identificar aquelas que expressavam a relação do sertanejo com a natureza, com base nas categorias de *coisa, ordem, caráter, luz e tempo*. Posteriormente, as peças filtradas foram analisadas com base nessas categorias, identificado, em cada uma delas, o *modo* como o sertanejo se relaciona com a natureza do Sertão. A partir disso, foram estabelecidas as relações de causa e efeito entre os modos identificados, com o intuito de perceber o *de maior peso* para o sertanejo, aquele a partir do qual todos os demais se definem. A compreensão resultante deste processo é apresentada na seção 4.2 desta tese, que vem ilustrada com as peças consideradas mais representativas de cada modo analisado.

4.1.2 A leitura da estrutura das casas e da paisagem

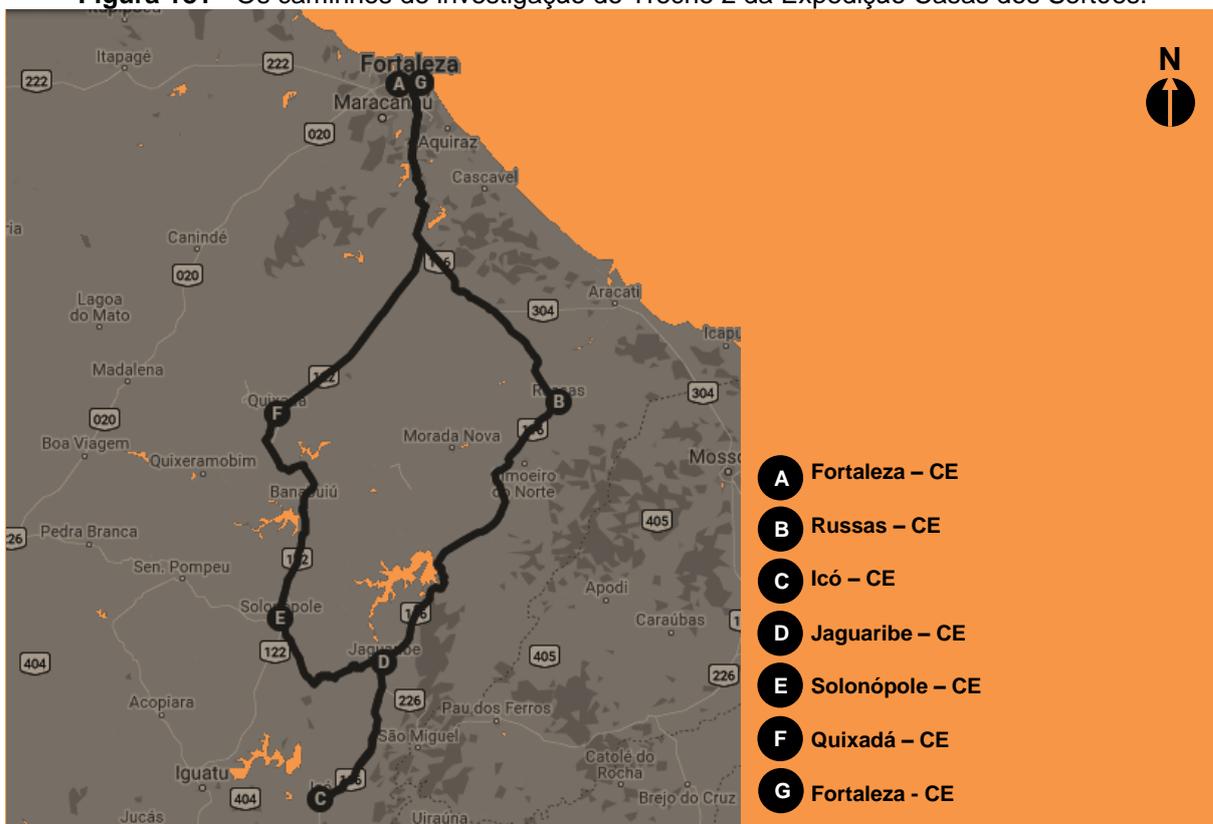
Para a leitura da estrutura das casas e da paisagem, o caminho de referência definido para o Trecho 2 passou por adequações, considerando que o lugar de origem

¹⁰⁴ NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 23, grifo nosso.

¹⁰⁵ NORBERG-SCHULZ, 1980, p. 32, grifo nosso.

é o mesmo lugar de destino (Fortaleza/Fortaleza), fazendo com que o caminho se configure como ida e volta. O Rio Jaguaribe foi tomado como referência para a ida, até a cidade de Icó, por ter sido de extrema importância no período do ciclo da pecuária, já que se encontra na confluência de duas importantes estradas das boiadas: A Estrada Geral do Jaguaribe e a Estrada das Boiadas. Para a volta, visando diversificar o olhar sobre o sertão, de Icó se retornou à Jaguaribe, e de lá adentrou o Sertão Central, em direção à Quixadá, para depois seguir à Fortaleza (Figura 181).

Figura 181 - Os caminhos de investigação do Trecho 2 da Expedição Casas dos Sertões.



Fonte: produzido pela autora.

Esta rota foi dividida em dois trechos. O primeiro, todo o trajeto desenhado até Quixadá, onde foi feita uma permanência de quatro dias, por ocasião da participação no CUMEEIRA – Congresso de Arquitetura e Urbanismo na Cultura Popular, e o segundo de Quixadá a Fortaleza. Foram percorridos no total 804km, ao longo dos quais as casas foram registradas por meio de fotografias e mapeamentos, tal qual realizado na primeira fase da Expedição Casas dos Sertões. Após a viagem, as fotografias foram impressas em pranchas, de modo que pudessem ser vistas todas ao mesmo tempo, e sobre elas foi realizada a leitura simultânea das casas e da paisagem, considerando os aspectos do espaço e do caráter a serem observados, de

acordo com a teoria de referência. A compreensão obtida a partir desta análise é apresentada na seção 4.3 desta tese. Tendo esclarecido os procedimentos, devemos apresentar as compreensões resultantes, conforme segue.

4.2 O Ambiente e o Homem

Certa vez, tive a oportunidade de cruzar o sertão cearense com uma francesa. Ao longo da viagem, dentro do carro, percebi seu olhar para fora, calada, imóvel, observando desoladamente a paisagem. Era janeiro, perto do meio dia, nenhuma pessoa naqueles lugares. De presença humana, só as casas, que apareciam aqui e ali, algumas fechadas, outras com a banda de cima das portas aberta. A mata seca e cinza, o céu de um azul intenso, sem nuvens para filtrar a forte luz solar, clara de doer nos olhos. Puxei conversa:

Eu: Tudo seco, né?

Ela, um pouco decepcionada com o que via: É...

Eu: É assim mesmo, mas basta cair um pouquinho de água e fica tudo verde de novo!

Ela, já mais animada: É mesmo?

Eu: É, não tem nada morto aí, está tudo vivo! É só chover que as folhas nascem...

E ela voltou a olhar para a janela, agora com um sorriso no rosto...

No olhar estrangeiro da francesa, aquela paisagem, seca até de gente, não tinha mais jeito. Mas bastou saber que tudo se renovaria, e a sua própria esperança se renovou, e se deu por satisfeita. Assim, nesta pequena experiência, percebemos o aspecto natural característico daquele sertão: as transformações extremas na paisagem da caatinga, que estão relacionadas com diversos fatores ambientais. A concentração das chuvas em poucos meses ao longo do ano leva ao reconhecimento popular de apenas duas estações, que se caracterizam pela ausência e pela presença da água: o “período de seca” e a “quadra invernososa”¹⁰⁶. A primeira, é representada pela imagem de escassez e penúria: não nasce planta, os rios secam, o solo racha, o gado emagrece e então também não tem leite nem carne. Os bichos mudam: os que lá estavam, migram em busca de vida, enquanto outros surgem para comer as carniças dos que padeceram. A gente sofre até quando pode, e quando não pode mais, vai embora. É o período das preces, de fazer promessas, de apelar aos santos por chuva. A segunda, quando o “inverno é bom”, se relaciona com a imagem de

¹⁰⁶ O uso desse termo se deve ao predomínio das chuvas ao longo de três meses seguidos, que correspondem a um quarto do ano.

fatura e renascimento: tem banho de rio, de chuva, de açude, de lama. Tem canto, festa, dança e colheita. As plantas crescem e se enverdecem, as flores surgem, e as rachaduras do solo se curam. Quem consegue, volta. E dá até para matar um boi, só para fazer um banquete! Os bichos também retornam, com seus coloridos e cantos. É época de agradecer e de pagar as promessas, mas também de já pedir pelo próximo inverno, e de cuidar da provisão para os tempos duros, porque o tempo da bonança é curto (Figura 182).

Figura 182 - A penúria e a fatura.

Asa Branca¹⁰⁷	A Volta da Asa Branca¹⁰⁸
<p>Quando olhei a terra ardendo Qual fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação</p> <p>Que braseiro, que fornalha Nem um pé de plantação Por falta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão</p> <p>Até mesmo a asa branca Bateu asas do sertão Depois eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração</p> <p>Hoje longe, muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão</p> <p>Quando o verde dos teus olhos Se espalhar na plantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu Meu coração</p>	<p>Já faz três noites que pro norte relampeia A asa branca ouvindo o ronco do trovão Já bateu asas e voltou pro meu sertão Ai, ai eu vou me embora Vou cuidar da plantação</p> <p>A seca fez eu desertar da minha terra Mas felizmente Deus agora se lembrou De mandar chuva Pra esse sertão sofredor Sertão das muié séria Dos homes trabaiador</p> <p>Rios correndo As cachoeira tão zoando Terra moiada Mato verde, que riqueza E a asa branca A Tarde canta, que beleza Ai, ai, o povo alegre Mais alegre a natureza</p> <p>Sentindo a chuva Eu me recorde de Rosinha A linda flor Do meu sertão pernambucano E se a safra Não atrapaiá meus pranos Que que há, o seu vigário Vou casar no fim do ano.</p>

Fonte: TEIXEIRA, 1972; DANTAS, 1959.

¹⁰⁷ TEIXEIRA, Humberto; GONZAGA, Luiz. Asa Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Volta Pra Curtir**. São Paulo: RCA Victor, 1972. LP. Lado A, faixa 5.

¹⁰⁸ DANTAS, Zé; GONZAGA, Luiz. A Volta da Asa Branca. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Luiz Gonzaga Canta Seus Sucessos com Zé Dantas**. São Paulo: RCA Victor, 1959. LP. Lado A, faixa 4.

Essas mudanças correspondem às adversidades com as quais o homem tem que entrar em acordo para conseguir ali habitar. Ou seja, para conseguir se estabelecer no sertão, o homem teve que compreender profundamente a **relação das forças da natureza** que atuam nas mudanças, com o **tempo**, lhe permitindo ser capaz de ler os sinais da seca e da chuva (Figura 183):

Figura 183 - A leitura da natureza.

Acauã¹⁰⁹	Aquarela Nordestina¹¹⁰
<p>Acauã, acauã vive cantando Durante o tempo do verão No silêncio das tardes agourando Chamando a seca pro sertão Chamando a seca pro sertão Acauã, Acauã, Teu canto é penoso e faz medo Te cala acauã, Que é pra chuva voltar cedo Que é pra chuva voltar cedo Toda noite no sertão Canta o João Corta-Pau A coruja, mãe da lua A peitica e o bacurau Na alegria do inverno Canta sapo, gia e rã Mas na tristeza da seca Só se ouve acauã Só se ouve acauã Acauã, Acauã...</p>	<p>No Nordeste imenso, Quando o sol calcina a terra, Não se vê uma folha verde Na baixa ou na serra. Juriti não suspira, Inhambú seu canto encerra. Não se vê uma folha verde Na baixa ou na serra.</p> <p>Acauã, bem no alto Do pau-ferro, canta forte, Como que reclamando sua falta de sorte. Asa branca, sedenta, Vai chegando na bebida. Não tem água a lagoa, Já está ressequida.</p> <p>E o sol vai queimando o brejo, O sertão, cariri e agreste. Ai, ai, meu Deus, tenha pena do Nordeste.</p>

Fonte: DANTAS, 1981; CAVALCANTI, 1989.

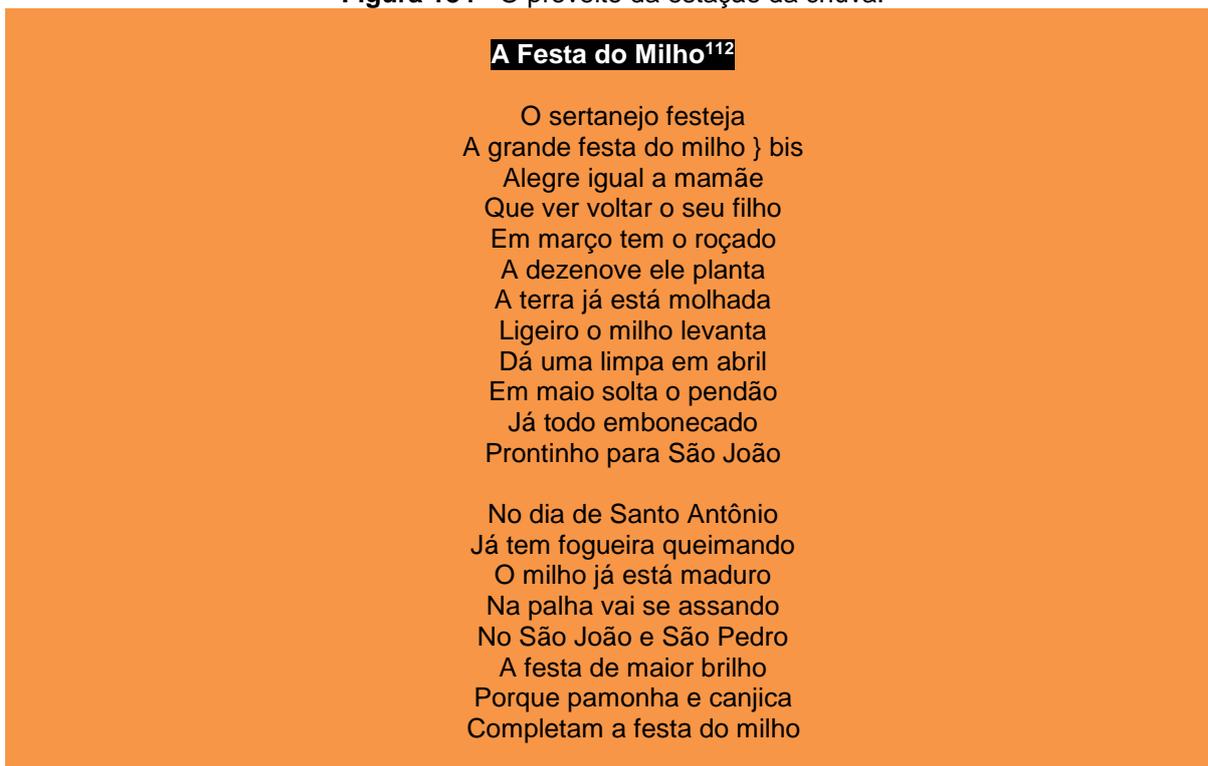
Estando capaz de realizar esta leitura cotidianamente, do mesmo modo que a vegetação nativa é fisiologicamente especializada para conseguir sobreviver aos longos períodos de estiagem, os sertanejos também tiveram que desenvolver seus *modos* para conviver com as mudanças entre as estações, aproveitando a chuva para produzir o máximo de provisões possíveis para sustentar a família e as criações durante a escassez de água (Figura 184).¹¹¹

¹⁰⁹ DANTAS, Zé. Acauã. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: GONZAGÃO 7 GONZAGUINHA. **Dançando em Casa, Moro no Mundo**. São Paulo: EMI-ODEON, 1981. LP. Faixa 7.

¹¹⁰ CAVALCANTI, Rosil. Aquarela Nordestina. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Aquarela Nordestina**. Rio de Janeiro: Copacabana, 1989. LP. Faixa 5.

¹¹¹ Tais estratégias foram profundamente estudadas por Beatriz Heredia na Zona da Mata pernambucana.

Figura 184 - O proveito da estação da chuva.



Fonte: CAVALCANTI, 1982.

Mas as estações não são anualmente regulares. Também é característico que a seca se estenda por longos períodos, atravessando os anos, de tempos em tempos. À medida em que o tempo passa e a chuva não chega, as provisões vão acabando, os animais vão morrendo, e em não raros casos extremos, as famílias sertanejas se veem obrigadas a abandonar ou vender suas casas, junto com as terras e os animais, para alguém com “melhores condições”. Em longos períodos de “seca braba”, acontecem migrações em massa dos campos para as cidades. Quando a chuva aparece de novo, quem consegue retorna, e todos os esforços são feitos neste sentido. Por conta dessa irregularidade, a seca é o grande flagelo e o maior terror da vida do sertanejo, pois por causa dela pode ser forçado a abandonar o *seu lugar* rumo a um mundo desconhecido, e apesar de, na partida, ter esperança de retornar, ele sabe que este caminho pode não ter volta (Figura 185).

¹¹² CAVALCANTI, Rosil. Festa do Milho. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Pisa no Pilão (Festa do Milho)**. São Paulo: RCA, 1982. LP. Faixa 1.

Figura 185 - A tensão entre a permanência e a partida.

A Triste Partida¹¹³ (trecho)

Apela pra março
Que é o mês preferido¹¹⁴
Do santo querido
Senhor São José
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe foge do peito
O resto da fé

Agora pensando
Ele segue outra tria
Chamando a fãmia
Começa a dizer
Eu vendo meu burro
Meu jegue e o cavalo
Nós vamos a São Paulo
Viver ou morrer

Nós vamos a São Paulo
Que a coisa tá feia
Por terras alheia
Nós vamos vagar

Se o nosso destino
Não for tão mesquinho
Cá e pro mesmo cantinho
Nós torna a voltar

E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem

Em um caminhão
Ele joga a fãmia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natá

Fonte: ASSARÉ, 1964.

¹¹³ ASSARÉ, Patativa do. A Triste Partida. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **A Triste Partida**. São Paulo: RCA/Victor, 1964. LP. Faixa 1.

¹¹⁴ O dia de São José, padroeiro do Ceará, é comemorado no dia 19 de março. Os sertanejos acreditam que esta data marca o prenúncio de como será o inverno: se chove até o dia de São José, o inverno será bom. Se não, será tempo de seca. Daí março ser o “mês preferido”.

Os extremos da natureza são experimentados pelo sertanejo na sua vida cotidiana, como significados que se caracterizam pela contradição. A totalidade da natureza representa tanto a bonança que o permite permanecer no seu *lugar*, como o suplício de ser forçado a partir dali e se lançar *no mundo*. Como Deus, que é misericordioso e impiedoso ao mesmo tempo, a natureza não somente tem o poder de vida e morte sobre os sertanejos, como determina o *modo como estão na terra* e, conseqüentemente, sua própria **identidade**: se *estão em casa* ou *no caminho*, se são *sertanejos* ou *retirantes* (Figura 186). Assim, as variações extremas da natureza e a sua imprevisibilidade acabam por determinar o **caráter** do sertão, no qual o homem encontra a correspondência entre seu próprio estado físico e as forças da natureza.

Figura 186 - O modo como o sertanejo está na terra.



Fonte: Galeria de Gravura.

Os significados também se manifestam nas *coisas* naturais. O sol reúne os significados da seca, da morte, e da ameaça de ter que abandonar tudo. Na água estão reunidos os significados da vida, da fartura, do alívio, da fertilidade e da renovação. O modo como o sol e a chuva se manifestam, são vistos como “vontade divina”, de Deus ou dos santos, e a manifestação é expressa em termos que se relacionam com características humanas: “o sol castiga”, “o sol é inclemente”, “a chuva é provedora”. Desse modo, no sistema simbólico relacionado com as crenças, o sol aparece como monstro, enquanto a chuva está relacionada com a vida (Figura 187). Sol e chuva são as forças da natureza *do céu*, sobre as quais o homem não tem nenhum controle. Ao contrário, depende da “vontade divina” para que a sua

necessidade dessas forças seja satisfeita na medida certa. Por conta tanto das variações extremas entre as estações, como da irregularidade temporal das suas ocorrências, o **cosmos** aqui não aparece como ordenado, mas como extremamente instável e imprevisível, em função do **tempo**.

Figura 187 - Os significados do sol e da chuva, representados na xilogravura.



Fonte: Galeria de Gravura.

A participação do sol nas mudanças que determinam o *caráter* do sertão faz com que o homem também desenvolva uma relação significativa com a *luz*. Mas aqui, a luz está relacionada com a fé, com o pedido para Deus “*alumiá*” o caminho, com a “luz divina”. Além disso, a luz é responsável pelo ritmo do tempo ao longo do dia: indica a hora da *labuta*, pois com ela se levanta, e com ela se deita; e entre esse início e fim, indica a hora da *sesta*, após o almoço. Deste modo, apesar de ser proveniente do “sol que castiga”, a luz é dissociada do significado da penúria, pois diferente do caráter de instabilidade das estações, é certo que o dia sempre amanhece, e a noite sempre escurece. Representa, assim, uma regularidade num ambiente de incertezas, e daí estar relacionada com a esperança e a fé devotada aos santos, e ser

concretizada, nas xilogravuras, como um arco que circunda a cabeça dos santos. (Figura 188).

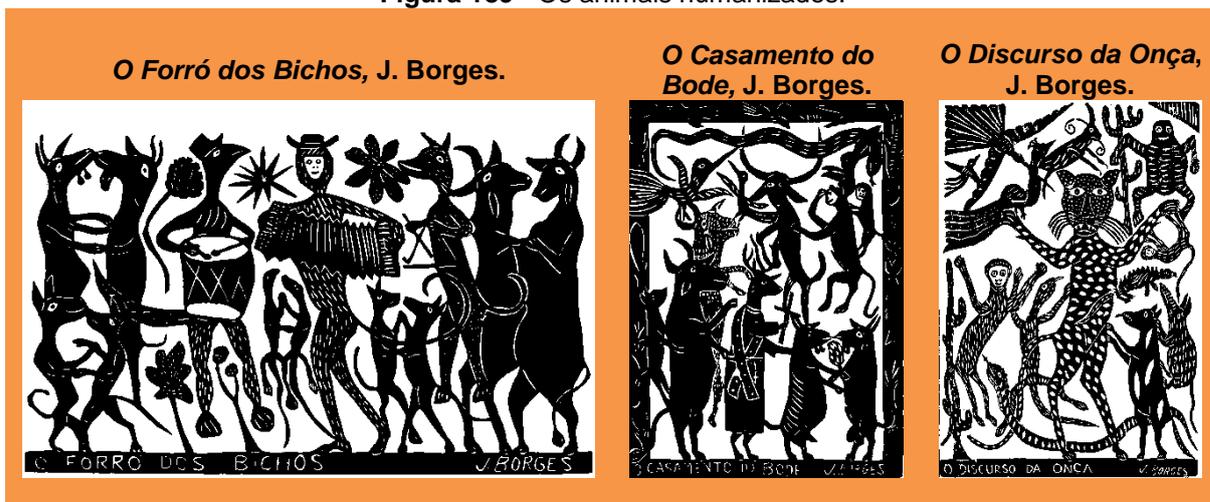
Figura 188 - A luz divina.



Fonte: Galeria de Gravura.

Com os animais e as plantas, o sertanejo desenvolve uma relação mais íntima e complexa. Assim como o homem, animais e plantas são *da terra*, e sofrem com a mesma intensidade as mudanças entre as duas estações reconhecidas. Por essa condição comum, se tornam objetos de *identificação* do homem. Mas além disso, é também primordialmente por meio dos animais e das plantas que o sertanejo lê a natureza, para acompanhar as mudanças entre as estações. Deste modo, a fauna e a flora são também objetos de *orientação* do homem com relação ao seu próprio destino. Disso resulta que animais e plantas são temas frequentes nas xilogravuras, nas quais os animais chegam a ser representados com características e em atitudes humanas. (Figura 189).

Figura 189 - Os animais humanizados.



Fonte: Galeria de Gravura.

Animais e plantas são parte da totalidade da vida cotidiana, e como objetos de identificação, o homem desenvolve com eles relações tanto afetivas como cognitivas: tanto os bichos como a vegetação fornecem alimentos e matéria prima para a feitura de todo tipo de artefatos. Os animais também desempenham atividades profundamente relacionadas com a vida cotidiana, transportando, vigiando a casa, arando o solo, reunindo o gado, enquanto primordialmente das plantas são extraídas as curas para o corpo e, quando combinadas com rezas, também para o espírito. Assim, os animais e as plantas estão presentes nos rituais da vida, (Figura 190), e são, além de objetos de *identificação e orientação*, **coisas** que o homem conhece, utiliza e experimenta de modo extremamente significativo.

Figura 190 - A presença dos animais e das plantas nos rituais da vida.



Fonte: Galeria de Gravura.

O solo, por sua vez, representa a base de existência do sertanejo. Não somente porque se trata do “plano horizontal no qual o homem vive”, nem apenas porque é nele em que o homem se assenta. Do solo, nascem os frutos, “se o inverno é bom”. Mas antes de tudo, numa existência marcada pelo destino incerto, permanecer *naquele solo* é a grande labuta e o grande anseio da vida do sertanejo. Toda a sua vida e todos os seus *modos* giram em torno deste objetivo. Assim, a *coisa* solo se transforma em *sua terra*, e deixa de ser solo para se tornar a totalidade do ambiente que ele *habita* (Figura 191). De fato, o sertanejo trabalha *na terra*, e isso pressupõe o conhecimento íntimo da natureza desta terra. Como se disse mais acima, o sertanejo sabe que sair da *sua terra* pode ser um caminho sem volta, e esse é o maior terror da sua vida. A terra é o *seu lugar no mundo*, onde, apesar de todas as adversidades, a sua existência é possível, porque se tornou capaz de habitá-la.

Figura 191 - A preferência de permanecer na terra.

Sertanejo do Norte¹¹⁵

Eu vou falar desse povo
Que não faz mal a ninguém
O sertanejo do Norte
Que de pau de arara vem
Desprotegido da sorte
Sou pau de arara também

Ribaçã, se tem fartura
Nunca muda de lugar
Sertanejo se tem chuva
Nunca deixa a terra natá
Sertanejo é tão feliz
Quando chove no sertão
Quando a roça ta cheinha
De arroz, mío e feijão
Quando ele vem do roçado
Seus fiinho tão esperando
Quando avistam de longe
Todos eles vão gritando
Eita! Pai já vem
Eita! Pai já vem
Viu, mãe!
Pai já vem

Fonte: MONTEIRO; VALE, 1959.

¹¹⁵ MONTEIRO, Ary; VALE, João do. Sertanejo do Norte. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. O Sertanejo do Norte / Xote do Véio. São Paulo: Victor, 1959. LP.

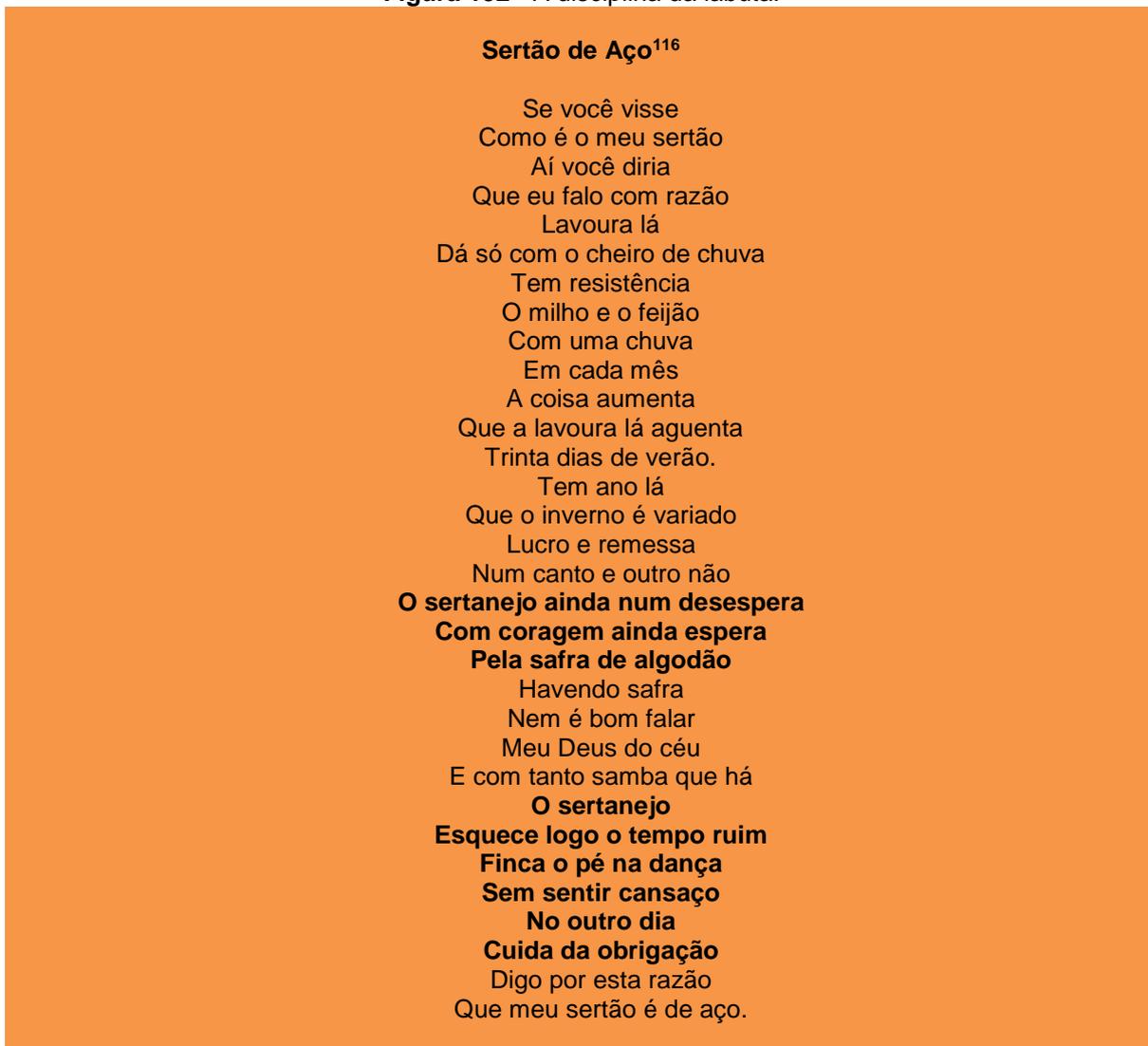
A terra que o sertanejo habita é o próprio *sertão*. *Minha terra e meu sertão* são sinônimos, pois se referem ao *lugar habitado*, onde tudo é conhecido, onde tudo significa, onde tudo identifica. A identidade de ser *sertanejo* não apenas localiza o homem no sertão, mas o integra neste ambiente. No sertão, o homem é parte da totalidade da natureza criada por Deus, é *coisa* como os animais e as plantas, e o sertão é seu *habitat* e sua *habitação*. Se para *habitar*, o homem tem que *compreender*, qual a compreensão que o sertanejo tem do sertão?

Até aqui, abordamos as relações que o sertanejo estabelece com as manifestações das *forças da natureza*, tomando como base os *modos* de compreensão da natureza apresentados por Norberg-Schulz nas categorias *coisa, ordem, caráter, luz e tempo*. Além disso, “ilustramos” as relações entre o homem e seu ambiente por meio de músicas, poesias e xilogravuras sertanejas, como *obras de arte que concretizam a situação de vida* e, portanto, *manifestam* os significados experimentados. Devemos agora dizer que o *modo* como o homem se relaciona com seu ambiente tem como ponto de partida o *caráter do lugar*, que se manifesta como uma *atmosfera geral*, as *adversidades* com as quais o homem tem que entrar em acordo para ali habitar.

Já indicamos que, a depender das condições climáticas, o sertão pode ser *árido* ou *fértil*, e significar *penúria* ou *fartura*. Também pontuamos que, por conta disso, o *caráter* do sertão é determinado pelas mudanças e pelas irregularidades entre as duas estações reconhecidas, de modo que *incerto* e *instável*, são duas qualidades ambientais que o sertanejo tem que conhecer e enfrentar. Mas se *habitar* pressupõe *segurança*, como o sertanejo habita o sertão *incerto* e *instável*? Já dissemos que, por meio da compreensão do ambiente, o sertanejo desenvolveu seus *modos*. Isto significa que o homem não apenas recebe passivamente o ambiente que o circunda e sofre as suas consequências, mas também *dá uma resposta*, constrói seu *microcosmo*. Nesta resposta, o sertanejo busca *corrigir* os aspectos não satisfatórios do ambiente, complementando o que falta e simbolizando os significados, construindo a ele mesmo. Se os aspectos insatisfatórios se caracterizam pela instabilidade e incerteza com relação à ocorrência das estações no *tempo*, o sertanejo tem que trazer *ordem* para o *tempo*, que se reflete no planejamento das culturas a serem cultivadas e nos seus diferentes tempos de preparo da terra, de plantio, de espera e de colheita.

Para que o sertanejo consiga *permanecer no seu sertão*, sua vida deve ser extremamente disciplinada com relação a essas coisas (Figura 192).

Figura 192 - A disciplina da labuta.



Fonte: CAVALCANTI, 1962.

Por tudo isso, concluímos que o sertanejo compreende a natureza primordialmente em função do *tempo*, que o sertão é *instável* e *incerto*, e que seu significado é, contraditoriamente, a *penúria* e a *fatura*. Daquela compreensão destas coisas, o homem *constrói seu microcosmo*, que da mesma forma que ele em seu

¹¹⁶ CAVALCANTI, Rosil. Sertão de Aço. Intérprete: Luiz Gonzaga. In: LUIZ GONZAGA. **Ô Véio Macho**. São Paulo: RCA Victor, 1962. LP. Faixa 3.

ambiente, estabelece relações significativas com a paisagem. Devemos tratar dessas coisas.

4.2 A Paisagem e a Arquitetura

Os piauienses costumam dizer que o Ceará fica dentro de um buraco. Essa percepção se deve ao fato de que o território cearense é limitado por pronunciados elementos no relevo, sendo aberto só ao Norte, para o mar. Ao Leste, a Chapada do Apodi separa o Ceará do Rio Grande do Norte e da Paraíba, ao Sul, a Chapada do Araripe serve de fronteira com Pernambuco, e à Oeste, o limite com o Piauí se dá pela presença da Serra da Ibiapaba, também chamada de Serra Grande. São formações que se caracterizam pela longitudinalidade e servem de *limite*, de modo que o sertão cearense, na sua totalidade, se caracteriza como um espaço fechado, um *interior*. Mas isto está na escala *macro*, e só é perceptível quando nos aproximamos de um desses limites naturais (Figura 193).

Figura 193 - Os limites do território cearense na paisagem.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Numa escala humana, e seja em tempo de chuva, seja em tempo de seca, o Sertão aparece, predominantemente, como uma extensão infinita (Figura 194). Somente vez por outra surgem elevações no relevo, mas dificilmente elas se caracterizam como um pronunciado elemento centralizado e vertical. Na maioria das vezes, estão esticados ou esparramados na paisagem, são cobertos com a mesma textura que o solo e se elevam pouco e suavemente, o suficiente para servirem como objetos de orientação ao homem. A combinação dessas qualidades enfatiza a direção horizontal mais do que a vertical, nos dando a impressão de que são apenas ondulações na superfície do solo. Mesmo quando observadas na linha do horizonte, o que, *a priori*, nos leva a imaginar que se manifestariam como um limite da extensão,

a continuidade da textura, e a baixa altura abranda esta percepção, fazendo parecer como uma massa vegetativa mais alta.

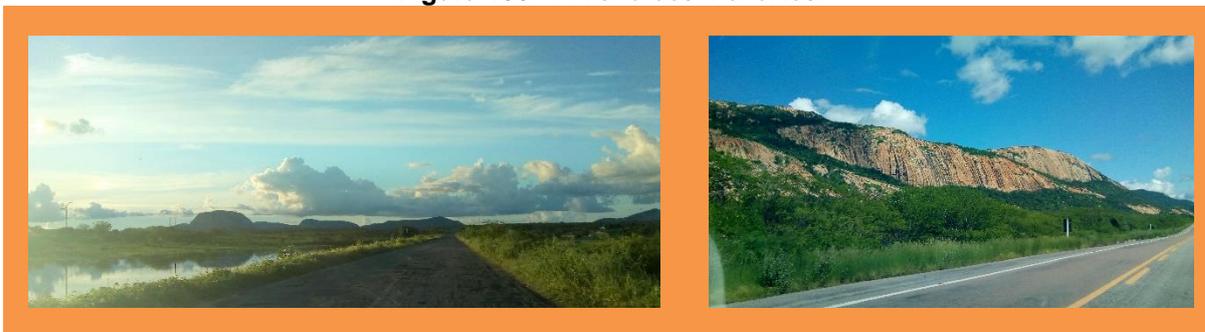
Figura 194 - A extensão infinita do sertão.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

No entanto, contraditoriamente, na totalidade do Sertão Cearense, encontramos alguns lugares particulares onde as elevações do relevo desempenham um papel fundamental na caracterização da paisagem, como no Sertão Central. Isso se torna tão distintivo, que o próprio lugar passa a ser chamado com base nessa característica: a *terra dos monólitos* (Figura 195). Ali, as elevações aparecem de forma mais frequente e não possuem a cobertura com a mesma textura do solo. Ao contrário, a pedra nua lhes dá a aparência de algo que foi adicionado à superfície, e não uma continuidade dela.

Figura 195 - A Terra dos Monólitos.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A infinita extensão da terra faz com que o céu seja observado como um hemisfério completo e abrangente. Encontra a terra sempre no horizonte, tocando a massa vegetativa ou alguma elevação longitudinal, por uma borda linear ou suavemente ondulada. No casamento do céu com a terra, o Sertão é *sem fim* (Figura 196).

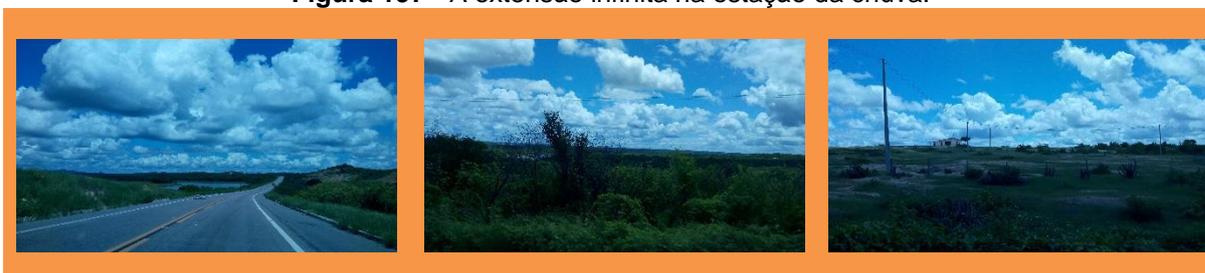
Figura 196 - O encontro da terra com o céu.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Quando tem chuva, o chão está coberto pela vegetação da caatinga, ou rasteira ou arbustiva, que contribui para a continuidade da paisagem. Essa cobertura faz com que as menores irregularidades do solo não sejam percebidas, e deste modo não se identifica a configuração de lugares e caminhos naturais na imensidão. O que se percebe, no geral, é uma superfície infinita, macia e ondulada pelas copas, uma textura uniforme que encontra o céu no horizonte, e na qual às vezes surgem diferenciadas manchas de cor, seja pelas flores, seja pelos variados verdes da vegetação (Figura 197).

Figura 197 - A extensão infinita na estação da chuva.



Fonte: Acervo Expedição Casas dos Sertões.

As árvores, geralmente de porte médio, surgem aqui e ali, e só se destacam verticalmente quando estão isoladas na vegetação rasteira. Quando em meio aos arbustos, acaba se misturando a esses, e quando agrupadas, se caracterizam como uma massa vegetativa horizontal, uma extensão, mais do que uma verticalidade. Somente as carnaúbas se destacam na paisagem, por conta da combinação das suas características formais: a postura ereta do tronco alto, regular, cilíndrico e despido de folhas e galhos, que se eleva para oferecer ao céu uma bola de estrelas, uma copa distinta, geométrica, que é ao mesmo tempo esférica e estrelada (Figura 198).

Figura 198 - Os destaques na paisagem da estação da chuva.



Fonte: Acervo Expedição Casas dos Sertões.

A água, apesar de escassa, se apresenta de variadas formas. Como rios, indica direções pela forma longitudinal, e estão em movimento num ritmo lento, calmo e sereno. No Sertão, os rios não correm, peregrinam. Para correr, é preciso que os santos sejam muito generosos com relação à quantidade de água que cai do céu, o que só acontece ocasionalmente. Por indicar direções, e pela sua forma longitudinal, os rios servem como caminhos naturais para o homem. Não à toa, no curso da história, foi pelos caminhos dos rios que o homem, então estrangeiro, adentrou esta terra, encontrou o seu lugar no Sertão, e se tornou sertanejo. Os rios não se configuram como vales, e como tudo o mais, continuam a horizontalidade da paisagem (Figura 199). Se destacam na extensão geral pela mudança na textura, manifestando seu caminho ou como um recorte na massa vegetativa, ou pela própria superfície da água, quando visível. Além de como rios em peregrinação, a água também se apresenta quieta na paisagem, aparecendo como lago, poça ou brejo, a depender da qualidade do inverno. Do mesmo modo que os rios, tanto a superfície plana, lisa e brilhante se destaca em meio à textura viva e verde, servindo agora de foco na paisagem, como não rompem a horizontalidade infinita, já que em direção a ela, o solo desce suavemente, de forma quase imperceptível (Figura 200).

Figura 199 - A presença da água como rio.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 200 - A presença da água como lagoa.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O céu, na estação das chuvas, se aproxima da terra (Figura 201). As nuvens aparecem densas e baixas, conferindo ao mundo de vida do homem uma escala verticalmente mais humana e intensificando o seu caráter horizontal. Pela proximidade do céu, o mundo se torna mais *dentro*. O teto desse mundo, de fundo azul intenso e textura branca e macia, está vivo no movimento das nuvens, que como os rios, peregrinam serenamente. Esse movimento, combinado com a luz do sol, traz vida também para a extensão infinita da superfície, no movimento das sombras que dançam umas sobre as outras e sobre as coisas, em todas as escalas. A luz se torna suave, suportável na pele por conta do filtro das nuvens. Ganha uma cor fria e tudo em volta fica meio azulado, como se tivesse um pouquinho de céu mesmo na terra. Pelos movimentos, o céu adquire um caráter lúdico: dá para ficar horas contemplando o movimento das nuvens, observando o sol se esconder e se mostrar através delas, admirando a beleza efêmera do modo como a luz sai por detrás delas.

Figura 201 - O céu misericordioso.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Quando tem seca, a percepção da extensão infinita é mantida, mas agora a vegetação arbustiva está despida, constando apenas de troncos, tocos e galhos (Figura 202). Nas poucas presenças das folhas, o verde brilhante perde a vitalidade, se aproxima do cinza dos galhos ou do ocre da terra. Estão camufladas e só são percebidas quando se chega perto delas. A vegetação rasteira praticamente desaparece. Se transformou numa cama de folhas secas que cobre o solo, formando,

na superfície, uma textura junto com as pequenas pedras. Pela falta da massa das folhas, a textura da paisagem agora não é mais tão densa, fazendo com que o solo possa ser um pouco visto através do filtro emaranhado dos galhos. Quando não está coberto pela cama de folhas secas, está granuloso pela presença de pequenas pedras que descansam sobre uma rasa camada de areia finíssima, que se levanta como poeira com o vento, se destaca do chão, ganha o mundo com ele, para se assentar em outras paragens.

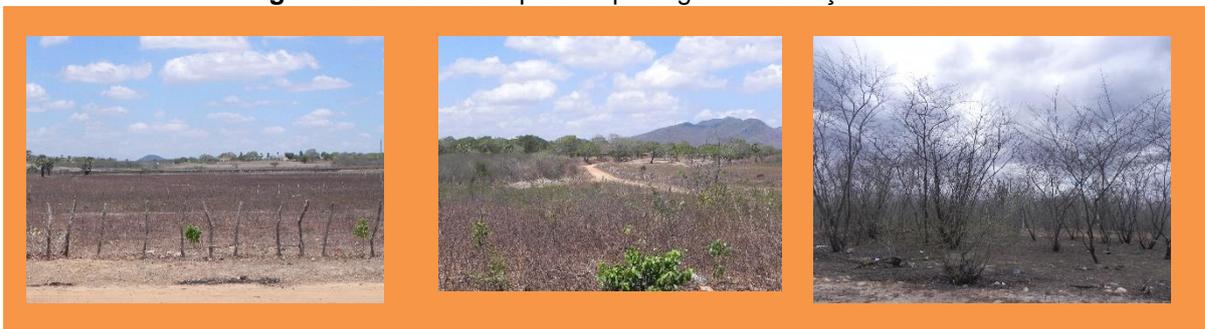
Figura 202 - A extensão infinita na estação da seca.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

A textura da paisagem continua uniforme. O cinza, se torna a cor predominante, e ainda que nele seja percebido o laranja das porções do solo descobertas da vegetação rasteira ou abertas pelo homem, que agora são descortinadas pela nudez dos arbustos. Isto se caracteriza, na extensão infinita, como uma paleta de *tom sobre tom*, mais do que a indicação de domínios bem definidos. O destaque agora se reduz ao verde das poucas árvores cuja vitalidade resiste ao período de estiagem, como o juazeiro, que surgem pontuando a paisagem, gerando um novo *padrão* de textura, ao invés de uma ruptura na sua uniformidade (Figura 203). A aparência da textura, que antes se mostrava macia e arredondada, agora é espinhenta e pontiaguda, pelos galhos secos que se elevam ao céu. Junto aos arbustos ressecados, cactos de todos os tipos agora se exibem, como orgulhosos da sua resistência em meio à paisagem cinza. As palmas, no chão, configuram o solo como um campo minado, delimitando na superfície as possibilidades de movimento do homem, enquanto os mandacarus se elevam ao céu, e com sua forma o reverenciam, não se sabe se agradecendo pela sua resistência, ou se suplicando pela providência da chuva. Aliás, pelos galhos à mostra, toda a natureza parece querer se comunicar com a dimensão celestial.

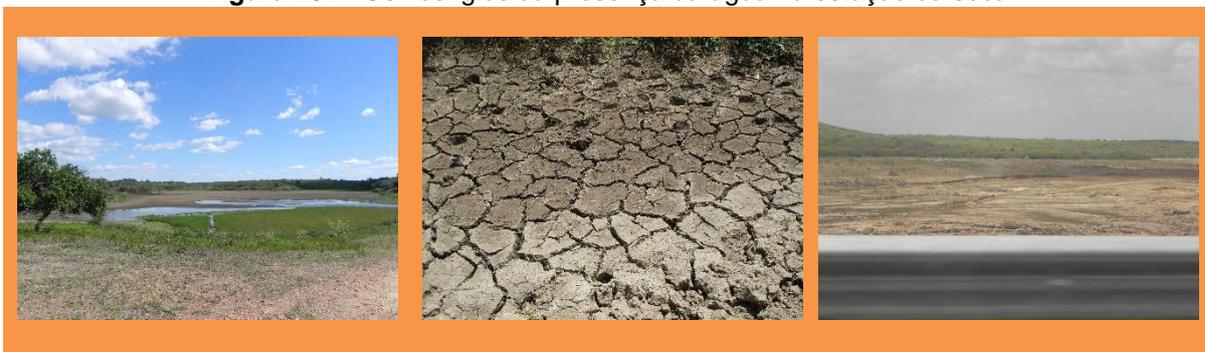
Figura 203 - Os destaques na paisagem da estação da seca.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

As águas secam, e os locais onde antes se encontravam também se tornam manchas de cor na paisagem. Aparecem como um marrom úmido ou esturricado, a depender da extensão da própria seca. O solo do fundo, agora descoberto e visível, apresenta declividade suave. Não é uma bacia, é mais um prato raso que, em longos períodos de seca, se abre em pequenas depressões, fazendo surgir um novo padrão de textura na paisagem. Os rios, agora secos, são ainda mais caminhos abertos pela natureza, em meio à vegetação catingueira (Figura 204).

Figura 204 - Os vestígios da presença da água na estação da seca.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O céu, na estação seca, não possui as mesmas nuvens que do período chuvoso. Na maioria das vezes, se apresenta totalmente limpo, e junto com a extensão da paisagem, intensificam a sensação de infinitude. Quando as nuvens aparecem, são poucas, aqui e ali, às vezes tão suaves e translúcidas, que mais parecem pinceladas brancas sobre a profunda tela celeste. Sem contornos definidos, se dissolvem aos poucos, até se transformar em azul. A luz agora é branca, possibilitando perceber mais nitidamente as poucas cores da paleta da paisagem. É direta, intensa e estática. As sombras já não dançam, movem-se lentamente junto com o próprio curso do sol. O movimento em si é imperceptível. O que se percebe é o resultado desse movimento,

já que a posição da sombra ao longo do dia, e do próprio sol no céu, servem como objeto de orientação ao homem, com relação ao tempo.

Pelo modo como as coisas naturais se apresentam, percebemos que, **na paisagem da estação chuvosa**, não é possível perceber a indicação de pronunciados lugares e, à parte os poucos rios, nem de caminhos. Pela mudança da textura, aqui e ali, devido ao porte da vegetação, o que se percebe são domínios, extensões dentro da extensão infinita da paisagem. No tempo da bonança e da fartura, quando a vida está segura, a ausência das possibilidades de caminhos e lugares naturais corresponde a uma adversidade espacial com a qual o homem tem que lidar. **Na paisagem da estação da seca**, a coisa se inverte. Os campos que antes estavam cobertos por vegetação rasteira e agora se encontram despidos, oferecem possibilidades para a ocupação humana, em meio à mata seca e lenhosa dos arbustos. Apesar de não serem percebidos como elementos que centralizam o espaço na extensão geral da paisagem, na dimensão do homem podem ser encontrados por meio de suas andanças. Aliás, no tempo em que tudo falta, em que a paisagem espinhenta repele, em que o sol não dá trégua, em que até carcaças são vistas, qualquer árvore que tenha permanecido com uma boa sombra se configura como lugar: o espaço do Sertão se pontilha de possibilidades espaciais ao homem, e mesmo sem ter muito a oferecer, o convida a ali se assentar. Disso percebemos que, a contradição do *caráter* do sertão, que se reveza entre penúria e fartura, entre flagelo e bonança, se manifesta no próprio espaço da paisagem, oferecendo maiores possibilidades para o homem se estabelecer justamente quando a vida ali é mais difícil.

Em qualquer dos casos, o homem tem que abrir o terreno, limpar, capinar e destocar, deixando o solo à mostra, e assim fazer seu *lugar*. Desse modo, a presença da casa na paisagem se inicia por uma borda definida, principalmente, pela mudança na textura no solo: um terreiro laranja ou um mato muito rente, em meio à textura verde da vegetação ou ocre das pedras e folhas secas, a depender da estação. A mudança na textura do solo indica o território que é dominado pela casa, e aparece como destaque na paisagem geral do Sertão, complementando nela a centralização que naturalmente não é percebida (Figura 205).

Figura 205 - O início da presença das casas na paisagem: mudanças na textura do solo.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Em alguns casos, a mudança de textura já é considerada suficiente para a delimitação do domínio da casa. Em outros, no entanto, ela está combinada com a presença de uma cerca, enfatizando a definição do limite (Figura 206). O modo como a cerca está presente é variado. Na maioria das vezes, são estacas ou tocos fincados no solo, espaçados entre si e conectados horizontalmente por fios de arames farpados. Se constituem como um obstáculo ao movimento sobre a terra, mas a continuidade visual permitida pela sua transparência faz com que seja percebida também a continuidade do território da casa com a extensão infinita da paisagem. A terra, aqui, não está interrompida, apenas demarcada. Em casos mais raros, o espaço vazio entre os tocos espaçados é preenchido com uma trama de galhos flexíveis, emaranhados horizontalmente, mas somente até certa altura, permitindo a continuidade visual da paisagem para quem está *dentro*. No entanto, a presença da superfície opaca que se eleva do solo até certa altura rompe a continuidade *da terra*, e assim, somente o *céu* permanece com a sua extensão infinita. Em outros ainda, são tocos também fincados no solo verticalmente, mas agora rentes uns aos outros, formando uma superfície contínua. Se caracteriza pela opacidade: apesar das frestas que ficam entre os tocos rentes, suas dimensões muito pequenas não permitem a continuidade visual entre o dentro e o fora. Aqui a terra passa a não ser vista, a casa tem seu próprio horizonte na cerca, e é com ela que o céu se encontra. Tais coisas significam que os modos como a cerca está presente indica diferentes graus de fechamento e, portanto, diferentes intensidades de *dentro*. Quando mais fechado, mais dentro e mais perto está o horizonte, e o mundo de vida se contrai. Em qualquer dos casos, no entanto, as estacas e tocos estão *fincados*, saem da terra e se levantam em direção ao céu para demarcar o lugar de vida. Quando o homem *finca* o limite da extensão da casa, ele mesmo cria raízes: finca também a sua existência no lugar.

Figura 206 - As bordas dos domínios da casa: cercas.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Qualquer que seja o modo como a cerca se apresenta, é na sua abertura que o domínio da casa se encontra com a paisagem circundante. O modo como esse encontro acontece varia em função da situação concreta local. Na maioria das vezes, existe um caminho público margeando o terreno que se configura como domínio da casa, e a abertura se encontra paralela a ele, de modo que para acessá-la é preciso mudar de direção e sair do caminho. Neste caso, a casa participa de um mundo público junto com outros lugares que também são acessados por este mesmo caminho. Isto significa que, ao sair de casa, ao longo do caminho se depara com esses outros lugares, que se tornam objetos de orientação ao homem no ambiente circundante imediato. Assim, o *lugar* conhecido, a *minha terra*, extrapola os limites do domínio da casa, ganha uma extensão na paisagem. Em outros casos, mais raros, quando não existe o caminho público, um exclusivo é aberto para a casa, e a abertura da cerca está perpendicular a ele. Aqui a casa está isolada do mundo público, é a única meta possível ao longo do caminho, alcançada através da continuidade da direção, desde fora. As referências, neste caso, são tomadas dos elementos naturais da própria paisagem, mas o fato de não serem *lugares* não estende a *minha terra*, que é então limitada ao que está *dentro* do domínio da própria casa (Figura 207).

Figura 207 - As aberturas nas cercas.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Na direção do exterior para o interior, ultrapassando o limite do domínio da casa se adentra no terreiro (Figura 208), que pode estar aberto ou fechado lateralmente, dependendo da ausência ou presença da cerca. No terreiro, ou a casa se encontra sozinha, ou está junto com outras coisas que lhe dão suporte. O modo como tais coisas estão espacialmente organizadas varia continuamente, mas a casa está, predominantemente, localizada no centro. Esta centralidade, junto com a diferente textura do solo à mostra, enfatiza a extensão do domínio da casa, e nos diz que tudo ali ao seu redor, está sob seu controle e é em função dela. A casa é, assim, o núcleo ao redor do qual orbitam as outras coisas que estão presentes no terreiro. Em termos espaciais, o terreiro se constitui como uma transição entre o espaço interior máximo da casa, e o espaço exterior máximo do mundo para além dele. Isto, junto com o fato de estar descoberto, faz com que se experimente a sensação de estar dentro e fora, ao mesmo tempo. Se espacialmente os terreiros são organizados de forma bastante variada, as suas qualidades materiais apresentam uma constância: o tratamento diferenciado das suas diferentes áreas, definidas tendo a casa como referência. Na porção do terreiro que fica à frente da casa, o solo é mantido sempre à mostra, às vezes completamente nus, outras com a presença de plantas cuidadosamente cultivadas: uma árvore com boa sombra, arbustos de folhas coloridas e flores. Na área que fica aos fundos, o cuidado já não é tão intenso. Ali pode crescer mato de vez em quando, ou mesmo ser deixada a vegetação nativa. Em outros casos, o tratamento segue a qualidade da porção da frente. As laterais já são tratadas de forma mais diversificada, se aproximando qualitativamente das características ou da frente, ou do fundo. Essa diferença tem uma razão de ser: mais do que uma constante referência ao curso do sol, as casas estão normalmente orientadas para o caminho que lhes dá acesso, de modo que a frente é a imagem representada da casa para o mundo. Os fundos, ao contrário, se abrem apenas para a paisagem, e por ali a natureza pode penetrar e permanecer naturalmente.

Figura 208 - Os terreiros.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Percorrendo o terreiro, chega-se na casa. Conforme dito anteriormente, a casa está normalmente no centro do terreno, manifestando o centro da existência. No terreiro limpo, capinado e destocado, é o elemento que se eleva, o eixo vertical que liga o homem ao centro da terra e à infinitude do céu. É quase sempre um volume geometricamente definido, um prisma quadrangular que, a depender da proporção entre as suas dimensões, contribui para enfatizar ou abrandar a centralidade na escala média (Figura 209). Quando as dimensões são percebidas iguais ou muito próximas, temos uma centralidade máxima, uma ocupação pontual, enquanto que quando ou a largura ou a profundidade aparece maior que as demais, a casa adquire uma longitudinalidade, e indica as direções do terreiro com as quais se relaciona de modo mais intenso. Já quando a sua altura é menor do que os lados da base, a casa parece se esparramar pelo terreno, repousa nele, está extensa. No entanto, quando observamos numa escala mais abrangente, em qualquer caso a casa aparece sempre como um ponto, um destaque na paisagem, uma figura contra o fundo da vegetação seca ou verde. Na paisagem do sertão, a casa é percebida, mesmos à primeira vista, como um lugar por excelência.

Figura 209 - A volumetria da casa.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Tanto a percepção da casa na paisagem, como a sua constituição como elemento centralizador do espaço são intensificadas pelos telhados (Figura 210). Nas casas sertanejas, o telhado é sempre inclinado, e encontra o céu no seu ponto mais elevado: a cumeeira. Dependendo do ponto de onde é observada, a cumeeira se apresenta ou como uma linha reta que é o topo de um plano, ou como um pico de uma forma angulada, e assim, tanto se aproxima da linearidade do horizonte, como contrasta com as formas onduladas da paisagem natural. Seu caráter pontiagudo é, por sua vez, abrandado ou intensificado pelas inclinações do telhado, ora mais suave, ora mais acentuado, mas está sempre se elevando e apontando para o céu. Na escala macro da paisagem geral, a cumeeira dificilmente ultrapassa a altura da massa

vegetativa, contribuindo para a continuidade da horizontalidade da extensão infinita. Na escala média, como dito anteriormente, por estar em um terreiro limpo é sempre um elemento que se eleva ao céu a partir do solo, o eixo vertical da existência do homem.

Figura 210 - O limite superior: telhado.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

É preciso enfatizar, no entanto, que essa verticalidade está na escala média e possui dimensões humanas, o que significa que, mais do que alcançar o céu, o que a casa *quer* mesmo é permanecer na terra. Como tudo o mais na paisagem, aparece *atada*, enraizada: o volume geométrico é maciço, e suas paredes brotam do solo em inúmeros casos, fazendo com que o chão do terreiro e da casa tenham a mesma altura, propiciando uma continuidade horizontal desde fora. Mas também é comum que a casa esteja *sobre o solo*, em um patamar, um piso que se diferencia do terreiro tanto pela diferença de nível, como pelas qualidades materiais. Quanto mais alto, mais elevada está a casa, e é preciso subir uma escada para chegar até ela, se exige um movimento ascendente, e assim, a essência da casa como um espaço interior que se distingue do exterior é intensificada: não somente o chão dela é diferente, como a experiência da paisagem circundante a partir dela se difere daquela a partir do terreiro. O olhar chega mais longe, a linha do horizonte está mais distante, e assim, a experiência se estende. Contraditoriamente, mais do que intensificar a verticalidade da casa, o patamar a amarra ainda mais ao solo: a base da casa é ampliada para além das suas paredes externas, ocupando uma porção maior de solo, se esparramando pelo terreiro (Figura 211).

Figura 211 - Como a casa está na terra.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Os limites laterais aparecem de forma mais complexa (Figura 212). São, em grande parte, superfícies opacas e contínuas, pontuadas pelas aberturas das portas e janelas, também de superfície opaca, de modo que a intensidade de luz é controlada pelo ângulo que se deixa aberto. Pela disposição em que as aberturas se encontram nas superfícies, a paisagem entra também na casa de forma controlada, pontualmente, enquadrada pelas janelas. Em não raros casos, estão presentes as portas do tipo balcão, e é comum que permaneçam, ao longo do dia, com a parte inferior fechada e superior aberta, e assim, a casa fica “meio aberta, meio fechada” com relação ao exterior. Dessas características, a casa assume o caráter de um volume maciço e fechado, cujos limites laterais marcam de modo enfático a diferença entre o dentro e o fora. Mas em outros inúmeros casos, esse volume maciço é desmaterializado na forma de alpendres e varandas, que se constituem como transição entre o espaço interior da casa e o espaço exterior do terreiro. Se neste, a presença de limites laterais e a ausência do teto implica na experiência de estar dentro e fora ao mesmo tempo, nos alpendres e varandas essa experiência também acontece, mas agora temos o teto e a desmaterialização dos limites laterais, que são mais intuídos pela presença das colunas sequenciadas do que realmente existentes.

Isto confere uma escala gradativa na sensação de estar dentro e fora, que podemos esquematizar da seguinte forma, a partir do interior da casa (Figura 213):

Figura 212 - Limites laterais e aberturas da casa.



Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

Figura 213 - Escala gradativa da sensação de estar dentro e/ou fora, a partir do interior da casa.

DENTRO → DENTRO/fora → dentro/FORA → FORA

Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo quando o volume geral da casa é desmaterializado pela presença de varandas, o núcleo central, ou seja, o corpo da casa propriamente dito que é circundado por esses espaços, apresenta as mesmas características daquelas casas nas quais tais espaços não estão presentes: são maciços e fechados, com limites opacos e contínuos, ponteados pela presença das aberturas, que controlam, dependendo do ângulo no qual são deixadas abertas, a intensidade da luz e a porção da paisagem que adentram na casa. Isto significa que as casas em si, enquanto espaço interior que se distingue do exterior, manifestam a vontade de um fechamento intenso com a paisagem circundante. Tal fechamento, no entanto, é abrandado pela continuidade espacial da casa com o alpendre, do alpendre com o terreiro, e do terreiro com o ambiente circundante, acarretando nos diferentes graus das sensações experimentadas de dentro e fora. Sair ou entrar não acontece de forma abrupta, mas gradativamente através do percurso destes espaços. É também uma peregrinação, por meio da qual pequenas metas devem ser alcançadas, antes de se alcançar o objetivo maior de estar dentro ou fora. Além disso, mesmo nos casos em que a

continuidade é espacialmente interrompida, como quando a casa está sobre o solo num patamar, a experiência da continuidade é intensificada pelo olhar que alcança distâncias maiores na paisagem circundante. Por tais coisas, percebemos que o *caráter* contraditório da paisagem, que se alterna entre a penúria e a fartura, *encontra lugar* na casa, que se manifesta com os desejos contraditórios de se fechar de modo enfático, e de continuar a extensão da paisagem, ao mesmo tempo. Isto já nos indica uma concretização da paisagem do Sertão na casa sertaneja, mas devemos tratar dessas coisas de modo mais aprofundado.

4.3 O Sertão nas Casas

O sertanejo habita o Sertão entre os extremos da qualidade ambiental concreta, que se manifesta nas mudanças das duas estações por ele reconhecidas. Quando consideramos as estações isoladamente, encontramos que, nos extremos, o sertão se manifesta com caráter distinto, sendo dócil ou hostil, significando fartura ou penúria. Mas ao considerar não somente a alternância entre um extremo e outro, mas também o *modo como se alternam*, como uma característica particular e distintiva da sua totalidade, o Sertão tem caráter *instável* e *incerto* por conta da irregularidade do tempo entre as estações. Deste modo, na sua vida cotidiana, o homem tem que lidar não somente com qualidades ambientais completamente diferentes, como o faz tendo que enfrentar a incerteza e a instabilidade da duração de tais qualidades. Daí termos dito que, em termos de significado, o Sertão se apresenta como extremamente contraditório.

Todos esses caracteres são em função do *céu*. Ou seja, o céu determina o que será experimentado pela terra e o seu próprio caráter. Por isso, é mais correto dizer que o *céu* é *instável* e *incerto* e concretiza seu caráter na terra. No espírito do Sertão, o céu domina, e a terra é a manifestação do seu caráter, de modo que as *coisas* que estão na terra, incluindo o homem, *concretizam* o caráter desordenado e imprevisível do *céu*, e essa concretização se manifesta nas qualidades *extremas* que assumem em um momento e em outro. Isto significa dizer que, no sertão, o modo como tudo *está* na terra é em função do céu.

Quando abordamos a paisagem do sertão, percebemos que as qualidades extremas, entre uma estação e outra, estão relacionadas principalmente com a

mudança das texturas: do solo, da vegetação, do céu. Em qualquer dos casos, a **extensão da paisagem é infinita e horizontal**, mas possui caráter diferente nos extremos. **No período das chuvas**, apesar da infinidade da extensão horizontal não ser perdida, o mundo do homem é verticalmente limitado pelo teto formado pelas nuvens. Estar coberto significa estar abrigado, protegido, guardado. Quando a vida está segura pela presença das chuvas, o homem se encontra acolhido e tranquilizado pela natureza, pois o divino está mais perto. Além disso, a paisagem adota um caráter mais dinâmico, onde tudo se movimenta: a vegetação pelos ventos, as águas dos rios, as nuvens e as sombras. A própria natureza celebra a água que cai do céu, em forma de música e de dança. **No período das secas**, também em termos de caráter, tudo é o inverso: pela ausência das nuvens, o céu é infinito, imenso e sem textura. O divino foi para longe, e estar descoberto significa estar ao relento, entregue à própria sorte. O homem está desprotegido justamente quando tudo lhe falta. Lhe resta rezar, e “seja o que Deus quiser”. De modo que é justamente quando o céu está mais longe, mas também mais limpo, visto na sua totalidade, como um hemisfério completo, que o homem mais com ele se comunica, lhe roga, lhe suplica. A paisagem deixa de ser dinâmica e agora está tudo parado: nem tem água correndo, nem folhas se agitando ao vento, nem nuvens nem sombras dançando. Até os sons são secos, dos galhos rangendo ao roçarem um no outro e estalando quando se partindo, das folhas quando pisadas. A natureza se aquieta como que para guardar energias, e paciente aguarda o desfecho do seu destino.

Essas diferenças devidas à qualidade do céu se manifestam na sua relação com a terra. Mesmo os elementos que *se elevam* em forma de relevo estão muito mais *atados à terra* do que *se levantando ao céu*, devido à horizontalidade e à longitudinalidade. Na macro escala, tudo, na paisagem sertaneja, contribui para a continuidade dessa extensão horizontal infinita. Tudo, no Sertão, é horizonte. Assim, toda a natureza *está na terra*, e exposta às condições provenientes do *céu*, ou seja, como já se disse, o céu determina, a terra vive as consequências. Se o céu está perto, a natureza faz festa; se está longe, se entristece. Deste modo, na paisagem do Sertão, o céu domina, já que o próprio *caráter ambiental* do mundo é em função tanto do modo como ele se apresenta, como da sua manifestação nas condições atmosféricas.

Se a extensão é infinita, se tudo é horizonte, e se a textura é uniforme independente da estação, então a terra manifesta a ordem que está ausente no céu.

Mesmo experimentando mudanças extremas, e manifestando qualidades ambientais muito distintas entre uma estação e outra, a continuidade da extensão, da horizontalidade e da textura permanecem, trazendo um pouco de estabilidade para o ambiente incerto e instável. Além disso, para além das mudanças extremas, o modo como as coisas se manifestam em cada estação também representa uma ordem: o cair e o renascer das folhas, as secas e as cheias dos rios e das lagoas, os bichos que cantam num momento e no outro, são manifestações das distintas estações, certas como o amanhecer, o entardecer e o anoitecer. A existência dessa ordem é fundamental para que o homem seja capaz de habitar, pois é através dela que se orienta com relação às mudanças entre as estações. De tais coisas, podemos concluir que o céu apresenta uma desordem e a terra uma ordem, sendo este fato mais uma manifestação do caráter contraditório do sertão. Mas como tais coisas estão concretizadas nas casas?

Já dissemos que, para habitar em função da desordem do céu, o homem tem que trazer ordem para a sua vida. No que diz respeito às casas, isto significa trazer para perto do homem as propriedades da *terra*, já que é nela que se manifesta a ordem da qual se sente necessidade. Assim, como tudo o que está na terra, as casas buscam estar *atadas* à ela, manifestando a própria estrutura existencial do sertanejo, cuja vida é toda orientada para o objetivo de permanecer na terra. Deste modo, as casas sertanejas *querem estar na terra*, e tem o cuidado de não interferir na ordem que nela se manifesta. Por conta disso, as casas buscam contribuir para a continuidade da horizontalidade e da extensão infinita da paisagem do sertão. Na escala abrangente, as casas, como as árvores, se elevam ao céu, mas não se caracterizam como elementos verticais, já que a sua altura não rompe com aquela predominante, determinada pelos arbustos, continuando a horizontalidade. Como as águas, se destacam na paisagem por uma textura diferente, seja a dos telhados, seja a do terreiro, e assim servem de foco, complementando a paisagem geral com a centralização que nela falta. Na escala média, mais próxima do homem, a extensão infinita está concretizada no terreiro, no espaço aberto em volta da casa, retirando dali a vegetação que serviria de obstáculo para a visão do homem sobre a paisagem. Por se orientar na natureza, o sertanejo precisa ver o horizonte, o céu, o sertão. No terreiro, os obstáculos a esta visão são distanciados, permitindo ao homem alcançar, com o olhar, uma maior extensão. Assim, pela retirada da vegetação mais próxima, o

terreiro traz a paisagem para perto do homem, sendo isto uma contradição: afasta para aproximar.

Os caminhos criados pelo homem complementam na paisagem a quase ausência destes. Por habitar entre os extremos das qualidades ambientais, o sertanejo vive constantemente a tensão entre permanecer e partir, de modo que além do lugar da sua existência, os caminhos também são experimentados de modo extremamente significativo. Os caminhos estão na romaria, na procissão, na labuta cotidiana. *Estar no caminho* é concretizado nas sensações gradativas de estar entre o interior e o exterior, num movimento processional por meio do qual pequenas metas devem ser alcançadas, antes de se alcançar o mundo ou o lugar da existência, como numa via sacra. Além disso, a possibilidade iminente de se lançar *no mundo* se concretiza na orientação da casa voltada para os caminhos, mais do que com relação aos pontos cardeais. No movimento contínuo e direto do corpo do interior da casa para o mundo exterior, o sertanejo concretiza, cotidianamente, a linha tênue que distingue a sua própria identidade: se sertanejo ou retirante, se está *em casa* ou *no caminho*.

Ao buscar compreender, na casa, a concretização do homem e do ambiente, um outro aspecto, até então não tratado, saltou aos olhos. Os extremos experimentados na vida pelo sertanejo se relacionam primordialmente com a presença ou ausência de água, e a água se encontra concretizada na casa de modo bastante significativo. A casa concretiza o percurso da água na natureza, de modo que a água reúne o caminho e o lugar. O telhado inclinado é a montanha que recebe a água que cai dos céus, e a conduz até os córregos e rios concretizados nas calhas, que por sua vez a levam aos lagos e lagoas que estão presentes nas cisternas (Figura 214). Nestes detalhes, de caráter extremamente funcional, toda a paisagem do sertão é trazida para perto do homem, e ali estão reunidas as formações do relevo, os rios, as lagoas e a própria água. Ou seja, toda a paisagem do sertão está reunida num detalhe, no sistema que possibilita ao homem captar e armazenar a água da chuva. Essa necessidade, à primeira vista funcional, é também existencial, pois permite prolongar a permanência do homem *na terra* nos períodos de seca, e portanto, permitir que ele esteja *em casa*. Assim, a água reúne o telhado, a calha e cisterna, para nesta reunião reunir também a paisagem, o homem, o lugar e o ambiente, ou a totalidade do lugar.

Figura 214 - A concretização do caminho natural da água na casa.

Fonte: Acervo da Expedição Casas dos Sertões.

O caráter contraditório do sertão se encontra concretizado no que a casa tem de mais essencial: na relação interior-exterior. A sensação de estar dentro e estar fora é gradativamente experimentada por meio das continuidades espaciais entre o ambiente e o terreiro, o terreiro e o alpendre, e o alpendre e a casa, o que significa dizer que existe uma continuidade gradativa da paisagem para o interior da casa, manifestando o desejo desta de continuar, *se estender* até fora. No entanto, o volume da casa propriamente dito se caracteriza pela estrutura maciça e pelo fechamento, controlando o que entra de luz e paisagem por meio das pontuais aberturas. Assim, a casa demonstra um desejo tanto de *ser paisagem* como de se isolar dela. Isso manifesta, como já se disse, o caráter contraditório do sertão: quando este é fartura e bonança, a vida está fora, na fogueira, nas danças, nas festas, e isso é manifestado na continuidade espacial. Quando se apresenta hostil, é preciso dele se proteger e se resguardar, o que se manifesta na ruptura promovida pelas qualidades materiais. Mesmo neste caso, em que se resguarda o corpo da hostilidade do mundo de fora, o sertanejo tem que estar perto da paisagem, para poder monitorar seus sinais de forma cotidiana. Mais do que qualquer coisa, a porta balcão, o ponto de comunicação entre o dentro e o fora, é o ponto de encontro do homem com a paisagem. Comumente encontrada com a banda de baixo fechada e a de cima aberta, impossibilita o movimento e guarda o corpo do mundo, mas permite a continuidade visual e o olhar fora. Por meio dela, o sertanejo pode estar constantemente com *um olho no peixe, e outro no gato*, com diferentes intensidades, estar dentro e monitorando o fora.

Todas essas coisas aqui comentadas manifestam a concretização do *genius loci* do sertão nas casas sertanejas. As casas concretizam não somente a estrutura da paisagem, como também a própria estrutura existencial do sertanejo. Nela estão reunidos os significados mais fundamentais para o modo como o homem está na terra e sob o céu. A compreensão que o homem tem da natureza em função do tempo, dado o caráter de *instabilidade e incerteza*, se manifesta na relação contraditória da casa com a paisagem, caracterizada pela continuidade e ruptura. Por outro lado, para corrigir esse aspecto insatisfatório da realidade concreta, o homem traz ordem para o seu lugar, e isso se manifesta no desejo da casa de ser parte da ordem da terra. Além disso, as características contraditórias da casa, se colocadas numa balança, resultam num equilíbrio: a continuidade abranda a ruptura e vice-versa. Assim, além de todas as coisas comentadas anteriormente, que se encontram manifestadas, concretizadas e reunidas na casa, percebemos que na casa sertaneja estão reunidos os próprios céu e terra, manifestados na contradição de seus aspectos e no desejo de ordem. A casa reúne o cosmo, lhe manifesta e lhe dá significado, e assim, *ata* o sertanejo à terra e o permite *habitar* o sertão.



A arquitetura como construir portas, de abrir,
ou como construir o aberto.
Construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos.
Construir portas abertas, em portas,
casas exclusivamente portas e teto.

O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

(João Cabral de Melo Neto)

5 NOVOS OLHARES E NOVAS QUESTÕES

Ao longo de toda a sua realização, de todo o tempo do seu desenvolvimento, a pesquisa deu origem a novos olhares sobre questões distintas acerca das casas sertanejas, da teoria utilizada, de algumas certezas sobre as casas brasileiras e do entendimento da própria arquitetura. Naturalmente, essas descobertas, que agora apresentamos a título de conclusões, originaram novos questionamentos acerca de tais coisas, que são trazidas aqui como possibilidades ou necessidades de desenvolvimentos futuros.

A investigação da relação das casas sertanejas com a paisagem do sertão a partir da visão da arquitetura como concretização do espaço existencial, e como concretização do *genius loci*, permitiu confirmar a hipótese desenhada para a pesquisa. Na primeira fase do estudo, não somente foi possível distinguir as casas sertanejas das promovidas pelas políticas públicas, como foi possível confirmar que elas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem. Além disso, foi identificado que essa distinção se caracteriza pelo grau de relação que a casa estabelece com o entorno e pelas variações que apresentam entre si.

Enquanto que nas moradias promovidas pelas políticas a adoção de um modelo de casa confere uma homogeneidade em pelo menos parte dos seus aspectos, e que essa homogeneidade dificulta ou mesmo impede a realização de um entorno significativo pela família habitante, nas casas sertanejas o que se percebe é uma extrema variedade de todos os aspectos, gerando uma grande diversidade entre as moradias. Essa diversidade é fruto tanto das subjetividades e particularidades dos indivíduos, como do fato das casas serem possibilitadas por meio de um processo evolutivo. Mas isto não resulta naquele receio apresentado na introdução, de que o fato das casas serem produzidas ao longo da vida, fazendo com que sua feição seja mais *mutante, dinâmica, do que uma estrutura rígida, engessada ao longo do tempo*, resultasse numa diversidade sem critérios, na qual não fosse possível identificar algo comum, uma *essência*. Ao contrário, foi possível identificar que, nesta diversidade, existe uma constância: a busca pela relação de equilíbrio com a paisagem, na qual as relações topológicas se apresentam com graus intermediários.

Esta relação equilibrada é, portanto, o que as casas sertanejas têm em comum, é o que as distingue das demais. Mas como a casa é realizada cotidianamente, ao longo da vida, ela não nasce já com esse equilíbrio. Ao contrário, ele se apresenta como meta a ser alcançada, também ao longo da vida. Na idealização desta meta, ou seja, na *imagem* da casa que desenvolve uma relação equilibrada com o entorno, surge a tipologia da casa com telhado de quatro águas, de planta quadrada, alpendrada em todas as suas fachadas, de modo que, no processo evolutivo ao longo do tempo, as casas sertanejas tendem a se aproximar desta imaginada. Daí ser possível perceber também uma *ordem* no próprio processo evolutivo, em termos de volumetria: do cubo, ao paralelepípedo de base retangular, ao paralelepípedo de base quadrada; do telhado de duas águas, ao telhado de quatro águas. Esta compreensão complementa a obtida na dissertação, quando foi identificada a ordem evolutiva da planta das casas.

Relacionando as compreensões obtidas nas duas fases da pesquisa, percebemos que esse desejo pela relação equilibrada da casa com a paisagem concretiza o próprio caráter instável e incerto do sertão: a casa deseja se abrir e se proteger do mundo com a mesma intensidade, do mesmo modo que deseja ser paisagem e ser dentro, lugar. Além disso, a ideia de equilíbrio se aproxima da necessidade de *trazer ordem* à terra, e conseqüentemente, à totalidade paisagem + casa.

Na segunda fase da pesquisa, foi possível confirmar que a distinção das casas sertanejas se caracteriza pela concretização do *genius loci* do Sertão, instável e contraditório, determinado pela combinação do clima semiárido com o bioma da caatinga, presente apenas nesta porção particular do globo terrestre. Assim, as qualidades ambientais concretas que emergem desta simbiose entre o clima e o bioma, que correspondem à realidade concreta que o sertanejo tem que enfrentar e entrar em acordo para ali habitar, são também particulares deste lugar do planeta. Além disso, se todos os *modos* do sertanejo são desenvolvidos para conseguir existir entre os extremos do caráter contraditório e instável, então este *modo de ser* também se mostra bastante particular. As casas surgem dessa existência particular neste lugar particular, e daí podermos afirmar que a *essência* da casa sertaneja, o que a distingue das demais, é a concretização que o sertanejo faz nela do *genius loci* do sertão.

Também foi apontado, mais de uma vez, que não somente a estrutura da paisagem se encontra concretizada na casa, mas a própria estrutura do espaço existencial do homem, e que, mais ainda, a casa não apenas concretiza, como reúne o mundo e o homem. A casa sertaneja é, portanto, *lugar* por excelência. Ali o homem habita, está seguro, tem seu lugar no mundo. Por outro lado, no outro extremo, os conjuntos habitacionais se apresentam como o oposto: um completo não-lugar, onde o homem não consegue se orientar, com o qual não se identifica, está perdido e não habita.

Ora, mas se o propósito da arquitetura é, como nos diz Norberg-Schulz, ajudar o homem a habitar, então podemos afirmar que, nas casas sertanejas temos arquitetura, e nos conjuntos habitacionais não? Mas como isso é possível, se as primeiras são autopromovidas por leigos, enquanto que os últimos se originam dos desenhos de arquitetos? Bom, se as casas se distinguem pela relação que estabelecem com a paisagem, e se uma é arquitetura e a outra não, então podemos dizer que a arquitetura está na relação edifício-paisagem. Isso é exatamente o que nos diz Norberg-Schulz, que a arquitetura é a concretização do *genius loci*, ou espírito do lugar. Deste modo, é provável que isto ocorra porque aqueles leigos possuem tanto uma compreensão como uma experiência profunda do ambiente no qual a arquitetura é realizada, e por isso conseguem *construir para habitar*. Isso nos comunica que a arquitetura contemporânea tem esquecido, em certa medida, a importância desta relação: entre edifício e paisagem, entre arquitetura e cidade, entre dentro e fora. Mas porque será que isso acontece?

Na apresentação do percurso teórico que conduziu a pesquisa dos aspectos culturais da casa ao *genius loci*, foi apontado que, na tentativa de ser universal e democrático, o modernismo teve que deixar de lado tanto as subjetividades e particularidades do indivíduo, como as particulares características do lugar. Deste modo, a relação entre edifício e ambiente foi perdida, já que o edifício se relacionava agora com uma paisagem criada, planejada e homogênea. Quando este modo de enxergar a arquitetura é superado (ou pelo menos questionado) por conta das diversas críticas que originam o movimento pós-moderno, o conceito de *espaço* permanece, e agora reafirmado por Bruno Zevi, como sendo a *essência* da arquitetura, o seu interesse maior, o seu objeto de trabalho. Mas note-se que o *genius*

loci que a arquitetura concretiza é o espírito do *lugar*, e não do *espaço*. E qual a diferença?

Mais uma vez, Norberg-Schulz nos fala que *o propósito da arquitetura é ajudar o homem a habitar, e que quando o homem habita, o espaço se converte em lugar*. Deste modo ousa dizer que o conceito fundamental da arquitetura, a sua essência, o seu objeto de trabalho, é o *lugar*, e não o *espaço*. E digo mais: se para habitar, as pessoas têm que estar aptas para se orientarem e se identificarem intimamente com o ambiente, e se a identificação pressupõe a experiência do ambiente, então o objetivo maior da arquitetura é a apropriação que as pessoas fazem dela, de modo que o que o arquiteto deve buscar nos seus projetos, mais do que qualquer coisa, é ampliar essas possibilidades de apropriação, de experiência da arquitetura pelas pessoas, como nos diz João Cabral de Melo Neto no poema-epígrafe desta conclusão: *arquitetura como construir portas de abrir, não como ilhar e prender; portas por onde, não portas contra*.

Talvez esta seja a maior contribuição desta tese para as políticas públicas habitacionais: por causa de tais coisas, o desenho da casa não pode ser rígido, impossibilitar a realização de um entorno significativo pelas famílias. Por se tratar de uma arquitetura de massa, dada as grandes demandas a serem atendidas, os projetos dos conjuntos habitacionais deveriam pelo menos ser mais flexíveis, possibilitar modificações pelos usuários. O mercado imobiliário já percebeu essa necessidade e tem ofertado, cada vez mais, edifícios com apartamentos que permitem algumas variações nas suas plantas-padrão. Do mesmo modo, as políticas devem incorporar a flexibilidade aos projetos dos conjuntos, como forma de sanar a questão da rigidez do desenho.

Mas além disso, a relação edifício-paisagem deve voltar a ter um lugar central no desenvolvimento da arquitetura. No mundo contemporâneo caracterizado pelas coisas imediatas, a experiência significativa do lugar vem sendo substituída pela experiência vazia dos não lugares concretos e virtuais. Na experiência da sala de aula, isso se reflete na dificuldade que os alunos apresentam na leitura do ambiente, e na compreensão do modo como a arquitetura com ele se relaciona. O desenvolvimento do projeto de arquitetura pelos estudantes de graduação tem se caracterizado não somente pela realização separada das soluções formal, programática e técnica, como

pelo descolamento das soluções com relação ao ambiente. Por isso, faz-se urgente trazer à tona uma abordagem com foco na paisagem e na experiência do lugar.

Uma coisa mais deve ser apontada: como podemos dizer que *as casas sertanejas se distinguem*, se Vauthier já nos afirmou que *quem viu uma casa brasileira viu todas*, e se Gilberto Freyre ratificou que *existe apenas uma casa brasileira*? O que é entendido aqui sobre isso é que essa unidade da casa brasileira, propagada por Vauthier e Gilberto Freyre, diz respeito à organização espacial da casa, ao modo como seus espaços estão organizados, e que é essa estrutura espacial que reflete a estrutura da sociedade patriarcal, latifundiária e escravista do período colonial. No entanto, já atentamos para o fato de que a casa tem muitas dimensões, e a organização espacial é apenas uma delas. De acordo com a investigação aqui realizada, percebemos que, no que diz respeito à relação com a paisagem, a casa brasileira se apresenta de muitas formas diferentes, tendo em vista a diversidade de paisagens naturais e culturais presentes no território continental do nosso país. Não à toa, existem diversos estudos, de caráter tipológico, que diferenciam as moradias a partir da relação com a paisagem, como é o caso do que nos diz William Bittar acerca do engenho de cana de açúcar nordestino, do engenho policultor do sudeste, das fazendas de gado do sertão nordestino, etc.

Pelas coisas aqui ditas, e por aquelas discutidas ao longo deste documento, acredita-se que esta pesquisa trouxe contribuições importantes não somente para a compreensão das casas sertanejas, mas para o próprio campo da arquitetura, por abranger, no estudo do objeto arquitetônico, o homem e o lugar, duas dimensões que se encontram desvalorizadas no processo de projeto. Deve-se enfatizar ainda que a tese enriquece aquelas compreensões obtidas pelas experiências anteriores e oferece um novo ponto de partida, da visão da relação arquitetura-paisagem como questão central para as investigações futuras.

REFERÊNCIAS

ABREU, Capistrano. ABREU, João Capistrano. **Capítulos de História Colonial: 1500-1800**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, INL, 1976.

ADEODATO, Marise Tissyana Parente Carneiro; LIMA, Marcondes Araújo. **Comunidade rural sustentável no sertão nordestino**. Caso: Barra do Bento-CE. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC, 2004.

BAPTISTA FILHO, Olavo. **A fazenda de café em São Paulo**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1952. (Documentário da vida rural, 2).

BORGES, Amadja Henrique; MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de Medeiros; CERQUEIRA, Maria Cândida Texeira de. **Redesenhando com o MST o habitat da Reforma Agrária**. In: Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social, 2010, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: [s.n], 2010.

CALDEIRA, Clóvis. **Fazendas de cacau na Bahia**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1954. (Documentário da vida rural, 7).

CAMURÇA, Ana Paula Sales Andrade. **Vivência Sustentável na Caatinga: Habitação Rural para o Assentamento Oiticica**. Fortaleza: UFC, 2009. Trabalho Final de Graduação.

COLETTI, Mariana Nogueira Barbosa Franco; REZENDE, Taully Mayara Tonatto; YUBA, Andrea Naguissa; MILANI, Ana Paula da Silva. **Adequação do projeto de habitação rural ao perfil de seus moradores em assentamentos de ocupação recente**. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 13, 2010, Canela. Anais... Canela: ANTAC, 2010.

COSTA, Írio Barbosa da; MESQUITA, Helena Maria. **Tipos de habitação rural no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1978.

CRUZ, Andrea Borges de Souza; AMIM, Rodrigo Rosa; FERREIRA, Thiago Lopes; CECCHETTI, Mariana. **Estudos para implantação de assentamentos rurais sustentáveis**: Alvorada do Gurguéia e Canto do Buriti – Piauí. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC, 2004.

CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades : uma antologia . [São Paulo, SP]: Perspectiva, 1965. 350p. (Estudos ; 67 Coleção Estudos ; 67).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini-Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010. Verbetes *Concretizar* e *Concreto*.

FERREIRA, Thiago Lopes. **Planejamento espacial em um assentamento rural**. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, X, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo: ANTAC, 2004b.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano.** São Paulo: José Olímpio, 1951.

HEREDIA, Beatriz Maria Alasia de. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Estudos sobre o Nordeste, 7).

HOLANDA, Frederico de. **10 Mandamentos da Arquitetura.** Brasília: FRBH, 2013.

JUCÁ NETO, Clóvis Ramiro. **Primórdios da Urbanização no Ceará.** Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil: UFC, 2012.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Cozinhas, etc.:** um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista. São Paulo: Perspectiva, 1976. 226p. (Debates94)

_____ **Arquitetura Brasileira.** São Paulo: Melhoramentos/USP, 1979. 158p.

_____ **História da casa brasileira.** Repensando a história. São Paulo: Contexto, 1996.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do Movimento Moderno: arquitetura da segunda metade do século XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Existence, Space & Architecture.** New York: Praeger Publishers, 1971. (1ª publicação em 1971).

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Intentions in Architecture.** Cambridge: MIT, 1965.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture.** New York: Rizzoli, 1980.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitectura Occidental.** Barcelona: Gustavo Gili, 1999. p. 223.

PINHEIRO, Ana Paula Sales Camurça. **Modo de Olhar: metodologia para o estudo de moradias rurais.** Fortaleza: UFC, 2011. Disponível em: <https://www.casasdosertoes.com/biblioteca>.

PINHEIRO, Ana Paula Sales Camurça; PINHEIRO, Rodrigo César Rodrigues. **Expedição Casas dos Sertões: Um panorama contemporâneo das casas dos Sertões de Dentro.** In: VIEIRA, João Lucas; ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. *CUMEEIRA: A Arquitetura e o Urbanismo na Cultura Popular.* Fortaleza: Reflexão, 2018. pp. 89-99.

POLIÃO, Marco Vitruvius. **Da Arquitetura.** São Paulo: Hucitec; Fundação para Pesquisa Ambiental, 1999.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo.** São Paulo: Brasiliense, 1977.

RAPOPORT, Amos. **House, Forme and Culture.** New Jersey: Prentice-hall, 1969.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

UNITED NATIONS. Committee on Economical, Social and Cultural Rights. **General Comment Nº 04: The Right To Adequate Housing (Art. 11, Para. 1)**. Geneva, 1991.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.